



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA



**DE PROFESSORES CIVIS A OFICIAIS MILITARES: EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE
MILITARES TEMPORÁRIOS PARA O MAGISTÉRIO NA FORÇA AÉREA
BRASILEIRA (2011-2019)**

SANDRA LETÍCIA MAGALHÃES GAUDÊNCIO

BELÉM/PA

2023

**DE PROFESSORES CIVIS A OFICIAIS MILITARES: EXPERIÊNCIAS SOCIAIS
DA FORMAÇÃO DE MILITARES TEMPORÁRIOS PARA O MAGISTÉRIO DA
FORÇA AÉREA BRASILEIRA (2011-2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História Social da Amazônia da Universidade
Federal do Pará como requisito para obtenção do grau
de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr Francivaldo Alves Nunes.

BELÉM/PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficcat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M188p Magalhães Gaudêncio, Sandra Leticia.
De Professores Cíveis a Oficiais Militares : experiências sociais
da formação de militares temporários para o magistério da Força
Aérea Brasileira (2011-2019) / Sandra Leticia Magalhães
Gaudêncio. — 2023.
172 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em História, Belém, 2023.

1. Militares. 2. Identidade. 3. Formação. 4. Memória. 5.
Experiência. I. Título.

CDD 981

SANDRA LETÍCIA MAGALHÃES GAUDÊNCIO

**DE PROFESSORES CIVIS A OFICIAIS MILITARES: EXPERIÊNCIAS SOCIAIS
DA FORMAÇÃO DE MILITARES TEMPORÁRIOS PARA O MAGISTÉRIO DA
FORÇA AÉREA BRASILEIRA (2011-2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História Social da Amazônia da Universidade
Federal do Pará como requisito para obtenção do grau
de Mestre em História.

Data de Aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes – Universidade Federal do Pará.

Prof. Dra Milena Galdez - Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Dra. Edilza Fontes - Universidade Federal do Pará.

Prof. Dr. Carlo Guimarães Monti – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

BELÉM/PA
2023

“(...) já o espírito da Aeronáutica é representado como sendo mais ‘tranquilo’, mais ‘paisano’, de menor atenção à hierarquia e à disciplina que nas outras Forças, e também de menor enquadramento (...)” “(...) Se por vezes o pessoal da Aeronáutica são considerados ‘um pessoal mais malandro, meio playboy e tal, por outro lado eles são ‘mais mente aberta, mais avançados’. De qualquer forma seriam mais simpáticos aos olhos dos militares do Exército do que os da Marinha, embora representem um ‘militarismo diferente’, muito voltado para o lado técnico e para o estudo – espírito considerado oposto ao do Exército. (...)” **CASTRO, 2004, P.99.**

“(...) Quando eu entrei todos os professores eram civis, os professores temporários militares só entraram a partir de 2012, que foi em 2011 que saiu a Lei modificando o ensino na Aeronáutica, então eu vivi de 2005 a 2011, entre cinco, seis anos, eu vivi um período que era nós civis, havia militar que era de carreira que trabalhava vestido de civil, se não nos disséssemos que a pessoa era Sargento, nós não saberíamos, então os graduados desde quando eu entrei já havia, porém, com roupa de civil, então a relação ali aparentemente era tranquila, porque exatamente não havia uma demarcação, uma diferenciação entre professores, todos nós éramos professores e fazíamos parte do corpo docente, o corpo docente era único(...)” **(Professora civil nº 07, entrevista em 04/02/2023)**

AGRADECIMENTOS

Tudo começou há 18 anos, uma jovem cheia de sonhos, concluindo o curso de História Bacharelado e Licenciatura, no ano de 2005, quando fiz minha primeira seleção para o mestrado em História Social pela Universidade Federal do Pará, com o projeto voltado para o esporte e gênero, falando da prática do futebol feminino no final do século XIX e início do século XX em Belém do Pará.

Fiz todas as etapas nas três vezes que tentei e na última, na entrevista não fui aprovada, tentei em 2006, também não passei, em 2007 tentei de novo não tive sucesso.

Nos anos posteriores não tentei mais, pois em 2009 casei, em 2010 tive alguns problemas de saúde com minha querida mãe, em 2011 fui mãe, em outubro de 2011 passei na seleção da Força Aérea Brasileira para compor o quadro QOCON – magistério e pedagogia, em 2013 perdi minha amada mãe, em julho de 2013 descobri minha segunda gravidez, em março de 2014 uma semana antes do parto, meu querido Samuel Pedro nasceu morto, e no ano de 2019, no dia 03 de julho meu pai faleceu e dessa forma, o tempo foi passando e não sentia vontade de tentar fazer a seleção novamente do mestrado, por ter ficado desmotivada com as derrotas anteriores e depressiva pelas perdas de meus familiares, por algum tempo não sonhava mais. Também ficava com medo de passar e não poder cursar pelo fato de trabalhar inicialmente em tempo integral, por ter muitas atribuições no trabalho e por isso decidi não tentar mais enquanto estivesse na FAB. Apesar de uma professora do PPHST da UFPA, muito especial, pois, onde eu a encontrava, sempre dizia que eu deveria fazer novamente a seleção do mestrado, dizia para meu esposo que eu era inteligente e dedicada e merecia passar, não irei divulgar o nome dela aqui, porém se ela chegar a ler essa dissertação saberá que estou falando dela e que a agradeço pela força “espiritual”.

Em 2019 foi a minha saída da FAB, completei os oito anos de serviço militar temporário, foi àquela despedida, uma formatura em homenagem aos professores militares temporários, não irei esquecer o tamanho do carinho que os alunos, professores civis e funcionários do colégio demonstraram por mim, teve direito a discurso e a placa de homenagem.

E no ano de 2020 veio à pandemia e junto muita tristeza com as mortes de muita gente em todo o mundo, ficou mais um vazio no tempo, não sabia muito como recomeçar a sonhar.

Em 2021 as coisas estavam voltando aos seus devidos lugares, foi quando abriu a seleção para o mestrado e resolvi me inscrever, agora com um novo tema, não tinha nada haver com o anterior lá de 2005, 2006, 2007, era uma nova história pra contar, desafiadora, difícil de escrever, por ter sido também sujeito que fez parte dela, me considero uma pesquisadora participante, pois vivenciei bons e maus momentos na vida militar, familiar e profissional, momentos esses que conto aqui nessas “breves” linhas e que se entrelaçam nesta narrativa histórica.

Agradeço a Deus por tudo que tem me concedido até hoje, por ter me permitido passar na seleção do mestrado, cursar e concluir o tão sonhado Curso. Por sua graça me proporcionou realizar um sonho antigo que ficou parado no tempo, mas que como “benção” vejo se concretizar e ao mesmo tempo perceber como os desígnios celestiais tornam “o tempo” relativo diante das adversidades que vivenciei e que consegui superar.

Agradeço a Universidade Federal do Pará e ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia e seus professores em geral que me permitiram cursar o mestrado através da seleção de 2021 e por terem contribuído com a minha formação e crescimento nesses dois anos de mestrado. Obrigado nobres professores, professoras e técnicos que sempre me ajudaram a percorrer o caminho, todos e todas foram importantes para a “vitória final”.

Um agradecimento especial, ao meu orientador professor Dr. Francivaldo Nunes que me escolheu para orientação e deu todo suporte durando o curso e a pesquisa, contribuindo com seus conhecimentos para a construção do trabalho com sucesso, sempre compreensivo nos momentos difíceis que passei ao construir esta narrativa histórica.

Às professoras Dr^a Edilza Fontes e Dr^a Milena Galdez que contribuírem com seus conhecimentos e orientações durante a banca de qualificação, e durante o curso, fazendo com que eu pudesse ter outro olhar sobre a pesquisa em questão.

Aos colegas e amigos do mestrado que foram importantes ao longo do curso durante as discussões, trocas de informações, conhecimentos e trabalhos realizados. Foi uma honra conhece-los.

A Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa concedida durante o curso que financiou o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Centro de Memória da Polícia Militar do Estado do Pará que me possibilitou a participação em cursos, minicursos, palestras, pesquisas e estágios como voluntária. Ao Tenente Leonardo, Chefe do Museu da PM com seu acolhimento e contribuição para minha pesquisa.

À ESMAC por permitir fazer um estágio curricular supervisionado contribuindo para minha formação e meu conhecimento, agradecimento ao professor Dr. Rui Martins Junior, coordenador do curso e ao professor Dr. Itamar Gaudêncio por sua contribuição durante o estágio.

À Minha cunhada Lia e seu esposo Ivaldo que ao longo desses anos se tornaram grandes amigos, obrigada por cuidar dos meus filhos tão bem quando precisei. E à sogra Ana por suas orações.

Aos amigos em geral que sei que torceram por mim, em especial Daniella e seu esposo Rodrigo Silva que não tenho palavras para resumir tanta dedicação, toda vez que eu precisava ela estava lá para me ajudar, assim como seu esposo.

Ao amigo Amílcar, que em um dos momentos difíceis que minha família passou nesse período, precisamente no ano de 2021, ele se mostrou uma pessoa muito generosa, humilde e humana, pois, acreditou, confiou e ajudou nossa família.

Aos amigos John Lenon e Edilene por sua cooperação na “missão” de levar as nossas crianças ao Colégio Rêgo Barros durante as seis da manhã todos a postos na árdua, porém, “nobre missão”. Apesar das intempéries estamos vencendo amigos, Deus é fiel!

A pastora Simone que muitas vezes orou comigo em meios às dificuldades e problemas que enfrentei, mas sempre estava lá orando até de madrugada comigo. Aos irmãos da célula que oravam comigo e minha família em nossos encontros, em especial a irmã Lucinda que sempre arrumou um tempo dentro da sua vida corrida para me escutar e orar.

Aos pastores Bonifácio Cabral e Maria José da Igreja Batista que somos Membros que sempre nos ouviam e oraram por nós, por mim, pela minha família. Aos amigos (as) de forma em geral que torceram por mim e se alegraram com a minha vitória.

Aos “amigos que a FAB me deu”, aos colegas de trabalho, professores militares e civis, ex-alunos (as), militares oficiais superiores, intermediários e subalternos, graduados, que me concederam a entrevista, sem os senhores e senhoras esse trabalho não seria possível.

Ao meu esposo Itamar Gaudêncio que desde o início acreditou e confiou na vitória dessa pesquisa e que infinitas vezes me deu força para continuar, quando o cansaço batia e as dificuldades chegavam, com seu “jeitão” aparentemente disciplinador, “carregou esta militar nas costas” em momentos que me “feria nas batalhas” ao longo desses anos, não me deixando para trás em nenhum momento, com seu “espírito de corpo”, sua dedicação e amor foi importante nessa “guerra de conquista”, principalmente por que sabia que era difícil ser mãe, pesquisadora e cuidar de toda família, nas dificuldades diárias de uma vida corrida. Obrigada por seu amor e dedicação.

Aos meus pais Joaquim (*in memoriam*) e Perpétua (*in memoriam*) que me criaram com muito amor e sempre me ensinaram o que é ser ética e andar no caminho do bem e sempre acreditaram em mim. E ao meu filho Samuel (*in memoriam*) saudade é a palavra que resume esse momento.

Aos meus irmãos Marco, Almir, Sérgio e Dagoberto que sempre me deram amor e torceram por mim ao longo desses anos, em especial meu irmão Francisco (Chagas) que me ajudou bastante nesses últimos meses quando adoeci, auxiliando meu filho e fazendo as missões domésticas que eu fazia e que não pude realizar devido ao problema de saúde.

Aos familiares que de alguma forma me ajudaram em algum momento em que precisei. Minhas tias, sobrinhos (as), André, Kethene, Tati, e os demais que ficaram na torcida por meu sucesso.

Afinal chegar aqui foi muito difícil, não quero ser repetitiva, mas é necessário ressaltar que foram algumas tentativas, uma desistência longa de dezesseis anos até 2021, o ano da aprovação e da “provação”, hoje concluo com sabedoria e uma certeza que Deus nos abençoa na hora certa.

Foi difícil chegar nesse final de conclusão do curso, pois nos últimos meses adoeci grave achei que não conseguiria concluir, foi muito tenso, doloroso, não conseguia sentar para digitar, minhas mãos doíam muito, foi detectado síndrome de túnel de carpo, nas duas mãos, dores no peito fortes pontadas, graças a Deus não era problema cardíaco, descobri problema nos pulmões apesar de nunca ter fumado, ainda resquício da covid-19, baixei hospital, fiz exames, tomei medicação, com fé em Deus venci, estou eu aqui contando minha história.

Por isso, ressalto que sou grata a Deus por tudo que ele me deu, principalmente pela oportunidade de escrever uma nova história em 2011 a partir da FAB, com vitórias e derrotas, o caminho foi difícil eram mais de 1000 inscritos e Deus me deu um lugar, que com simplicidade, garra e fé eu conquistei, eram apenas duas vagas, mas meu nome foi escrito nessa história. Foram histórias de aprendizagens, felicidades, tristezas, amizades, cumplicidades, dificuldades, perdas (mãe, filho e pai) e muitas lágrimas que foram enxugadas por minha família e amigos (as).

Oito anos foram trilhados, valores que foram reforçados e que serão guardados para sempre, (disciplina, hierarquia, coragem, lealdade, honra, dever, patriotismo, liderança, ética, civismo e valorização humana.). Ser professor é ter uma profissão que exige muito esforço, preparo, conhecimento, pesquisa, tempo e dedicação, mais ainda, que requer compromisso e comprometimento. Posso dizer que consegui exercer a minha profissão com muito orgulho !

Compartilhei conhecimento, propaguei informações, contribuí para o outro crescer e também cresci, mostrei caminhos, deis as mãos, criei vínculos, me aproximei, compreendi o outro, respeitei meus alunos, respeitei o tempo de cada um deles, ajudei no que foi possível. E superei as dificuldades com muito amor! E me tornei uma “Eternente”, como alguns militares nos chamavam, uma “eterna tenente” R2 da Força Aérea Brasileira, talvez lembrada por uns e esquecida por outros, essa é a identidade militar que me identifico, alguém que serviu a sua Pátria e que hoje não serve mais nos intramuros da FAB. Mas tenho certeza! tive comprometimento com a minha missão!

Hoje tenho a honra de ter servido a Força Aérea Brasileira, fazendo o que amo, que é ensinar, mas também aprender. Sinto falta de meus alunos, dos amigos que fiz e dos momentos que vivi nesta Força. E hoje através dessa experiência profissional e também como pesquisadora participante pude realizar meu sonho de me tornar mestre em História, algo que começou lá atrás durante a graduação, e que contribuirá para minha formação profissional.

Nesse momento sinto falta de meus pais, que hoje já não estão entre nós e que sempre estiveram na plateia da vida para torcer e me aplaudir, mais que isso, me apoiar em todos os momentos. E sei que tudo que me ensinaram foi fundamental e serviu como base para que eu pudesse me tornar essa profissional que sou. Para além, me tornar um ser humano humilde, honesta, dedicada e “guerreira”.

Também sinto falta do meu eterno Samuel, que veio em meio às tempestades trazendo amor e esperança de dias melhores e se foi antes mesmo de eu poder olhar em seus olhos e dizer o quanto lhe amava, mas que por permissão de Deus se foi em um breve tempo.

Tempo... tempo... tempo...Posso dizer que vou trilhar novos rumos, escrever uma nova história, e sei que Deus sempre estará comigo. E que nada acontece por acaso.

Obrigada a Deus, aos meus pais, ao Samuel, a minha família (Itamar, Saulo e Maria Clara), ao meu orientador, aos professores (as) da UFPA, à Capes, aos familiares, aos amigos da FAB civis e amigos militares, aos meus eternos e queridos alunos(as), aos Militares oficiais e praças e a Força Aérea Brasileira.

“Nesse EAT aprendemos a lição, honrar a Força Aérea, Defender nossa Nação, saúde e educação nossas armas o fuzil, Força Aérea Brasil.”¹

¹ Brado, Grito de guerra da turma EAT EIT 2/2011.

SUMÁRIO

RESUMO	15
ABSTRACT	16
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 - EXPERIÊNCIAS NA CASERNA: DE PROFESSORES A OFICIAIS TEMPORÁRIOS DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA	34
1.1 – “A FAB vai convocar professores militares”: A formação do “Oficial-professor”.....	34
1.2 – “Ser militar é um estilo de vida que você escolhe”: Os Oficiais do Quadro de convocados.....	39
1.3 – “Na verdade nós não somos! Nós estamos!” de cotonetes a Oficiais-professores.....	44
1.4 – Existe um “ser” militar temporário ?.....	53
1.5 – Treinamento militar e o “subúrbio”: experiências nos arredores da cidade.....	57
1.6 - “Cotonetes” na caserna e o espírito militar.....	64
1.7 – Missão: superar o “acampamento”.....	72
CAPÍTULO 2: PARA ALÉM DA IDENTIDADE MILITAR DO “COTONETE”: PODERES, MULHERES, HOMENS E SIMBOLISMO NA CASERNA	83
2.1 – Homens e mulheres na caserna da FAB.....	83
2.2 – O <i>habitus</i> entre militares temporários e militares de carreira.....	86
2.3 – Ensaio sobre o processo de admissão “da(o)s” Oficiais QOCON aquém das Normas.....	94
2.4 – O lugar da Mulher na caserna: é onde ela se permitir?.....	103
CAPÍTULO 3: “NA SALA DE AULA É OUTRA HISTÓRIA”: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS SOCIAIS SOBRE O ENSINO NO CTRB	119
3.1 “Na sala de aula é outra história”.....	121
3.2 As memórias dos velhos “eternentes e o ensino no CTRB.....	141
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS UTILIZADAS	150
REFERÊNCIAS CONSULTADAS	153
LISTA DE FONTES DE PESQUISA	154
ANEXOS	159

LISTA DE ABREVIATURAS

AERONÁUTICA – sinônimo de Força Aérea Brasileira.
 AFA – Academia da Força Aérea
 AMAN – Academia Militar Agulhas Negras
 BINFAE – Batalhão de Infantaria da Aeronáutica
 CAFRM – Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha
 CFRA – Corpo Feminino de Reserva da Aeronáutica
 CSI - Comissão de Seleção Interna
 CTRB – Colégio Tenente Rêgo Barros
 EAOT – Estágio de Adaptação de Oficiais Temporários da Aeronáutica
 EAT – Estágio de Adaptação Técnico
 EAP – Exame de Aptidão Psicológica
 EB – Exército Brasileiro
 EEAR – Escola de Especialista de Aeronáutica
 EIT – Estágio de Instrução Técnica
 ESAEX – Escola de Administração do Exército
 ETRB – Escola Tenente Rêgo Barros
 FAB – Força Aérea Brasileira
 FEB – Força Expedicionária Brasileira
 INSPSAU – Inspeção de Saúde
 ICA 35 – 10 – Instrução do Comando da Aeronáutica (Instruções Complementares a Apresentação Pessoal e o uso de adornos e acessórios por parte dos militares do Comando da Aeronáutica
 ICOMAR – Primeiro Comando Aéreo Regional
 LMS – Lei do Serviço Militar
 LRM – Lei de Remuneração Militar
 OM – Organização Militar
 OSA – Organização de Saúde da Aeronáutica
 PAMA – BE – Parque de Material da Aeronáutica de Belém
 QCO- Quadro Complementar de Oficiais do Exército
 QFG – Quadro Feminino de Graduados
 QFO – Quadro Feminino de Oficiais
 QOCON – Quadro de Oficiais Convocados
 QSCON – Quadro de Sargentos da Reserva de 2ª Classe Convocados
 QCOA – Quadro Complementar de Oficiais da Aeronáutica
 QTS – Quadro de Trabalho Semanal
 RISAER – Regulamento Interno dos Serviços da Aeronáutica
 RCONT – Regulamento de Continências, Honra, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas
 ROTA – Onda Ostensiva
 RUMAER – Regulamento de Uniformes para os Militares da Aeronáutica
 RDAER – Regulamentos Disciplinar da Aeronáutica
 RMA - Regime Militar da Aeronáutica
 SERMOB-1 – Serviços Regionais de Recrutamento e Mobilização
 SGT - Sargento
 SO - Suboficial
 TACF – Teste de Avaliação do Condicionamento Físico
 TEN - Tenente

LISTA DE QUADROS

- 1 Quadro representativo do processo formativo dos militares da FAB. <https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/8079/Nova-Lei-de-Ensino-regulamenta-requisitos-para-ingresso-na-FAB>. Publicado no dia 12/08/2011. pp. 35-36.
- 2 Quadro de alunos Militares/Turma 2EAT/EIT-2011 por disciplina. pp.109-110.

LISTA DE IMAGENS

1 - **Imagem- 1** - (capa) Fotografia da tropa de Oficiais QOCON em 2011 durante instrução de exercício de campanha (selva) cuja a maioria do efetivo de 34 oficiais pertenciam ao gênero feminino. Acervo da autor.

2 - **Imagem 2** – Fotografia da Turma de QOCON/2011 no I COMAR durante a formação militar. Acervo da autora. p. 66.

3 - **Imagem 3**: Fotografia da Turma de QOCON/2011 durante Formação militar no I COMAR. p.70.

4 - **Imagem 4**: fotografia da Turma de QOCON EAT EIT 2/2011 em instrução de campanha em área de Selva. p.72.

5 - **Imagem 5**: fotografia da Turma de QOCON EAT EIT 2/2011. p.74.

6 - **Imagem 6**: fotografia da Turma de QOCON EAT EIT 2/2011 durante a instrução de sobrevivência em área de selva. p.75.

7 - **Imagem 7**: fotografia da Turma de QOCON EAT EIT 2/2011 em instrução de Tiro. p.77.

8 – **Imagem 8**: fotografia da marcha da Turma de QOCON EAT EIT 2/2011. p.79.

RESUMO

Esta dissertação analisa o processo de contratação temporária de professores como Oficiais Militares, considerando as demandas voltadas para o ensino básico numa estrutura militarizada. O objetivo é compreender o processo de formação e atuação dos oficiais militares temporários convocados para o quadro de ensino (magistério e pedagogia) da Força Aérea Brasileira – FAB, entre os anos de 2011 e 2019, no Colégio Tenente Rêgo Barros (CTRB). Assim sendo relevante compreender o cotidiano da formação desses Oficiais temporários, “os cotonetes” e a dinâmica de um “espírito militar” cujo alcance era determinado pelas relações sociais internas. As hipóteses levantadas são que as diversas experiências dos sujeitos sociais, homens e mulheres que atuavam nessa área perpassaram por estranhamentos, resistências, mediações, conflitos que se iniciam desde o processo de seleção até a atuação no CTRB. No que se refere às fontes, ressalta-se a relevância da oralidade a partir da utilização da técnica de entrevistas, autorizadas e gravadas através de google meet, feitas com os Oficiais temporários, suas memórias e esquecimentos, assim como, documentos oficiais, jornais, revistas e fotografias. Buscar-se-á compreender o processo de entrada dos professores civis em 2011 que se tornaram militares temporários e são profissionais da área de Ensino e Pedagogia, considerando as demandas voltadas para o ensino em uma escola assistencialista e o perfil dos profissionais que buscava alcançar convocados e formados para a “carreira” temporária na Força Aérea Brasileira-FAB, o chamado Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª classe Convocados - QOCON.

Palavras-chaves: Militares, identidade, formação, memória e experiências.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the temporary hiring process of teachers as Military Officers, considering the demands related to basic education in a militarized structure. The objective is to understand the process of training and performance of temporary military officers summoned to the teaching staff (teaching and pedagogy) of the Brazilian Air Force - FAB, between the years 2011 and 2019, at Colégio Tenente Rêgo Barros (CTRB). Therefore, it is relevant to understand the daily training of these temporary officers, “the swabs” and the dynamics of a “military spirit” whose scope was determined by internal social relations. The hypotheses raised are that the various experiences of social subjects, men and women who worked in this area, permeated through strangeness, resistance, mediation, conflicts that begin from the selection process to the performance in the CTRB. With regard to the sources, the relevance of orality is highlighted based on the use of the technique of interviews, authorized and recorded through google meet, made with the temporary Officers, their memories and forgetfulness, as well as official documents, newspapers, magazines and photographs. We will seek to understand the entry process of civilian teachers in 2011 who became temporary military and are professionals in the area of Teaching and Pedagogy, considering the demands aimed at teaching in a welfare school and the profile of the professionals who sought to reach summoned and formed for a temporary “career” in the Brazilian Air Force-FAB, the so-called 2nd class Reserve Officers Squad Convocados - QOCON.

Keywords: military, identity, training, memory and experiences.

INTRODUÇÃO

Em 2011, o Pastor nº 29, amigo do meu esposo que é Oficial da Polícia Militar do Pará, naquele momento com 13 anos de efetivo serviço na Instituição Militar Estadual, informou que tinha uma seleção militar na Força Aérea Brasileira (FAB), que era para o meu esposo se inscrever, a vaga era para professor de história, à época na Escola Tenente Rêgo Barros (ETRB), como meu cônjuge era concursado da Polícia Militar, me passou a informação e falou que seria bom eu me inscrever. Na época estava sem trabalho, com um bebê de dois meses e de licença maternidade da Prefeitura em qual trabalhava na região do Marajó.

As inscrições começaram em 21 de julho e terminaram em 18 de agosto de 2011. Nesse momento, soube da seleção, “EAT EIT 2/2011, Aviso de Convocação, Seleção e Incorporação de Profissionais de Nível Superior da Área de Ensino (Magistério e Pedagogia) Voluntários à Prestação do Serviço Militar Temporário”, faltavam aproximadamente uns cinco dias para o término das inscrições. Lembro-me que foi “corrido” para que pudesse organizar o currículo e os documentos necessários, fiz a minha inscrição no penúltimo dia, 17 de agosto de 2011, no Primeiro Comando Aéreo Regional (I COMAR), no Setor do SERMOB-1(Serviços Regionais de Recrutamento e Mobilização), na Avenida Dr. Freitas , nº 1035 – Sacramenta- Belém-Pa.

Ser militar era algo que eu achava interessante, pois, estudei durante minha adolescência, o meu “segundo grau” na década de 1990, em uma escola pública, chamada Paes de Carvalho, ficava em frente aos quartéis do Corpo de Bombeiros e do Exército Brasileiro, na cidade de Belém do Pará, localizados em frente à Praça da Bandeira, onde ocorriam eventos militares como a cerimônia do “Dia da Bandeira”. A rotina desses militares e a farda me chamava atenção, mas nunca achei que seria militar um dia, principalmente por “motivo de saúde”.

Essa minha “questão de saúde” se relaciona ao pensamento de que as instituições militares têm uma função estratégica no sentido da construção dos grupos que buscam a construção de um poder. A força física e bélica, também caracterizam as tropas que no geral são formadas na sua maioria por homens e poucas mulheres, principalmente no caso brasileiro. (SILVA, Et al, 2018, p.137)

Ao sair o resultado da primeira fase da seleção, observei que minha nota tinha sido inferior ao solicitado a instituição, então entrei com Requerimento de Inscrição em grau de recurso e foi deferido, passando de 8º lugar para o 3º lugar, sendo que eram apenas duas vagas, eu continuava na disputa da vaga para Magistério Ensino Médio em História, na escola que um dia “pensei em estudar”, mas, pelo fato de meu pai não ter seguido a carreira militar em sua época e até por outros motivos ligados ao trabalho e estudo, até aquele momento a ideia de ser militar continuava distante.

Durante o processo seletivo, tivemos em seguida a divulgação dos resultados finais, após a Avaliação Documental, em grau de recurso, ocorrida em 09 de setembro de 2011, a divulgação da relação nominal dos candidatos convocados para a Concentração Inicial para a Inspeção de Saúde (INSPSAU) e para o Exame de Aptidão Psicológica (EAP), esse resultado saiu em 16 de setembro de 2011.

No dia 20 de setembro de 2011 tivemos nossa Concentração Inicial, o local foi no auditório do BINFAE (Batalhão de Infantaria da Força Aérea), visava orientar o candidato sobre a realização da Inspeção de Saúde (INSPSAU), inclusive em grau de recurso, e do Exame de Aptidão Psicológica (EAP), bem como a Concentração Final. Nesse dia, os candidatos declararam a ciência de datas e horários estipulados, que constavam do Calendário de Eventos, no anexo A do Aviso de Convocação.

Durante a Inspeção de Saúde (INSPSAU), realizada em 20 de setembro, foi avaliado as condições dos candidatos por meio de exames clínicos, de imagens e laboratoriais, inclusive toxicológicos, definidos para que pudessem verificar se o candidato tinha alguma patologia ou característica incapacitante para o serviço militar e para as atividades previstas. Essa avaliação foi realizada na Organização de Saúde da Aeronáutica (OSA).

Nesta fase, vi candidatos sendo dispensados por estarem acima ou abaixo do peso, por não ter altura mínima, ou por ter alguma doença. Desse modo, me apresentei para os exames, alguns eu levei já com os laudos e outros exames fiz no hospital da FAB. Tive apenas um impasse com o oftalmologista, que achava que poderia não atingir o padrão de visão cobrado para ser um Oficial QOCON da FAB, mas “apresentei a receita do médico com as informações necessárias e foi feito a análise e deu tudo certo.” Consegui ultrapassar mais uma etapa.

Terminado todos os exames, faltava o Exame de Aptidão Psicológica (EAP), era a primeira vez que eu ia fazer e “estava preocupada com medo de não passar”. Esse exame foi realizado por meio de testes científicos e/ou técnicas de entrevistas. Os candidatos foram avaliados nas áreas de personalidade, aptidão e interesse, ou somente em algumas delas

conforme o padrão seletivo estabelecido para a função que exerceriam. E o resultado desse exame era transmitido ao candidato por meio das menções “Apto” ou “Inapto”.

Lembro-me que no dia do exame cheguei cedo ao local marcado para a realização e fiquei tentando me concentrar para que nada saísse errado, já que eu ainda não tinha tido a experiência com teste psicotécnico, e já tinha visto amigos meus serem reprovados em teste de habilitação e concursos, por isso, minha preocupação.

Fiz os testes e a entrevista, em seguida fiquei aguardando o resultado, pois, o Tenente médico psiquiatra havia informado que ao término das entrevistas iria chamar para conversar em particular com aqueles que tivessem tido alguma alteração. E os que não tiveram alteração iria falar em grupo rapidamente. Algumas horas depois, o Tenente mandou nos chamar e meu nome estava no primeiro grupo que foi atendido por ele. Fiquei feliz, pois sabia que pelo menos na técnica de entrevista estava tudo bem, faltava o resultado dos testes científicos.

Desse modo, ficamos no aguardo do resultado dos testes e após a INSPSAU e o EAP foi divulgado no dia 24 de outubro de 2011, a relação nominal dos candidatos convocados para a Concentração Final e Habilitação à Incorporação, assim como a relação nominal dos candidatos considerados excedentes. Meu resultado foi “apto”, agora era só ir para a próxima fase que era a Concentração Final.

A Concentração Final ocorreu em 25 de outubro 2011, juntamente com os responsáveis CSI, COMAR, OM designadas. Essa fase visava comprovar o atendimento às condições para habilitação à incorporação do candidato selecionado. Nesse evento, os candidatos receberam orientação sobre o local de realização e o início dos respectivos estágios. E também apresentaram vários documentos originais, que comprovaram as cópias que foram entregues durante a inscrição, etapa necessária à incorporação. E no dia 26 de outubro de 2011, saiu à divulgação da relação nominal dos candidatos habilitados e selecionados para a incorporação.

A incorporação e início dos estágios ocorreram no dia 28 de outubro de 2011, o chamado “data de praça”, o dia que o civil passa a fazer parte da Força Armada, incorpora ao “meio” militar. Fomos recebidos no auditório do BINFAE (Batalhão de Infantaria da Força Aérea), no Primeiro Comando Aéreo Regional (I COMAR), observei que o primeiro lugar não havia comparecido nessa fase de comprovação documental, e o não comparecimento pessoal do candidato nos locais dentro dos períodos estabelecidos no Calendário de Eventos (Anexo A), implicava em falta e, conseqüentemente, na sua exclusão do processo. A falta desse candidato me favoreceu sai de 3º lugar para 2º lugar, entrei no número de vagas. A partir de então observei que não estávamos lá apenas para ministrarmos aula à época na

Escola Tenente Rêgo Barros (ETRB), e sim para sermos Oficiais militares treinados pela FAB além de professores do Ensino Médio e Fundamental.

Assim, o objetivo desta dissertação é compreender o processo de formação e atuação dos oficiais militares temporários convocados para o quadro de ensino (magistério e pedagogia) da Força Aérea Brasileira – FAB, entre os anos de 2011 e 2019. Esta convocação de Oficiais temporários estava em conformidade com o que estabelecia o decreto nº 6.854, de 25 de maio de 2009 - Regulamento da Reserva da Aeronáutica² e a portaria de convocação assinada pelo Comandante Geral de Pessoal.

Este processo de formação e atuação dos militares supracitados estava para além da simples previsão legal, pois, trata-se de um estudo que se utiliza de fontes jurídicas, mas busca compreender uma época marcada pela entrada e atuação da primeira turma das diversas áreas do magistério, convocada e treinada militarmente para servir como parte do corpo docente nos ensinos fundamental e médio do Colégio Tenente Rêgo Barros (CTRB)³.

A presente pesquisa surge da necessidade de compreender questões que envolveram a historicidade do processo de contratação temporária de professores como Oficiais Militares, considerando as demandas voltadas para o ensino básico numa estrutura militarizada e o perfil dos profissionais que buscava alcançar, isto é, convocados e formados para a “carreira” temporária na FAB, o chamado Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª classe Convocados - QOCON.

Dessa forma, uma das categorias de análise a ser pensada são os sujeitos chamados militares e toda a sua estrutura sociocultural que se diferencia historicamente no âmbito das divisões hierárquicas entre Oficiais e Praças de carreira e conforme normativas específicas, Oficiais e Praças de carreira temporária com duração máxima de oito anos.

A construção de um processo de identidade dos militares da FAB nos faz refletir sobre a construção de um “ethos militar”⁴ que se diferenciava dos militares de carreira e que não atuavam nas áreas do magistério. Assim sendo relevante compreender o cotidiano da formação desses oficiais temporários, “os cotonetes”⁵ e a dinâmica de um “espírito militar” cujo alcance era determinado pelas relações sociais internas.

² A constituição e organização da Reserva da Aeronáutica obedecerão as normas estabelecidas neste Decreto, que complementa aquelas constantes do regulamento das leis sobre o serviço militar. E o Decreto 8.130, de 24/10/2013/PE que altera o Decreto 6.856, de 25/ maio de 2009.

³ A partir do ano de 2018 a Escola Tenente Rêgo Barros (ETRB) passou a ter o nome de Colégio Tenente Rêgo Barros (CTRB).

⁴ Lugar de fala e construção cultural dos militares conforme afirmação de Celso Castro citada em algumas de suas obras que tratam da formação histórico, social e antropológica dos militares.

⁵ “Cotonetes”, uma das nomenclaturas de como eram chamados os candidatos que foram aprovados na seleção para oficiais temporários na área de ensino e magistério.

A opção de recorte temporal da pesquisa, 2011 a 2019 se refere ao período de ingresso, formação e atuação da primeira turma de Oficiais do Quadro de Convocados para o magistério no Colégio Tenente Rêgo Barros da FAB, em Belém do Pará, pois, o tempo de permanência desses oficiais-professores definido pela Instituição é de oito anos, no caso, a maioria permaneceu até o período máximo previsto, o que nos faz investigar as diversas experiências da formação militar de “poucos dias” para o exercício do Oficialato se comparada com os Oficiais efetivos e o processo de construção de uma identidade militar com as dificuldades das relações internas no âmbito do CTRB, que além de professores militares possuía um quadro de professores concursados civis.

De acordo com o histórico⁶ do CTRB, o Colégio Tenente Rêgo Barros foi criado em 06 de setembro de 1941, com a finalidade de fornecer instruções aos soldados da Força Aérea Brasileira. E ainda conforme citado no site do colégio sua finalidade era também auxiliar na alfabetização dos servidores civis do antigo 7º Regimento de Aviação do Exército Brasileiro, que se tornou tempos depois Parque de Material da Aeronáutica de Belém (PAMA-BE). E, Posteriormente, assumiu o caráter escolar formal com a finalidade principal de atender os dependentes de civis e militares da Aeronáutica, transferidos para a cidade de Belém –PA.

O nome da Escola Tenente Rêgo Barros foi dado pelo Major Brigadeiro do Ar João Camarão Telles Ribeiro, Comandante do COMAR I⁷, em homenagem ao 2º Tenente Aviador Raimundo Nonato do Rêgo Barros, paraense, nascido em 30/07/1917 e falecido aos 23 anos de idade em 10/06/1941, em um acidente aéreo na Baía do Guajará (PA).

Em 1962, foi transferida para um novo local, a Escola de Nossa Senhora das Fátima, no bairro de Val-de-Cães, em Belém do Pará. No ano de 1963, a Escola foi remanejada para a Capela de Nossa Senhora das Graças, localizada dentro do Parque de Material Aeronáutico de Belém (PAMA-BE), permanecendo até o dia 12 de maio de 1965. Posteriormente, foi transferida e teve sua instalação ao lado da Vila Maracangalha, vila dos Oficiais da Aeronáutica de Belém, permanecendo até os dias de hoje.⁸

A entrada dos professores civis em 2011, que se tornaram Oficiais militares temporários, aconteceu com o processo de contratação temporária de profissionais da área de Ensino e Pedagogia, como se vê no documento abaixo:

O Quadro de Oficiais da Reserva de Segunda Classe Convocados – QOCO, destina-se a preencher, em caráter temporário, em tempo de paz, claros existentes na estrutura das OM, por ventura não supridos pelos Quadros de Oficiais de carreira,

6 Histórico do Colégio Tenente Rêgo Barros. Fonte: <https://www2.fab.mil.br/ctrb/index.php/historico>.

7 www2.fab.mil.br/ctrb/index.php/historico.

8 1º Tenente Suzete. História da Escola Tenente Rêgo Barros (1941-2006). Arquivo Pessoal.

pertinentes as áreas profissionais de nível superior necessárias ao Comando da Aeronáutica.⁹

Este documento mostra a necessidade da Força Aérea Brasileira em criar quadros na área de Ensino e Pedagogia, para suprir a necessidade da Escola Tenente Rêgo Barros (ETRB). Esse quadro seria uma forma de prover as lacunas e diminuir gastos na Instituição brasileira com um efetivo muito grande. De acordo com a professora civil de nº 28:

A gente vê devido a esse conjunto [...] nós vivemos em um mundo neoliberal, a gente tá vendo o desaparecimento do serviço público no Brasil pelo menos em alguns setores, o enxugamento das Forças Armadas, principalmente da Aeronáutica, eu senti pelo menos no espaço aqui de Belém a Aeronáutica foi se desfazendo de uma série de coisas, de bens e tudo mais [...]. E aí começou essa história de não ter mais, de não ter concursos.

Eles abriram certos setores, as Forças Armadas como está há uma necessidade de mais mão de obra, só que eles não querem [...] eu não sei usar o termo, a linguagem oficial, seria eles não querem criar postos que sejam permanentes, porque deveria ter um setor educacional com pedagogos, professores, já que as três Forças Armadas tem escolas né? Porque tem a função de instrutor nas Forças Armadas, mas não tem de professor, então aí são os temporários.

(Professora civil nº 28, entrevista em 16/06/2022)

Segundo a entrevistada acima, o contexto atual neoliberal seria uma das causas para que as instituições militares não realizem mais concursos e sim contratem profissionais formados. Essa doutrina econômica e política propõe uma nova leitura da parte do liberalismo clássico com intuito de diminuir a participação do Estado na economia. Como nos apresenta SINGER (2014, p. 229-231) o contexto da política brasileira no início do século XXI, no caso do período do governo Lula, o Brasil deixou de depender do FMI e conseguiu acumular reservas financeiras. O modelo de renda mínima alimentou o mercado interno e aliviou as crises financeiras do sistema que ocorreu no âmbito mundial em 2008, porém, havia uma combinação do governo Lula de políticas neoliberais e distributivas, fator que levou a um relativo êxito econômico mesmo em crise mundial.

Nesse sentido, o trabalho de Oficial Militar Temporário na FAB nos apresenta essa tendência neoliberal quando cria trabalhos temporários e a não responsabilidade previdenciária, mesmo no âmbito dos governos de Lula (2003-2010) e Dilma Ruseff (2011-2016) e que obviamente se acelera com o governo Michel Temer quando este assume o governo após “o golpe institucional” que levam ao *impeachment* de Dilma Ruseff em 2016.

⁹ Aviso de convocação seleção e incorporação de profissionais de nível superior da área de ensino (magistério e pedagogia) voluntários à prestação do serviço militar temporário. EAT/EIT 2/2011- recrutamento e mobilização de pessoal da Força Aérea Brasileira. (arquivo pessoal). p.18.

Essa forma de contratação de profissionais da área de educação justifica-se também pela demanda institucional no Colégio gerenciado pela Aeronáutica e pelo discurso da economia de gastos. Segundo Santana (2020, p.17) as Forças Armadas não dispõem de escolas de formação para as especialidades nas quais contratou os militares temporários que estudamos, além do discurso institucional da economia de gastos com o pagamento de remuneração referente à reserva.

As hipóteses levantadas são que as diversas experiências dos sujeitos sociais, homens e mulheres que atuavam nessa área perpassaram por estranhamentos, resistências, mediações, conflitos que se iniciam desde o processo de seleção, durante o curso propriamente dito com duração de cinquenta dias e que alcança todo um cotidiano relacionado às experiências acadêmicas e profissionais juntamente com a construção de um “ethos militar” e “espírito guerreiro” voltado para uma área de atuação civil que são as atividades em sala de aula do Colégio Tenente Rêgo Barros ao longo de oito anos.

Assim, pensando no âmbito da formação militar é importante o entendimento de peculiaridades no campo da pesquisa que vão apresentar instituições com valores e princípios que levam a conflitos, mediações e resistências por parte de homens e mulheres no processo de construção do “ethos militar”, este com uma ideia de pertencimento a uma estrutura hierárquica e disciplinar que se diferencia do mundo civil, onde “o ser militar” aparece como um dos principais atributos de identidade cultural que para alguns estudiosos é visto como sendo próprio de uma “Instituição Totalizante”, já que, não está isolada da sociedade (CASTRO, 2009).

E para outros é como uma “Instituição Total” pelo fato de a categoria Militar ser representada como uma categoria social por seu pertencimento a um ramo específico do aparelho do Estado (FERNANDES, 1979). Dessa forma a vida cotidiana do meio militar é estruturada por uma ordenada distribuição de poderes com subordinação sucessivas de uns aos outros, a chamada hierarquia, e que envolvem também disciplina, isto é, obediência as regras, aos superiores e a regulamentos.

Ainda nessa corrente sobre as Instituições Totais, GOFFMAN (1973. pp. 303-331) ressalta que no geral, estas instituições possuem portas fechadas, paredes altas, arame farpado, rochedos e água, terreno aberto, dentre outras. Para o autor os quartéis do Exército estão dentre os cinco grupamentos superficiais que possuem estas características, por exemplo, que estão supostamente convencionados para algumas tarefas técnicas, como é o caso dos sujeitos que pertencem ao staff e os “internos” e se relacionam. As atividades dentro dessas

instituições totais são realizadas por todos no mesmo lugar e sob uma mesma autoridade, diferente dos costumes de outras instituições que não são militares.

Diante do exposto, cabem os seguintes questionamentos: Quais experiências dos sujeitos em relação ao recrutamento, processo seletivo e processo de formação? Quais as maiores dificuldades das novas experiências da adaptação? Quais as principais experiências sociais destes jovens professores no processo de adaptação a vida militar? Estes profissionais do magistério tiveram dificuldades em seguir e conviver com a hierarquia militar? O que é o CTRB- Colégio Tenente Rêgo Barros? Como foi criado? Quais são as documentações pertinentes? Quanto à atuação no Colégio Tenente Rêgo Barros, quais as mais marcantes experiências profissionais? Como ocorreu a chegada dos professores militares no Colégio Tenente Rêgo Barros? Como aconteceu esse processo de interações dos professores militares com os professores civis? São muitas perguntas, mas que se pretende responder conforme se problematiza as diversas fontes levantadas ao longo deste trabalho dissertativo.

A proposta dessa dissertação no espaço social da Força Aérea Brasileira é analisar o desenvolvimento da formação de Oficiais do Quadro QOCON das áreas de magistério e Pedagogia¹⁰, que inclui a convocação de homens e mulheres, o processo de formação e a atuação dessa turma em sala de aula no âmbito do Colégio Tenente Rêgo Barros, que construíram uma memória histórica de “ethos militar” a partir de suas experiências no trabalho e suas relações sociais, de poder, contradições, e os papéis assumidos no âmbito institucional de uma Força Armada num contexto da Amazônia oriental.

Quando se trata da metodologia é importante destacar que esta pesquisadora se coloca numa condição de pesquisadora-participante, já que serviu como professora-Oficial temporária e também, possui memórias das relações de poderes e trabalho específico na FAB/CTRB durante oito anos. Esta situação de pesquisa, mesmo com a constante busca da imparcialidade acadêmica, segue uma linha teórica de Pierre Bourdieu¹¹, o qual busca abordar uma visão de mundo que vai desde a filosofia passando para a sociologia e de suas experiências como militar na Argélia. Como pesquisadora participante, trabalhei a formação no âmbito da estrutura militar. Dessa forma, essas experiências que vivi me fazem relacionar

10 Aviso de convocação seleção e incorporação de profissionais de nível superior da área de ensino (magistério e pedagogia). Op.cit.. A sigla QOCON significa: Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª classe Convocados, destina-se a preencher, em caráter temporário, em tempo de paz, claros existentes nas estruturas das OM, por ventura não supridos pelos Quadros de Oficiais de carreira pertinentes as áreas profissionais de nível superior necessárias ao Comando da Aeronáutica.

11 Um processo de acumulação de experiências no campo acadêmico, na experiência com as fontes e suas representações, na experiência como sujeito social que vivenciou outras situações que lembram da infância, a própria experiência de guerra.

com a obra do autor Pierre Bourdieu, intitulada “esboço de autoanálise”, que apresentou a situação de pesquisar sociologia em ambiente de guerra, uma experiência pessoal que obrigava-o a pensar em tudo, a controlar tudo, em particular o que parecia natural na relação ordinária entre os pesquisados e o pesquisador. Nessa dinâmica de pesquisa é possível pensarmos que existem experiências diversas na relação entre o objeto de pesquisa voltado para a história militar e a sua relação com o pesquisador. Nesse caso ao adotarmos os princípios do autor para a pesquisa acadêmica é necessário uma maior vigilância crítica em relação aos trabalhos do levantamento e análise das fontes, no sentido da percepção das experiências e os fatores que influenciam na investigação do objeto de pesquisa.

Segundo Bourdieu (2005,p.79) na sua Obra intitulada “esboço de autoanálise”, o autor aborda uma visão de mundo que as origens sociais do pesquisador e sua experiência de vida ressaltam a importância do estudo dos aspectos simbólicos dos militares no ambiente da caserna e no espaço social. Inseparável do que apreendia do mundo social, ele era ao mesmo tempo sujeito e objeto da análise, não deixando de lado sua posição de origem, os espaços sociais que contribuem para determinar às suas práticas como pesquisador.

Esta forma de construir conhecimento relacionava Bourdieu (2005, p.79) com a escolha de suas fontes e a interpretação das mesmas a partir de seu caráter simbólico para os sujeitos da pesquisa e sua experiência como pesquisador que interagia com o ambiente da pesquisa, isto é, um sujeito que podia comparar suas vivências pessoais na França e suas experiências em pleno conflito no continente africano, e que obviamente quando o mesmo volta como observador, estas experiências como militar influenciam em suas análises do objeto de pesquisa e o ajudam a refletir sobre a posição do investigador acadêmico e sua relação com as fontes.

Essa perspectiva privilegia o pesquisador que se coloca no lugar dos sujeitos/objetos, com objetivo de levar aos leitores o reconhecimento de suas experiências, dificuldades, indagações, sofrimentos, dentre outros aspectos. A interação entre os sujeitos a partir das ideias explicitadas deixa algumas lacunas, mas nos leva a ideia do *habitus* que são as próprias experiências de cada sujeito e que se tornam um padrão social.

Por exemplo, sua experiência de infância contribuiu em sua formação social, pois, vivenciou problemas com outros sujeitos que ao pronunciarem seu nome discriminavam à maneira dos camponeses da região em que ele morou quando criança, já que no internato havia alunos de várias origens sociais e culturais. Nesse caso, o nome de *Bourdieu* representava o símbolo de todo atraso rural e que causou problemas na sua infância levados até sua fase de pesquisador.

De acordo com Karl Maton (2018, pp.73 e 74), o “habitus” tem a intenção de transcender uma série de dicotomias profundamente enraizadas que moldam os modos de pensar o mundo social. O conceito tem a intenção de oferecer um modo para analisar o modo de funcionamento do mundo social através de investigações empíricas. Contribuindo para moldar nossos habitus, engendrar um olhar sociológico ao ajudar a transformar nossas formas de enxergar o mundo social.

O trabalho de campo nessa área de uma história militar do tempo presente e a consciência histórica (GADAMER, 2003, p.19) é relevante para que possamos pensar no sentido das reflexões feitas por Bourdieu e suas observações mais ou menos sistemáticas, reunião de descrições de conjuntos de vestimentas, fotografias, realização de gravações de conversas em lugares públicos, entrevistas com pessoas que eram informantes, sondagem por questionários, consulta de arquivos, etc. métodos de levantamento de fontes e que demonstram paixão por tudo o que dizia respeito ao país, sua gente, suas paisagens, surgindo sentimentos nele de revolta e culpabilidade diante de tanto sofrimento e injustiça que fizeram parte de sua vivência. Portanto, o *habitus* desses profissionais do magistério e pedagogia que adentraram ao meio militar da FAB é diverso, e contribuíram para sua formação militar.

No campo de pesquisa de história Militar, a “aula de Bourdieu” sobre relações de poderes, racismo de classe, simbolismo e vivência do pesquisador durante seu trabalho de levantamento de fontes no período que o mesmo esteve no serviço militar na Argélia e sua volta como civil durante suas pesquisas nos apresenta importância do autor para o estudo dos sujeitos sociais que adentraram na FAB em 2011 para passarem na seleção e vivenciarem todo um processo de formação militar que os levou a ministrar aula no Colégio Tenente Rêgo Barros, porém, apresentou algo novo para além das normas de seleção, a chamada vivência na caserna que modificou não somente a estrutura de educadores formais, mas os levou a convivência em ambiente que pode ser considerado hostil e de pressão que fazia parte do cotidiano do militar da FAB.

As ideias de Bourdieu podem ser utilizadas para o campo da pesquisa histórica, já que a obra em debate apresenta três pontos importantes: o primeiro ponto da obra é a experiência de vida do autor, saber quem somos em vários momentos de nossa história de vida, que pode apresentar diversas vivências como traumas, alegrias, perseguições, relações familiares, que influenciam nas escolhas do historiador e servem para entendermos quem ele é. O segundo ponto é a trajetória do historiador como intelectual que faz fronteira com a história de vida do autor, porém, como experiência diferenciada, no sentido das primeiras leituras acadêmicas, dentre estas as que fizeram mais sentido, as influências teóricas que o

levam até determinado momento de sua trajetória como intelectual e suas escolhas que possibilitam a construção de uma corrente de pensamento científico ou aliança à determinada ideias. Por fim, a relação entre o intelectual e a produção de sua obra que perpassa desde a escolha do objeto de pesquisa, o levantamento de fontes e a possibilidade de convivência com os sujeitos que estão inseridos na pesquisa de campo, por exemplo. Essa experiência do trabalho a partir da Etnologia de Bourdieu apresenta uma maior interação entre objeto e pesquisador e insere este como parte da construção da pesquisa mais atuante e não somente a partir dos “gabinetes”.

Essa relação dos três pontos de Bourdieu na sua obra “esboço de autoanálise” de maneira geral é importante para que possamos compreender alguns aspectos da pesquisa histórica que apresenta possibilidades de investigação científica e o reconhecimento de relações de poderes muito para além de normativas, editais de seleção, no caso do estudo sobre os Oficiais professores da FAB, pois, existem aspectos simbólicos a serem desvendados e principalmente para esse caso nos leva a pensar na importância da oralidade como fonte de pesquisa, assim como dependendo do objetivo do trabalho uma convivência maior com os sujeitos entrevistados.

Quais aspectos simbólicos que poderiam ser tratados nesse trabalho? Quando pensamos na construção na obra denominada “o poder simbólico” de Pierre Bourdieu (1989) é possível pensarmos em questões discutidas no “esboço de autoanálise”, porém, com a profundidade da primeira obra. Nesse caso para a pesquisa dos civis que participaram da seleção para oficiais temporários da Força Aérea Brasileira é possível percebermos os aspectos da hierarquia e disciplina de uma Instituição Militar Federal, mesmo que o trabalho seja voltado para atividades Escolares no Colégio Tenente Rêgo Barros.

Esse cotidiano militar apresenta um sujeito visto como subalterno, a preocupação de SPIVAK (2010) de entender o sujeito subalterno vai além de vê-los por eles mesmos, na verdade, é pensada a partir de quem pesquisa o sujeito subalterno. No caso específico, como participei do processo de seleção, formação e das relações de trabalho no CTRB ficando os oitos anos previstos legalmente, tenho uma experiência para além de uma pesquisadora que submete a levantar fontes de pesquisa sobre determinado grupo social em determinado espaço-tempo. Na verdade, vivenciei as dificuldades impostas pela formação militar e que todos os professores passaram ao adentrarem no I Comando Aéreo Regional em 2011.

Especificamente sobre o estudo de militares, Castro (2004) tem uma experiência na Academia militar das Agulhas Negras, lócus da formação inicial dos cadetes, futuros comandantes do Exército Brasileiro e que destaca para além de uma identidade militar

construída na Caserna¹² como instituição totalizante, uma experiência de um pesquisador-participante com a construção teórica da antropologia que utiliza de um método etnográfico. Esta convivência do autor com o cotidiano da formação lhe proporcionou uma maior compreensão do chamado “espírito militar” a partir de uma proximidade da realidade da formação dos cadetes.

No que se refere às fontes, ressalta-se a relevância da oralidade a partir da utilização da técnica de entrevistas, autorizadas e gravadas através de *google meet*, feitas com os Oficiais temporários, suas memórias e esquecimentos, pois, estas permitem compreender as percepções dos profissionais do magistério, tanto no tempo de formação quando eram aspirantes a Oficiais-Alunos, como no momento da atuação profissional, já como novos oficiais, homens e mulheres militares durante seu trabalho de professores no CTRB e de Oficial-de-dia no primeiro I COMAR. Assim como, foram feitas entrevistas com professores civis que fizeram parte dessa história, ao receberem em seu local de trabalho esse novo sujeito (professores militares), os aspirantes 2011, que chegaram para compartilhar suas experiências profissionais e seus conhecimentos. Também foram realizadas entrevistas com ex-alunos(as) do colégio, que são sujeitos importantes nesse estudo, pois participaram do cotidiano desses professores ao longo de oito anos. E também entrevistas feitas com oficiais superiores e intermediários de carreira e graduados.

Neste caso, considerando os ensinamentos de Portelli (1997, p. 16-18), entendemos que cada indivíduo entrevistado é importante para a construção de um aprendizado único por parte do historiador. Este aprendizado deve estar pautado em valores éticos que se alicerçam primeiramente no respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, assim como um respeito intelectual pelo material levantado durante a pesquisa.

A oralidade para Portelli está ligada a questão da essencialidade do indivíduo, na qual a História oral diz respeito a versões do passado, ou seja, a memória. E ainda que ela seja moldada de formas diferentes pela sociedade, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser pessoais. Esta oralidade representa a realidade como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos. Assim, além da ideia de pesquisador-participante, temos o uso da oralidade a partir das entrevistas dos sujeitos que se formaram como Oficiais temporários da FAB, a metodologia se alicerça na análise qualitativa, no cruzamento de fontes documentais e sua relação com campo cultural-

12 Edifício ou alojamento para moradia de soldados, dentro de um quartel, de um forte, etc.

social-intelectual da instituição militar federal, no qual, nenhum documento fica desprezado e sem importância analítica.

Segundo Ricœur (2007) a memória tem por objetivo a realidade anteriormente vivida, trazendo para o hoje algo que não está mais aqui e que possui a sensação de tempo transcorrido. A memória é o presente do passado (RICŒUR. 2007. p.111). E ela pode ser do caráter originário e primordial individual, tem vínculos nos usos da linguagem comum e na psicologia sumária que avalia esses usos (RICŒUR, 2007, p.107)

Podemos destacar como fontes as apostilas do curso, leis, decretos, manuais, convocação de candidatos e ofícios que também se constituem em fontes importantes, pois, se pretende perceber sobre os mesmos as ideologias, os argumentos e as estratégias dos sujeitos envolvidos com o campo da atividade do oficial militar, bem como a ação do desenvolvimento do debate entre da formação militar em tropas federais como a Força Aérea Brasileira. A partir dessa proposta de pesquisa tentaremos levantar mais documentos relevantes ao alcance de nossos objetivos por meio da interpretação dessas fontes. Neste caso cabem as lições de Le Goff (2003, pp.535-539) ao afirmar que o documento deve ser criticado já que o mesmo não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. “o documento não é inócuo”.

Desse modo, esse documento fabricado pela sociedade está ligado à memória, silêncio e esquecimento do indivíduo ou coletivo, pois segundo Pollak (1989, p. 3) ao fazer referência a Maurice Halbwachs, mostra que existe uma “negociação” em que se concilia a memória coletiva e memórias individuais. A memória utilizada com esses militares é a memória subterrânea que de acordo com Pollak (1989, p. 3) se opõe a “memória oficial”, uma memória que representa os excluídos, os marginalizados e os minoritários que se opõe a “memória oficial”. Para Pollak (1989, p. 4) a memória entra em disputa. E esses objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes. O referido autor destaca o silêncio como parte desse processo de construção de fontes históricas a partir da memória, pois, o silêncio tem razões bastante complexas.

Segundo Pollak (1989, p. 6) no caso do estudo sobre os campos de concentração nazista após o fim da guerra, as vítimas judias precisavam se adaptar ao novo sistema, desta forma para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de qualquer coisa encontrar uma escuta. Em seu retorno, os deportados encontraram efetivamente essa escuta, mas rapidamente o investimento de todas as energias na reconstrução do pós-guerra exauriu a vontade de ouvir a mensagem culpabilizante dos horrores dos campos. A deportação evoca

necessariamente sentimentos ambivalentes, até mesmo de culpa, e isso também nos países vencedores, como na França, a indiferença e a colaboração marcaram a vida cotidiana ao menos tanto quanto a resistência. Neste caso, o silêncio passa a ter uma importância ligada a sobrevivência dos sujeitos.

No caso específico dos militares da FAB que seriam professores e também Oficiais temporários, o silêncio sobre alguns temas, durante as entrevistas de alguns sujeitos, como o processo de entrada e depois a própria formação militar, nos leva a trabalhar com essa ideia de sobrevivência no pós-experiência de oficiais da FAB por caráter de construção de identidade ou mesmo por uma questão de buscar sobreviver no mercado de trabalho em que a experiência como oficial pode ajudar no novo modo de vida ou até de não querer lembrar das dificuldades do período.

No entanto, alguns percebem a oportunidade de falar sobre o processo de construção de uma identidade militar, que pode não ser lembrado mais a frente como uma superação ou como o entendimento de militares que pensam os “sofrimentos” específicos de serem mulheres, por exemplo, enfrentarem a instrução de selva ou mesmo ter uma dinâmica familiar e a disciplina militar. Nesse campo entre a dinâmica da escuta que se desenvolve o silêncio, e também se desenvolve o esquecimento, como afirma Pollak (1989) existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios e “não-ditos”.

Na verdade, são fronteiras desses silêncios e “não-ditos” do entrevistado com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente, que não são evidentemente estanques, pois, estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. Questões que são percebidas no processo de construção das fontes que serviram de base para construção da narrativa histórica que analisa as diversas experiências desses Oficiais-professores da FAB a partir de 2011.

Desse modo, foram feitas entrevistas com professores militares de diversas áreas de atuação do ensino fundamental e médio do Colégio Tenente Rêgo Barros, em torno de 25 Tenentes da turma QOCON DE 2011, oficiais superiores e intermediários ao todo 3, professores civis 4 e ex-alunos(as) 2. As entrevistas foram realizadas pelo meet, gravadas e arquivadas. Foram utilizadas fontes entrevistas feitas em 2017 com graduados 2 para uma pesquisa sobre mulheres militares.

Cada professor (a) civil e militar, e cada aluna, foram entrevistados (a) uma vez, com duração em média de 1 hora a 2 horas de tempo, no período de janeiro de 2022 a fevereiro de

2023. Os entrevistados (as) foram registrados apenas por numerações a partir do número 01 para preservar o anonimato das fontes, por ordem das datas e horários que foram realizadas as entrevistas, com exceção de uma professora civil que pediu para seu número ser a data de seu aniversário. As entrevistas geralmente ocorriam pela manhã, tarde e noite durante a semana, fins de semana e feriados, o turno da noite foi o mais solicitado pelo fato dos sujeitos estarem disponíveis, e os locais em que os entrevistados concediam as entrevista geralmente eram suas casas e trabalho nos horários vagos, mesmo que tenha sido pelo Google meet foi possível levantar os relatos dos sujeitos que vivenciaram como civis o processo de trabalho dos Oficiais temporários ou as experiências dos próprios oficiais temporários.

As entrevistas com professores (as) civis e militares nos ajudaram a pensar através de suas representações as práticas sociais, os conflitos, o ensino que ali se praticava no ambiente do I COMAR e do Colégio Tenente Rêgo Barros. Em alguns momentos identifiquei esses professores militares temporários pela nomenclatura de estagiários, alunos e “cotonetes”, este ultimo é um apelido dado pelos militares de carreira aos professores que se tornaram militares durante as instruções.

Apresento aqui o perfil de um entrevistado (a) com as características à época da entrevista que pode ser observado no quadro em anexo com a idade. A maioria está nessa faixa etária dos quarenta anos de idade. Não foi destacado o restante, pois, muitos não quiseram dar muitos detalhes de sua vida para além do relatado como militares. Abaixo temos: - **Estagiária 01**, 46 anos, nascida em 1977, casada, mãe de três filhos uma de 21 anos e um casal de gêmeos. Foi aluna de escola pública, foi bolsista no colégio cearense no nível médio, formou pela Faculdade da UNAMA, filha do segundo casamento, era caçula, tem 16 irmãos do primeiro casamento do pai, de todos foi a primeira a cursar um nível superior aos 18 anos, se formou em 2000, logo que entrou na Universidade conseguiu seu primeiro emprego em uma escola pequena em Belém, substituiu uma professora que estava de licença maternidade, 2005 serviu a Marinha como oficial na primeira turma de professores por quatro anos no CIABA (Centro de Instrução Almirante Brás de Aguiar) que forma Oficiais da Marinha Mercante.

Assim, como foi feita análise de jornais e revistas internas da FAB, por serem consideradas fontes importantes para o debate atualizado sobre periódicos na análise historiográfica, pois, conforme Luca (2005, p. 140) “jornais e revistas não são, nos mais das vezes, obras solitárias, mas, empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.” Desse modo, é importante ver esses materiais para que se possa entender o

que a sociedade fala ou pensa desses sujeitos estudados, qual a ideia que se tem de militar temporário, por exemplo, em revistas institucionais ou mesmo se aparece em periódicos locais.

A utilização de jornais e revistas oficiais é de extrema relevância, pois essas fontes proporcionam uma série de informações sobre as atividades dos militares federais e sua formação, no caso dos jornais ou revistas específicas que trataram de reportagens sobre os militares temporários da FAB, isto é, são obras institucionais.

Quanto à análise de fotografias e imagens da “instrução de selva” consideramos importantes para percebermos a preparação dos oficiais que atuavam como professores na FAB. Essas fontes podem ser estudadas a partir das ideias de Burker (2004, p. 25-41) que discute sobre o estudo de imagens fotográficas como fontes históricas, sendo muitas vezes mais confiável quando elas contam algo que “os artistas não sabem que sabem”, este estudo possibilita interpretações desses sujeitos militares no seu cotidiano de trabalho no período de formação e no pós-formação militar a partir das imagens fotográficas particulares.

Os capítulos ficaram divididos da seguinte maneira: **No primeiro capítulo**, intitulado “**EXPERIÊNCIAS NA CASERNA: DE PROFESSORES A OFICIAIS TEMPORÁRIOS DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA**”, intenciona-se discutir as experiências dos sujeitos a partir do recrutamento e do processo de seleção enquanto sujeitos candidatos à vaga de militar/professor. Destacando todo o processo de formação e adaptação desses sujeitos do curso de “formação” militar com ênfase à lei aplicada, o significado de ser militar, o processo de instrução e adaptação, a relação dos candidatos com outros militares, de carreira e temporários, antes da formação e as características após a instrução militar alicerçada nas experiências na “caserna”¹³. O grupo QOCon EAT EIT 2/2011 que se submeteu a ser militar pode ser analisado a partir dos simbolismos e sua construção de uma identidade militar que perpassa pelo entendimento do conceito de “*habitus*” e interações sociais que ultrapassam as relações familiares.

No segundo capítulo, intitulado “**PARA ALÉM DA IDENTIDADE MILITAR DO “COTONETE”: PODERES, MULHERES, HOMENS E SIMBOLISMO NA CASERNA**”, destacam-se a relação com o ser “militar”, a partir de um estudo de fontes históricas documentais que nos levam a pensar na construção da memória, da relação passado e presente dessas mulheres e homens. Nesse sentido, é possível entender para além de um processo de construção da identidade social do militar, isto é, como o discurso homogêneo do

13 Nomenclatura utilizada pelos militares: quartel militar, edifício militar e aquartelamento.

espírito militar muitas vezes não se enquadra ao cotidiano dos “cotonetes QOCON”. Desse modo, a pesquisa sobre a formação de militares temporários na FAB em Belém do Pará no início da década de 2010 apresenta contradições pela formação acadêmica, idade mais avançada que os militares de carreira e a relação entre uma formação ora vista como “totalizante”, ora vista como “total” e o pesquisador que corrobora com os argumentos de Bourdieu. busca-se compreender a adaptação dos oficiais do quadro QOCON do ano de 2011 a realidade dos poderes e simbolismo da caserna na FAB. Nesse caso, as origens sociais do pesquisador e sua experiência de vida ressaltam a importância do estudo dos aspectos simbólicos dos militares no ambiente da caserna e no espaço social. A formação acadêmica dos sujeitos que se submeteram a um estágio de formação de Oficiais temporários influenciou na construção dos militares que estavam adentrando na FAB, assim como a experiência do pesquisador que vivenciou a formação militar temporária e as contradições profissionais de cada sujeito.

E por fim, **no último capítulo, intitulado “NA SALA DE AULA É OUTRA HISTÓRIA”: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS SOCIAIS SOBRE O ENSINO NO CTRB**, busca-se apresentar a partir da memória das mulheres e dos homens militares o cotidiano da “caserna” e do início do trabalho como professores na escola, suas experiências que muitas vezes estavam alicerçadas na ambiguidade de lidar com diversos alunos e professores civis concursados no espaço do CTRB, uma Instituição de Ensino básico sob direção Militar.

Assim nos capítulos a seguir buscar-se-á compreender o processo de entrada dos professores civis em 2011, que se tornaram militares e toda uma dinâmica de informação que nos ajuda a pensar sobre conceitos de identidade militar, formação, relações de poderes e as diversas experiências entre a caserna, professores civis e os alunos no cotidiano da sala de aula no CTRB.

CAPÍTULO 1 - EXPERIÊNCIAS NA CASERNA: DE PROFESSORES A OFICIAIS TEMPORÁRIOS DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA.

A intenção deste capítulo é apresentar as experiências dos sujeitos a partir do recrutamento e do processo de seleção enquanto sujeitos candidatos à vaga de militar/professor para além das normas institucionais. Destacando todo o processo de formação e adaptação desses sujeitos do curso de formação do quadro QOCON/EAT EIT 2/2011-Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª Classe Convocados/Estágio de Adaptação Técnico e Estágio de Instrução Técnico. Ressaltando o que é ser militar? A lei aplicada? Quem ministrou essas instruções? Quem eram esses professores civis antes da formação? Qual eram suas características? Quem são esses professores depois das experiências na caserna?

1.1 –“A FAB vai convocar professores militares”: A formação do “Oficial-professor”

A formação militar no Brasil na contemporaneidade segue inicialmente a explicação constitucional positivada na Carta Magna de 1988 nos art. 42 que trata dos Militares Estaduais: Polícias Militares e os Corpos de Bombeiros Militares, assim como o que trata o art. 142 que trata das Forças Armadas, Exército, Marinha e Força Aérea Brasileira. Conforme podemos destacar a seguir:

“(…)Art. 42 Os membros das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares, instituições organizadas com base na hierarquia e disciplina, são militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 18, de 1998)(…)”

“(…)Art. 142. As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.(…) § 3º Os membros das Forças Armadas são denominados militares, aplicando-se-lhes, além das que vierem a ser fixadas em lei, as seguintes disposições: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 18, de 1998) (…)”

Essa explicação a partir da Lei maior nacional nos apresenta dois tipos de militares no Brasil: os militares federais e os estaduais. Essa conceituação legal nos possibilita compreender a formação militar que poderemos trabalhar, já que as missões se diferenciam e a formação de Oficiais temporários segue as normas da Força Aérea Brasileira.

Quando se trata da entrada de militares para os casos de Forças Federais e Forças Estaduais e sua formação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9694/96 prevê de maneira genérica o Ensino Militar “**Art. 83.** O ensino militar é regulado em lei específica, admitida a equivalência de estudos, de acordo com as normas fixadas pelos sistemas de ensino.”

A entrada de Oficiais efetivos e oficiais temporários na Força Aérea Brasileira segue o padrão normativo interno e se diferenciam quanto a idade, trabalho e tempo de treinamento. Conforme lei de Ensino da Força Aérea Brasileira a seguir:

(...) A nova Lei de Ensino sancionada pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, no dia 4 de agosto, que dispõe sobre o ensino na Aeronáutica, regulamentou os requisitos de ingresso nos cursos e estágios na Força Aérea Brasileira (FAB). Um dos principais pontos se refere ao critério da faixa-etária dos interessados em frequentar as instituições de ensino da FAB.(...) A Lei 12.464 revoga o Decreto-Lei nº 8.437, de 1945, e as Leis nºs 1.601, de 1952, e 7.549, de 1986. A nova norma tem por finalidade proporcionar ao pessoal militar do Comando da Aeronáutica a necessária qualificação para o exercício dos cargos e funções previstas em sua estrutura. Além disso, busca obedecer ao processo contínuo e progressivo de educação integral, executando-o de forma sistêmica. O tema “limite de idade”, disposto no inciso V desse mesmo artigo, vem esclarecer os limites etários para ingresso nos diferentes cursos e estágios, de acordo com o estabelecido no inciso X do § 3o do art. 142 da Constituição Federal, no que concerne ao tempo de serviço e às idades-limite de permanência no serviço ativo para os diversos corpos e quadros.
(...)

A nova Lei de Ensino que regulamenta os Cursos da FAB seguiu a autonomia destacada pela LDB no seu art. 83, nesse caso revogou-se uma série de normas antigas quando se trata da formação militar e seu limite de idade, conforme quadro 1 abaixo:

CURSO / ESTÁGIO	IDADE-LIMITE
Curso Preparatório de Cadetes do Ar (CPCAR)	- não ter menos de 14 (quatorze) anos nem completar 19 (dezenove) anos de idade
Curso de Formação de Oficiais Aviadores, Intendentes e de Infantaria da Aeronáutica (CFOAV, CFOINT, CFOINF)	- não ter menos de 17 (dezesete) anos nem completar 23 (vinte e três) anos de idade
Curso de Graduação em Engenharia do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA)	- não completar 25 (vinte e cinco) anos de idade
Curso de Adaptação de Oficiais Médicos, Dentistas e Farmacêuticos da Aeronáutica (CAMAR, CADAR, CAFAR)	- não completar 36 (trinta e seis) anos de idade
Estágio de Adaptação de Oficiais Engenheiros da Aeronáutica (EAOEAR)	- não completar 36 (trinta e seis) anos de idade
CURSO / ESTÁGIO	IDADE-LIMITE
Estágio de Instrução e Adaptação para Capelães da Aeronáutica (EIAC)	- não ter menos de 30 (trinta) anos nem completar 41 (quarenta e um) anos de idade
Estágio de Adaptação de Oficiais	- não completar 44 (quarenta e quatro) anos de

Temporários da Aeronáutica (EAOT)	idade
Curso de Formação de Sargentos (CFS-B)	- não ter menos de 17 (dezesete) anos nem completar 25 (vinte e cinco) anos de idade
Estágio de Adaptação à Graduação de Sargentos (EAGS)	- não ter menos de 17 (dezesete) anos nem completar 25 (vinte e cinco) anos de idade
Curso de Formação de Taifeiros (CFT)	- não ter menos de 17 (dezesete) anos nem completar 25 (vinte e cinco) anos de idade
Cursos ou estágios destinados aos militares da ativa na Aeronáutica para progressão na Carreira	- os limites de idade serão definidos em instrução da Aeronáutica e previstos nos editais dos processos seletivos, em função do tempo de permanência no serviço ativo determinado no Estatuto dos Militares

Fonte: <https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/8079/Nova-Lei-de-Ensino-regulamenta-requisitos-para-ingresso-na-FAB>. Publicado no dia 12/08/2011. (grifo nosso).

O que se percebe no quadro acima com os Cursos de Formação inicial¹⁴ e Formação continuada¹⁵ na Força Aérea Brasileira são as diferenças de estágio, que é uma espécie de Curso de curta duração e o Curso propriamente dito que já tem uma duração maior. O “Curso” que estamos trabalhando é o Estágio de Adaptação de Oficiais Temporários da Aeronáutica (EAOT)¹⁶, um estágio que tem ligações com o tempo de Execução da formação de Oficiais Temporários para as diversas áreas. Especificamente se trata da Formação de Oficiais Temporários para exercerem a atividades por um tempo determinado nas diversas áreas do magistério no Colégio Tenente Rêgo Barros(CTRB) com atuação específica nos níveis fundamentais e médio.

A seleção seguiu os padrões do edital (Aviso de Convocação) e contou com vagas para professores com experiência de trabalho em escolas civis ou militares, com faixa de idade mínima e no máximo 38 anos, nascidos até 31 de dezembro de 1974 que após seleção passaram a ser formados na doutrina militar para em seguida se dedicarem ao magistério como professores do Colégio Tenente Rêgo Barros, mantendo a hierarquia e carreira militar temporária por até oito anos, alcançando no máximo o posto de 1º Tenente¹⁷,. Conforme fragmento do edital de convocação a seguir:

(...) 2.1.10 presente processo seletivo destina-se a selecionar cidadãos brasileiros, de ambos os sexos, voluntários à prestação do Serviço Militar Temporário, graduados em nível superior e habilitados ao desempenho da profissão, possuidores dos títulos

¹⁴ São os cursos considerados de carreira de Praças e Oficiais nas Forças Armadas.

¹⁵ São os cursos de cunho profissional que qualificam internamente os militares.

¹⁶ O Estágio de Adaptação de Oficiais temporários qualifica o cidadão como militar para prestar serviço profissional como Oficial na área específica. No caso da pesquisa do presente artigo trata-se dos Oficiais que trabalharam como oficiais-professores nas diversas áreas do magistério no CTRB em Belém do Pará.

¹⁷ Aviso de convocação seleção e incorporação de profissionais de nível superior da área de ensino (Magistério e Pedagogia) Voluntários à prestação do serviço militar temporário. EAT EIT 2/2011 Recrutamento e mobilização de pessoal da Força Aérea Brasileira. p. 22.

profissionais necessários ao Comando da Aeronáutica, que atendam às condições e às normas estabelecidas neste Aviso de Convocação. (...).¹⁸

Dessa forma é importante entendermos que primeiramente existem três momentos importantes da formação para os militares temporários e convocados pela FAB. O primeiro, voltado às experiências vivenciadas pelos sujeitos na condição candidatos às vagas de militares/professores. Um segundo momento que se inicia no período Estágio de Adaptação Técnica/Estágio de Instrução Técnico e a declaração de Aspirante-à-Oficial. Por fim, o período pós-Estágio de Adaptação Técnica que formaliza os professores civis como Aspirantes-à-Oficiais e inicia-se um duplo trabalho cotidiano: primeiro, assumir as funções típicas de oficiais subalternos, já que a carreira inicia como aspirante e termina na patente de primeiro tenente, por isso uma formação militar necessária. E um terceiro momento que tem como foco a compreensão dos desafios encontrados na convivência na caserna e no CTRB em sala de aula, onde há diferentes tipos de vínculos institucionais de oficiais e praças que muitas vezes implicava na forma como os oficiais-professores de atuação temporária eram tratados.

Esta tripla visão sobre os Oficiais temporários destacam a importância das fontes jurídicas/administrativas como fontes que apresentam uma visão institucional sobre homens e mulheres com experiência de sala de aula em Instituições de Ensino civis no âmbito do serviço público e privado e que passaram a atuar numa escola de nível fundamental e médio coordenada pelos Militares da FAB. Conforme podemos perceber no texto abaixo as áreas do magistério de atuação no CTRB:

(...) 2.2.1.2 Magistério para o Ensino Médio: a) Magistério Artes Musicais Ensino Médio; b) Magistério Artes Plásticas Ensino Médio; c) Magistério Biologia Ensino Médio; d) Magistério Educação Física Ensino Médio; e) Magistério Filosofia Ensino Médio; f) Magistério Física Ensino Médio; g) Magistério Geografia Ensino Médio; h) Magistério História Ensino Médio; i) Magistério Língua Espanhola Ensino Médio;¹⁴ EAT EIT 2/2011 – Ensino j) Magistério Língua Francesa Ensino Médio; k) Magistério Língua Inglesa Ensino Médio; l) Magistério Língua Portuguesa Ensino Médio; m) Magistério Matemática Ensino Médio; n) Magistério Química Ensino Médio; e o) Magistério Sociologia Ensino Médio. 2.2.1.3 Pedagogia: a) Pedagogia; e b) Pedagogia – Orientação Educacional(...)¹⁹

Essas áreas do magistério apresentam a dinâmica de trabalho no sentido da construção de uma identidade militar e também das atividades como professores durante as aulas para as turmas matriculadas no CTRB. Nas normas existe uma padronização de

¹⁸ Aviso de convocação seleção e incorporação de profissionais de nível superior da área de ensino (Magistério e Pedagogia) Voluntários à prestação do serviço militar temporário. EAT EIT 2/2011 Recrutamento e mobilização de pessoal da Força Aérea Brasileira. p. 22.

¹⁹ EAT EIT 2/2011. Recrutamento e mobilização de pessoal da Força Aérea Brasileira. p. 14.

convocação e seleção dos futuros oficiais que vai da inscrição até a concentração final. Como exemplo dessa padronização, temos o público alvo, sendo necessário ser cidadãos brasileiros, de ambos os sexos, Voluntários à Prestação de Serviço Militar Temporário, graduado em nível superior e habilitados ao desempenho da profissão, possuidores dos títulos profissionais necessários ao Comando da Aeronáutica que atenda as condições e normas estabelecidas no Aviso de Convocação. Isto é, querem um candidato preparado fisicamente, com experiências, com idade adequada dentro do padrão militar, alto, magro, mas não tão magro, com uma boa visão, dentes bons, no geral o candidato (a) tem que apresentar boas condições físicas e psicológicas para ingressar nas Forças Armadas, sendo submetidos por testes de avaliação de condicionamento físico e exames de aptidão psicológicos durante o processo seletivo.

No entanto, como se trata da história humana as relações de poderes, a resistência, mediações e a idealização versus a realidade das atividades militares, nos possibilitam entender que a normatização é muito mais um discurso institucional sobre o ideal de ser militar do que uma apresentação da dinâmica social específica.

Desse modo, no processo de formação militar apesar de existir um padrão de militar ser aquele que faz a negação do “eu”, algumas pessoas dizem que negam o “eu” para incorporar totalmente a vida militar. Em uma formação de militares temporários, temos uma relação híbrida e esses militares já entram sabendo que vão passar no máximo 8 anos, apesar de se enquadrar como militar, alguns sujeitos apresentam uma resistência, que nem sempre é bater de frente com o sistema, nesse caso, o que se tem é a não negação do “eu”, como forma de resistência, exemplo: simular doença, realizar as atividades de forma morosa como forma de resistência a cobrança, situação de ultrapassar seus próprios limites físicos e até mentais em situações adversas, exemplo: da queda de um raio que caiu durante o exercício de campanha mesmo abalados, cansados e estressados, os estagiários continuaram a resistir esse sistema para que não fossem desligados do curso. Conforme a fala do entrevistado abaixo:

“Pra mim teve dois momentos considerados perigoso, o do raio que caiu, realmente foi perigoso, lembro que uma das estagiarias que foi atingida saiu correndo igual louca e de repente caiu de cara na possa de água ela teve uma parada e aí eu carreguei ela pra dentro da ambulância, ajudei a carregar outra aluna também e um aluno que ficou com a perna paralisada, tiveram várias situações de gente que sentiu feio mesmo, então foi perigoso essa situação. E pra mim situação que a gente estava lá no T1 a noite, foi na primeira noite, teve instrução de orientação, da bússola a gente se dividiu em grupos, aí a noite eu fui ao banheiro tinha umas valas grandes que da lá para o banheiro, na volta do banheiro com cansaço eu cai em uma vala daquela eu tropecei na verdade, não cheguei a cair dentro pisei errado meio que cai, torpecei pra fora da vala, meio que cai, bati o dedo e o fuzil caiu em cima do meu dedo, e abriu meu dedo, ficou feio, estava doendo pra caramba eu fui lá com a tenente ela me encaminhou pra ambulância eu cheguei com a medica que estava , como eu já quebrei muito osso na minha vida, ela ficou com raiva porque eu falei ‘doutora acho que quebrei esse dedo’, ela pegava e falava ‘ não está quebrado’, eu

falava ‘está quebrado’, ela dizia ‘quer discutir comigo que sou médica?’, eu falava ‘doutora eu já quebrei muito osso da minha infância até hoje eu to dizendo esse osso está quebrado por isso que tá aberto isso ai’, ela falava ‘se tu tivesse estaria gritando de dor’ e u dizia ‘não eu sou bom pra dor’, ela não acreditou ela me deu uma injeção de antiinflamatório não me encaminhou para o hospital, no outro dia outra injeção, e fez um curativo no dedo, eu passei o resto do acampamento com o dedo quebrado, quando cheguei em casa , quando eu tirei o curativo meu dedo estava preto eu nem descansei só tomei banho e corri para o hospital, o medico falou ‘vou tentar salvar o teu dedo’ e pode ser que não salve, se não tiver uma melhora até amanhã a gente vai ter que amputar, graças a Deus teve melhora se não teria que amputar.”
 (“Cotonete” de nº 09, entrevista em 13/03/2021)

Mesmo diante da adversidade, do perigo que enfrentaram no estágio de selva os alunos resistiram e buscaram ultrapassar seus próprios limites físicos, emocionais e mentais para que pudessem concluir mais uma etapa do estágio.

1.2 – “ser militar é um estilo de vida que você escolhe”: Os Oficiais do Quadro de convocados.

“Este aviso de Convocação tem por finalidade regular e divulgar as condições e os procedimentos aprovados para a seleção de Profissionais de Nível Superior da Área de Ensino (Magistério e Pedagogia) Voluntários à Prestação de Serviço Militar Temporário, no ano de 2011.”²⁰

O fragmento de texto acima nos apresenta o Aviso de Convocação do Ministério da Defesa, Comando da Aeronáutica e o Comando- Geral do Pessoal, responsável pelo recrutamento e mobilização de pessoal em suas disposições preliminares, em conformidade com o § 3º do art.17 do Regulamento da Reserva da Aeronáutica, aprovado pelo Decreto nº 6.854, de 24 de maio de 2009²¹, fazia a convocação de profissionais de Nível Superior da Área de Ensino (Magistério e Pedagogia) para as vagas de voluntários à Prestação de Serviço Militar Temporário, no ano de 2011, ao quadro de Oficiais Convocados de 2ª classe - QOCON.

Esse aviso de convocação pode ser analisado a partir da discussão sobre formação nas Forças Armadas brasileiras que perpassa pelo entendimento de uma categoria de análise chamada de “Ethos Militar”. Esta significa uma estrutura da identidade militar relacionada aos rituais, símbolos e cotidiano do ambiente dos quartéis no sentido de uma valorização do patriotismo e uma organização própria. Essa estrutura de significados e relações cotidianas se

20 Aviso de Convocação para a Seleção de Profissionais de Nível Superior da Área de Ensino(Magistério e Pedagogia) Voluntários à Prestação do Serviço Militar Temporário, no ano de 2011.Ministério da Defesa, Comando da Aeronáutica, Comando-Geral do Pessoal. Site:https://cidadeverde.com/noticias/editor/assets/img52/ensino_19_julho_2011.pdf

21 <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-6854-25-maio-2009-588392-publicacaooriginal-112888-pe.html>. Pesquisado no dia 14/09/2021.

alicerça num mundo de oposição entre civis e militares, no qual “torna-se militar significa acima de tudo, deixar de ser civil. A oposição entre civis e militares é estruturante da identidade militar.” (CASTRO, 2009, p.p. 24-27).

No caso dos Oficiais temporários para o quadro de magistério, os mesmos após o processo de Convocação e recrutamento segundo as normas em vigor, pertenceriam ao ambiente da caserna, porém, com uma identidade diferenciada dos cursos de carreira, já que não poderiam legalmente seguir até o topo da carreira como militares por serem temporários. Essa construção sociocultural própria de saberem desde o início que pertenceriam a um quadro de “reserva da Aeronáutica” e que prestariam “serviço militar temporário”, mesmo com uso da farda e as tradições próprias do “ethos militar” nos fazem pensar em concepções ligadas a história e a consciência histórica, como método de análise de fontes documentais importantes que perpassam pelo entendimento para além de normas constitucionais e o processo de entrada dos professores civis como Oficiais militares temporários. Uma categoria de estudo de militares cuja característica deve ser bastante estudada, no sentido do seu impacto social e as relações interpessoais no ambiente do Colégio Tenente Rêgo Barros que pertence à estrutura hierarquizada da FAB.

Essas ideias nos apresentam possibilidades de entendimento de uma Instituição militar e suas características iminentemente masculinas ao longo de toda a história. Uma compreensão das mentalidades e da memória de um cotidiano de embates bélicos e trabalho ligado a preparação para atividades de combates. Na verdade, apesar das exceções históricas, o território ocupado por militares passa a ter uma característica masculina. Essa é a diferença, o *staff* se sente superior aos “internos”, sendo estes últimos supervisionados pelo primeiro. E suas práticas são muito ligadas às concepções de pátria, ordem, disciplina, hierarquia, dentre outras determinações criadas para o grupo de “internos” que não serve para o cotidiano fora dos muros dos quartéis.

A ideia de um “espírito militar” que no geral, está fincado no cotidiano da formação militar das academias, que repassam essa construção cultural e social para os alunos. Estes passam por todo um processo de negação do individual em nome do institucional e sua missão. Uma relação que fortalece a identidade institucional e nos apresenta elementos para um maior entendimento sobre o “ser militar” e o “sentir-se” militar. (CASTRO, 2004).

O “ser militar” para a Força Aérea Brasileira, está pautado na Constituição Brasileira, conforme o art. 142 que trata das Forças Armadas, Exército, Marinha e Força Aérea Brasileira, a partir da explicação constitucional positivada na Carta Magna de 1988, como citado anteriormente no texto. Já para o oficial nº 03 “o ser militar” é

O militar[...] olha para alguns [...] o pessoal encara como profissão, só que na verdade quem entra para as Forças Armadas ´se for de carreira quem entra para o quadro de combatente, ser militar é um estilo de vida que você escolhe. Porque acaba afetando todos os aspectos de sua vida, inclusive a sua família, por exemplo, essa questão de movimentação, ser deslocado, não ter hora fixa de trabalho, acaba impactando, Basicamente ser militar, é o que eu vejo... é a pessoa se doar por seu país pensando no próximo, pensando no bem comum da nação como um todo. Tem até aquela questão lá que os militares juram com o sacrifício da própria vida. Realmente pra quem gosta da profissão quando faz esse juramento parece totalmente de coração não é só da boca para fora.

(oficial de carreira nº 03, entrevista em 11 /02 /2022)

Essas conceituações sobre o “ser militar”, tanto do âmbito legal quanto do ponto de vista do oficial de carreira nº 03, nos possibilita o entendimento sobre a formação do militar, contribuindo assim para a compreensão desse militar temporário, a partir do padrão normativo interno da Força Aérea Brasileira que se diferenciam quanto a idade, trabalho e tempo de treinamento, que está relacionado ao “mundo militar”.

Sobre o mundo militar, o oficial de carreira nº 03 relata:

“O mundo militar a gente tem[...]como eu posso dizer[...] a gente pode considerar que tem dois mundos praticamente, tem o mundo normal da nossa rotina, principalmente eu que sou infantaria, quem pensa assim ou está sempre treinando ou empregado nas missões, mas na verdade não é muito isso não, isso aí , eu diria que é 10% do nosso tempo aqui, 90% é fazendo esse trabalho de gerenciamento, como todos vocês, como se fosse um servidor público administrando, ainda mais nós que somos oficiais, administrando os recursos da Força Aérea, e não só isso, administrando seres humanos.[...] no nosso dia a dia, somos responsáveis não só por nossa vida como pela vida do militar que a gente está mandando para a missão. Mas por todos os demais que a gente gerencia aqui no quartel, nas sessões e as nossas decisões que agente toma muitas vezes podem impactar não só o militar como a família do militar. Então é algo que, o militar acaba que se tornando um pouco mais humano também, por conta desse trato entre pessoas trato humano.”

(oficial de carreira nº 03, entrevista em 11/02/2022)

Como citado anteriormente por CASTRO, esse “mundo militar” é peculiar às concepções de pátria, ordem, disciplina, hierarquia, dentre outras disposições criadas para o grupo específico, os militares, e que não serve para o cotidiano fora dos muros dos quartéis. Tais concepções servem também para os militares temporários que seguem os padrões dessa Instituição Militar e que durante sua formação de 50 dias, o período de adaptação de 01 (um) ano, e durante as renovações a cada doze meses, até concluir os 8 (oito) anos de alistamento.

Conforme Calderaro (2016), a hierarquia na carreira militar é a base pela qual se exteriorizam cotidianamente os sinais de respeito, honras, continências, ordens para com o outro. Torna-se o princípio regulador, em um âmbito coletivo imprescindível no contexto da caserna. Ainda em relação a essa questão a respeito do “mundo militar”, a autora relata sobre

a disciplina no ambiente militar, como um elemento imbricado na hierarquia, e possibilita a caracterização do militar disciplinado: o formalismo, a rigidez corporal, o uniforme impecável, barba sempre feita, o corte do cabelo, o tom da fala, o trato respeitoso, etc.

Tais características são possíveis observar durante o processo da formação militar desses professores civis, no seu cotidiano, onde era feita uma verificação se os alunos estavam em conformidade com o regulamento interno. Segundo a “cotonete” de nº 02 existia uma verificação de cumprimento de ordens que era avaliada pela oficial temporária de nº 04, instrutora, “ela ficava fazendo aquele checklist²² para ver se a gente estava chegando no horário, verificava uniforme, cabelo, era responsável pela entrega do nosso material, pela nossa aplicação de prova.”

Lembro que logo no início da seleção meu cabelo era longo e durante a formação essa oficial de nº 04, sempre me chamava atenção dizendo que meu coque era “monstro”, isso ocorria todos os dias, eu deixava de tomar café para ficar fazendo o coque correto, mas no terceiro dia não aguentei e resolvi cortar o cabelo bem curto, daí sobrava tempo para o café e a oficial me deixou em paz.”

As convicções que estão inerentes aos militares de carreira e que são repassados durante a caserna aos temporários, como patriotismo, ordem, disciplina, hierarquia estão reguladas no Estatuto do Militar²³ conforme documento abaixo:

Da hierarquia Militar e da Disciplina

Art. 14. A Hierarquia e a disciplina são a base institucional das Forças Armadas. A autoridade e a responsabilidade cresce com o grau hierárquico.

§1º A hierarquia militar é a ordenação da autoridade, em níveis diferentes, dentro da estrutura das Forças Armadas. A ordenação se faz por postos ou graduações; dentro de um mesmo posto ou graduação se faz pela antiguidade no posto ou na graduação. O respeito à hierarquia é consubstanciado no espírito de acatamento à sequência de autoridade.

§2º Disciplina é a rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições que fundamentam o organismo militar e coordenam seu funcionamento regular e harmônico, traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um dos componentes desse organismo.

§ 3º A disciplina e o respeito à hierarquia devem ser mantidos em todas as circunstâncias da vida entre militares da ativa, da reserva remunerada e reformados.

22 Lista de itens com a coisa mais importante que não devem ser esquecidas antes de fazer a viagem. No caso do meio militar é uma inspeção, verificação se está tudo no padrão, conforme o que está previsto no RUMAER-Regulamento de uniformes para os militares da Aeronáutica. E também, de acordo com a ICA 35-10 de 2008 – Instruções Complementares para a Apresentação Pessoal e o uso de adornos e acessórios por parte dos militares do Comando da Aeronáutica. In: www.sislaer.fab.mil.br

23 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/6880.htm

Tais concepções de disciplinas podem ser vistas no cotidiano desses militares que se não fossem cumpridas de forma correta os mesmos poderiam ser punidos, de acordo com o Regulamento Disciplinar da Aeronáutica (RDAER).²⁴

Como exemplo de indisciplina militar, a “cotonete” nº 03 relata uma infração que cometeu durante o curso ao passar na hora do hasteamento da Bandeira.

“Teve uma infração e não passou despercebido todo mundo soube rs...teve uma situação da bandeira que eu passei...estavam hasteando e eu passei no carro, não passou despercebido, foi uma infração...Naquele dia o que aconteceu...eu não estava sabendo que estava tendo a bandeira...Eu sabia que tinha que parar descer do carro, eu sabia tudo, a gente já tinha sido instruído não fazia muito tempo, só que eu tinha...lembra que a gente tinha que saído lá da educação física? E eu tinha caído e o meu short azul estava todo sujo de manga, e eu não ia sentar no carro com o short todo sujo de manga, então tirei o azul e fiquei só com aquele short de lycra preto dai estava com a blusa e descalça, ai quando eu passei no carro, eu meu Deus o que eu faço ? eu vou? Eu volto? Eu paro? Eu fico? Eu ando? Eu dou a ré? Me escondo? Me jogo nesse buraco? O que que eu faço? Não podia parar e descer como era o procedimento correto, porque eu estava com aquele short preto e descalça. Ai o que que aconteceu eu fui, só que o coronel estava lá na marquise olhando, ai ele ligou para o soldado e disse anotar essa placar e me diz quem estava passando ai o soldado me cagoetou né ? ou ele ou eu. Ai foi que aconteceu, ele entrou no auditório durante a instrução, perguntou de quem era a placa do carro e ai ele me deu uma escroteada na frente de todo mundo.”

(“Cotonete” nº03, entrevista em 10/02/2022)

Nesse caso, a aluna cometeu uma infração, uma indisciplina, ou seja, uma transgressão disciplinar, por apresentar uma ação contrária ao dever militar, e como tal classificada nos termos do presente regulamento e não constituir crime.

E o sentir-se militar está ligado à questão desses valores cívicos e militar, uma espécie de negação de si mesmo.

De acordo com o oficial de carreira nº 01 ser militar

Ser militar eu acho que é uma devoção, nas Forças Armadas você aprende muita coisa, uma das principais coisas que a gente aprende é a ser gente, principalmente garoto novo, eu entrei com vinte anos de idade, então é assim...geralmente a gente vem de uma rotina que não tem muita regra em casa está naquela fase ali, vinte anos o pessoal fala que é adulto né, mas morando com pai e com mãe você tem que...claro que em casa tem regra, mas você quebra muita regra morando com pai e com mãe, com família assim isso é normal da juventude. Então assim, quando você ingressa na Forças Armadas você tem uma lição sobre disciplina que é um dos valores que é muito forte, é muito contagiante, então essa questão desses valores que nós cultuamos como disciplina, amor a Pátria, dignidade. Nós temos um programa de formação e fortalecimento de valores hoje que na Força Aérea todo mês temos um treinamento sobre o conceito de hierarquia, sobre disciplina como já falei e isso é muito importante na vida do cidadão né? E a gente aprende muito isso, e isso que me encanta, de trabalhar com pessoas sobre os mesmos valores e de ter oportunidade de levar isso para a população civil. As Forças Armadas realizam muita ação cívico

24 Decreto nº 76.322 de 22 de setembro de 1975. In: Regulamento Disciplinar da Aeronáutica (RDAER), RMA 29-1 . Acervo pessoal, p.1. meet.google.com/puj-beot-tgx

social, eu já participei muito de ação cívico social em Belém, quando você vai cuidar seja com atendimento médico ou de infra estrutura. Acho muito bonito isso, e isso me empolga de ser militar, usar farda é uma honra para mim, sempre foi e até o fim da minha carreira eu vou tentar nunca manchar a honra dessa farda. Então, ser militar é devoção, é você entender que você é militar dentro e fora do quartel 24 horas por dia, por isso que é devoção, não é nada assim, maluquice, seita, não, é assim, é uma profissão que ela está dentro do teu sangue 24 horas por dia, você tem que se comportar como militar, dentro e fora do quartel, é claro que eu não saio falando pra todo mundo ai fora que sou oficial militar [grifo meu] não é isso, mas por eu ser eu tenho essa convicção ai eu tenho que ser condizente com minhas atitudes, eu não posso tomar nenhum tipo de atitude incorreta mesmo estando em trajes civis, eu preso muito por isso porque a instituição que me acolheu, que me abrigou, que me deu comida, que me deu os primeiros uniformes que eu vesti, então eu tenho que honrar tudo isso. Então a gente tem um elo com a instituição muito grande, é claro que nenhuma instituição é perfeita, temos problemas dentro da instituição com pessoas, mas são a minoria, que não conseguem entender esse vínculo que é preciso ter com a instituição, de toda a Força Aérea a gente deve ter no máximo uns 5% de pessoas que dão problema que não seguem os caminhos dos valores que são ensinados e praticados. E uma coisa que eu ia esquecendo de falar, isso nas Forças Armadas gera união entre as pessoas, que os militares eles praticamente nunca trabalham sozinhos no dia a dia, sempre é uma equipe, e agente aprende esse valor de união desde a formação, a gente mora em alojamento, dorme junto, almoça junto, estuda junto, tanto que meus amigos da minha turma são meus amigos de verdade até hoje.[...] E a gente leva isso para o ambiente de trabalho, até com pessoas que você está conhecendo agora, aquela equipe, você sempre trabalhando junto, você consegue ver a disponibilidade, a boa vontade, você desperta isso nas pessoas e as pessoas tem isso nelas e aprenderam também em sua formação e durante a carreira. Uma coisa muito empolgante que é o trabalho em grupo.

(oficial de carreira nº 01, entrevista em 10/02/2022)

Desse modo, a identidade militar pode ser percebida a partir do sentimento do oficial de carreira nº 01 em servir a Força Aérea Brasileira e seguir todos os valores que foram ensinados a ele para ser colocado em prática. Mesmo com essa ideia de coletivismo entre os oficiais de carreira e que teoricamente seriam repassados aos demais profissionais, vemos que uma porcentagem não segue as regras da carreira militar e acabam gerando conflitos com a instituição por sua resistência a partir das transgressões disciplinares que cometem ao longo do curso e da carreira militar.

1.3 – “Na verdade nós não somos! Nós estamos!” de cotonetes a Oficiais-professores.

Em relação aos “cotonetes”²⁵, alguns professores não se sentiam militares de fato, pois, ora eram visto como militares e ora eram vistos como “apaisanados”²⁶ por parte de alguns oficiais de carreira. E também pelo fato de serem temporários, isso acabava desmotivando e enfraquecendo os laços desse sujeito com a Instituição, contribuindo também

²⁵ Como os professores eram chamados na fase de formação militar.

²⁶ Civis

para que houvesse um certo descaso ou desinteresse pela farda por parte de alguns, isto é, havia um sentimento híbrido e peculiar por parte desses militares temporários quanto a construção da identidade militar.

Sobre a identidade militar a “cotonete” de nº 03 relata esse sentimento

“...Acho que eles faziam um pouco assim, como a gente por sermos temporários. Eles achavam...eles tinha assim um preconceito, os de carreira, alguns, não eram todos, tinham uns muito educados, Mas eu nem ligava, não estava nem ai, todo mês caía meu salário na conta, podiam falar o que quisessem. Mas me sentia militar.
 (“Cotonete” nº03, entrevista em 10/02/2022)

A “cotonete” de nº 02 expõe o sentimento de ser militar temporário

“Quando a gente chega a gente não entende direito a gente não tem a noção, mas depois como a gente vai vivendo...eu tinha alguma noção eu tirei de letra e eu gostava daquele momento. Eu me sentia militar. Mas militar era mais difícil a gente se impor porque sempre tem um Kico ou uma xiquinha que quer colocar assim “olha mas tu é temporários, tu só fizeste 50 dias”. Mas no mundo civil eles não tem essa vivência esse conhecimento, então não tive problema. Em determinado momento eles tentavam fazer a gente se sentir mal sim, pelo fato de eles virem de escola, de eles terem feito todos aqueles processo que a gente não fez, querer ter mais direito que a gente, e na verdade eles tem, por exemplo se você está na fila da situação das casas, quem é que fica com as melhores casas? É o de carreira. Eu não tive crise de identidade”
 (“Cotonete” de nº 02, entrevista em 08/02/2022)

O “cotonete” de nº 09, nutria um sentimento de sentir-se militar, mesmo sabendo que não engajaria, mas gostava do que fazia, conforme relato abaixo:

“Meus pais são professores mamãe de biologia, meu pai de matemática de física e eu fui criado nesse meio com contato com escola com tudo isso. Mas uma coisa que é interessante e que cabe para minha história da FAB também é que meus pais também são músicos, tanto papai como a mamãe eles tocam vários instrumentos, cantam sempre cantaram e na década de 70 eles participaram de bandas é...bandas musicais, inclusive algumas católicas, voltadas a religião e que faziam festivais pelo Brasil e justamente naquele período da ditadura militar e eles...a proposta deles era levar uma mensagem de paz, de união entre as pessoas independente de religião, eram duas bandas separadas não eram ao mesmo tempo, mas eles tiveram basicamente a mesma proposta na época, e eles sofreram inclusive muito na ditadura porque eles participaram também daqueles festivais, inclusive Caetano, Gil, Chico participaram, naquela época essa galera já era considerada, gente grande, já eram famosos e papai e mamãe tiveram a oportunidade de participar de festivais daquele naipe ali e eles nesses festivais sofreram represália dos militares, tipo a música muitas vezes dava uma... a poesia falava muitas vezes o que estava acontecendo naquela época, eles eram contra aquilo e eles tentavam deixar de forma escondida na poesia deles, algumas deram certo, outras os militares pegavam as letras das músicas e mandavam mudar diziam ‘olha vocês só vão tocar nesse teatro se vocês mudarem isso’, e outras vezes eles cortavam metade do show, em fim aconteceram muitas vezes.

Ai eu conto essa parte da história pra ti porque eu fui criado então a partir dali a ser contra e totalmente anti-militar. Eu fui criado para ser assim, quando eu fui me alistar, quando eu fiz 18 anos, eu fui me alistar ainda peguei aquela época que ...pelo menos comigo, muita gente disse que não foi assim, comigo foi na minha vez foi quando eu fui me alistar eu entrei em uma sala ali com um galeral e eu tive que ficar nu com todo mundo, eu ainda peguei desse jeito, então foi daquele jeito eu fiquei assim meio apavorado porque estava sendo como meu pai tinha dito e ele me metia

muito medo em relação aos militares entendeste? E é compreensivo por conta do que eles passaram na época de algumas coisas que eles viveram e aí ...então eu fui criado para ser anti-militar entendeu? Então a principio eu nunca pensei em ser militar, nunca tinha passado pela minha cabeça em ser militar, passar por treinamento, tirar serviço armado, em fim passar por tudo que a gente passou, em fim eu nunca tinha pensado antes nisso, até que surgiu a oportunidade do nosso concurso, naquele período eu estava indo embora de Belém na verdade, a gente já tinha planos de sair de Belém mas eu não estava pensando em sair do país, eu tinha planos de sair de Belém, então minha proposta era de emprego em Fortaleza e agente já estava meio que tudo pronto pra ir embora, aí surgiu o nosso concurso daí eu falei 'bem é só esse ano mais que a gente está aqui 2011, aí como a gente ia embora no final de 2011 eu pensei 'bem vou tentar ta rolando isso aí vou tentar' e aí deu que três vagas pra arte e uma pra musica, só uma vaga e eu fiquei em primeiro lugar passei e falei 'bem é isso então é uma oportunidade nova' é ...a principio quem disse que é diferente eu não acredito, eu não sei tu, mas eu não acredito de dizer 'era meu sonho ser militar', o primeiro momento eu fui pelo salário.

Eu li bem o edital e ficou bem entendido pra mim que eu ia ser militar, tinha bem certo na cabeça isso[...]. De início eu pensei é uma oportunidade, por que eu escolhi ? foi uma oportunidade, se tivesse sido um concurso do exercito eu teria feito, porque a única experiência que eu tinha em relação a militares era o que meus pais me falavam e de quando eu me alistei não foi uma experiência muito legal não, e eu estava apavorado por tudo que meus pais me falavam[...]. Foi em 99 eu acho, eu ia completar 18 só que já podia adiantar porque eu já tinha passado no vestibular eu passei com 17 aí eu precisava da carteira de reservista. Daí o sargento disse que eu tinha um porte físico, uma altura boa se eu queria entrar ? daí falei 'que sinceramente se eu posso dizer que não eu não quero porque eu passei no vestibular agora então quero cursar minha faculdade' aí ele falou 'então se tu passaste no vestibular tu queres fazer teu curso vai lá fazer teu curso', daí pensei o cara foi tranquilo. E daí colocou a dispensa por excesso de contingência. Voltando foi por oportunidade eu nem sabia que tinha essa possibilidade de servir alguma das Forças como temporário e já entrasse como oficial, como aspirante chegasse a 1º tenente, eu não sabia de nada disso. E assim de cara não sei pra ti, alguns colegas disseram que não foi impactante, mas pra mim foi, os primeiros berros lá do tenente com a gente, toda aquela pressão psicológica no primeiro dia eu lembro que eu liguei pro meu pai, quando a gente saiu do rancho no primeiro almoço, eu liguei pro meu pai, a gente tinha sei lá 5 minutos pra sair do rancho só vestir uma camisa quem quisesse trocar lavar o rosto pra poder voltar para o pátio pra ordem unida, no caminho enquanto eu estavam se lavando eu fui pro canto e liguei pro meu pai eu não sei se dou conta de isso aqui não, isso é muita loucura, ele me disse filho não é, não é, se não sentiu que não é pra ti te apresenta lá e vem te embora, diz que não quer mais cancelar é isso, não te preocupa que ninguém vai te julgar, tu sabe a minha opinião sobre isso. Só que aí eu fiquei pensando naquele dia 'não por mais que... é um desafio e eu sempre gostei dessa coisa do desafio, fui atleta então sempre gostei de desafio, eu pensei vou dar mais um tempo bora ver como vai ser a primeira semana, e eu percebi na primeira semana que eu posso fazer isso, eu consigo me adaptar bem, eu sempre fui uma pessoa que se adapta bem as coisas e foi aí que eu pensei 'foi continuar', e aí eu gostei, a questão que eu gostei e não foi pouco foi muito, quando chegou na terceira semana eu já estava totalmente assim...imerso já no ser militar, como tu falaste no início se eu me senti militar? Eu me sinto militar até hoje, muita coisa eu ainda...tirando a questão da barba porque era uma coisa que me agonia mito ter que fazer a barba todo dia era a única coisa que ficava pegando pra mim demais. Mas chegou em um momento que pra mim se me perguntam tu te sente militar? Tu te sentiste militar? eu me sinto militar, até hoje eu me sinto militar. E eu gosto da doutrina militar eu não acho a doutrina militar...como eu falo pra muita gente que fala a mais teve aquele período da ditadura ...aí eu falo cara a questão é que foi um período complicado, assim como agora o Brasil está vivendo um período complicado, assim como muitos países já viveram um período complicado com a questão política e tal, e não é por conta do erro de alguns quer dizer que aquilo ali não preste, na minha opinião claro né. Então tem coisas erradas? tem, mas se agente for analisar pelo meu ponto de vista as coisas que acontecem errada dentro de uma

...de qualquer das Forças Armadas , não é por conta do ser militar, é por conta do ser humano, o homem é um bicho burro, em muitos aspectos , a gente erra muito, a gente vacila muito, a gente faz besteira, então a questão não é o ser militar, porque eu lembro que quando a gente começou no estágio de formação, a gente começou a estudar as doutrinas militares, estudar as leis e tudo mais, eu olhei aquilo pô não é bem aquilo que meu pai e minha mãe me falavam, não é bem assim, tem coisas aqui que são muito importantes que se todo cidadão realmente tentasse viver aquilo ali as coisas seriam melhores, mas como eu disse obviamente tem coisas que dão errado acontecem de forma errada não é por conta da doutrina , mas é por conta das pessoas, que as vezes entendem de maneira errada e acabam sei lá , colocar situações que as pessoas colocam ai a questão de abuso de força, abuso de poder, essas coisas assim tá entendendo? Mas é por conta de um ou dois panacas ali tá entendendo? Que entenderam a coisa errada e age de maneira errada, porque se a gente for ver a doutrina militar é uma coisa que funciona legal, uma coisa que ... a questão da disciplina , eu sempre fui muito disciplinado com tudo na minha vida, então pra mim é uma coisa que funciona , e mesmo no treinamento a questão do esforço físico, da gente marchar horas e horas no sol, o nosso exercício de campanha que foi um dos mais longos que tiveram, na época eu perguntei pra muita gente mais antiga também, a nossa turma passou por muitas coisas que nenhuma outra turma passou, então várias coisinhas na nossa formação, principalmente na nossa turma de 2011, foram coisas que eu vejo assim...não vou dizer que foram coisas 100% extremas, mas foram bem extremas e que colocaram a gente a prova ali, pra mim...me fez crescer muito. Claro se a gente for pegar ah e aquela situação que aconteceu com o colega? E o oficial fulano que foi babaca com ele? Cara acontece! Eu no serviço com certeza fui babaca com alguém...isso acontece! Assim como outros foram comigo também e acontece a gente erra. E as vezes no serviço militar a gente pode tomar uma decisão ali que a gente achou que era perfeito o momento certo e no fim não era. E deu merda no final, e aí ? vai fazer o que? Como o tenente falava vai fazer o que agora ? vai te enterrar e chorar? Não! Vamos pra frente tentar melhorar e fazer diferente.”

(“Cotonete” de nº 09, entrevista em 13/03/2022.)

Entretanto, para o “cotonete” de nº 23 essa questão de identidade tem um significado peculiar e representativo, conforme descrição a seguir:

“Da minha vida civil para minha vida militar, foi igualmente, como se eu não fosse militar. Foi desde o inicio até o final foi tranquilo, foi a mesma coisas não teve mudanças. Eu me sentia militar no período que eu estava fardado e estava responsável pelas coisas militar, então , nesse período tu tens que diferenciar bem tua vida civil da vida militar, por que? Porque lá dentro na tua vida militar tu tens que cumprir algumas regras que tu sabes que tem que cumprir e muita gente ta de olho nessas tuas regras, muita gente tá olhando por trás pra saber se tu está se adequando ou não. Já na minha vida civil, foi a mesma coisa muita gente me falava ‘nem parece que tu é militar’, porque eu soube diferenciar minha vida civil da minha vida militar. Vou te dar um exemplo: muitas vezes quando eu vinha a noite pra minha casa eu vinha sem fardamento, e na Perimetral eles fazem muitas blitz, então eu não me apresentava como militar eu passava normal, eu esperava normal as blitz , eu parava tranquilo e ficava normal, me apresentava , aí depois eles prestavam atenção no selo do carro, porque eu não deixava ele grudado no vidro eu deixava do lado, só fazia pegar , aí quando eles observavam eles falavam ‘pô era pra ti ter se identificado logo que eu deixava você passar direto’, daí eu ficava esperando como qualquer deveria esperar, aí eles me liberavam na hora, então eu não dava aquela famosa carteirada como o pessoal chama, eu ficava esperando tranquilamente a minha vez como qualquer um.”

(“Cotonete” de nº 23, entrevista em 07/10/2022).

Para o “cotonete” de nº 23 não ocorreu mudanças em sua vida ao entrar na carreira temporária militar, ele sabia diferenciar sua vida civil e sua vida militar, para ele existiam dois mundos distintos e que um não afetava o outro. E só se sentia militar ao estar fardado, e quando estava sem farda se sentia civil.

O “cotonete” de nº 13 também não se sentia militar

“Eu não me sentia militar, mas precisa pra quem quer seguir essa carreira, eu não sei te dizer como é que a pessoa constrói essa identidade militar, eu tentei me inserir na cultura militar, eu tentava ser cínico, porque eu falava coisas assim que eu chegava e falava ‘cara isso aqui é um teatro, depois passa isso aqui é só pra cumprir quadrinho para passar depois tu vai ver que é diferente’. Eu lembro que uma vez fui dar uma instrução e tinha um capitão olhando ai o capitão falou ‘quero três voluntários’, daí eu falei ‘bora quero três voluntários aqui, fora de forma ! marche! Aí fui puxando a galera pra fazer atividade quando a gente saiu da visão do capitão eu falei ‘bora andando, ele só queria ver isso bora de boa galera’. Cansei de fazer isso lá”
 (“Cotonete” de nº 13, entrevista em 20/05/2022)

Talvez esse sentimento de hora sentir-se militar, hora não, ocorresse pelo fato desses oficiais temporários terem sido instruídos em uma formação de 50 dias, e ao mesmo tempo ter uma cobrança enorme pela instituição, fazendo com que esses profissionais não se sentissem totalmente militares e criando uma identidade híbrida.

A experiência das mulheres e homens que adentraram nas Forças Armadas, na transição do século XX para o século XXI, principalmente, no caso específico da Força Aérea Brasileira, nos leva a necessidade de entender a mentalidade e formas de atuação dos grupos sociais no âmbito do cotidiano dessas instituições. Cabe enfatizar que as instituições militares tem uma função estratégica no sentido da construção dos grupos que buscam a construção de um poder. A força física e bélica, também caracterizam as tropas que no geral são formadas na sua maioria por homens e poucas mulheres (SILVA, *et al* 2018, pp. 137).

Na década de 1980, outras áreas de atuação como a de transformações tecnológicas, tornaram-se atraentes para os demais setores da sociedade. Ainda dentro desse campo, a década de 1980 teve um baixo crescimento econômico combinando segundo Adão e Mathias (2013) com a alta inflacionária, de “década perdida”. Desse modo, houve um número grande de desemprego atingindo os homens, que representavam os postos médios qualificados. (gerencia e administração), assim as mulheres passaram a assumir esses cargos, devido serem qualificadas, mas com menos exigência de salários.

As mulheres ocupam postos de trabalho que antes eram ocupados por homens, agora vista como indivíduos, que apresentavam projetos pessoais e que a partir desse momento ganhavam mais autonomia financeira e social. É nesse contexto histórico, anos de 1980, que as mulheres incorporam as Forças Armadas Adão e Mathias (2013). Apesar de todo

posicionamento teórico em tentar explicar a formação militar na Força Aérea Brasileira, temos ainda a discussão que está presente sobre gênero e os militares, uma categoria de diferenciação, base para o entendimento de ideias, relações sociais, ações que perpassam pelas relações internas e externas entre os sujeitos sociais no âmbito da caserna.

Na AMAN é “forjado” um processo de construção da identidade social do militar, do espírito militar. Já que o cadete (aluno) vivencia na Academia um processo de socialização profissional, momento que o mesmo vai aprender os valores, atitudes e comportamentos apropriados a vida militar. O objetivo é construir uma “peneira” para no período de adaptação que visa levar a desistência dos novatos que supostamente não possuem vocação para a carreira militar. Um período que segundo os cadetes “não há tempo nem para pensar” (SILVA, *et al*, 2018.)

O entendimento dessa concepção de consciência histórica nos leva a reflexão sobre a estrutura militar estudada, no qual o passado transita no presente e o presente transita no passado num processo de criação de complementariedade, já que o historiador vai ao passado devido as suas inquietações no tempo presente. (GADAMER & FRUCHON, 2003, P. 19).

A discussão em torno das normas de seleção para os militares temporários representa uma inquietação do passado, no sentido da ideia histórica construída sobre os militares, mas, que no caso dos oficiais militares temporários explica parcialmente, já que esta categoria é ligada ao magistério, que está para além da norma de seleção ou previsão constitucional, pois, na análise das fontes é possível compreender o “*ethos militar*” diferenciado dos militares de carreira e os militares temporários, uma concepção de militares implícita, e dependendo da leitura explícita na “letra da lei”, uma contradição quando se trabalha a ideia de formação, pertencimento e identidade militar.

Essa pesquisa sobre a turma de Oficiais Temporários e ao mesmo tempo professores do Colégio Tenente Rêgo Barros na FAB nos leva a análise das fontes jurídicas que podem ser observadas por meio da admissão que todo conhecimento histórico comporta uma aplicação de regularidades empíricas gerais aos problemas concretos com que ele se defronta, porém, a verdadeira intenção do conhecimento histórico não é explicar um fenômeno concreto como caso particular de uma regra geral, o seu verdadeiro objetivo, na verdade, é compreender um fenômeno histórico em sua singularidade, mesmo utilizando-se dos conhecimentos gerais. (GADAMER & FRUCHON, 2003, P. 23-24).

As singularidades e as regras gerais dessa investigação histórica nos apresentam um cotidiano diferenciado da convocação e formação de Oficiais temporários para o magistério no CTRB, pois, os caminhos a partir da análise das fontes legais apresentam uma

possibilidade de entendimento que a visão Institucional precisa de um “oficial convocado” ligado à concepção dos regulamentos internos, como um sujeito que não seguirá carreira e sua identidade com “a caserna” tem uma ligação com as diversas experiências de uma pessoa que tem uma idade limite de 44 anos conforme quadro, cursos e estágios apresentados anteriormente.

A análise das fontes jurídicas serve para a compreensão do processo histórico da chegada dos professores que se tornaram Oficiais QOCON (Quadro de Oficiais convocados) com treinamento específico militar. Nessa ideia podemos seguir a concepção linear e fria da lei com chegada e treinamento desses profissionais da educação ou podemos buscar a construção analítica por meio das diversas experiências e relações de poderes entre os sujeitos. Obviamente que a discussão sobre a construção da narrativa histórica e a compreensão das normas nos passa uma ideia da visão Institucional, no entanto, esta não é a verdade sobre o percurso histórico dos diferentes sujeitos candidatos a Oficiais QOCON na FAB e ao mesmo tempo é preciso outras fontes nesse processo investigativo para um maior entendimento da chegada desses sujeitos sociais.

É preciso compreender a construção da narrativa histórica como um fim em si mesmo ou se existe uma linearidade objetiva? Segundo Heller (1992, p. 1-3) a ideia é saber que a construção histórica é filha da substância social, pois, a sociedade não dispõe de outra substância a não ser o homem. O tempo histórico é a irreversibilidade dos acontecimentos sociais no sentido de acompanhar o ritmo de alteração das próprias estruturas sociais. Estas concepções marxistas da história nos ajudam a entender como os sujeitos através das circunstâncias aspiram a certos fins, mas, estes são determinados por toda a experiência ao redor. Essas circunstâncias ao redor são determinadas, pois, os homens formulam finalidades e possuem na sua teia de relações situações sócio-humanas, que são a unidade das forças produtivas, estrutura social e forças de pensamento pertencentes a um complexo que contém inúmeras posições teleológicas que geram uma série de posições causais. (Heller, 1992, p.1-3)

Os domínios sociais estão ligados a mudanças que ocorrem ao longo do tempo. No caso, o tempo histórico está atrelado a irreversibilidade dos acontecimentos sociais, já que todo acontecimento é irreversível, o que se altera não é o tempo, e sim o ritmo de alteração das estruturas sociais. Nessa concepção marxista o ritmo é diferente em estruturas heterogêneas, sendo este o fundamento da desigualdade do desenvolvimento que pode ser analisado pelo pesquisador. As esferas heterogêneas e hierarquizadas em suas relações de reciprocidade social são heterogêneas mesmo quando existe em tese uma aparente relação de homogeneidade no lócus da pesquisa que está articulada ao par essência/aparência no sentido

da construção de complexidade de análises históricas que se fortalecem em antigas estruturas sociais e que são ora essenciais e depois tornam-se inessenciais. (Heller, p.1-3).

A construção de uma narrativa histórica sobre os sujeitos sociais militares QOCON com uma dinâmica diferente dos militares de carreira possibilita o questionamento da construção de uma “essência militar” e apresenta dentro de um domínio social da Força Aérea Brasileira uma suposta ideia de homogeneidade cultural. Esta se baseia nos símbolos, discurso patriótico e nacionalista, na cadeia hierárquica, na relação de Oficiais e Praças, na relação entre militares e civis no Colégio Tenente Rêgo Barros, que apresenta um discurso de valores e princípios ligados ao “ethos militar” que num primeiro momento podem ser consideradas como “essência” das atividades militares corroborando com o senso comum que os militares seriam uma categoria de análise social homogênea. No entanto, a discussão sobre essência/aparência e as dinâmicas de mudanças de estrutura social ao longo do tempo nos possibilita entender que mesmo numa impressão de homogeneidade existe heterogeneidade. Isto é observado no que pensa o senso comum em relação aos militares, como um único grupo que pensa, fala, se veste e que se sente como militar de forma igual, mas que não é assim de fato, pois existem dentro do meio militar grupos diversos que se dividem entre os militares de carreira, com subgrupos como aviadores, infantess e intendentes onde cada grupo se manifesta de forma diferenciada.

Além desses grupos existem outros que são de oficiais temporários como o quadro QOCON- Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª Classe Convocados que contempla o de Ensino e Pedagogia, assim também os de médicos, engenheiros, advogados, administradores, entre outros. E ainda tem os grupos de graduados como os de Sargentos e soldados. Então cada grupo tem suas características culturais, identidade coletiva, assim como os sujeitos de cada grupo com sua vivências apresentam suas especificidades.

Essa diferença entre os grupos é perceptível na fala de alguns militares como o “cotonete” de nº 13

“Eu aprendi quando eu estava na farda... tem uma história emblemática de um oficial que a gente até trabalhou com ele na escola Rego Barros foi o primeiro colocado na Academia da AFA, a nota dele foi a maior de todas, dos três perfis de militares que são formados na AFA, Aviador, Intendente e Infante. Porém, a data de praça deles, a nota é divulgada em dias distintos, primeiro são os aviadores, na sequência vem os intendentes e por último os infantess. Então, existe sim a diferença entre essas carreiras, a Aeronáutica foi colocada para os aviadores, e até entre os aviadores também tem diferença, porque tem aquele que pilota caça, e tem aquele que pilota Asas rotativas que são os pilotos de helicóptero. Também tem história de outra aviadora que foi primeira colocada, mas como ela optou pela Asas rotativas dificilmente ela chegaria a ter... no meio do caminho ela ia perder essa antiguidade dela, ela ia perder alguma pontuação por conta de punição ela iria acabar perdendo essa antiguidade dela porque não era de praxe deixar que tivesse um piloto de Asas rotativas com essa antiguidade pra pegar as promoções, tem as promoções por

tempo, antiguidade, e merecimento. Então existia sim...lógico que no dia a dia, o infante sempre tentava se colocar como o militar mais padrão, mais por dentro da questão de ordem unida. De outro lado, os aviadores sempre se colocavam mais por dentro do regulamento como mente pensante e os intendentess se colocavam na questão da gestão, dos processos licitatórios. Então de uma certa forma o que eu percebia era isso. O aviador estava no centro como o que tinha mais prestígio.”
 (“Cotonete” de nº 13, entrevista em 20/05/2022)

Assim no caso dos militares temporários temos uma visão das mudanças sociais e suas influências e como seu entendimento está atrelado a dinâmicas heterogêneas. Nesse caso a essência humana é a realização gradual e contínua das possibilidades imanentes a humanidade.

O entendimento sobre as normas jurídicas do processo entrada dos professores civis como Oficiais militares nos leva a construção de uma narrativa histórica que considera a explicitação de valores como fruto das esferas heterogêneas com seu desenvolvimento desigual, isto é, uma esfera pode apresentar a essência em um sentido, ao passo que outra esfera impede isso em outro sentido, caminhando para uma desvalorização. Nesse caso, temos o exemplo de que a história humana é a história da colisão de valores de esferas heterogêneas, sendo esta apenas uma das contínuas colisões de valores que ocorrem na história. Todo esse processo apresenta uma tendência de desenvolvimento que transita entre a construção de valores e a desvalorização favorecendo o fortalecimento de determinado valor.

Inicialmente a FAB busca formar oficiais militares de ensino e pedagogia com intuito de preencher as lacunas do colégio Tenente Rêgo Barros em um tempo em que o colégio estava com poucos professores, pois alguns se aposentaram e outros saíram de licença para cursar o mestrado ou o doutorado e o colégio precisava devido a demanda de alunos. Posteriormente esse motivo foi também com baixo custo para a Força Aérea Brasileira, como podemos ver na fala abaixo da professora de nº 28:

Então eu vejo assim, desculpa a expressão, vocês são mão de obra barata, mão de obra manipulável, eles manipulavam vocês de uma tal forma por que? Porque há a questão da hierarquia e havia essas avaliações. Então por exemplo no início quando vocês entraram eu achava que vocêsera assim vocês iriam entrar e ai com um tempo a Aeronáutica iria criar um quadro e que iria ter então oficiais, por vocês terem formação superior , ter gente com doutorado , abriria um quadro permanente nas Forças Armadas , na Aeronáutica e os próximos seriam assim, mas ai o que eles fizeram? Eles acabaram... quando digo eles é a instituição não o colégio, a ordem lá em cima. Eles acabaram matando dois coelhos com uma paulada só, primeiro coelho, nós teremos professores que serão militares ou militares que serão professores. Na tua turma ainda era tudo muito confuso, assim como era para vocês era para nós também civis. Então por vocês quererem permanecer como professores e militares por diversas razões , inclusive financeira, vocês tinham que andar conforme a música para que vocês fossem avaliados e passassem para o próximo ano. Esse era o primeiro coelho, professores que rezassem a cartilha como eles queriam, por que ?

Nos anos 1990 a gente quebrou... teve sindicato, a gente quebrou muito pau com a Aeronáutica, então os civis, os professores civis concursados, então davam trabalho nesse meio militar. Porque havia essa tal da quebra de hierarquia. Porque para nós essa hierarquia militar não fazia sentido, pelo fato de nós sermos civis.

Nunca fizemos greve, mas fizemos paralisação, passeata, uma série de coisas. Principalmente o pessoal lá da área que sempre foi considerada a área mais complicada, devido a isso... essas discussões políticas e tudo mais.

E agora então eles teriam um grupo de professores... vocês foram os primeiros, mas depois teve outros, e assim sucessivamente. Os civis são uma espécie em extinção, eu vejo claramente que o objetivo é nunca mais realizar concurso para professor civil, em instituição... em uma ... Qualquer força Armada.

A gente vê devido a esse conjunto [...] nós vivemos em um mundo neoliberal, a gente tá vendo o desaparecimento do serviço público no Brasil pelo menos em alguns setores, o enxugamento das Forças Armadas, principalmente da Aeronáutica, eu senti pelo menos no espaço aqui de Belém a Aeronáutica foi se desfazendo de uma série de coisas, de bens e tudo mais [...]. E aí começou essa história de não ter mais, de não ter concursos.

Eles abriram certos setores, as Forças Armadas como está há uma necessidade de mais mão de obra, só que eles não querem [...] eu não sei usar o termo, a linguagem oficial, seria eles não querem criar postos que sejam permanentes, porque deveria ter um setor educacional com pedagogos, professores, já que as três Forças Armadas tem escolas né? Porque tem a função de instrutor nas Forças Armadas, mas não tem de professor, então aí são os temporários.

(Professora Civil de nº 28, entrevista em 16/06/2022)

Para a professora civil de nº 28, essa questão iria mais além de preenchimento de vaga com a ausência dos professores civis que saíam para cursar Pós-Graduação. Seria também um tempo de mudança que estaria relacionado com as transformações que estavam ocorrendo no país, para a mesma um contexto atual neoliberal no âmbito da política econômica externa e interna, que seria uma das causas para que as instituições militares não realizem mais concursos e sim contratem profissionais formados.

Essa forma de contratação de profissionais da área de educação justifica-se também pela demanda institucional no colégio da Aeronáutica e pelo discurso da economia de gastos. Ideia que pode ser entendida conforme Santana (2020, p.17) no sentido das Forças Armadas não disporem de escolas de formação para as especialidades nas quais contrata os militares temporários na área de Magistério/Pedagogia, além do discurso institucional da economia de gastos com o pagamento de remuneração referente à reserva.

1.4 – Existe um “ser” militar temporário ?

No dia 19 de julho de 2011 foi divulgado via plataforma da Força Aérea Brasileira o Aviso de Convocação do Ministério da Defesa, Comando da Aeronáutica, Comando- Geral do Pessoal, responsável pelo recrutamento e mobilização de pessoal em suas disposições preliminares, em conformidade com o “§ 3º do art.17 do Regulamento da Reserva da

Aeronáutica, aprovado pelo Decreto nº 6.854, de 24 de maio de 2009”²⁷, fazia a convocação de profissionais de Nível Superior da Área de Ensino (Magistério e Pedagogia) para as vagas de voluntários à Prestação de Serviço Militar Temporário, daquele ano, ao Quadro de Oficiais Convocados de 2ª classe - QOCON²⁸.

Na prática esta convocação de militares destacava a possibilidade de trabalho temporário para profissionais com experiência nas diversas áreas do magistério a fim de atuarem como professores no Colégio Tenente Rêgo Barros, pertencente à Força Aérea Brasileira, nos níveis médio e fundamental 1 e 2. Dessa forma, vários candidatos se inscreveram para a seleção e a disputa pelo preenchimento de Vagas para professores que seriam Oficiais Temporários da FAB conforme quadro de Curso e a idade dos candidatos que tinha que ter até 44 anos no dia da inscrição.²⁹

Esta dinâmica de inscrição para atuação de professores que já trabalhavam como civis numa Escola Militarizada nos leva a pensar na categoria Militar e a adaptação do “eu” a um regime totalmente novo para os sujeitos que não pertenciam ao ambiente da “caserna”. Por isso, cabe ressaltar a discussão sobre a formação militar que perpassa por diversos aspectos como o entendimento das diferenciações jurídicas e simbólicas da categoria militar, que apresenta inicialmente a divisão entre Militares Estaduais e Federais.³⁰ Em seguida, uma nova divisão interna, semelhante entre todos os militares, a divisão entre Praças, grupo de execução e os Oficiais que são juridicamente formados para lideranças de grupos e o desenvolvimento da estratégia das Corporações Militares com toda a sua estrutura hierárquica.

Além dessas peculiaridades da hierarquia militar, Celso Castro (2004, p.4) apresentou no início dos anos 90 seu trabalho resultado da pesquisa de campo na Academia Militar das Agulhas Negras sobre a formação dos cadetes e em seguida trabalhou com a análise dos principais símbolos do exército Brasileiro³¹(CASTRO, 2004, p.4) e Heloisa Fernandes (1979,p.163) apresentou nos anos de 1970 o trabalho sobre os militares no Brasil

27 <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-6854-25-maio-2009-588392-publicacaooriginal-112888-pe.html>. Pesquisado no dia 14/09/2021.

28 Aviso de Convocação para a Seleção de Profissionais de Nível Superior da Área de Ensino (Magistério e Pedagogia) Voluntários à Prestação do Serviço Militar Temporário, no ano de 2011. Ministério da Defesa, Comando da Aeronáutica, Comando-Geral do Pessoal. Site: https://cidadeverde.com/noticias/editor/assets/img52/ensino_19_julho_2011.pdf.

29 <https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/8079/Nova-Lei-de-E ensino-regulamenta-requisitos-para-ingresso-na-FAB>. Publicado no dia 12/08/2011.

30 BRASIL, Constituição da República Federativa. Art. 42, 142 e 144.

31 Idem. P. 24.

através da ideia de categoria social.³² Os estudos dos referidos autores não apresentam desde anos de 1970 a possibilidade de estudos sobre os militares e obviamente somente a partir dos anos de 1990 e 2000 começam a acelerar o estudo sobre esses sujeitos (CASTRO, 2004, p.24).

Temos outras categorias de Oficiais que são os chamados temporários e a maioria do sexo feminino. Estas militares, assim como os homens, não seguem a carreira e prestam serviço Militar de acordo com a sua qualificação profissional destacada para ampla concorrência nos editais de seleção e possuem um período determinado de acordo com a necessidade da Força Militar e suas regras internas.

Neste caso, o estudo sobre Oficiais temporários nos leva a raciocinar sobre os simbolismos militares, seus ritos e experiências antes do momento de entrada na caserna e por não terem especificamente o trabalho como efetivos das Organizações Militares. Por isso, é necessário levar em consideração a história de vida de profissionais que buscavam a oficialidade já com experiência no campo do trabalho civil voltada para o magistério e que ao mesmo tempo seriam oficiais durante oito anos na FAB e especificamente no Colégio Tenente Rêgo Barros. Estes oficiais vivenciaram o processo de democracia no Brasil, pós-constituição de 1988 e ao mesmo tempo construíram experiências junto a uma Instituição Militar considerada por alguns estudiosos como totalizante³³ e outros como instituições Totais³⁴ Conforme podemos perceber nos fragmentos do aviso de convocação abaixo:

(...) 2.1.10 presente processo seletivo destina-se a selecionar cidadãos brasileiros, de ambos os sexos, voluntários à prestação do Serviço Militar Temporário, graduados em nível superior e habilitados ao desempenho da profissão, possuidores dos títulos profissionais necessários ao Comando da Aeronáutica, que atendam às condições e às normas estabelecidas neste Aviso de Convocação. (...).³⁵

32 Segundo Heloisa Fernandes o militar é uma categoria de análise social que é retido a um pertencimento específico de um ramo do aparelho do Estado. FERNANDES, Heloisa. Os militares como categoria social. São Paulo: Global, ed. 1979. p.163.

33 Celso Castro busca ressaltar que as organizações militares como o Exército são Instituições totalizantes por não formarem um indivíduo no ambiente fechado completamente, pois, existe uma relação com o mundo social que constrói um significado para do “ser” a partir da diferença. Essa ideia ajuda Celso Castro a se diferenciar de E

rving Goffman que vai afirmar que as Forças Militares são chamadas Instituições Totais por serem fechadas e voltadas a uma cultura própria de maneira geral afastadas do mundo social. CASTRO, Celso. Em campo com os militares. In: CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero.(org) Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisa de campo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. pp. 24-25.

34 Heloisa Fernandes e Erving Goffman.

35 Aviso de convocação seleção e incorporação de profissionais de nível superior da área de ensino (Magistério e Pedagogia) Voluntários à prestação do serviço militar temporário. EAT EIT 2/2011 Recrutamento e mobilização de pessoal da Força Aérea Brasileira. p. 22.

Seguindo as ideias de E.P. Thompson (1987, p.30), é importante compreendermos as experiências dos sujeitos nas relações sociais, como “eis a paisagem espiritual interior da dissidência do homem pobre – dos alfaiates, curtidores, saboeiros, cervejeiros, tecelões e tintureiros”. No caso dos professores que se tornam oficiais militares/docentes com formação superior obtida em universidades públicas e privadas, é interessante refletirmos à respeito da inserção de variados sujeitos no meio militar para exercerem o magistério, após Estágio de Adaptação Técnica, no período pós formação dos candidatos a aspirantes à oficial temporário que atuaram no ensino fundamental e médio do CTRB no período de 2011 a 2019.

A experiência das mulheres e homens que adentraram nas Forças Armadas, na transição do século XX para o século XXI, principalmente, no caso específico da Força Aérea Brasileira, nos leva a necessidade de entender a mentalidade e formas de atuação dos grupos sociais no âmbito do cotidiano dessas instituições. Cabe enfatizar que as instituições militares federais tem uma função estratégica no sentido da construção dos grupos que buscam juridicamente defender a soberania nacional e a preservação do poder do estado brasileiro. Nesse caso, a força física e bélica, também caracterizam as tropas que no geral são formadas na sua maioria por homens e poucas mulheres (SILVA, 2018, p. 137).

Esse número menor de mulheres nas Forças Armadas ocorre pelo fato de crescemos sendo educados para diferenciarmos o que é masculino e o que é feminino, ou seja, o que o homem “pode” e o que a mulher “pode” fazer. O conceito de gênero aqui adotado refere-se à construção social do masculino e do feminino. Onde um dependendo do outro, sendo nas relações sociais que os sujeitos se produzem e que são atribuídas às percepções do masculino e do feminino.

Para Stearns (2007), existem papéis designados para homens e mulheres que vem sendo trabalhados desde a antiguidade e tem condicionado as situações atuais. A mulher era vista de uma única forma, como se não existissem diferenças sociais, culturais, temporais, tornando esse modelo homogêneo.

No começo as mulheres eram exceções no meio militar, mas hoje a presença delas na Força Aérea Brasileira já é uma realidade em diversos setores da FAB. Também foi primeira das três Forças a abrir espaços para atuação de mulheres na atividade fim da instituição. O desenvolvimento da participação feminina na Aeronáutica em funções tradicionalmente masculinas ocorre de maneira paulatina.

No ano de 1981 foram criados os quadros femininos de oficiais e de graduadas entrando as pioneiras da Força Aérea Brasileira (FAB), com a Criação do Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica, CFRA (Corpo Feminino de Reserva da Aeronáutica), QFO(Quadro

Feminino de Oficiais) e QFG (Quadro Feminino de Graduadas), o primeiro saindo como 2º Tenente, o segundo como 3º sargento e Cabos, Lei n. 6.924, de 29 de junho de 1981. (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 30 JUN, 1981) (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021, p.248).

O ingresso das mulheres à Força Aérea Brasileira acontece por meio de escolas de formação de sargentos e oficiais, ocorre também por meio de exames de seleção que obedecem as seguintes etapas: prova teórica, exame de aptidão psicológica, teste de avaliação do condicionamento físico, inspeção de saúde e, em alguns concursos, provas de títulos e prova prática.

Outra forma de entrar para a Força Aérea Brasileira é através do Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª Classe Convocados – QOCON. (Áreas de Apoio), são promovidas até o posto de 1º Tenente e os praças permanecem como Terceiro-Sargento.

A composição do Quadro de Oficiais é formada por dois grupamentos: de médicos, farmacêuticos, dentistas e veterinários (MFDV) e de técnicos, formados por profissionais de outras áreas do conhecimento.

E o Quadro de Sargentos da Reserva de 2ª Classe Convocados (QSCON) atende a profissionais de nível médio. Esse Quadro foi criado em 2013, a entrada é feita por seleção e a duração é de até 8 anos, Lei de 12.792, de 4 de abril de 2013. (Jornal Notaer, ANO XXXIX, nº 3, março, 2016.) (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021, p.248).

Desse modo, o “ser militar” na atualidade apresenta um campo de possibilidades de pesquisa que nos levam a interagir com autores que destacam relação de poderes, o simbolismo da atividade militar e as experiências de vida de cada sujeito que se submeteu a seleção de Oficial temporário no ano de 2011. Um processo de adaptação que começa desde a seleção e leva os sujeitos as vivências particulares da Força Aérea Brasileira.

1.5 – Treinamento militar e o “subúrbio”: experiências nos arredores da cidade.

Para entender essa relação entre o militar, o civil, e suas experiências na caserna que ora ocorria na cidade e ora aos redores, áreas consideradas como “subúrbio”, a partir do processo de formação desses homens e mulheres, oficiais convocados e formados para a “carreira” temporária na Força Aérea Brasileira-FAB, o chamado Quadro de Oficiais de 2ª Classe Convocados, para área de ensino magistério e pedagogia, faz-se necessário buscar compreender as questões voltadas para suas experiências, entre elas, a experiência de “selva”, o contato com a Região Amazônica, o rural que se entrelaça com o urbano.

Para isso, é necessário também entender o que essa experiência do rural representou como sentimento e sentidos para esses militares. Assim como para o autor Silva Junior et al (2019, p.158), que traz o sentido do rio Tocantins para as pessoas que vivenciaram sua perda, o rural também tem sua importância para os militares temporários durante sua formação. Já que durante o processo de treinamento é imaginado situações de intempéries que buscam trabalhar a ideia de sobrevivência no ambiente amazônico.

Desse modo, ao falar desses sentidos e sentimentos dos sujeitos citados é possível utilizar a metodologia da História Oral e a análise dialética das fontes, conforme destaca Silva Junior et al (2019,p.164), ao afirmar que esta tem se constituído numa prática importante no âmbito acadêmico entendida como metodologia de investigação social, como área de conhecimento e/ou como instrumento de luta política.

Nessa mesma linha de raciocínio é importante trabalhar com a memória desses militares, pois conforme Silva Junior et al (2019,p.164), as memórias são construções dos grupos sociais, neste caso são esses entrevistados que determinam o que é memorável e os lugares onde essas memórias são preservadas.

Para Ricœur (2007, p.107) a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas. Não se podem transferir as lembranças de um para a memória do outro. Conforme Santo Agostinho a memória é passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado.

A memória garante a continuidade temporal da pessoa, por esse viés, essa identidade cujas dificuldades e armadilhas enfrentamos acima. (RICCEUR, 2007,p.107). Desse modo, para o autor citado anteriormente a continuidade permiti-lhe remontar sem ruptura do presente vivido até os acontecimentos mais longínquos de sua infância. (RICCEUR,2007, p.108).

Para Ricœur (2007, p.110) a memória é exclusivamente coletiva, uma entidade coletiva, que ele chama de grupo ou sociedade. As lembranças estariam sempre associadas a grupos, amigos, família, lugares, escolas, viagens, trabalho, entre outros. Esses grupos funcionariam apoiando as lembranças, cada indivíduo daria suporte e mantém vivo as lembranças do outro, de forma recíproca.

Nesse sentido, os oficiais entrevistados lembraram de momentos durante o curso que foram importantes na construção desse militar que ficou pronto em 50 dias de treinamento e estudos que realizaram durante a caserna. Momentos que marcaram ou não cada indivíduo dessa turma.

Um dos momentos que foi mencionando por todos os entrevistados, que destaca essa questão da memória coletiva, e que não apareceu alteração dos fatos foi durante o exercício de campanha, todos falaram da queda de um raio

De acordo com o relato da “cotonete” de nº 22

“O que houve ali foi um raio, e eu agradei muito a Deus que ninguém do nosso grupamento³⁶ teve uma sequela maior. Tirando eu e um aluno e outra aluna, que foram os três que precisaram ir para o hospital, porque eu e o aluno nós estávamos com o fuzil em baixo da perna eu acho que quando o raio veio ai atingiu as nossas pernas, eu e o aluno ficamos no chão, a gente não conseguiu levantar e a aluna estava abraçada assim com o fuzil, lembra que eles roubavam ? sim eles mandaram colocar na lateral, só que eu , o aluno , escrabiados a gente sentou no fuzil e a aluna colocou no apoio e ficou assim assistindo. O dela foi no coração. Eu lembro quando o raio deu todo mundo saiu gritando correndo e eu e o aluno... a aluna correu, parou e caiu dura, aí começou o pânico, foram socorre logo ela, um aluno correu só que olhou para trás e me viu de bruço e o aluno que pegou o raio também sentado, aí ele voltou e o aluno que foi atingido disse ‘leva logo ela’, então ele me carregou e me colocou na ambulância ele voltou com outro aluno para pegar o aluno que estava sem conseguir andar, porque a gente não conseguia ficar em pé a perna estava dura e aí foi quando a ambulância foi acionada e nós três fomos na mesma ambulância, eu comecei a chorar o aluno me acalmando, porque ao lado estavam fazendo massagem no peito da aluna, então toda vez que eu lembro disso me dá vontade chorar, eu me emociono...quando chegamos no hospital tinha uma equipe médica enorme Todos os profissionais foram acionados, fomos monitorados, deram relaxante muscular pra mim e para o aluno, e a gente apagou, quando acordamos foi perguntando pela aluna como ela estava, e a oficial superior informou que ela estava bem, ficamos em observação até o outro dia pela manhã.”
 (“Cotonete” de nº 22, entrevista em 06/10/2022)

O “cotonete” de nº 13 também mencionou sobre o dia do raio

“Também foi complicado lá no dia daquela instrução de alimentos, nossa tinha muita coisa que fez mal para o meu estomago. Quando foi aquela chuva eu falei para o instrutor que estava chovendo a gente estava com material que era condutor, era uma área de muito raio, ele permitiu que a gente desequipasse, retirasse aquele capacete se não seria pior, foi só a gente sentar e pegamos a descarga do raio. Então a nossa turma ficou conhecida como a” turma do raio”[...] esse episodio me marcou, eu tive complicações, eu fiz um eletrocardiograma, eu fiquei apagado, a gente nunca conversou sobre isso né? Eu não sei nem como vocês ficaram lá, mas eu lembro quando eu fui na ambulância eu apaguei e voltei eu não conseguia falar, quem me carregou foi dois alunos , eu apaguei já acordei na ambulância aí apaguei e acordei no hospital, já soro, eletro, eu estava com alterações no eletrocardiograma, eu lembro do medico conversando com o oficial superior, aí no outro dia eu fui assim extremamente triste na ambulância encontrar vocês naquela caminhada, porque eu estava com uma cruz no capacete pra dizer que eu morri, eu morri, eu estava me sentindo assim extremamente humilhado, porque eu era uma pessoa vibrante, eu gostava da atividade e perdi a ultima instrução do AVOTE (visão, audição e tato)... eu apaguei no hospital acordei no outro dia.”
 (“Cotonete” de nº 13, entrevista em 20/05/2022).

³⁶ É um tipo de unidade militar, organizada apenas temporariamente para o desempenho de uma determinada missão. Normalmente, tem as dimensões de um regimento ou batalhão, sendo comandado por um oficial superior.

Dessa maneira, estudar a memória individual ou coletiva desses sujeitos militares é fundamental para que possamos entender esse sentido e sentimento da “Selva”, “acampamento” ou exercício de campanha para esses Oficiais temporários, os “cotonetes” da FAB.

Uma história local do treinamento militar desses estagiários, que ocorre em áreas ditas “suburbanas” ou próximas a cidade que buscam simular “situações de guerra” ou “sobrevivência” em ambiente rural amazônico, em um processo voluntário, em que se constitui a particularidade dos processos locais e imediatos. Desse modo, tem-se como referência “um olhar do insignificante em relação à História” que se desenrola apesar dele e ao redor dele. (MARTINS, 2002,p.13). Assim busco desenvolver uma história regional, local, particular e até coletiva que destaca a investigação histórica através da memória desses militares temporários.

O treinamento da turma de oficiais temporários de 2011 ocorreu segundo o oficial de carreira nº 03 próximo ao aeroporto de Belém.

“Começa no quartel se não me engano era o cerimonial inicial, depois ia pra área do aeroporto bem próximo ao aeroporto, ‘fazendinha’, e depois a marcha do Utinga. A gente tenta desperta ali o estresse no estagiário, o estresse do combate psicológico e também o que ele vai encontrar no combate, o cansaço, vai estar com a mochila pesada, vai estar sem dormir, vai estar desconfortável, tudo isso pra ver como a pessoa vai reagir no caos, quando ela não aguenta mais, na verdade em situação de conflito vai sempre está nas piores condições. machucado, com fome, com frio, com sede, pra tentar simular essas situações.”

(Oficial de carreira nº 03, entrevista em 11/02/2022)

A história do treinamento desses militares no chamado acampamento nos apresenta alguns conceitos importantes a serem debatidos como a construção de um ambiente rural amazônico e uma série de conflitos construídos ao longo do tempo. Assim como a convivência com uma cidade cortada por áreas chamadas suburbanas que apresentam no meio da região metropolitana espaços de florestas e características da região que relacionam ao processo de construção de uma identidade militar e suas experiências específicas.³⁷

A identidade militar desses oficiais pode ser analisada como grupo formado de identidades sociais diversas. Dentro de uma visão de Instituição Totalizante, Celso Castro (2009, p.13-14) a partir de suas experiências específicas na AMAN afirma:

O militar não é algo fechado, homogêneo e inflexível. Já que apesar das tradições e costumes próprios, a divisão hierárquica, as origens sociais dos diversos grupos, costumes e o contexto histórico do momento que um grupo específico de militares é estudado. Por isso, é provável que possamos observar fatos e atitudes diferenciadas de ideias pré-concebidas sobre esses sujeitos de “armas” e suas experiências.

37 A cidade de Belém do Pará é uma urbe cortada por rios e cercada por ambientes da floresta amazônica.

Para o autor esses fatos e atitudes diferenciados que ocorrem com os militares podem ser analisados como situações múltiplas, já que o militar também possui uma vida fora dos muros do quartel em que passa parte do seu tempo, conforme Emília Takahashi (2005, p 24) uma multiplicidade de dimensões da vida social militar.

Ainda nessa lógica Castro (Takahashi, 2005, p. 24) em seu estudo na AMAN observa quando se trata de um estudo em academias, temos que considerar que nestes locais, apesar da criação de “tensões persistentes” como estratégia de controle dos internos, os cadetes conseguem se ver em uma situação passageira, numa etapa de sua formação a ser superada.

Desse modo os professores oficiais temporários se enxergam em uma situação passageira de formação militar com duração de 50 dias, sabendo do estágio de adaptação, e do período de atuação tanto na escola quanto no quartel com o tempo máximo de até 8 anos. Esses militares no final do dia retornavam para suas casas, tendo contatos com familiares, amigos, estudos, etc. Como podemos observar na fala da estagiária de nº 08:

No inicio eu conversava muito com uma amiga [grifo meu] e a gente pirava, aí a gente não pode fazer isso, aí a gente tem que ficar assim...porque eu achava que tudo.. a gente tinha que viver dentro de uma redoma, e depois você vai conversando com os mais experientes você vai percebendo que não é isso, você tem a sua vida normal, você só vai aperfeiçoar a questão da disciplina, coisa que pra mim não foi tão difícil porque...eu não sou perfeita, mas eu procuro ter disciplina naquilo que me pedem pra fazer, é pra fazer? Eu vou e faço e procuro fazer da melhor forma possível, então o inicio foi complicado, mas depois que eu fui percebendo todo aquele contexto aí eu disse ah isso aqui é maravilhoso, tanto que eu só trazia coisas boas pra dentro de casa que meu filho se inspirou a estudar para fazer concurso para oficial de carreira.

(Estagiária nº 08, entrevista em 06/03/2022)

Em contra partida Goffman (1973. pp. 303-331) vê a formação militar com a construção de uma versão sociológica da estrutura do “eu”, que se forma em uma determinada organização, relata como é fechada e formalmente administrada a vida dos indivíduos que trabalham e vivem separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo nas chamadas “instituições totais.” (TAKAHASHI, 2005, p.23)

Dessa maneira, a partir de suas experiências, do período do estágio que não era interno e o pós- estágio já no espaço do Colégio Tenente Rêgo Barros e no quartel, onde esses militares teriam contato com professores civis, alunos, pais de alunos civis e militares de outras forças, funcionários civis, e militares do quartel, do hospital, da Base, prefeitura, e outros setores, esses oficiais temporários acabam sendo vistos pelos militares de carreira, professores civis e comunidade de forma diferenciada. Sendo necessário olhar os documentos

para que se possam ter uma noção de quem são esses sujeitos que se alistaram voluntariamente, antes, durante e depois da seleção para professores/pedagogos militar.

Conforme fragmento do edital de convocação a seguir:

(...) 2.1.10 presente processo seletivo destina-se a selecionar cidadãos brasileiros, de ambos os sexos, voluntários à prestação do Serviço Militar Temporário, graduados em nível superior e habilitados ao desempenho da profissão, possuidores dos títulos profissionais necessários ao Comando da Aeronáutica, que atendam às condições e às normas estabelecidas neste Aviso de Convocação. (...).³⁸

Dessa forma, é importante entendermos que primeiramente existem três momentos importantes da formação militar para os militares temporários e convocados pela FAB. O primeiro, voltado às experiências vivenciadas pelos sujeitos na condição candidatos às vagas de militares/professores. Um segundo momento que se inicia no período Estágio de Adaptação Técnica e a declaração de Aspirante-à-Oficial. Por fim, o período pós-Estágio de Adaptação Técnica que formaliza os professores civis como Aspirantes-à-Oficiais e inicia-se um duplo trabalho cotidiano: primeiro, assumir as funções típicas de oficiais subalternos, já que a carreira inicia como aspirante e termina na patente de primeiro tenente, por isso uma formação militar necessária. E um terceiro momento que tem como foco a compreensão dos desafios encontrados na convivência na caserna e no CTRB em sala de aula, onde há diferentes tipos de vínculos institucionais de oficiais e praças que muitas vezes implicava na forma como os oficiais-professores de atuação temporária eram tratados.

Esta tripla visão sobre os Oficiais temporários destacam a importância das fontes jurídicas/administrativas como fontes que apresentam uma visão institucional sobre homens e mulheres com experiência de sala de aula em Instituições de Ensino civis no âmbito do serviço público e privado e que passaram a atuar numa escola de nível fundamental e médio coordenada pelos Militares da FAB. Conforme podemos perceber no texto abaixo as áreas do magistério de atuação no CTRB:

(...) 2.2.1.2 Magistério para o Ensino Médio: a) Magistério Artes Musicais Ensino Médio; b) Magistério Artes Plásticas Ensino Médio; c) Magistério Biologia Ensino Médio; d) Magistério Educação Física Ensino Médio; e) Magistério Filosofia Ensino Médio; f) Magistério Física Ensino Médio; g) Magistério Geografia Ensino Médio; h) Magistério História Ensino Médio; i) Magistério Língua Espanhola Ensino Médio;14 EAT EIT 2/2011 – Ensino j) Magistério Língua Francesa Ensino Médio; k) Magistério Língua Inglesa Ensino Médio; l) Magistério Língua Portuguesa Ensino Médio; m) Magistério Matemática Ensino Médio; n) Magistério Química

³⁸ Aviso de convocação seleção e incorporação de profissionais de nível superior da área de ensino (Magistério e Pedagogia) Voluntários à prestação do serviço militar temporário. EAT EIT 2/2011 Recrutamento e mobilização de pessoal da Força Aérea Brasileira. p. 22.

Ensino Médio; e o) Magistério Sociologia Ensino Médio. 2.2.1.3 Pedagogia: a) Pedagogia; e b) Pedagogia – Orientação Educacional.(...)³⁹

Essas áreas do magistério apresentam a dinâmica de trabalho no sentido da construção de uma identidade militar e também das atividades como professores durante as aulas para as turmas matriculadas no CTRB.

Nas normas existe uma padronização de convocação e seleção dos futuros oficiais, no entanto, como se trata da história humana essas normas divergem quando se trata de outros grupos de militares, exemplo de seleção para oficiais temporários de outras especialidades, assim como o de aviadores⁴⁰, por exemplo, que exigem outras regras e situações. Comparando essas seleções percebemos que esses militares estão divididos em grupos diversos, e até subgrupos.

Desse modo, os militares de carreira dentro da Força Aérea Brasileira, são representados em grupos de acordo com a especialidade, se subdividindo entre patentes que vai de oficial superior, oficial intermediário, oficial subalterno, graduados e soldados. Se estendendo para os oficiais temporários. Essa divisão, talvez contribua para que haja uma possível disputa interna na caserna que começa desde o curso de formação e pode se estender ao trabalho.

O treinamento com esses militares ocorreu em áreas que estavam próximas a Base da Força Aérea Brasileira, no espaço do I COMAR, que segundo os relatos dos entrevistados tinha mata e tornava possível uma instrução de sobrevivência para os alunos militares. Conforme relato a seguir do oficial de carreira nº 03 a instrução de sobrevivência nesse espaço de mata é importante para que o militar consiga resistir

“Ocorria nessa área que se aproximava mais da realidade de selva, o objetivo da instrução de sobrevivência era mais preparar vocês o básico que vocês conhecessem as ações iniciais do sobrevivente em situações de acidente aéreo ou então, que tenha se perdido em alguma área de vegetação com poucos recursos, então, a ideia era que vocês conseguissem se manter vivos com os recursos que o ambiente oferecessem por mais tempo possível até que a equipe de resgate pudesse resgatar vocês..”
(Oficial de carreira nº 03, entrevista em 11/02/2022)

Esse espaço é uma categoria que pode ser chamada de “subúrbio” que começa a ser utilizada a partir da análise do contexto histórico do século XIX de cidades brasileiras como

39 EAT EIT 2/2011. Recrutamento e mobilização de pessoal da Força Aérea Brasileira. p. 14. In: Aviso de Convocação para a Seleção de Profissionais de Nível Superior da Área de Ensino (Magistério e Pedagogia) Voluntários à Prestação do Serviço Militar Temporário, no ano de 2011. Ministério da Defesa, Comando da Aeronáutica, Comando-Geral do Pessoal. Site: https://cidadeverde.com/noticias/editor/assets/img52/ensino_19_julho_2011.pdf

40 Piloto formado em Bacharel em Ciências Aeronáutica, com habilitação em Aviação Militar e Bacharel em Administração, com ênfase em Administração Pública. <https://www.fab.mil.br/aviador/>

São Paulo que apresenta transformações sociais, econômicas e políticas e deixam de ser um apêndice do campo. (MARTINS, 2002, P. 7-8)

O “subúrbio” é um novo modo de ver os espaços territoriais entre a cidade e o campo, áreas de matas. Esta análise nos oferece uma perspectiva que não pode ser desdenhada na correta recuperação e reconstrução da história social da cidade. Pois, esse modo de ver não é reconhecível à primeira vista, além de parecer pobre, desvinculado, desenraizado, sem sentido. (MARTINS, 2002, p.11)

A partir da discussão entre o subúrbio e o urbano, é possível pensarmos nesses profissionais do magistério que após o treinamento iam atuar na área de Ensino no ambiente urbano militar e que parte do treinamento ocorreu em áreas que poderiam caracterizar o campo amazônico, já que é pensado no mínimo, o treinamento e a relação com a defesa nacional. Dessa forma, o Exercício de Campanha aconteceu em uma área de “subúrbio” como “lugar do cotidiano e não da História” segundo MARTINS (2002, p.15). O lugar do vivido por esses estagiários como eram chamados o tempo todo durante as instruções.

1.6 - “Cotonetes” na caserna e o espírito militar.

Castro (2004, p. 19-21) defende a ideia de um “espírito militar” entre os cadetes da AMAN, este consiste na sua preparação para a atuação e na diferenciação entre civis e militares.

Esse espírito militar é perceptível durante a formação dos professores militares temporários, que inicia desde o processo de seleção até o fim da formação, destacando o processo de negação conforme citado acima por Celso Castro. Os alunos do quadro QOCON em seu processo de aprendizagem na caserna passam pela negação do indivíduo.

Essa negação do individual em nome do institucional é possível perceber no relato do oficial de carreira nº 03 a seguir:

“Quando a pessoa entra nas Forças Armadas, a gente tenta fazer uma situação de igualdade entre as pessoas, para que todo mundo tenha as mesmas condições os mesmos alimentos, o mesmo fardamento, a mesma instrução, que a pessoa tenha condição de se destacar de acordo com a condição dela e também tem um outro lado a gente tenta tirar essa questão da vida civil um pouco, tenta tirar entre aspas alguns vícios e começar a incutir um pouco de hierarquia e disciplina, pensando nessa pessoa acatar as ordens mesmo que ela não concorde, esteja sob desconforto. Essa fase inicial, vou usar um termo aqui que eu não acho bem adequado, mas a gente tenta “desumanizar” a pessoa, tenta colocar “você é estagiário, você é o numero tal. Ou seja, ela perde aquela identidade que ela tinha anteriormente, a partir daquele momento que ela vai ter as instruções ela vai se tornar uma nova pessoa, vai superar seus limites, vai enfrentar dificuldades, ela vai ver que ela consegue muito mais que ela achou que poderia por conta disso.”

(Oficial de carreira nº 03, entrevista em 11/02/2022)

Essa perda de convicções sobre sua identidade perpassa pelos ensinamentos diários que são transmitidos a eles sobre a vida militar, o “espírito militar”, exigindo deles um esforço maior para a compreensão e assimilação da ideologia militar dentro e fora da caserna.

Na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) há um processo de construção da identidade social do militar, do espírito militar, já que o cadete (aluno) vivencia na Academia um processo de socialização profissional, momento que aprende os valores, atitudes e comportamentos apropriados à vida militar. O objetivo é fazer uma “peneira” no período de adaptação, que visa levar a desistência dos novatos, ao quais supostamente não possuem vocação para a carreira militar. Um período que segundo os cadetes “não há tempo nem para pensar”.(CASTRO,2004, p. 19-21)

Nesse caso, o nosso processo de incorporação na Força Aérea Brasileira e o início do Estágio de Adaptação profissional funcionava como “negação do eu” e de maneira mais rápida buscava construir uma identidade militar a partir de experiências novas, numa clara busca da valorização da hierarquia e disciplina por parte dos novos “cotonetes”. Nesse sentido, comparando-se as experiências da AMAN na construção de comportamentos, atitudes e valores da vida militar citadas acima é possível perceber semelhanças na formação dos Oficiais temporários pela FAB, quanto ao treinamento de ordem Unida, preparação de instruções voltadas para guerra, a padronização de atitudes ligadas a um cotidiano de hierarquia e disciplina, entretanto, temos diferenças quanto a construção de uma identidade de Oficiais do Exército efetivos e Oficiais temporários da FAB, já que estes tem um tempo pré-determinado para voltarem ao mundo civil além de serem de Forças diferenciadas.

Durante a Caserna éramos “estagiários”, fomos chamados dessa maneira pelos militares que nos receberam, nos apresentamos de trajes de blusa branca, calça jeans azul e tênis branco, os militares também chamavam os estagiários de “cotonetes”, devido esse “fardamento” inicial. Para o oficial de carreira nº 03, esse modo de interação no novo ambiente social significava:

“Quando a pessoa entra nas Forças Armadas, a gente tenta fazer uma situação de igualdade entre as pessoas, para que todo mundo tenha as mesmas condições os mesmos alimentos, o mesmo fardamento, a mesma instrução, que a pessoa tenha condição de se destacar de acordo com a condição dela e também tem um outro lado a gente tenta tirar essa questão da vida civil um pouco, tenta tirar entre outras coisas alguns vícios e começar a inculcar um pouco de hierarquia e disciplina, pensando nessa pessoa acatar as ordens mesmo que ela não concorde, esteja sob desconforto. Essa fase inicial, vou usar um termo aqui que eu não acho bem adequado, mas a gente tenta “desumanizar” a pessoa, tenta colocar “você é estagiário, você é o número tal. Ou seja, ela perde aquela identidade que ela tinha anteriormente, a partir daquele momento que ela vai ter as instruções ela vai se tornar uma nova pessoa, vai superar

seus limites, vai enfrentar dificuldades, ela vai ver que ela consegue muito mais que ela achou que poderia por conta disso.”

(Oficial de carreira nº 03, entrevista em 11/02/2022)

Os oficiais de carreira durante a formação chamavam esses “professores”⁴¹ pela numeração inicialmente de acordo com a idade, os mais velhos eram os mais “antigos” e os mais novos eram os mais “modernos”, depois da classificação de nota das avaliações passaram a ser chamados “antigos” e “modernos” por sua pontuação final, agora o mais antigo era o que possuía a nota maior e o mais moderno a nota menor. Isso servia para descaracterizar sua identidade “civil”, para mostrar certa equivalência entre eles, por isso “apelidavam” de “cotonetes” devido seus trajes que lembrava um cotonete ambulante em meio à caserna.⁴² Conforme é possível perceber na Imagem 2, a seguir que apresenta a formação dos professores civis e seus trajes de apelidados de “cotonetes”.

Imagem 2 – Fotografia da Turma de QOCON/2011 no I COMAR durante a formação militar.



Fonte: acervo pessoal, 2011.

Nesta imagem 2, temos os alunos(as) em forma⁴³, horário da manhã, espaço do quartel, usando o uniforme calça jeans, camisa branca e tênis branco, que caracterizava-os como alunos-oficiais, prontos para receberem as instruções do dia

41 No momento do treinamento militar de estagiários ou “cotonetes”.

42 Memória da autora sobre o processo de construção da identidade militar.

43 Alinhados, disciplinados e hierarquizados.

O que Castro (2004, p. 20) chamava de “pressão” no ambiente da AMAN, ocorria de maneira análoga no espaço do I COMAR. Ficávamos correndo de um lado para o outro o dia todo, subindo e descendo escadas com a mochila na mão, pois, nossas instruções aconteciam no auditório no segundo andar do prédio do I COMAR, das 08:00 às 12:50 e de 14:00 às 17:50, as instruções duravam 50 minutos cada. Uma experiência nova para pessoas que já tinham vivências anteriores no campo profissional no chamado “mundo civil” (CASTRO, 2004, p. 20).

Essa rotina de “cotonetes” foi muito puxada, “chegava muito cedo com medo de atrasar e ser punida, nos reuníamos em um espaço aberto, o aluno mais antigo inicialmente por idade e depois por nota, colocava todos em “forma” para apresentar ao 1º Tenente que estivesse responsável pelos alunos. O “grupamento” era composto por estagiários masculinos e femininos, sendo que a cada dia um estagiário ficava responsável pelos “alunos”⁴⁴ até o final do expediente. Participávamos da Bandeira no hasteamento, depois íamos correndo para o auditório onde tínhamos as instruções de acordo com o Quadro de Trabalho Semanal - QTS da semana. Em seguida parávamos para o almoço que era de uma hora de tempo e tínhamos que apresentar o grupamento ao mais antigo que estivesse no Rancho⁴⁵ e logo seguíamos para o alojamento, onde íamos ao banheiro, escovar os dentes e até deitar rápido, e em seguida retornar as instruções sempre correndo de um lado para o outro, “subindo e descendo escada com a mochila em mãos, a tarde geralmente tínhamos instrução de treinamento físico e de ordem unida⁴⁶ ao sol, saíamos cansados no final do dia.”⁴⁷

Esse processo de formação dos estagiários na caserna para alguns entrevistados era uma tarefa difícil tanto para os alunos, quanto para os oficiais de carreira, que eram instrutores da turma, de acordo com a estagiária nº17 esse processo:

“é uma tarefa difícil para quem está nos treinando, pra quem tá ali desenvolvendo o papel de instrutor, de ter que em um tempo tão pequeno ter que conseguir passar tanto ensinamento, passar uma postura que a gente sabe que os militares de carreira levam quatro anos na Academia, dois anos, a gente teve 60 dias não foi isso? Eu nem lembro mais, então assim é muito intenso, mas eu acho assim...tem que ter uma identificação do outro lado, eu me sentia bem, eu gostava de estar ali, eu não tinha problema de receber ordem, passar ordem , então, pra mim foi tranquilo, eu acho que se você se dedica e realmente aprende aquilo que eles querem te passar, eu acho que você é capaz você consegue, então pra quem tem identificação com a vida militar, eu acho que o processo...não vou dizer que foi perfeito, porque eu acho que sempre pode melhorar, mas eu acho que o processo foi bom , foi ótimo para aquilo

44 Termo que também era utilizado para os estagiários e “cotonetes”.

45 Local onde os oficiais realizavam suas refeições diárias.

46 É uma formação habitual de marcha, de parada ou de reunião dos integrantes de uma tropa, que observa as distâncias e os intervalos estabelecidos dos quais resultam em um conjunto, harmonioso, cadenciado e equilibrado dos movimentos de ordem unida.

47 Memória da autora sobre a seleção dos “cotonetes” na Força Aérea Brasileira.

que ele se propôs, que era transformar a gente então pouco tempo, fazer a gente compreender o que era um militar, e aquilo passa ser tão importante que em uns momentos sim eu acho que eu esquecia um pouco que eu era professora e pedagoga, não que a pedagogia precisasse dela dentro do militarismo, pelo contrário eu comecei trabalhar com formação na escola e depois no quartel, então está dentro da minha área eu usava a pedagogia em muitos momentos lá no próprio quartel trabalhando com cursos e formação. mas se o treinamento é bom e você abraça aquilo, eu acho... que pelo menos eu fiquei um pouco mais militar do que pedagoga. (Estagiária nº 17, entrevista em 23/06/2022)

De acordo com a estagiária nº 17 a questão da dificuldade não se exclui do lado dos instrutores oficiais de carreira, mesmo que esses profissionais fossem preparados para formar turmas, porém, o tempo de 50 dias acabava sendo um desafio para eles que eram acostumados formar em tempo maiores os oficiais de Academia.

Segundo o oficial de carreira nº 01, instrutor da turma, seu principal desafio foi preparar esses professores para a formação militar para o dia da cerimonia de Formatura em que seriam apresentados ao Brigadeiro. Conforme relato a seguir:

A parte mais difícil era o treinamento para a formatura, era pouco tempo pra isso era reduzido e eu até falava para os alunos “olha só isso aqui vai ser fotografado e filmado eu sou apenas um coadjuvante quem são os atores principais são vocês então precisa ficar perfeito isso vai fica gravado para a posteridade vão mostra para os filhos, para os netos de vocês, eu vou ser só um pontinho lá aparecendo, se pudesse nem aparecia”, então assim era a parte mais difícil eu tinha que falar isso né? Mas até pra motivar eles pra que eles pudessem fazer bem feito, mas criava um certo nervosismo eu tinha muito medo, tinha muito erro no inicio, era cansativo, mas no final sempre dava certo.

(Oficial de carreira nº01, entrevista em 10/02/2022)

No entanto, segundo o oficial de carreira nº 01, o que acaba acontecendo é que essa dificuldade durante o processo de formação, principalmente no treinamento militar para o dia da formatura e apresentação ao Brigadeiro, acabava provocando certa preocupação de conseguir fazer com que os estagiários assimilassem as instruções de forma correta para que tivessem uma boa formação e que pudessem se apresentar de forma correta no dia da Formatura.

Para a entrevistada, estagiária nº 03, o processo de adaptação à vida militar significou muitas dificuldades e também superação:

“essa adaptação foi bem difícil nesse primeiro momento”, “a pior parte para mim foi o acampamento, porque eu nunca tive vontade de ser militar”, a oportunidade passou e eu agarrei, na minha família eu tenho parentes militar da policia militar, e ouvia essas estórias que eles contavam, de uma cosias que eu tinha certeza era que eu nunca quis ser militar, mas a oportunidade veio e não deixei passar. Eu tive um pouco de dificuldade de ser militar, porque era horário, tinha que ser tudo no horário certo, não que eu não fosse organizada antes, mas sabe que o militar tem que está tudo certinho, engomadinho, “coberto e alinhado”, com a roupa sempre impecável,

então essas coisinhas que eu tive que me adaptar que eu não tinha tanta preocupação antes, o fato de usar armamento.

(Estagiária nº 03, entrevista em 08/02/2022)

Para a estagiária nº 03, além de certas “peculiaridades” existia também o condicionamento físico durante o Estágio que forçava uma maior “pressão” sobre os “cotonetes”:

O treinamento físico... tinha que manter principalmente o condicionamento físico, era primordial tinha que manter o condicionamento físico ali, égua esse momento foi assim bem puxado, muita gente ficou mal ali por conta do físico que não estava muito bom e muita gente passou mal com joelho bichado, a coluna...

(Estagiária nº 03, entrevista em 08/02/2022)

A estagiária nº 03 descreve um pouco do cotidiano dos “cotonetes” durante a cobrança e a “pressão” militar no período de estágio que relembra o processo destacado por Castro (2004):

Teve uma situação em que eu tentei burlar as regras e acabei cometendo uma infração que não passou despercebida e naquele dia eu sabia que estava tendo a bandeira e tinha que parar descer do carro eu sabia porque aquilo tinha sido instruído não fazia muito tempo, a gente tinha saído do treinamento físico e eu tinha caído e meu short azul estava todo sujo de manga e eu não ia sentar no carro com o short sujo então tirei aquele azul e fiquei só com o de lycra preto e com a blusa e descalça, ai quando eu passei no carro, eu fiquei pensando meu Deus eu vou , eu volto, eu paro, eu fico, eu ando, eu dou a ré, eu me escondo, me jogo nesse buraco? Eu não podia parar e descer como era o procedimento correto, ai eu fui só que o coronel estava lá na marquise olhando, ai ele ligou para o soldado e pegou a placa do meu carro e o soldado me caguetou, era ou ele ou eu, daí ele preferiu que fosse eu, o coronel me deu uma escrotiada na frente de todo mundo no auditório.

(Estagiária nº 03, entrevista em 08/02/2022)

A fala da estagiária nº 03 nos apresenta um pouco da “resistência cotidiana” no ambiente militar, situação que segundo citado na obra de Meneses & Cover (2016, p.135) e o conceito de discurso oculto e discurso público, pois, existe uma ação individual de resistência, dissimulada, fragmentada ou invisível. Ações que acontecem fora do palco (offstage), “para além da observação direta de detentores do poder”. Havendo uma ação de resistência pública, dirigidas àqueles que estão em posições de dominação. Uma espécie de interações abertas entre subordinados e aqueles que os dominaram.

A imagem 3, a seguir nos apresenta um pouco do cotidiano dos “cotonetes” no processo de formação militar aos arredores do I COMAR, é perceptível na imagem a impressão de cansaço e muitas mulheres presentes na fila indiana. Este cansaço e a cobrança com relação à hierarquia e disciplina poderiam levar os militares a desistirem ou como foi citado anteriormente na situação vivenciada pela estagiária nº 03 a “burlarem” as regras no sentido de não serem chamados atenção por parte dos superiores. Já que a justificativa para

ficarem em pé expostos aos raios solares se relacionava ao discurso de que estavam vencendo uma dificuldade de adaptação a uma forma de trabalho que estava pautada em “tradições belicistas” conforme é possível perceber quando se estudam os militares.

Imagem 3: Fotografia da Turma de QOCON/2011 durante Formação militar no I COMAR.



Fonte: acervo pessoal, 2011.

Assim quando relacionamos a imagem 3 com a fala da **Estagiária 03** percebemos a “resistência” às regras militares, a primeira resistência, da estagiária 03, está relacionada com a questão de burlar as regras com intuito de não sofrer punição durante o curso, a segunda resistência destacada na imagem 3 está ligada a questão de vencer o cansaço para conseguir terminar o curso e formar.

Podemos observar na fala da estagiária de nº 05 um momento de resistência ao contar sobre sua encenação durante o curso de formação em uma manhã de instrução.

“(…) Eu lembro desse dia, foi um dia que estava muito quente, a gente chegou, entramos em forma como normalmente a gente entrava ali antes das 08:00 antes do tenente chegar, entramos em forma e começamos a fazer o exercício de vivacidade que ele chamava, então era...esse exercício era logo depois do hasteamento da bandeira e aí eu comecei a ficar com muito ...é... calor ... muita sede ...e aí eu comecei a me sentir mal, só que não ao ponto de desmaiar... eu me senti mal e fiquei um pouco tonta, e como eu fiquei um pouco tonta, eu poderia ter me retirado, aí eu lembrei que a major falava pra gente que se fosse pra se sentir mal era logo pra cair no chão pra desmaiar e assim eu fiz, eu fiquei tonta eu fui caindo um pouco atrás e aí um colega [sic] estava um pouco atrás ele não me segurou pra eu não cair no chão e aí eu acabei caindo bem devagar era mais desidratação, eu lembro que me recolheram para o gramado, me colocaram no gramado e eu bebi duas garrafas de

água mineral daquelas de 1litro e meio uma atrás da outra e depois dali uns 20 minutos de recuperação eu consegui voltar, mas era porque realmente estava muito calor e eu estava com muita sede e acabei caindo por desidratação, tanto que eu não fui levada para ambulatório nem nada. Eu poderia ter pedido pra ele pra sair. Mas dificilmente ele deixaria eu sair e ai foi por isso que eu lembrei o que a major falou se for pra sair se joga logo no chão que é a única forma, e a gente tinha um receio muito grande de pedir pra eles porque a gente já sabia que seria um não, só que não seria um não qualquer, seria um não praticamente berrando em cima da gente,(...)” (Estagiária nº 05, entrevista em 17/02/2022)

Para a estagiária nº 05, fingir desmaio foi uma solução para conseguir beber a água e se recompor da desidratação que estava sentindo, esse ato seria uma forma de resistir às regras colocada pelo instrutor, em relação aos estagiários terem que parar a participação na instrução para beber água.

Esses fatos citados acima podem ser pensados como uma forma invisível de resistência ao ambiente da caserna. Essa resistência invisível pode ser lida a partir Menezes & Cover (2016, p.135), quando destacam as formas invisíveis de resistência às regras nos alojamentos dos trabalhadores canavieiros, quando os mesmos iam assistir televisão em horários não permitidos pelas regras da Usina.

O processo de construção dessa identidade cultural militar apresentava um cotidiano marcado por várias instruções, estas eram voltadas para nosso aprendizado como Oficiais temporários, conforme é perceptível no histórico escolar do Estágio de Adaptação Técnico–EAT, que apresenta a seguinte estrutura:

Campo Geral: Chefia e liderança. Em Instrução Campo Militar: Conduta militar, LSM (Lei do Serviço Militar), Ordem Unida, Armamento, Munição e tiro, Segurança Militar, Hinos e Canções Militares, Atividades de Campanha, Estrutura do Comando da Aeronáutica, História da Força Aérea, Segurança de Voo, Treinamento Físico. E em Instrução Técnico-Especializada: O sistema de Ensino na Aeronáutica, Atividade de avaliação, atividade administrativa/Flexibilidade. E outros assunto dentro dessas disciplinas como: RISAER (Regulamento Interno dos serviços da Aeronáutica), RDAER (Regulamento Disciplinar da Aeronáutica), profissão Militar, Estatuto do Militar, RCONT(Regulamento de Continências, Honra, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas), RUMAER (Regulamento de Uniformes para os Militares da Aeronáutica), justiça Militar, Constituição Federal, LRM (Lei de Remuneração Militar).

Assim, o processo de adaptação dos “cotonetes” ocorreu de maneira análoga às instruções militares para oficiais da FAB, que mesmo com o tempo reduzido e a formação temporária, diferente do Oficial de carreira, buscava uma homogeneização das ações e a construção do “ethos militar”, visualizado nas instruções militares e no “corre-corre” dos estagiários.

1.7 – Missão: superar o “acampamento”.

A construção da identidade militar dos “novos cotonetes” perpassou por outra “dificuldade” as instruções em ambientes que se assemelhavam as matas amazônicas, que ocorriam na área da FAB, as proximidades da capital paraense, analisadas no início do artigo como subúrbios e que serviam para as simulações de combate real. A imagem 4 a seguir nos apresenta um pouco do ambiente de treinamento que os “novos cotonetes” participavam da instrução de campanha em área de selva.

Imagem 4: fotografia da Turma de QOCON EAT EIT 2/2011 em instrução de campanha em área de Selva.



Fonte: acervo pessoal, 2011.

Na imagem 4 acima, observa-se os “cotonetes” em instrução, chamada de “acampamento”, é destacada como um momento de grande dificuldade e superação relatada por alguns estagiários, como destaca a Estagiária nº 03 “a pior parte para mim foi o acampamento, porque eu nunca tive vontade de ser militar”.

Na minha memória não sei precisar o dia, mas o Exercício de Campanha⁴⁸ aconteceu próximo à formatura da turma, talvez uma semana antes, duraram três dias e duas noites. No dia anterior tivemos instruções durante o dia, fomos orientados como deveríamos organizar nossa mochila, objetos que era para levarmos, horário que deveríamos chegar para o início da instrução do Exercício de Campanha, não deveríamos atrasar, pois, a volta ao quartel deveria ser pontualmente às 03:00 da madrugada. No início da noite ao finalizar as instruções de

48 Significa o “acampamento” ou instruções na área da floresta amazônica.

acampamento, sumiu uma chave do alojamento e ninguém sabia onde estava e com isso não podíamos sair do local até aparecer à chave, já ia se encaminhando para as 21:00 e todos cansados e desesperados para encontrar essa chave, até que alguém encontrou. Fomos liberados para ir para casa e arrumar as coisas conforme as orientações dos oficiais. Foi tudo muito corrido e cansativo. Uma das grandes dificuldades foi à questão da minha maternidade, que marcou minha memória durante a experiência na instrução de acampamento:⁴⁹

“cheguei em casa muito cansada como morava um pouco distante do quartel era chegar e ter que voltar. Arrumei tudo do jeito que ensinaram com cuidado para não faltar nada. Pois nem imaginava o que aconteceria comigo. Busquei organizar nos mínimos detalhes. Quando vi já era hora de voltar, ter que deixar meu filho que tinha apenas 6 seis meses foi a parte mais difícil. Confesso que ao chegar lá no quartel e ver meu esposo indo embora me deu vontade de voltar, não sabia o que iam fazer com a gente. Os oficiais junto com os graduados e soldados faziam a vistoria em nossas mochilas, colocávamos no chão em cima de uma capa organizado como o oficial tinha orientado. Lembro-me que alguns estagiários foram para o barril de água fria de madrugada ficaram molhados, me bateu um desespero, pois estava menstruada e não poderia me molhar, daí falei para o tenente que estava a frente da instrução e ele orientou para nos dirigíssemos a tenente feminina que estava também responsável pela instrução de “selva”, e assim eu fiz. E fiquei marcada com uma tinta vermelha na testa, mas era melhor do que sujar a farda pois além da vergonha ficaríamos os três dias, e toda vez que precisava trocar o absorvente informava que tinha que ir a barraca e a oficial feminina já liberava.”⁵⁰

Conforme o oficial de nº 03 a marcação era mais para uma questão de cuidados com os alunos (as)

O que lembro é que essa marcação era usada para os alunos e alunas que estavam com algum problema de saúde constatado pelos médicos. Quando víamos essa marcação, sabíamos que não poderíamos exigir muito fisicamente desses alunos e alunas.

(Oficial de carreira nº 03, entrevista em 11/ 02/2022)

Outra dificuldade que podemos destacar é a situação das mulheres que estavam menstruadas, assim, como eu, que participavam da instrução e tiveram essa “peculiaridade” e ao mesmo tempo se superaram. Não sei dizer, se essa situação foi ruim ou boa, se foi trote, se foi discriminação com as mulheres que formavam a maior parte do efetivo, ou se foi apenas uma orientação necessária que contribuía com o trabalho da equipe. Mas, todas estagiárias que estavam menstruadas tinham que usar uma marca vermelha na testa e informar aos Instrutores do sexo feminino quando precisassem trocar o absorvente e todos acabavam sabendo. Algo que durante as instruções ficava me perguntando o por que da marca vermelha se as Oficiais femininas poderiam acompanhar as instruções, ao invés de uma marca na testa?

49 Memória da autora sobre o “acampamento”.

50 Idem.

Mas como relatado pelo oficial de nº 03, a marca era usada talvez pelo fato de ter um cuidado específico com essas alunas.

Para a estagiária nº 02, essa situação de superar questões fisiológicas durante o “acampamento” levou a mesma a tentar burlar a regra da “marca na testa”, conforme seu relato:

A minha dificuldade foi que eu estava menstruada, então eu não queria dizer que eu estava menstruada e eu fiquei ali molhada o acampamento todinho. Tinha que falar pra Tenente feminino, ela ficava marcando a gente na testa com uma tinta vermelha e a gente passava vergonha, a gente ficava se expondo, e ai então preferi não falar e então fiquei me organizando do jeito que eu pude. O primeiro dia a gente fica muito cansada, estressada, mas ainda fica firme, no segundo dia a gente já tá bem quebradinha, machucada. Eu fiquei machucada porque eu tive que carregar mochila de quem estava “estrupiado”, que estavam doentes, eu além de tudo ter que carregar a minha atrás, tive que colocar a minha na frente e carregar, e assim era baixinha , eram mulheres muito mais altas que os homens, muito mais com massa musculatura mais resistente e não aguentaram carregar nem a mochila deles e eu.

(Estagiária nº 02, trecho de entrevista em 08/02/2022)

A estagiária nº 02 buscou burlar a prática de marcar a testa para que fosse identificada na hora da troca do absorvente. Sua não aceitação da regra imposta pelo oficial durante as instruções também pode ser identificada como uma forma de resistência passiva ao sistema.

O cansaço citado nas falas dos estagiários sobre a instrução de selva pode ser percebido pela dinâmica militar de controle e proteção territorial em área rural pertencente a FAB que apresenta a caminhada o dia todo com material de sobrevivência e “no entra e sai” no veículo de transporte de tropa conforme é destacado na Imagem 5, a seguir:

Imagem 5: fotografia da Turma de QOCON EAT EIT 2/2011



Fonte: acervo pessoal, 2011.

A imagem 5 mostra um pouco do cotidiano dos estagiários durante o exercício de campanha. Nessa foto os instrutores estão com os estagiários na mata do Parque do Utinga em Belém onde deixaram os alunos em uma estrada para caminharem em torno de uns 8 km até o quartel. De acordo com a fala do oficial de carreira nº 03, a seguir:

Essa caminhada era realizada com o objetivo de preparar a tropa para conhecer...pode acontecer situação da gente efetivo da Força Aérea pelo fato das nossas Bases ser um grande alvo pode haver a necessidade da gente se deslocar no terreno para poder operar em outro local e muitas vezes ou não é possível se deslocar por outros meios tipo caminhão, por alguma coisa, até por conta da escassez dos meios ou então por conta do sigilo, pra não quebrar o sigilo, aí o efetivo teria que ser capaz de se deslocar a pé de um local a outro, aí o objetivo é adaptar o aluno a essas condições da marcha, ele conhecer a questão do ajuste do equipamento, a importância dele ter um bom calçado e ele conhecer como que o organismo dele vai reagir e aí a pessoa vê como é que dar bolha no pé, as vezes assar a perna, o equipamento começa a machucar, que é coisa que a vida civil a pessoa vai fazer uma caminhada e não consegue ver isso.

(Oficial de carreira nº 03, trecho de entrevista em 11/02/2022)

O oficial de carreira nº 03 mostra a importância durante o exercício de campanha do estagiário (a) conhecer os procedimentos corretos de como agir em caso de necessidade de situação de guerra ou perigo, e mostra através da atividade da caminhada.

A **imagem 6**, a seguir nos apresenta os “estagiários” da FAB no ano de 2011 durante a construção de abrigos em ambientes rurais típicos da região amazônica, situação que corrobora com a fala da Estagiária nº 02, quando a mesma destaca o cansaço de carregar os seus materiais e os de outros militares que estavam “estrupeados⁵¹” e “doentes” durante a instrução.

Imagem 6: fotografia da Turma de QOCON EAT EIT 2/2011 durante a instrução de sobrevivência em área de selva.



Fonte: acervo pessoal, 2011.

⁵¹ Linguagem militar usada informalmente durante as instruções militares para os que ficavam doentes durante a simulação de guerra.

Desse modo, a imagem 6 faz referência a instrução de Sobrevivência na Selva, de como montar um abrigo improvisado em uma situação de emergência, esse grupo é composto por estagiários do sexo feminino, algumas dessas mulheres não sabiam como montar o abrigo, pois ainda não tinham participado desse tipo de atividade e precisavam concluir com êxito já que haviam outros grupos de mulheres e homens que estavam participando da atividade e também estavam sendo avaliados pelos instrutores.

Essa prática mostra um cotidiano militar de treinamento interessante no sentido da busca pela superação destacada na chegada do treinamento militar em ambiente rural, “do acampamento”, conforme afirma a Estagiária nº 02:

No final do acampamento eles levaram a gente no caminhão. Oh! meu Deus! não consigo andar naquele troço, e desce e sobe, é um desce e sobe que a gente fica ali só na misericórdia. Então a gente já está cansado, a gente passa dois dias e meio, mas pra todo mundo é três, mas se for fazer o cálculo são dois dias e meio. Mas tem acampamento que dura cinco dias. Então após esses dois dias e meio a gente vai lá para o Utinga, e a gente vem caminhando de lá sob a segurança da equipe de apoio lá da FAB e somos recebido na área da...eu não lembro o nome agora ...do GAP e no nosso...cada equipe que chega é recepcionado de um jeito, é o momento em que eles nos entregam para nossas famílias! quem pode estar lá, nós tivemos a sorte de tomar banho, pois, estávamos muito sujos, tivemos a sorte de sermos recepcionados pelos bombeiros, mas, cada um tem um momento depende de que está a frente da turma.

(Estagiária nº 02, trecho de entrevista em 08/02/2022)

A relação hierárquica de cobrança militar, destacada na fala anterior da Estagiária nº 02 nos apresenta um cotidiano exaustivo para muitos militares em instrução de marcha no período do exercício de campanha, que serve para todos os militares, mas, segundo os dados oficiais dos 35 estagiários⁵², 09 eram do sexo masculino e 26 do sexo feminino⁵³. A resistência ao treinamento perpassava por uma novidade para as mulheres que atuavam como professoras quando na situação de civis e que foram colocadas como desafios militares a serem vencidos por todos os estagiários.

Na Imagem 7, é possível perceber o treinamento de tiro feito pelos estagiários e a padronização das instruções no processo de controle e homogeneização dos sujeitos que atuavam como professores. Havia um processo de construção de identidade militar que fazia com que a Estagiária nº 02 buscasse a superação do seu estado físico “a minha dificuldade e que eu estava menstruada” e que “eu fiquei ali molhada o acampamento todinho”

⁵² Depois da Atividade de Campanha, dos 35 estagiários teve a desistência de uma estagiaria, contabilizando 34 estagiários ao final.

⁵³ Segundo cópia do documento oficial dos relacionados para iniciar o estágio militar na FAB e a própria memória desta autora que relembra o quantitativo de 35 professores fazendo estágio militar e dentre estes 26 pertenciam ao sexo feminino.

Imagem 7: fotografia da Turma de QOCON EAT EIT 2/2011 em instrução de Tiro.



Fonte: acervo pessoal, 2011.

A imagem 7 nos possibilita pensar o processo de controle e construção de uma identidade militar com a dificuldade que o grupo possuía, mais idade e experiência de atuação no ensino e aprendizagem, o que possivelmente causava esse “estranhamento” quanto a formação de militares que seriam temporários e depois também professores.

Sobre essa identidade militar, construída ao longo do Estágio, por esses oficiais temporários, é difícil caracterizá-la como única, pois de acordo com Thompson (1997, p.57) nossa “identidade” ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade, é a consciência do “eu” que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas, no convívio social. Conforme podemos perceber na fala Oficial de carreira nº 03:

“Quando a gente dava instrução para os civis a intenção era...o que a gente via nos estagiários era uma pessoa que a gente tinha que transformar em militar, que se preciso fosse vai ter que ter capacidade de se defender, vai gerenciar a equipe de serviço dele e ele vai ter que ser capaz de pelo menos combater para se auto defender. Então, esse era o nosso foco nas instruções militar. então, a gente precisa dar uma instrução bem dada para os estagiários, porque a maioria que sai depois que passar pelas nossas mãos, pela formação básica nunca mais vão ter contato. Então, é uma responsabilidade em deixar essa pessoa apta para sobreviver se ela precisar fazer alguma missão do tipo.”

(Oficial de carreira nº 03, trecho de entrevista em 11/02/2022)

Para este Oficial de carreira nº 03 as instruções de campanha ou “acampamento” possibilitavam ao militar a chance de “Ir para o inesperado para conseguir reagir nas situações que irão surgir”. Relato que apresenta a visão dos militares que já pertencem à caserna e constroem, assim, uma espécie de ritual de passagem para homens e mulheres que buscavam servir a FAB. Conforme podemos perceber em seu relato:

O cerimonial começava no quartel, depois a marcha no Utinga, ia para área do Aeroporto, bem ao lado do aeroporto, a fazendinha. [...] os estagiários eram tratados de forma mais ríspida do que o normal, a gente tenta despertar o estresse no estagiário, do combate do psicológico e também a rigidez que vai encontrar no combate, o cansaço, vai estar com a mochila pesada, vai estar sem dormir, vai estar desconfortável, daí procura simular tudo isso, para ver como a pessoa vai reagir no caos quando ela achar que não aguenta mais. Na verdade é atuação do militar em missão de conflito, sempre vai ser nessas condições, nas piores possíveis, vai estar ferido, machucado, com sono, com fome, com frio, com sede, vai tentar simular essas sensações.” “não havia diferença entre homem e mulher, a única preocupação era a questão do sanitário que não era lá essas coisas. E nivelamos todo mundo igual, porque a gente tem em mente, nós da infantaria, que o combate ele vai ser igual para todo mundo, não importa se é mulher não importa se é homem, então todo mundo vai ter que fazer as mesmas coisas. Não me recordo se tinha diferença não, assim, às vezes quando a gente vê, não é questão de ser homem ou mulher, que o aluno já chegou no limite dele, não aguenta mais a questão física ou psicológica, aí a gente tenta meio que tirar o motor vamos dizer assim, o objetivo é estimular essas sensações mais nunca... um termo que a gente usa, nunca quebrar o aluno do que ele possa suportar. A ideia de ser mulher não importa, a ideia é nivelar todo mundo.
(Oficial de carreira nº 03, trecho de entrevista em 11/02/2022)

Para o oficial de carreira nº 03 não existe diferença entre homem e mulher, o que existe é um nivelamento de condição física independente de sexo, para que o aluno suporte a dor, as dificuldades e se supere.

Na imagem 8, a seguir, temos a marcha feita pelos estagiários destacada pelo Oficial de carreira nº03, na visão do Oficial ele deveria cobrar um padrão militar no sentido de “despertar o estresse no estagiário”, “do combate do psicológico” e a “rigidez que vai encontrar no combate”. Essa relação entre as cobranças do Oficial responsável e o sentimento dos estagiários provoca um processo de mudanças e experiências que os levam a superação das situações desconfortáveis e uma construção de uma identidade militar pautada no trabalho anterior em sala de aula civil e depois numa adaptação ao serviço militar da FAB.

Desse modo, temos diferentes leituras sobre a formação militar desses professores temporários que iriam atuar tanto no quartel quanto no colégio Rêgo Barros, entre elas, a leitura feita pela estagiária nº 02 em que essa formação era vista como um desafio pelo qual nunca tinha passado, situações criadas pelos oficiais de carreira que geravam desconforto, estresse, cansaço e abalo emocional para alguns estagiários. Porém, a leitura sobre essa

formação feita pelo oficial de carreira nº 03, é para preparar os estagiários para situações inesperadas, combates e também para que pudessem ter capacidade de gerenciar a equipe de serviço deles no quartel, estendendo para a escola, sabendo gerenciar seus alunos, e situações que pudessem ocorrer, como conflitos dentro e fora de sala.

Imagem 8 : fotografia da marcha da Turma de QOCON EAT EIT 2/2011.



Fonte: acervo pessoal, 2011.

A imagem acima mostra certa rusticidade do militar, do aluno (a), ele (a) está cansado(a) mas busca força de ter que superar essa caminhada. Na visão do Oficial de carreira nº 03, a ideia de construção da identidade militar passava pela “vitória” sobre as dificuldades durante as instruções e a superação dos limites individuais dos sujeitos militares para que numa situação de guerra real pudessem pensar que “o combate ele vai ser igual para todo mundo.” Na verdade, um discurso sobre o processo de construção de uma diferença entre civis e militares que solidifica um ritual de passagem de professores civis a Oficiais temporários. Conforme afirma CASTRO (2009, P. 24) “torna-se militar significa, acima de tudo, deixa de ser civil. A oposição entre civis e militares é estruturante da identidade militar.”

É possível pensar que a construção de identidade dos militares temporários destaca ambiguidades e resistências que são toleradas de acordo com cada experiência. Estas

vivências podem apresentar uma relação de aceitação durante o processo de recrutamento ou não, porém, mais do que essa problemática é interessante entendermos quem são esses homens e mulheres que passaram oito anos na FAB e suas percepções sobre a construção da relação entre civis e militares.

Para isso, é necessário também entender o que essa experiência da cidade representou como sentimento e sentidos para esses militares. Assim como para o autor Silva Junior et al (2019,p.158), que traz o sentido do rio Tocantins para as pessoas que vivenciaram sua perda, a cidade também tem sua importância para os militares temporários durante sua formação, uma vez que a centralidade da formação desses profissionais ocorreu na caserna localizada na cidade.

Desse modo, a urbe aparece como um local de problema e reflexão segundo citação de Carpintéro & Cerasoli (2009, p 88), pois para autora a história cultural urbana busca a cidade que é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, assim a autora percorre os registros e documentos dessa cidade sensível, como o registro da oralidade e da memória; diversos suportes da representação da urbe: imagens mentais e pensamento, iconografia (fotografias). Para autora é a cidade como projeção do imaginário, nos diz, sempre pensada através do presente.

Assim a cidade faz parte desse cenário do processo de formação militar desses professores de diversas especialidades, conforme Pesavento (2008, p.4), os lugares de memória de uma cidade são também lugares de histórias, dessa forma uma cidade é, pois, detentora de história e memória, como também o é desta comunidade simbólica de sentido a que se dá o nome de identidade.

A memória que muitas vezes perpassa pelo esquecimento dos sujeitos diretamente envolvidos no processo de “formação”, se mostrando esquecidos, ou ao afirmarem que tudo ocorreu de forma “perfeita” e sem nenhum problema, conforme Maupeou (2020,p.326), isto também se manifestava como uma forma de resistência ou cautela inicial diante da necessidade de relembrem acontecimentos passados, intimamente ligados à afetividade e às emoções, entre as quais estavam contidas não só experiências positivas e felizes, mas também tensões, frustrações e sofrimento.

Nessa mesma linha de raciocínio é importante trabalhar com a memória desses militares, pois conforme citado na obra de Silva Junior et al (2019,p.164), as memórias são construções dos grupos sociais, neste caso são esses entrevistados que determinam o que é memorável e os lugares onde essas memórias são preservadas.

O esquecimento para RICCEUR (2007,p. 424) está relacionado com a fidelidade ao passado, onde propõe uma nova significação dada a ideia de profundidade que a fenomenologia da memória tende a identificar com a distância, com o afastamento, segundo uma fórmula horizontal da profundidade.

Desse modo, o esquecimento está atrelado a falta de confiabilidade da memória, ora a confiabilidade da lembrança procede do enigma constitutivo de toda problemática, da memória, a saber, a dialética de presença e de ausência no âmago da representação do passado. (RICCEUR, 2007,p. 425)

Em relação ao esquecimento percebe-se na narração da “cotonete” de nº 19 quando faz questão de dizer que tudo ocorreu bem durante os oito anos de serviço na Força Aérea Brasileira e que nunca teve nenhum tipo de problema.

“Na minha área nós fomos muito bem recebidos, nunca teve diferença entre militar e civil, eles sempre foram assim acolhedores, compartilharam conhecimento, material , eu nunca tive nenhum problema, na minha área , mas outras assim, as pessoas falavam que era diferente. Mas na minha área foi assim uma recepção muito boa.[...] [...] não tive nenhum problema com professores civis nem militar, [...] [...] todos os militares de carreira eles sempre foram muito cordeais”[...] todas as vezes que eu precisei todos os militares de carreira sempre foram cordeais, nunca tive nenhum problema.”
 (“cotonete” de nº 19, entrevista em 02/07/2022)

A “cotonete” 19 faz questão de dizer que nunca teve nenhum contratempo nesse período de 8 anos de alistamento. Desse modo, é perceptível que esse esquecimento ocorra na fala da entrevistada para omitir alguns momentos que não faça bem a sua lembrança, agindo dessa forma com resistência ou cautela inicial diante da necessidade .

Nesse sentido, busco desenvolver uma história regional, local, particular e até coletiva que destaca a investigação histórica através da memória desses militares temporários. Assim como a convivência com uma cidade cortada por áreas chamadas suburbanas que apresentam no meio da região metropolitana espaços de florestas e características da região que relacionam ao processo de construção de uma identidade militar e suas experiências específicas.

Dessa maneira, essa área densamente povoada onde se agrupam zonas residenciais, comerciais e indústrias, são destacadas com áreas importantes para a vivência das pessoas e sua memória, assim afirmado por Pesavento (2008, p.3):

Todos nós que vivemos em cidades, temos nela pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais, territórios percorridos e familiares, ou pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque narrados pelos mais antigos, que os percorreram no passado. Esses espaços dotados de significados, fazem de cada cidade, um território urbano qualificado, a integrar esta

comunidade simbólica de sentidos, a que se dá o nome de imaginário. Mais do que espaços, ou seja, extensão de superfície, eles são territórios, porque apropriados pelo social.

Mas, sobretudo, são lugares, dotados de carga simbólica que os diferencia e identifica. E, se tais sentidos estão referidos no passado, fazendo evocar ações, personagens e tramas que se realizaram em um tempo já escoado, eles são lugares de memória, como aponta Pierre Nora (1993/1997), ou ainda espaços que contêm um tempo como assinala Paul Ricœur (1998).

Como citado pela autora, a cidade se faz presente na vida dos sujeitos de forma importante, pois esse espaço de convivência em que os professores militares se relacionavam durante a caserna vai nos levar a construir uma identidade militar. Pois para Pesavento (2008, p.4) as identidades são fabricadas, inventadas, o que não quer dizer que sejam, necessariamente, falsas. As identidades, enquanto sensação de pertencimento, são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual.

Para alguns teóricos a Instituição Militar ora é vista como uma instituição Total ora como totalizante, pensando a identidade militar desses oficiais temporários como grupo formado de identidades sociais diversas ou iguais. Para Celso Castro (2009,p.13-14) de acordo com sua experiência específica na AMAN:

O militar não é algo fechado, homogêneo e inflexível. Já que apesar das tradições e costumes próprios, a divisão hierárquica, as origens sociais dos diversos grupos, costumes e o contexto histórico do momento que um grupo específico de militares é estudado. Por isso, é provável que possamos observar fatos e atitudes diferenciadas de ideias pré-concebidas sobre esses sujeitos de “armas” e suas experiências.

Para Erving Goffman (1973. pp. 303-331) as forças militares pertencem a um grupo de instituições chamadas de “Instituições Totais”. Suas características podem ser sintetizadas no seu caráter de barreira ao intercâmbio social com o mundo exterior. No geral, estas instituições possuem portas fechadas, paredes altas, arame farpado, rochedos e água, terreno aberto, dentre outras. O autor afirma que dentre os cinco grupamentos superficiais que possuem estas características estão os quartéis do Exército, por exemplo, que estão supostamente estabelecidos para algumas tarefas técnicas, inclusive com a relação entre os sujeitos que pertencem ao staff e os “internos”. Nas instituições totais, ao contrário de uma rotina normal, todas as atividades são feitas por todos no mesmo local e sob uma mesma autoridade.

A experiência dos professores civis como “estagiários” na Força Aérea Brasileira faz parte de um processo de transição ao oficialato temporário e apresenta uma dinâmica interessante da construção do “ethos militar” para esses sujeitos e sua atuação como Oficiais.

CAPÍTULO 2: PARA ALÉM DA IDENTIDADE MILITAR DO “COTONETE”: PODERES, MULHERES, HOMENS E SIMBOLISMO NA CASERNA.

Neste capítulo busca-se compreender a adaptação dos oficiais do quadro QOCON do ano de 2011 a realidade dos poderes e simbolismo da caserna na FAB. Nesse sentido, é possível entender para além de um processo de construção da identidade social do militar, isto é, como o discurso homogêneo do espírito militar muitas vezes não se enquadra ao cotidiano dos “cotonetes QOCON”.

Assim é possível analisar questões de gênero e a relação com o ser “militar”, que ressalta o papel de homens e mulheres na FAB a partir de um estudo de fontes históricas documentais que nos levam a pensar na construção da memória, da relação passado e presente desses sujeitos. E por fim, busca-se apresentar a partir da memória desses indivíduos militares o cotidiano da “caserna”, suas experiências a partir da atuação durante os 8 anos de serviço militar e a sua relação com questões pessoais, como problemas familiares e de trabalho que interferem algumas vezes nas relações de poderes internos.

Estive na Instituição um total de 8 anos e dois meses, concentrados entre outubro de 2011 a dezembro de 2019, uma experiência pessoal e de trabalho, que pode ser compreendida a partir da Etnologia de Bourdieu (1989), que apresenta uma maior interação entre objeto e pesquisador, e insere este como parte da construção da pesquisa mais atuante.

Como mulher, pesquisadora e militar temporária apresento assim, discussões que ultrapassam os limites “do espírito militar” homogêneo, fazendo necessário entender-se parte da historicidade da relação de poderes baseada hegemonia masculina sobre a feminina ao longo de uma história militar na FAB, mas que não é sua particularidade.

2.1 – Homens e mulheres na caserna da FAB.

No contexto histórico dos anos de 1980, as mulheres incorporam as Forças Armadas e Forças Auxiliares. Essa incorporação é o reflexo do que as mulheres vivenciaram no mundo e no Brasil, transformações ocorridas com as mulheres na questão social e política. No campo político, por exemplo, no Brasil temos uma mulher assumindo a presidência, no segundo turno das eleições, realizado em 31 de outubro de 2010, aos 63 anos de idade, Dilma Rousseff

é eleita à primeira mulher Presidenta da República Federativa do Brasil, com quase 56 milhões de votos.⁵⁴

Segundo Tânia Cruz (p.92, 2010), práticas feministas foram desenvolvidas por determinados movimentos sociais de mulheres sem se converterem em movimentos feministas propriamente ditos, na medida em que se mantém como tônica principal a luta por melhores condições de vida ou outras reivindicações afins. Pode-se dizer que a inserção da figura feminina ao meio militar foi uma dessas reivindicações.

Um momento que apesar de todo posicionamento teórico em tentar explicar a formação militar na Força Aérea Brasileira, temos ainda a discussão que está presente sobre gênero e os militares, uma categoria de análise base para o entendimento de ideias, relações sociais, ações que perpassam pelas relações internas e externas entre os sujeitos no âmbito da caserna. (SILVA, 2006).

De forma voluntária as mulheres foram adentrando ao quartel, na década de 1980, um espaço caracterizado como masculino, por envolver atividades consideradas de risco e de rigor disciplinar. Entretanto, surgem junto a esses novos sujeitos disputas por tais espaços. Vislumbram-se particularidades que são construídas a partir da identidade cultural e da sociedade que o indivíduo convivi. Construindo uma espécie de discurso simbólico que remete a uma natureza “feminina” biológica, morfológica e psicológica, que legitima a sujeição das mulheres, assim dificultando o seu crescimento e destaque em diversos setores sociais. (SILVA, 2006, p.5)

O meio militar é um setor que também dificultava para as mulheres esse crescimento profissional, colocando inicialmente algumas barreiras, com destaque para a dificuldade de estar longe da família, a distância vivenciada inicialmente durante o curso de Formação de Sargentos na Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR) –Guaratinguetá (SP), Força Aérea Brasileira, pois existia um tempo da quarentena em que as alunas militares ficavam afastadas de casa e sem contato com a família, conforme o trecho da entrevista da graduada de carreira SO 01⁵⁵ ao afirmar que existia um período para ser superado.

Foram quatro meses do curso de formação, já entrava com a especialidade, no meu caso SAD, Administração. O curso era só pra adaptação a vida militar. BH é cidade longe de Belém, então durante todo o período do curso de formação, não vim a Belém. Diferente de quem era do Rio de Janeiro e São Paulo que era perto, e quase todo final de semana estavam em casa. No início o curso foi puxado, houve a quarentena onde não saímos da escola por 40 dias. Após esse período havia folgas no fim de semana. As nortistas e nordestinas só saíamos pra passear pela região

54 <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/biografia>

55 Graduada de carreira SO-Suboficial feminina.

próxima. A fase mais difícil pra mim foi o acampamento, realizado na AFA, em Pirassununga-SP, foi uma semana muito sofrida para todas, umas fraturaram o braço, outras torceram o pé, o frio era insuportável a noite, porque dormíamos em barracas no meio do mato. Os instrutores falavam pra gente desistir, sair da FAB, era uma pressão psicológica. Passar pela cabana com gás foi difícil, as provas que tínhamos que concluir eram puxadas. Treinamentos no meio da madrugada, muitas desmaiavam, passavam mal. Foi um período de superação. Quando acabou foi um alívio, a certeza era realmente agora somos militares.

(Graduada de carreira SO nº 01, entrevista em 13/06/ 2017)

A pressão que era vista por algumas mulheres como uma forma de barreira para dificultar o término do curso, no meio militar é algo comum faz parte do treinamento, conforme a Graduada de carreira SO 02⁵⁶:

A pressão da escola nunca me assustou, sempre pensava: eles não vão me matar então o resto eu aguento. O pior mesmo foi ficar muito tempo sem ver a minha família. Eu tinha só 19 anos e a escola era em Belo Horizonte, não tinha dinheiro para ir visitar a minha mãe durante o curso e meu pai morreu quando eu tinha 3 anos e só éramos eu minha mãe e duas irmãs.

(Graduada de carreira SO nº 02, 13 /062017)

Apesar das barreiras citadas a figura feminina ganhava destaque, aos poucos elas iam adentrando o espaço militar e buscavam se superar para que pudessem ser vistas como profissionais competentes. Dessa forma as mulheres passaram por transformações em diversos campos que trouxeram mudanças para a construção de uma identidade feminina. E que essa identidade vai aderir características do mundo militar masculino, ganhando espaço e aprendendo em sua vida militar valores como disciplina, hierarquia, precisão, rapidez, coragem, bravura, etc.

Para Celso Castro (2004) a identidade militar é construída, havendo uma separação entre militares e civis, e o mundo externo, onde a vida militar é regida por uma hierarquia que estruturaria as relações internas aos próprios militares, como mencionado anteriormente, destacando a instituição militar como um “mundo próprio”, que não demonstra espaço para as mulheres. Dentro desse mundo, encontra-se uma estrutura militar que foi edificada ao padrão universal criado para identificar o homem, com valores que seriam características masculinas.

Existem várias portas de entrada na Força Aérea Brasileira, entre elas temos o Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª Classe Convocados – QOCON. Este quadro se alicerça como base para as chamadas Áreas de Apoio da FAB. Os Oficiais são promovidos até o posto de 1º Tenente e as Praças permanecem como Terceiro-Sargento. Sendo que o Quadro de Oficiais é composto por dois grupamentos: o primeiro grupo formado pelos médicos,

⁵⁶ Graduada de carreira SO-Suboficial feminina.

farmacêuticos, dentistas e veterinários (MFDV) e o segundo de técnicos, formados por profissionais de outras áreas do conhecimento, como a de Ensino Magistério /Pedagogia, onde temos um número maior da presença de mulheres, de 35 candidatos aprovados na seleção 09 eram do sexo masculino.

Assim, o discurso de identidade militar e muito fortalecido pelas cobranças legais quanto aos futuros Oficiais Temporários que estavam se formando para ministrarem aulas do ensino básico para crianças e adolescentes. No entanto, as relações de poderes e o simbolismo do poder maior militar destacado a partir da hierarquia e disciplina fortalece um poder constituído em detrimento a liberdade do que fariam quando estivessem formados. Uma contradição que se apresentava algumas nas relações entre homens e mulheres numa instituição “total” e impositiva que obviamente valorizava uma cultura patriarcal que se transformavam em barreiras simbólicas para as mulheres que adentravam na sua maioria na Força Aérea Brasileira.

2.2 – O *habitus* entre militares temporários e militares de carreira.

Não é fácil pensar e dizer o que significou para mim tal experiência, um grande desafio no campo pessoal, intelectual e profissional. Uma oportunidade impar ao ser selecionada para as fileiras da Força Aérea Brasileira, para o quadro de professores militares temporário do Colégio Tenente Rêgo Barros, a missão começava durante o processo seletivo, ao me tornar candidata àquela formação militar, foram dias cansativos, mas com um único objetivo: formar.

Para mim essa seleção foi árdua, talvez pelo fato de ser mulher, mãe e esposa, e estar com um bebê de dois meses tenha sido tudo muito mais corrido e puxado. Uma desvantagem em relação aos candidatos do sexo masculino. Ao adentrar ao quartel no período de formação, o bebê já com seis meses, a responsabilidade de concluir o curso só aumentava.

O dia era curto para todas as instruções recebidas no curso, e fora da caserna à jornada continuava indo dormir tarde para poder dar conta da família, da casa e dos estudos. No outro dia as 5:00 da manhã começava tudo de novo, eu morava longe do quartel então tinha que estar de pé cedo para não atrasar e não ser anotada, pois pontualidade é uma das características dos militares.

Coloco-me aqui como pesquisadora participante, segundo Pierre Bourdieu (2005, p.79), pois ao mesmo tempo em que pesquiso sobre a formação militar dos professores civis

para atuarem no colégio Tenente Rêgo Barros, também vivenciei experiências pessoais no cotidiano militar.

Dessa forma, essas experiências que vivi me fazem relacionar com a obra do autor Bourdieu, intitulada “esboço de autoanálise”(2005, p.79) que apresentou a situação de pesquisar sociologia em ambiente de guerra, uma experiência pessoal que obrigava-o a pensar em tudo, a controlar tudo, em particular o que parecia natural na relação ordinária entre os pesquisados e o pesquisador. Nessa dinâmica de pesquisa é possível pensarmos que existem experiências diversas na relação entre o objeto de pesquisa voltado para a história militar e a sua relação com o pesquisador. Nesse caso ao adotarmos os princípios do autor para a pesquisa acadêmica é necessário uma maior vigilância crítica em relação aos trabalhos do levantamento e análise das fontes, no sentido da percepção das experiências e os fatores que influenciam na investigação do objeto de pesquisa.

O autor era ao mesmo tempo sujeito e objeto da análise, em suas experiências do mundo social, não deixando de lado sua posição de origem, os espaços sociais que contribuem para determinar às suas práticas. Por exemplo, sua experiência de infância contribuiu em sua formação social, pois, vivenciou problemas com outros sujeitos que ao pronunciarem seu nome discriminavam à maneira dos camponeses da região em que ele morou quando criança, já que no internato havia alunos de várias origens sociais e culturais. Nesse caso, o nome de Bourdieu representava o símbolo de todo atraso rural e que causou problemas na sua infância levados até sua fase de pesquisador (BOURDIEU, 2005, p.79).

A pesquisa sobre a formação de militares temporários na FAB em Belém do Pará no início da década de 2010 apresenta contradições pela formação acadêmica, idade mais avançada que os militares de carreira e a relação entre uma formação totalizante e o pesquisador que corrobora com os argumentos de Bourdieu. Nesse caso, as origens sociais do pesquisador e sua experiência de vida ressaltam a importância do estudo dos aspectos simbólicos dos militares no ambiente da caserna e no espaço social. A formação acadêmica dos sujeitos que se submeteram a um estágio de formação de Oficiais temporários influenciou na construção dos militares que estavam adentrando na FAB, assim como a experiência do pesquisador que vivenciou a formação militar temporária e as contradições profissionais de cada sujeito.

A violência sofrida por Bourdieu oriunda das interações sociais ocorria em forma de racismo de classe ancorada na aparência física ou no sobrenome (BOURDIEU, 2005, pp.121-122). E por isso o mesmo possuía vergonha do seu sotaque, a origem do seu nome, e a forma como era chamado na escola pelos seus colegas. Essas vivências se destacavam como formas

de violência simbólica, um tipo de violência que as pessoas têm na cabeça, uma não aceitação da cultura do outro, que menospreza o diferente.

Essa perspectiva privilegia o pesquisador que se coloca no lugar dos sujeitos/objetos, com objetivo de levar aos leitores o reconhecimento de suas experiências, dificuldades, indagações, sofrimentos, dentre outros aspectos. A interação entre os sujeitos a partir das ideias explicitadas deixa algumas lacunas, mas nos leva a ideia do *habitus* que são as próprias experiências de cada sujeito e que se tornam um padrão social. Por isso, apesar da convivência com figuras ilustres da filosofia francesa, o autor contesta suas posições e identifica que esses agentes do campo compartilham um *habitus* diferente do dele (BOURDIEU, 2005, p.79).

A construção de uma identidade militar perpassa pelo entendimento do conceito de “*habitus*” e interações sociais que ultrapassam as relações familiares, além de construírem possibilidades de análise sobre o simbolismo para o grupo que se submete a ser militar.

O “*habitus*” segundo Karl Maton, tem a intenção de transcender uma série de dicotomias profundamente enraizadas que moldam os modos de pensar o mundo social. O conceito tem a intenção de oferecer um modo para analisar o modo de funcionamento do mundo social através de investigações empíricas. Contribuindo para moldar nossos *habitus*, engendrar um olhar sociológico ao ajudar a transformar nossas formas de enxergar o mundo social (MATON, 2018, pp.73-74).

O trabalho de campo nessa área de uma história militar do tempo presente e a consciência histórica (GADAMER, 2003, p.19) é relevante para que possamos pensar no sentido das reflexões feitas por Bourdieu e suas observações mais ou menos sistemáticas, reunião de descrições de conjuntos de vestimentas, fotografias, realização de gravações de conversas em lugares públicos, entrevistas com pessoas que eram informantes, sondagem por questionários, consulta de arquivos, etc. métodos de levantamento de fontes e que demonstram paixão por tudo o que dizia respeito ao país, sua gente, suas paisagens, surgindo sentimentos nele de revolta e culpabilidade diante de tanto sofrimento e injustiça que fizeram parte de sua vivência. Portanto, o *habitus* desses profissionais do magistério e pedagogia que adentraram ao meio militar da FAB, são diversos, e contribuíram para sua formação militar.

Apesar de ser mulher a “cotonete” de nº 07, com sua experiência de concurso e seleção para militar teve contribuição para que ela passasse por todo esse processo com serenidade.

“Eu já tinha tentado algumas vezes e batido na trave e aquela era a minha única chance, então não tinha opção de não dá certo, e eu agarrei com unhas e dentes, e aí aquilo foi me dando um gás de desafio, aí eu entendi que eu sou movida a desafio, e

isso eu levei pra vida e até hoje eu entendo por que eu gosto de atividades físicas que não são de competição, eu não gosto de competir, mas eu gosto de me desafiar, então era o que eu vivia ali, ninguém estava competindo com ninguém, não precisava ser melhor que ninguém eu precisava apenas me manter ali, eu pra isso eu precisava me desafiar a mim mesmo, psicológico, o físico e não demonstrar fraqueza, porque na hora que você demonstrar fraqueza no momento da formação, e isso eu recebi muita informação, de tio, irmão, amigos militares que se você demonstrar fraqueza se você se mostrar instável é em você que eles vão mirar, porque desestabilizando uma pessoa da turma eles desestabilizam também todo o grupamento e era o que acontecia, então por exemplo, até olhar eu recebi dica, ‘quando eles estiverem penalizando alguém não olha com olhar de pena, nem olha para a pessoa que está cumprindo, que está tomando banho gelado, nem olha para a pessoa que tá pagando, olha pra frente olha para o além’ e era isso que eu fazia” (“Cotonete” de nº 07, entrevista em 06/03/2022)

Dessa maneira, essa experiência da militar de nº 07 contribuiu positivamente em sua formação durante a caserna, saindo à frente dos demais alunos, pois de acordo com a gíria militar, essa estagiária já entrou no curso bizurada (BENTO, 2005, p.2)⁵⁷, utilizando de estratégia para sobreviver as cobranças do curso.

No campo de pesquisa de história Militar, a “aula de Bourdieu” (2005) sobre relações de poderes, racismo de classe, simbolismo e vivência do pesquisador durante seu trabalho de levantamento de fontes no período que o mesmo esteve no serviço militar na Argélia e sua volta como civil durante suas pesquisas nos apresenta importância do autor para o estudo dos sujeitos sociais que adentraram na FAB em 2011 para passarem na seleção e vivenciarem todo um processo de formação militar que os levou a ministrar aula no Colégio Tenente Rêgo Barros, porém, apresentou algo novo para além das normas de seleção, a chamada vivência na caserna que modificou não somente a estrutura de educadores formais, mas os levou a convivência em ambiente que pode ser considerado hostil e de pressão que fazia parte do cotidiano do militar da FAB.

As ideias de Bourdieu podem ser utilizadas para o campo da pesquisa histórica, já que a obra em debate apresenta três pontos importantes: o primeiro ponto da obra é a experiência de vida do autor, saber quem somos em vários momentos de nossa história de vida, que pode apresentar diversas vivências como traumas, alegrias, perseguições, relações familiares, que influenciam nas escolhas do historiador e servem para entendermos quem ele é. O segundo ponto é a trajetória do historiador como intelectual que faz fronteira com a história de vida do autor, porém, como experiência diferenciada, no sentido das primeiras leituras acadêmicas, dentre estas as que fizeram mais sentido, as influências teóricas que o levam até determinado momento de sua trajetória como intelectual e suas escolhas que

⁵⁷ Significado: Indivíduo que já conhece todos os bizus (dicas), que já sabe muito sobre o meio militar e tem a malandragem desse meio.

possibilitam a construção de uma corrente de pensamento científico ou aliança à determinada ideias. Por fim, a relação entre o intelectual e a produção de sua obra que perpassa desde a escolha do objeto de pesquisa, o levantamento de fontes e a possibilidade de convivência com os sujeitos que estão inseridos na pesquisa de campo, por exemplo. Essa experiência do trabalho a partir da Etnologia de Bourdieu apresenta uma maior interação entre objeto e pesquisador e insere este como parte da construção da pesquisa mais atuante e não somente a partir dos “gabinetes”.

Essa relação dos três pontos de Bourdieu na sua obra “esboço de autoanálise” de maneira geral é importante para que possamos compreender alguns aspectos da pesquisa histórica que apresenta possibilidades de investigação científica e o reconhecimento de relações de poderes muito para além de normativas, editais de seleção, no caso do estudo sobre os Oficiais professores da FAB, pois, existem aspectos simbólicos a serem desvendados e principalmente para esse caso nos leva a pensar na importância da oralidade como fonte de pesquisa, assim como dependendo do objetivo do trabalho uma convivência maior com os sujeitos entrevistados.

Como citado pelo autor, as experiências de vida do sujeito a partir de sua etnologia são possíveis perceber o contato entre o pesquisador e o objeto. Dessa forma, como dito anteriormente, me encaixo na construção desse trabalho de forma participante, visto que, se observa em minhas experiências no processo de formação, adaptação e atuação no âmbito militar que foi um pouco mais sugado do que para outros colegas de farda, não pelo fato do gênero, mas pela questão de minhas atribuições diárias tanto em casa, na família e na caserna. “Lembro que passei por umas situações adversas durante a formação com dores nos dois joelhos muito intensas, vinha de uma gravidez estava com seis meses sem praticar nada de atividade física e isso foi ruim, porque sentia dores constantes vivia tomando remédio para poder conseguir terminar o curso, era corrido o tempo todo, só andávamos correndo em fila indiana, subindo e descendo escada as nossas aulas aconteciam no auditório que era no segundo andar, e com esse ritmo foi só piorando os joelhos, fui para o exercício de campanha assim mesmo com muitas dores, não queria ficar para ir depois, ou ter que operar os joelhos e perder a vaga, sei lá passava tanta coisa na cabeça.

Fui para o exercício de campanha já estrupiada⁵⁸ com muita dificuldade para carregar meus materiais de “selva”, o mosquetão⁵⁹ que não podia soltar para não perder era como se fosse nossas vidas, a mochila pesada ninguém queria carregar, nem minhas cangas (BENTO,

58 Adjetivo[pejorativo] que perdeu um membro, mutilado, termo utilizado pelos militares.

59 Fuzil.

2005, p.2), acabei tendo duas cangas no curso devido mudança de lugar onde sentávamos durante as aulas. E como o tenente tinha informado que quem se recusasse era para a gente falar para ele, mas não quis prejudicar ninguém e resolvi carregar o acampamento todo, três dias sem dormir, cansada e preocupada com meu filho que havia ficado em casa como minha mãe doente, sogra e a senhora que cuidava dele de dia. Ficava pensando o que estava fazendo ali naquele lugar, mas logo vinha um animo quando pensava no meu filho, ele me dava força para continuar através de sua imagem em minha memória. Consegui superar e vencer todos os obstáculos do treinamento em selva. De fato era um preparo para a vida, para a sobrevivência além da guerra.

Durante a caserna entre os muros do quartel eram outros desafios, tinham várias instruções que me enriqueceram de conhecimento, mas também exigiam muito de nós como futuros militares da FAB. Por isso, ao final do dia já estava só os frangalhos, chegava tarde em casa e quase não tinha tempos de ver meu filho acordado, meu esposo militar também o que dificultava mais ainda devido o tempo de estar ajudando.”

Dentro dos muros do quartel, a mulher que agora faz parte desse espaço tem que se adequar ao cotidiano militar de forma igual aos homens, sendo que parte delas não tem tempo nem pra cuidar de si, e pega uma carga grande de trabalhos fora e dentro da caserna.

Quais aspectos simbólicos que poderiam ser tratados nesse trabalho? Quando pensamos na construção na obra denominada “o poder simbólico” (BOURDIEU, 1989), é possível pensarmos em questões discutidas no “esboço de autoanálise”, porém, com a profundidade da primeira obra. Nesse caso para a pesquisa dos civis que participaram da seleção para oficiais temporários da Força Aérea Brasileira é possível percebermos os aspectos da hierarquia e disciplina de uma Instituição Militar Federal, mesmo que o trabalho seja voltado para atividades Escolares no Colégio Tenente Rêgo Barros.

Essa relação de poder que envolve hierarquia e disciplina é notório em alguns momentos da formação, adaptação e atuação desses oficiais temporários independente do sexo. Percebi essa relação hierárquica e disciplinar nesses três momentos da carreira, cada um com seus significados diferentes, e algumas ocasiões me deixaram triste, pois a missão foi cumprida, porém foi desagradável e de forma insensível.

Um dia quando estava atuando no colégio como professora e ao mesmo tempo tínhamos missões militares a realizar. Minha mãe estava com câncer e internada há uns dois meses, então eu saía do colégio e ia ficar com ela no hospital até chegar alguém para me substituir e só chegava em casa quase 23:00, porque morava distante do quartel. E essa rotina era todo dia, um dia tinha acabado de chegar ao hospital para ficar acompanhando minha mãe

e recebi uma ligação de um oficial superior em que solicitava minha presença com urgência, mesmo eu tendo sido informado que estava fora do meu expediente acompanhando minha mãe no hospital e relatado toda a situação para ele, mas mesmo assim solicitou que eu me apresentasse a ele no exato instante, só fiz deixar minha mãe sozinha e voltei a escola para pegar minha pasta com documentos da empresa que eu era responsável por fiscalizar o contrato com a FAB e fui para o quartel que era próximo a escola. Fui andando e orando para ter forças de não responder com ponderação e ser punida por isso. Por dentro estava muito mal, tive que engolir o choro e me explicar pela fofoca feita por uma professora civil da escola que também era responsável de fiscalizar o contrato da mesma empresa só que no setor da escola e eu no setor do Comando Geral.

Desse modo, tive que informar toda situação, mostrar que eu estava regularizada perante a empresa, que não faltava material no setor que eu era fiscal, mostrar documentos, só então que o oficial superior entendeu que não passava de uma fofoca com meu nome para me prejudicar, motivo: o material do setor da mesma havia acabado e ela ligou para meu subordinado um adjunto que ficava responsável no setor do quartel e o mesmo não emprestou, porque tínhamos uma quantidade certa que não poderia faltar. Possivelmente, essa professora aproveitou a situação por eu ser militar e ter um regulamento a seguir, e não poder dizer não provocou essa situação de conflito e desconforto.

A análise dos estudos sobre a chegada de civis profissionais das áreas de magistério para compor pela primeira vez⁶⁰ em Belém do Pará a equipe de professores militares do CTRB possui uma verdade implícita nas normas que trabalham o processo de seleção e entrada na FAB o contraponto entre os ser civil e militar, que apresenta um “habitus” diferente do que os sujeitos que participavam da seleção na sua maioria tinham vivenciado. A FAB quer no seu processo seletivo cidadãos brasileiros que possuíssem títulos acadêmicos, voluntários ao serviço militar temporário que atendessem aos requisitos do edital, isto é, as verdades estabelecidas pelo edital. Esta concepção de verdade sobre o cidadão que estivesse apto conforme o edital de seleção que Bourdieu nos ilumina para o significado social e histórico de verdades postas e aceitas sem o entendimento de sua construção por parte da Instituição e os sujeitos que estavam prestes a adentrar nos portões do antigo I Comando Aéreo regional – I COMAR, local responsável pela formação dos “recrutas” Oficiais Temporários na capital paraense.

⁶⁰ Esta é a primeira turma de magistério mesmo com o CTRB tendo anos de atividades no campo do ensino e aprendizagem. A seleção se baseou nas normas contidas no <https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/8079/Nova-Lei-de-Ensino-regulamenta-requisitos-para-ingresso-na-FAB>. Publicado no dia 12/08/2011.

Bourdieu (2005) apresenta uma concepção de verdade ligada ao *habitus* que estabelece, por exemplo, que obras de arte utilizadas como fontes de pesquisa são analisadas de forma dupla historicamente, primeiro, através de um contexto social datado e situado, assim como pela forma de uso do objeto por parte de seus sujeitos que é construída pela posição social de seus utilizadores. Essa dupla forma de pensar as obras de arte como fonte de análise acadêmica permite ao pesquisador pensar em como se construiu determinado *habitus*, assim como as opções estéticas estabelecidas (BOURDIEU, 1989, pp.292-295).

No caso do estudo do campo da história da arte, por exemplo, Bourdieu destaca que muitos historiadores usam categorias de análise que são formas de embate do que é ou não é arte, sendo apenas categorias de análise nativas que representam verdades construídas no desconstruir o outro. Sendo importante interpretar as fontes como fruto de amnésias sociais e que são verdades dos que conseguem impô-las, caracterizando-as com ar de eternidade. Isto é, a validação das regras sempre dependerá da classe que as estabeleceu (BOURDIEU, 2005, pp. 292-295).

As verdades instituídas representam um processo de lutas que apresentam uma espécie de jogo de poderes que busca uma pretensão universalista com um juízo absoluto e negação da diversidade e relatividades de pontos de vista. Uma trama de investigação que necessita do entendimento do “pensamento essencial” como ponto de partida para o estudo de regras, normas e símbolos que operam em todos os universos sociais, como o campo religioso, científico e jurídico, dentre outros. O “pensamento essencial” se estabelece através de normas criadas com o caráter universal e verdadeiro, mas que são criações das relações de poderes entre os sujeitos. O que é possível pensar que concepções estéticas não existem a priori ou são princípios indestrutíveis, mas são construções simbólicas de poderes estabelecidos.

A convocação para os militares da FAB apresenta não apenas um campo jurídico-administrativo dos que buscavam um salário melhor ou possibilidade trabalho na sua área específica de magistério, e sim a interpretação da categoria militar a partir das “verdades” absolutas repassadas pelos princípios militares como hierarquia e disciplina que se estabelecem sob a égide de que a sociedade precisa de grupos diferenciados no sentido de uma identidade militar voltada para o “belicismo”, mesmo que seja para professores que irão atuar no CTRB.

Seguindo esse caminho, é possível refletir sobre como as regras, por mais que sejam legais estabelecidas com explicações plausíveis a partir de um olhar institucional e jurídico, pode ser também um espaço de embates e poderes simbólicos, que nos lembram que existe a

tentativa do afastamento do “eu” em nome de um coletivo cultural comparável as “verdades religiosas” no sentido de princípios basilares em tese irrefutáveis.

Nesse percurso da pesquisa devemos entender como se formam essas regras e suas tradições que identificam sujeitos pertencentes a uma coletividade militar. Esse olhar para o grupo que estabelece regras por estar no poder nos possibilita a construção de uma narrativa histórica interessante, quando se trata de contar a trajetória de profissionais da educação que veem no ambiente militar um mercado de trabalho e principalmente como irão se adaptar aos símbolos, tradições que estabelecem regras, mantem os militares que tem um poder maior a partir de suas patentes influenciando no cotidiano do recrutamento militar desses oficiais ou mesmo civis que atuavam no CTRB.

2.3 – Ensaio sobre o processo de admissão “da(o)s” Oficiais QOCON aquém das Normas.

O aviso de convocação pode ser analisado a partir da discussão sobre formação nas Forças Armadas brasileiras que perpassa pelo entendimento de uma categoria de análise chamada de “Ethos Militar”. Esta significa uma estrutura da identidade militar relacionada aos rituais, símbolos e cotidiano do ambiente dos quartéis no sentido de uma valorização do patriotismo e uma organização própria. Essa estrutura de significados e relações cotidianas se alicerça num mundo de oposição entre civis e militares, no qual “torna-se militar significa acima de tudo, deixar de ser civil. A oposição entre civis e militares é estruturante da identidade militar.” (CASTRO & LEIRNER, 2009, pp. 24-27), conforme podemos perceber na documentação abaixo:

“Este aviso de Convocação tem por finalidade regular e divulgar as condições e os procedimentos aprovados para a seleção de Profissionais de Nível Superior da Área de Ensino (Magistério e Pedagogia) Voluntários à Prestação de Serviço Militar Temporário, no ano de 2011.”⁶¹

O Aviso de Convocação do Ministério da Defesa, Comando da Aeronáutica e o Comando- Geral do Pessoal, responsável pelo recrutamento e mobilização de pessoal em suas disposições preliminares, em conformidade com o § 3º do art.17 do Regulamento da Reserva

⁶¹ Aviso de Convocação para a Seleção de Profissionais de Nível Superior da Área de Ensino (Magistério e Pedagogia) Voluntários à Prestação do Serviço Militar Temporário, no ano de 2011. Ministério da Defesa, Comando da Aeronáutica, Comando-Geral do Pessoal. Site: https://cidadeverde.com/noticias/editor/assets/img52/ensino_19_julho_2011.pdf

da Aeronáutica, aprovado pelo Decreto nº 6.854, de 24 de maio de 2009⁶², fazia a convocação de profissionais de Nível Superior da Área de Ensino (Magistério e Pedagogia) para as vagas de voluntários à Prestação de Serviço Militar Temporário, no ano de 2011, ao quadro de Oficiais Convocados de 2ª classe - QOCON.

No caso dos Oficiais temporários para o quadro de magistério, os mesmos após o processo de Convocação e recrutamento segundo as normas em vigor, pertenceriam ao ambiente da caserna, porém, com uma identidade diferenciada dos cursos de carreira, já que não poderiam legalmente seguir até o topo da carreira como militares, por serem temporários. Essa construção sociocultural própria de saberem desde o início que pertenceriam a um quadro de “reserva da Aeronáutica” e que prestariam “serviço militar temporário”, mesmo com uso da farda e as tradições próprias do “ethos militar” nos fazem pensar em concepções ligadas a história e a consciência histórica, como método de análise de fontes documentais importantes que perpassam pelo entendimento para além de normas constitucionais e o processo de entrada dos professores civis como Oficiais militares temporários. Uma categoria de estudo de militares cuja característica deve ser bastante estudada, no sentido do seu impacto social e as relações interpessoais no ambiente do Colégio Tenente Rêgo Barros que pertence à estrutura hierarquizada da FAB.

A entrevistada nº 28, professora civil de longa experiência, relata o processo de entrada de professores civis que estavam se submetendo a formação militar e que ao terminarem o chamado estágio de Adaptação estariam fardados, declarados Aspirantes-á-Oficial, prontos para ministrarem aula de história e das diversas disciplinas do ensino básico no CTRB. A sua percepção sobre a chegada desse militares apresentava uma ambiguidade na “escola”, pois, a mesma achava que seriam apenas professores e não militares. Conforme fragmento da entrevista a seguir:

“(...) quando vocês chegaram eu abracei vocês ! Eu não via vocês como militares, eu via vocês como professores militares, que por acaso eram militares. Para nós essa hierarquia dos militares não fazia sentido. Principalmente a área de história. E agora eles teriam um grupo de professores militares. Os professores civis seriam uma “espécie” em extinção.(...)

(Professora civil nº 28, entrevista em 16/06/2022)

É possível perceber como a entrevistada destaca uma percepção dos professores civis sobre os Oficiais QOCON, militares temporários que apresentavam, na sua visão, a partir de uma ideia de serviço civil/serviço militar e que foi uma das ambiguidades enfrentadas pelo grupo no sentido do “ser militar”, questão muito trabalhada no Estágio de Adaptação e a

⁶²<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-6854-25-maio-2009-588392-publicacaooriginal-112888-pe.html>. Pesquisado no dia 14/09/2021.

relação de trabalho na escola, que perpassaria por uma atividade civil, mas, que no discurso ligado ao “ethos militar” não ficaria acima das atividades de “tropa de infantaria”, ou seja, os militares QOCON cumpririam as atividades de serviço militar prioritariamente que o serviço de professor. Assim a professora civil se perguntava quem eram aqueles sujeitos? e nós também nos perguntávamos pós-formatura quem erámos ? professores, militares ou ambos? Muitas vezes achávamos que sabíamos a resposta, porém, a ambiguidade era o sentimento mais frequente.

O Oficial de carreira nº 03, que a época da entrada da turma em 2011 ajudou na formação, explica um pouco do que a Força Aérea Brasileira gostaria de construir junto ao Oficial QOCON no sentido da identidade militar em 50 dias, conforme podemos perceber no fragmento da entrevista abaixo:

(...) uma coisa que a gente tenta fazer quando a pessoa entra nas Forças Armadas, a gente tenta colocar uma situação de igualdade entre as pessoas, para que todo mundo tenha as mesmas condições, os mesmos alimentos, os mesmos fardamentos, a mesma instrução, e que a pessoa tem a oportunidade de se destacar de acordo com o esforço dela. E também tem o outro lado que a gente tem que tentar tirar essa questão da vida civil um pouco. A gente tenta tirar entre aspas alguns vícios, e começar incutir um pouco uma hierarquia e disciplina pensando nessa pessoa conseguir acatar as ordens mesmo que ela não concorde, mesmo que ela esteja sob desconforto, então a gente tenta pelo menos nessa fase inicial, e vou usar um termo que eu acho que não é bem adequado, a gente tenta desumanizar a pessoa, tenta colocar não você é estagiário, você é o número tal, eu creio que ela perde aquela identidade dela que ela tinha anteriormente, ai a partir daquele momento, que ela vai ter as instruções ela vai ser uma nova pessoa, vai superar os seus limites, vai enfrentar dificuldade, ela vai ver que ela consegue muito mais do que ela acha que poderia né, por conta disso.(...)

(Oficial de carreira nº 03, entrevista em 11/02/2022)

No relato do Oficial é perceptível à ideia da construção de uma identidade militar e seu “ethos militar” a partir de uma concepção de superação, valores a partir de dicotomias entre o civil/militar. A construção de uma suposta igualdade a partir dos eventos que ocorriam no período de formação, que no caso do QOCON ocorriam de forma mínima, já que para o entrevistado a partir das instruções ela vai ser uma nova pessoa. Nesse caso, lembrei-me durante a entrevista, como as instruções ocorriam e os momentos de orientação durante o Estágio de Adaptação se a gente estava preparada para morrer e também matar, pois, estávamos em simulação de momentos de combate, isto é, “relembriamos” situações voltadas para a guerra, mesmo que nosso quadro fosse todo voltado para atender as demandas na época, ainda assim chamada, Escola Tenente Rêgo Barros e as missões específicas do ensino básico.

Essas ideias nos apresentam possibilidades de entendimento de uma Instituição militar, especificamente a FAB e seus Oficiais QOCON, e que no olhar geral tem suas

características culturais “iminentemente masculinas” devido a influencia da construção histórica dos militares. Já que muitas mulheres tiveram que se travestir como homens para servirem na tropa durante o século XIX, por exemplo (SILVA, et al p. 136). Uma compreensão das mentalidades e da memória de um cotidiano de embates bélicos e trabalho ligado à preparação para atividades de combates que no discurso de formação do Oficial QOCON entre homens e mulheres que passaram no processo de seleção em 2011.

Na verdade, apesar das exceções históricas, o território ocupado por militares passa a ter uma característica masculina, mesmo com um contexto do século XXI que a Constituição Federal de 1988 prevê igualdade de gênero (SILVA, et al, p. 135). Por isso, recentemente as mulheres passam a ter uma maior participação, no caso do Oficial QOCON a maioria estava formada por mulheres, mantendo toda a cobrança hierárquica. Essa é a diferença do “mundo civil”, o “superior é obrigado a comunicar a falta ou transgressão do colega”, isto é, na atualidade a fiscalização dos padrões militares ocorre a partir da relação de hierarquia e disciplina junto aos novatos. E suas práticas são muito ligadas às concepções de pátria, ordem, disciplina, hierarquia, dentre outras determinações criadas para estruturar “a vida cotidiana do meio militar”(FERNANDES, 1978, p. 168-170) e seus sujeitos que não serve para o cotidiano fora dos muros dos quartéis, mas influencia na mentalidade dos militares.

No caso do Oficial QOCON o processo de formação passa por ideia de “pressão” análoga ao que acontece com os cadetes da AMAN (CASTRO), obviamente por um tempo diminuto e com profissionais da área de ensino que estão com idades elevadas e experiências diversas fora da “caserna”, porém, com a construção mínima de “espírito militar” que busca para aqueles oito anos fortalecer o discurso de defesa da pátria e a soberania nacional.

Dessa forma, a ideia de sujeito destacado (SPIVAK, 2010, p. 11) ao prefaciá-la obra, nos possibilita entender as mulheres e homens durante o processo de seleção para as vagas de Oficiais Temporários QOCON. Estes podem ser considerados no âmbito interno como “sujeitos subalternos”, que “remete a preocupação de Spivak em teorizar sobre o sujeito subalterno, que não pode ocupar uma categoria monolítica e indiferenciada, pois, esse sujeito é irreduzivelmente heterogêneo”.

Nesse caso, é importante entendermos que o “estagiário”⁶³ ou Oficiais “cotonetes”⁶⁴ tem um discurso legal de unidade e homogeneidade ligada a relação de poder, porém, tratamos de pessoas de diversos grupos sociais que já tinham experiência no trabalho como

63 Fala do Oficial entrevistado 03 quando perguntado como era conhecidos os candidatos as vagas de Oficial QOCON, “estagiários”.

64 Durante o curso no âmbito interno da FAB os Oficiais se referiam aos Estagiários como COTONETES devido a camisa branca, calça jeans e tênis branco lembrando a forma física de um cotonete.

professores civis e instituições civis e que ocuparam vaga na FAB como temporários. A construção de identidade com os militares que já estão na força é pautada por um processo de heterogeneidade de valores sociais e que mesmo sendo Oficiais representam um poder de fala de subalternos e que muitas vezes não se levava em consideração devido os próprios valores da força militar que pertenciam e a discussão de identidade, pois, os mesmo primeiramente estavam como militares, depois como educadores. Outra característica dessa ambiguidade dos militares QOCON estava relacionado à força de trabalho que os mesmos proporcionariam depois de formados e ao mesmo tempo a relativização de sua fala justamente pela ideia de temporário, fator que imprimia um aumento dessa “identidade ambígua” e um controle maior por parte dos superiores sobre o grupo de professores e ao mesmo tempo Oficiais QOCON.

Desse modo, é difícil identificar no meio militar uma identidade homogênea, segundo Miranda (2012,p.28) esse termo de identidade não é empregado e o termo que mais se aproxima de identidade é caráter militar. Ao citar Brochedo, que diz que o caráter militar é formado pelos valores coletivos cultuados na caserna sendo o conjunto desses valores a base profissional dos militares quando em contexto de combate (MIRANDA, 2012, p.28).

De acordo com Miranda (2012. P.27) o caráter conforma-se com a narrativa de vida do individuo e sua biografia, que segundo cita Riceur , o caráter é definido como um conjunto de traços e identificações sedimentados pelo habito que acaba de construir a identidade total do individuo. Para o autor o habito dá uma história ao caráter. Um signo distintivo que com o que reconhecemos uma pessoa [...] não sendo o caráter outra coisa que o conjunto desses signos distintivos. (MIRANDA, 2012,p.28)

Sem um caráter militar soldados transformam sua organizações em meros corpos cerimoniais, dispendiosos e inócuos. O fato de vestir virtuosos uniformes , usar armas, e insígnias não é suficiente para se caracterizar um militar(MIRANDA, 2012, pp.28-29).

Dessa forma, é preciso muito mais que simples estereótipos para a construção da identidade militar, existe uma necessidade de sabermos quem somos e como nos sentimos, a identidade segundo Miranda é vista como capaz de designar as características fundamentais dos seres humanos e é moldada pelo reconhecimento ou ausência dele (2012, p.29). Um reconhecimento na esfera íntima, que o outro possa nos ver como somos interiormente, e a outra forma na esfera pública, onde se faz necessário uma política pública de reconhecimento igual para todos (MIRANDA,2012, p.29).

Assim, os oficiais temporários do quadro QOCON são visto por parte da sociedade belenense como “oficiais militares transitórios”, não são militares, mas são obrigados a se

sentirem militares por um tempo, pois eles tem uma limitação, um tempo de permanência na instituição. Conforme a fala da oficial de carreira nº 02:

A Força Aérea é voltada para militares de carreira, existe toda uma estrutura de formação, continuação na carreira daqueles que são de carreira, isso é normal, sempre foi assim, nós tivemos sempre militares temporários que a ideia era que eles prestassem aquele serviço e depois fosse embora, levassem o que foi ensinado aqui pra fora, mas não é uma prioridade de continuação de formação, eu por exemplo já fiz diversos cursos pagos pela Força Aérea, mas não costumamos ter isso para militares que não são de carreira.[...] Eles são militares temporários estão aqui para prestar aquele serviço por um tempo determinado e depois ir embora, diferente de um militar de carreira, eu acredito que para o objetivo que era eu achei que foi tranquilo foi tempo suficiente a formação.

(Oficial de carreira nº 02, trecho da entrevista em 10/02/2022)

O relato da oficial de carreira nº 02, deixa claro que os oficiais temporários eram considerados apenas como prestadores de serviço para a Força Aérea Brasileira, pois formavam em tempo curto e tinham um tempo limitado para cumprir o que foi proposto no Aviso de Convocação da seleção de professores.

Por esse motivo para alguns oficiais de carreira os oficiais temporários são vistos como “oficiais miojo”, instantâneos, formados em pouco tempo, de acordo com o “cotonete” nº 11

Tive certa identificação com os alunos Os alunos da ... eles não gostavam de quem formava lá, porque eles viram a formação, então o que acontece? Essa turma que fez o processo de adaptação lá sofreu um preconceito, porque os alunos de certa forma eles não gostaram disso, porque era a primeira turma de fato e o que acontece? o aluno demora três anos para formar na EPCAR e quatro anos na AFA, então o aluno que estava menos tempo estava já a um ano, então a gente chegou lá e fizemos um estágio de 50 dias de no máximo 60 e saímos como tenente isso de certa forma causou um mal estar entre eles, que eles chamavam a gente de “miojo”, instantâneo, feito na hora, éramos chamados “oficiais miojo”, “tentes miojo”. Então eles não consideravam nós ali. Esse preconceito eu não tive pelo fato de ter chegado ali sendo transferido, então eu não tive essa coisa, e eu cheguei falando de uma outra visão porque as vezes eles achavam a EPCAR muito chata, muito certinha, tudo muito certinho, aí eu falava que isso era só no período de formação que depois a vida melhorava, que na Base Aérea a vida era muito boa, eu nem sabia como era a Base Aérea, fui uma vez na Base Aérea, fomos uma vez, eu falei o que tinha visto na Base Aérea, assim eles gostaram disso, falei do COMAR, que a vida lá era mais “light”, na sexta-feira era meio expediente, então eles gostaram, que eu cheguei com uma experiência de Belém e lá era interno, eles eram liberados na sexta-feira a noite as 20:00 e retornavam no domingo as 22:00.

(“Cotonete” nº 11, trecho da entrevista em 07/04/2022)

A experiência vivenciada pelo “Cotonete” nº 11 durante sua atuação na EPCAR, foi diferente das experiências dos “Cotonetes” colegas de turma, que formaram em Belém no COMAR I e atuaram no colégio CTRB em 2011, pelo fato da EPCAR ser uma Escola

Preparatória de Cadetes do Ar, uma instituição militar de ensino médio com objetivos de preparar os alunos para o ingresso no curso de Oficiais Aviadores⁶⁵. E por isso, esses alunos cadetes não olhavam com bons olhos esses oficiais temporários formados em 50 dias pela FAB, com objetivo de assumir como professores militares temporários nas escolas da FAB e também realizar trabalhos no campo militar, acreditavam que esses oficiais não estariam bem preparados para a missão e acabavam discriminando.

Dessa maneira, a partir das minhas vivências ao longo de oito anos na FAB, me aproximo das ideias destacadas por *Bourdieu (2005, p. 79)* ao relatar suas experiências no momento da guerra de independência da Argélia e que apresenta a justificativa da escolha das fontes e a interpretação das mesmas a partir de seu caráter simbólico. No entanto, ainda uso o que *SPIVAK (2010, p. 20)* mais crítica, métodos e teorias que são representações de um sujeito subalterno, a verdade a crítica serve para que saibamos que ao utilizarmos de uma visão ocidental, temos uma ideia dos subalternos que não são próprias do grupo. Segundo a autora a “produção intelectual ocidental é, de muitas maneiras, cúmplice de interesses econômicos internacionais do ocidente”(SPIVAK, 2010, p. 20) assim como “ao final oferecerei uma análise alternativa das relações entre os discursos do ocidente e a possibilidade de falar da(ou pela) mulher subalterna”. (SPIVAK, 2010, p. 20). Ou seja,

“não se trata de uma descrição de ‘como as coisas realmente eram’ ou de privilegiar a narrativa da história como imperialismo como a melhor versão da história. Trata-se, ao contrário, de oferecer um relato de como uma explicação e uma narrativa da realidade foram estabelecidas como normativas.” (SPIVAK, 2010, p. 48)

A experiência das mulheres e homens que adentraram nas Forças Armadas, na transição do século XX para o século XXI, principalmente, no caso específico da Força Aérea Brasileira, nos leva a necessidade de entender a mentalidade e formas de atuação dos grupos sociais no âmbito do cotidiano dessas instituições. Cabe enfatizar que as instituições militares tem uma função estratégica no sentido da construção dos grupos que buscam a construção de um poder. A força física e bélica, também caracterizam as tropas que no geral são formadas na sua maioria por homens e poucas mulheres. (SILVA, 2018, p.137)

Nesse sentido, a partir dos anos 80 esses sujeitos passam a ganhar nova roupagem, agora homens e mulheres disputam os mesmos espaços sociais, com destaque para o campo do trabalho e acadêmicos. E a figura feminina ganha um novo enfoque, e perante a carreira militar passam assumir postos que anteriormente os homens dominavam.

65 <https://www2.fab.mil.br/epcar/index.php/missao-visao-e-valores>

Essas relações sociais dos sujeitos militares QOCON proporciona o entendimento dessa concepção de consciência histórica, que nos leva a reflexão sobre a estrutura militar estudada, no qual o passado transita no presente e o presente transita no passado num processo de criação de complementariedade, já que o historiador vai ao passado devido as suas inquietações no tempo presente. (GADAMER, 2003. p. 19) Nesse caso, mais específico, esta pesquisadora vivenciou o processo de seleção, formação e relações de trabalho no meio militar. Um fator de inquietação que perpassa pela experiência de ser Oficial Temporária.

Nesse sentido, a discussão em torno das normas de seleção para os militares temporários representa uma inquietação do passado, no sentido da ideia histórica construída sobre os militares, mas, que no caso dos oficiais militares QOCON explica parcialmente, já que esta categoria é ligada ao magistério, que está para além da norma de seleção ou previsão constitucional, pois, na análise das fontes é possível compreender o “ethos militar” diferenciado dos militares de carreira e os militares temporários, uma concepção de militares implícita, e dependendo da leitura explícita na “letra da lei”, uma contradição quando se trabalha a ideia de formação, pertencimento e identidade militar.

Na Academia Militar das Agulhas Negras, no Exército Brasileiro, é “forjado” um processo de construção da identidade social do militar, do espírito militar. Já que o cadete (aluno) vivencia na Academia um processo de socialização profissional, momento que o mesmo vai aprender os valores, atitudes e comportamentos apropriados a vida militar. O objetivo é construir uma “peneira” para no período de adaptação que visa levar a desistência dos novatos que supostamente não possuem vocação para a carreira militar. Um período que segundo os cadetes “não há tempo nem para pensar”. (CASTRO, 2004, pp. 19-21)

Quando se trata do processo de relação social do Oficial QOCON, a Estagiária 02, destaca em sua fala um pouco da rotina entres os “de carreira” e os “temporários” e como as mulheres eram submetidas às mesmas atividades que os homens, porém, é possível perceber a ambiguidade de ser um Oficial temporário, quando a mesma é perguntada sobre “se alguma vez os homens fizeram ela se sentir inferior por ser mulher”, a mesma afirma a relação dos militares que eram oriundos de escola e a forma que tratavam o Oficial QOCON, conforme fragmento da entrevistada a seguir:

“eu não digo inferior, mas assim, eles em determinado momento tentavam fazer com que a gente se sentisse mal sim pelo fato de eles virem de escola, de eles terem feito todo aquele processo que a gente não fez, eles querendo ter mais direitos do que a gente, e na verdade, eles tem, se você tá na fila da situação das casas, vamos supor, quem fica com as melhores casas? Quem é de carreira, os que são temporários vão lá para a Doutor Freitas, eles não tem direito de ficar lá dentro da vila da Maracangalha, então, tivemos colegas que ficaram, tivemos, mas foram gestões diferentes, cada época é a visão do gestor que tá assumindo, por exemplo, a

prefeitura, mas por exemplo em outros momentos, se você tiver que receber algo, vamos dizer uma premiação, não sei o quê, primeiro que eles vão colocar lá e por antiguidade, depois, os que são de carreira, e o que sobra, como diria um dos Oficiais [grifo nosso] que passaram lá, que “nós eramos o pó, do estrume do cocô do cavalo”, ou seja, “não eram nada”.

(“Cotonete” de nº 02, entrevista em 08/02/2022)

De acordo com a “Cotonete” 02, esse tipo de tratamento no meio militar apesar de não ser adotado por todos os militares, mas é uma prática normal entre eles, principalmente entre os homens. E essa questão da prioridade de recebimento destacado pela “cotonete”, segue um critério de antiguidade do militar.

As singularidades e as regras gerais dessa investigação histórica nos apresentam um cotidiano diferenciado da convocação e formação de Oficiais temporários para o magistério no CTRB, pois, os caminhos a partir da análise das fontes legais apresentam uma possibilidade de entendimento que a visão Institucional precisa de um “oficial convocado” ligado à concepção dos regulamentos internos, como um sujeito que não seguirá carreira e sua identidade com “a caserna” tem uma ligação com as diversas experiências de uma pessoa que tem uma idade limite de 44 anos conforme quadro cursos e estágios apresentados anteriormente.

A análise das fontes jurídicas relacionadas às experiências dos diversos militares serve para a compreensão do processo histórico da chegada dos professores que se tornaram Oficiais QOCON (Quadro de Oficiais da Reserva de Segunda Classe Convocados) com treinamento específico militar. Nessa ideia podemos seguir a concepção linear e fria da lei com chegada e treinamento desses profissionais da educação ou podemos buscar a construção analítica por meio das diversas experiências e relações de poderes entre os sujeitos. Obviamente que a discussão sobre a construção da narrativa histórica e a compreensão das normas nos passa uma ideia da visão Institucional, no entanto, esta não é a verdade sobre o percurso histórico dos diferentes sujeitos candidatos a Oficiais QOCON na FAB e ao mesmo tempo é preciso outras fontes nesse processo investigativo para um maior entendimento da chegada desses sujeitos sociais.

O entendimento sobre as normas jurídicas do processo entrada dos professores civis como Oficiais militares nos leva a construção de uma narrativa histórica que considera a explicitação de valores como fruto das esferas heterogêneas com seu desenvolvimento desigual, isto é, uma esfera pode apresentar a “essência” em um sentido, ao passo que outra esfera impede isso em outro sentido, caminhando para uma desvalorização. Nesse caso, temos o exemplo de que a história humana é a história da colisão de valores de esferas heterogêneas,

sendo esta apenas uma das contínuas colisões de valores que ocorrem na história. Todo esse processo apresenta uma tendência de desenvolvimento que transita entre a construção de valores e a desvalorização favorecendo o fortalecimento de determinado valor.

Assim, a história é o desenvolvimento e a substância social é a própria substância em desenvolvimento. Na verdade, a história é a substância da sociedade e esta é um complexo determinado, com método de produção determinado com a apresentação de classe, formas mentais e alternativas igualmente determinadas. Essa concepção facilita a análises de fontes históricas que possibilitam uma percepção da construção desses homens e mulheres que buscaram o trabalho de professores/oficiais temporários na FAB construindo um processo histórico de desenvolvimento de valores e sentido social.

2.4 – O lugar da Mulher na caserna: é onde ela se permitir ?

Ao estudarmos esse campo do gênero destaca-se a história da mulher, um estudo que produz crítica à visão da História dominante. De acordo com Joan Scott (1995, p.75) no seu uso recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulher”. Durante os últimos anos, livros e artigos que tinham como tema a história das mulheres substituíram em seus títulos o termo “mulheres”, pelo termo “gênero”. De acordo com a autora não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem tão pouco designa a parte lesada (e até hoje lesada). Desse modo, as mulheres ganham mais legitimidade acadêmica. Pois existia um ideal tradicional, que era passado às mulheres de uma forma homogênea e era seguido, era o de mulher frágil, compreensiva, passiva, que era boa esposa e boa filha. De acordo com esse padrão feminino Carla Bassanezi (1993, p.14) afirma:

No modelo de família na época enfocada, as distinções de gênero delegam ao home autoridade e poder sobre as mulheres, são considerados os chefes da casa. As mulheres por sua vez são definidas a partir dos papéis tradicionais (prioritariamente mães, donas de casa esposas vivendo em função do outro, o homem).

Essas conexões eram estabelecidas por um conjunto de normas sociais que definiam essas relações como naturais e que eram válidas para todas as classes. A mulher era vista de uma única forma, como se não existissem distinções sociais, culturais, temporais, transformando esse padrão uniforme.

É perceptível que as relações de gênero apresenta ao longo da história significação de masculino e de feminino, e de papéis nomeados para homens e mulheres que vem sendo aprimorados desde a antiguidade e tem condicionado as situações atuais. (Stearns, 2007)

A participação da fala dessas mulheres é uma inovação do século XXI , que estudiosos procuram transformar o horizonte sonoro. Conforme Perrot (2005), evidentemente, a irrupção de uma presença e de uma fala feminina em locais que lhes eram até então proibidos ou pouco familiares. Portanto as mulheres aparecem menos no espaço público que falasse pouco delas, normalmente um homem que faz o relato se acomoda com a frequente ausência. Essa mulher não é considerada, e seu trabalho acaba sendo relacionado a tarefas domésticas e ocupações, que não a ajudam a ganhar visibilidade na sociedade.

A partir da década de 1960 a mulher ganha mais espaço, pois é um período de mudanças, e om a aproximação da história com antropologia e da etnologia dos anos de 1970, com a “Nova História” houve um desenvolvimento dos temas e surgimento de outros, novos objetos como, família, casamento, crianças, sexualidade, vida privada, e mulheres. (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021 p.242). Em um momento de contestações políticas e sociais as mulheres passaram a questionar o padrão social destinado a elas.

Com os avanços dos estudos com ênfase na Nova História, a partir da década de 1970, contribui para que possamos compreender a mudança de postura em relação à negação da mulher enquanto elemento significativo de abordagem historiográfica com a aplicação do modelo conceitual das práticas que possibilitaram já na década de 1980 a concretização da história da mulher no âmbito militar.

Na década de 1980 o Brasil passa por transformações políticas e econômicas que permitiram consolidar o novo papel da mulher em nossa sociedade. A busca por direitos civis e pela democratização, fez com que setores da sociedade se propusessem a repensar a postura que tinham diante do processo de profissionalização feminina, o que possibilitou que a ideia de igualdade de direitos entre homens e mulheres passasse a ser discutida em maior escala. (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021, p.242).

O Brasil vivenciou um período de redemocratização, às mulheres ganham mais visibilidade e passaram a incorporar vários espaços que antes era apenas aberto aos homens, o campo militar começa a receber esses sujeitos femininos, às Forças Armadas. Vários outros motivos levaram as mulheres a adentrarem esse espaço, entre eles, o desinteresse dos homens da elite sociais em relação ao ingresso a carreira militar, devido ao desgaste que ocorreu mais de duas décadas de governo burocrático-autoritário (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021, p.245)

As mulheres adentraram aos quartéis de forma voluntária, disputando ou dividindo o espaço com os homens que já eram acostumados com atividades consideradas de risco e de rigor disciplinar. Estes se sentiam superiores, fortes, e preparados. E desqualificavam essas mulheres, como sensíveis, fracas, incapazes e inferiores.

Na sociedade atual é evidente que a mulher já ocupou seu espaço, pois a dominação do homem sobre a mulher é simbólica que pressupõe a naturalização dessa dominação na sociedade, exercendo sobre os corpos um forte poder, sem haver necessidade de força física (Silva, 2006).

Sobre a inserção das mulheres às Forças Armadas, tem sido de maior entendimento pelo fato de que as mulheres encontram suas maiores limitações na carreira militar sobretudo em razão de sua aparente “fraqueza física” e vocação maternal. (Silva; 2006).

Existe uma divisão em relação às opiniões sobre a entrada das mulheres nas Forças Armadas, essas militares já conquistaram espaço, desempenhando em sua vida militar valores como disciplina, hierarquia, precisão, rapidez, coragem, bravura, etc. Esses valores são ressaltados como valores militares, que seriam particularidades dos homens, pois, tal estrutura militar foi construída ao padrão universal masculino. Dessa maneira, as mulheres se sujeitam ao código masculino conforme Silva (2006,p.08)

(...) não existe mulher ou homem, existe o militar, porém o código é masculino, portanto, a mulher se sobrepõe a identidade militar e se torna “militar homem”. A mulher é negada como mulher, assimila essa negação e passa a ser o militar e não a militar(...)

A instituição militar apropria-se da representação simbólica do gênero feminino na sociedade. Inicialmente, as Forças militares permitiam que as mulheres servissem apenas nas armas da Intendência, não permitiam que mulheres servissem nas armas combatentes, como foi o caso da Força Aérea Brasileira. A mulher geralmente auxiliava na retaguarda, seja como enfermeira ou como secretária, não podia ser combatente e só se apresentava na batalha travestida. O homem é quem poderia assumir funções maiores, poderia comandar.

Em 1982 a Força Aérea Brasileira cria no Ministério da Aeronáutica o Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica que dá acesso a entrada de mulheres no serviço militar através da Lei nº 6.924, de 29 de junho de 1981. (Diário oficial da União, 1981)

Na Força Aérea Brasileira a presença de mulheres hoje já é uma realidade em setores diferentes, a FAB foi a primeira das três Forças a dar oportunidade para que as mulheres pudessem atuar na atividade fim da instituição. Essa participação feminina na Aeronáutica em atribuições que antes eram ocupadas pelos homens ocorre de forma gradual.

Em 1981 foram criados quadros femininos de oficiais e de graduados que possibilitaram a entrada das primeiras mulheres, na Força Aérea Brasileira (FAB), chamados de “Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica-”(CFRA), que era dividido em QFO e QFG , formando o primeiro como 2º Tenente, e o segundo com 3º sargento e Cabos, Lei n. 6.924, de 29 de junho de 1981 (Diário oficial da União, 30 JUN, 1981)

Os quadros QFO e QFG foram extirpados, com justificativa de não haver mais necessidade de se manter um Corpo de militares específicos para o sexo feminino, além de fortalecer o que preceitua a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 5º. Pois, as mulheres já poderiam ingressar na Aeronáutica em diversos quadros.

Foi constatada pela FAB a necessidade de serem criados novos Corpos e Quadros, e ainda extintos e dados novos nomes a outros, consolidando e atualizando inúmeras leis e decretos-leis existentes sobre o mesmo assunto. (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021, p.248). Realizou-se uma reestruturação dos Corpos e Quadros de Oficiais e de Praças da Aeronáutica. As especialidades do QFO foram absorvidas pelo Quadro Complementar de Oficiais da Aeronáutica (QCOA) e as do QFG pelo Quadro de Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica (QSS). O QCOA foi criado pela Lei NR 6.837, de 29 de outubro de 1980 e regulamentado pelo Decreto NR 85.866, de 01 de abril de 1981. (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021, p.248)

Desse modo, a Força Aérea Brasileira abriu espaços para as mulheres e outros quadros foram criados como o Quadro de Oficiais Intendentes, em 1995 na Academia da Força Aérea (AFA- Pirassununga/SP), com atuação multidisciplinar, que abrange atividades afetas ao Direito, à Administração, à Contabilidade, às Finanças e à Gestão de Projetos⁶⁶ e a primeira turma de cadetes do sexo feminino ingressou em 1996.

Oito anos depois, em 2003, a AFA recebeu as primeiras mulheres para o Curso de Formação de Oficiais Aviadores, que formam em Bacharel em Ciências Aeronáuticas, com habilitação em aviação militar e bacharel em Administração . Em 2006 foi formada a primeira turma do Quadro de Oficiais-Aviadores com a presença das mulheres. Nela encontram-se 11 mulheres que formaram das 20 que entraram (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021,p.248).

A Escola de Especialista de Aeronáutica (EEAR) – Guaratinguetá -SP recebeu a primeira turma de mulheres em 2002, no Curso de Formação de Sargentos, especialistas da FAB que atuariam na manutenção das aeronaves e daria suporte a toda estrutura da Força Aérea Brasileira e aos poucos elas foram ocupando espaço dentro da instituição.

⁶⁶<https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/34499/INTEND%C3%8ANCIA%20%20Conhe%C3%A7a%20o%20trabalho%20da%20Intend%C3%A7%C3%A3o%20da%20Aeron%C3%A1utica>

Dessa forma, as mulheres marcaram presença em diversos setores da FAB, a primeira piloto militar a voar sozinha em uma aeronave da FAB em 2003 foi a então cadete Gisele Cristina Coelho de Oliveira⁶⁷, ingressou na primeira turma de mulheres do Curso de Formação de Oficiais Aviadores, hoje é capitão e é a primeira mulher a ocupar a função de comando de um esquadrão da Escola de Especialistas da Aeronáutica (EEAR).

Em 2009, tivemos uma dupla feminina que comandou uma missão: as tenentes Joyce de Souza Conceição e Adriana Gonçalves, do Sétimo Esquadrão de Transporte Aéreo, decolaram de Manaus para (AM) em um C-98 Caravan em direção a Parintins (AM)⁶⁸ (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021,p.248). As mulheres podem voar em todos os tipos de aeronaves, como caças, helicópteros e aviões de transporte. As pioneiras atingiram em 2014, o posto de Capitão.

Na área da saúde a mulher também ganhou destaque, em 2015, a Casa Gerontológica Brigadeiro Eduardo Gomes, sediada no Rio de Janeiro recebe a Coronel Médica Carla Lyrio Martins que assumiu o Comando da Organização Militar da Instituição. (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021, p.248)

Outra forma das mulheres adentrarem as fileiras da Força Aérea Brasileira é pelo Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª Classe Convocados – QOCON. (Áreas de Apoio), em que homens e mulheres disputam vagas para exercer a carreira de oficial temporário em diversas áreas, estes sujeitos são promovidos até o posto de 1º Tenente e também pelo quadro dos praças, que permanecem como Terceiro-Sargento. Sendo que o Quadro de Oficiais é composto por dois grupamentos: de médicos, farmacêuticos, dentistas e veterinários (MFDV) e de técnicos, formados por profissionais de outras áreas do conhecimento. E o Quadro de Sargentos da Reserva de 2ª Classe Convocados (QSCON) atende a profissionais de nível médio. Esse Quadro foi criado em 2013, a entrada é feita por seleção e a duração é de até 8 anos, Lei de 12.792, de 4 de abril de 2013 (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021, p.249)

Desta forma, percebe-se a relação de gênero, que constata discrepância entre os homens e as mulheres e suas relações sociais, e como essas ligações são estabelecidas em diversas sociedades, períodos e culturas.

O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, estão entrelaçados, não existindo esfera separada, e sim construções culturais. Uma criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (SCOTT, 1995, p.75).

67<https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/31716/NOTAER%20%20Confira%20a%20hist%C3%B3ria%20de%20mulheres%20que%20colaboram%20com%20a%20FAB%20para%20cumprir%20a%20sua%20miss%C3%A3o>
68 www.fab.mil.br

Para Antunes (2017,p.6) essa participação feminina em várias esferas da sociedade altera as relações de poder no mundo do trabalho, da educação e de outras áreas em que se insere. E no meio militar acontece de forma igual, com a presença da mulher nesse espaço masculino muitas das vezes esse sujeito não sabe lidar com essa alteração da relação de poder e mesmo que de forma inconsciente deixa escapar um desconforto por ter uma mulher no comando. A situação das mulheres nas Forças Armadas para a “cotonete” de nº 05

É mais uma coisa pra respeitar a legislação sabe? Porque quando a gente está lá dentro a gente vê que não ... não que eles tenham que tratar a gente diferente, mas eles fazem questão de mostrar que tem que ser diferente, nas falas do dia a dia, “não vai dar conta”, “não vai fazer”, “mas tu não quiseste entrar? Tens que fazer a mesma coisa”, por exemplo, uma vez um sargento eu não lembro bem o que ele falou, aí eu disse assim é ...ele reclamou alguma coisa de professor, aí eu disse assim me dá uma semana que eu aprendo a fazer o que tu fazes, agora se eu ter der uma semana pra ti aprender a fazer o que eu faço tu não vais conseguir porque dar aula não é pra todo mundo, dar aula pra criança não é pra todo mundo, então assim , a mulher ainda é vista...não por todos porque a gente não tem como saber, mas vista ali como uma oficial de segunda classe, “ah! Mas aquela coronel”, “ah!Mas aquela tenente”, tu não vê um comentário de um coronel, de um sargento, de um tenente, parece que as mulheres ainda são vistas como oficiais superiores...Quando é que tu pensa que vai chegar a existir uma Brigadeiro? Uma Brigadeira? Tu tens ideia que não existe a nomenclatura feminino? é só masculino para as patentes, sargento, soldado, tenente é neutro né? O pessoal fica brigando pelo neutro, eu que sou da área digo já existe o neutro a muito tempo vocês que não perceberam, tenente, coronel, mas não vai ver uma chefe do Estado Maior, vê aviadora, porque elas passaram por um processo seletivo, uma faculdade, etc, mas tu vê advogada, então são sempre áreas específicas, tem tenente, major , tenente coronel, elas passaram por processo diferente, elas são respeitadas? são, mas nós sempre temos que fazer duas, três, quatro, cinco vezes mais que os oficiais masculinos, porque se a gente fraquejar aqui a primeira coisa que vão dizer “ah! é porque é mulher”.

(“Cotonete” 05, entrevista em 14/02/2022)

De acordo com a “cotonete 05” essa situação de como a mulher era vista e tratada por alguns homens acabava ocasionando desconforto ou constrangimento para alguns militares, na relação entre os militares do sexo masculino e feminino. Para a “cotonete” nº 05 apesar de manter uma boa relação com oficiais do sexo masculino, essa questão ocorria

A minha relação com oficial do sexo masculino era tranquila, entre aspas né? Porque se fosse tranquila não precisava me impor, era preciso se impor, por exemplo, eu sempre fui muito de dialogo, nunca paguei antiguidade⁶⁹ pra ninguém, minto , até hoje uma oficial amiga [grifo meu] até hoje ela fala que eu nunca paguei antiguidade e fui para logo encima dela, porque na época pra presidente da seleção das pessoas que iam entrar, daí eu precisava fazer antes pra aquele dia, pra aquela tarde, o dela era pra dois dias depois , daí ela chamou “ fulana me ajuda aqui”, daí eu falei negativo, aí eu paguei antiguidade, ela ficou me olhando e reclamou que eu nunca tinha pagado antiguidade pra ninguém fui pagar logo pra ela, aí falei “porque tu

69 Antiguidade é uma espécie de precedência entre militares da ativa do mesmo grau hierárquico, ou correspondente, é assegurada pela antiguidade no posto ou graduação.

estava me atrapalhando ali, e eu sei separar as coisas”, e ai com os homens era a mesma coisa, ter que se impor, eles sempre querem... eu tirei um serviço com um tenente ele foi meu sombra⁷⁰, ele sempre queria dizer que ele era melhor. Ele sobreviveu a tal coisa, que no acampamento dele aconteceu tal coisa ele se saiu bem, e ele só contava desgraça daí falei “nossa tu és um sobrevivente né? Porque todo mundo da tua turma morreu ou está aleijado”, então a gente tem que se impor se não pela força, porque biologicamente não podemos, mas então pela palavra. Mas nunca me senti inferior ao militar masculino, eu bti de frente com eles, claro que com superior hierárquico não batia rs...

(“Cotonete” nº 05, entrevista em 14/02/2022)

Portanto, essa relação entre homem e mulher está presente no cotidiano da caserna desses alunos militares da turma EAT EIT 2/2011 da Força Aérea Brasileira.

Por isso, as instituições militares tem uma função estratégica no sentido da criação dos grupos que buscam a construção de um poder. A força física e bélica, também caracterizam as tropas que no geral são formadas na sua maioria por homens e poucas mulheres (MAGALHÃES GAUDÊNCIO, 2021, p.242).

Apesar dessas características nos quartéis, essa turma do quadro QOCON magistério/pedagogia contradiz com seu número maior de mulheres e uma quantidade reduzida de homens. Composta por 35 aspirantes a oficial da Força Aérea Brasileira, sendo 09 homens e 26 mulheres. Conforme quadro abaixo

Quadro 2 - QUADRO DE ALUNOS MILITARES/ TURMA 2EAT/EIT-2011 POR DISCIPLINA

DISCIPLINA	GÊNERO	QUANTIDADE
ARTES	FEMININO	2
ARTES MUSICAIS	MASCULINO	1
BIOLOGIA	FEMININO	2
	MASCULINO	1
EDUCAÇÃO FÍSICA	FEMININO	1
	MASCULINO	2
FILOSOFIA	FEMININO	1
	MASCULINO	1
HISTÓRIA	FEMININO	1
	MASCULINO	1

70 Sombra serviço que o aluno ao formar participa junto ao OD (Oficial de Dia), com objetivo de aprender o serviço do Oficial de Dia, é o que fica responsável pela condução das atividades e Segurança e Defesa da OM (Organização Militar)

LINGUA ESPANHOLA	FEMININO	1
LINGUA FRANCESA	FEMININO	1
LINGUA INGLESA	FEMININO	3
LINGUA PORTUGUESA	FEMININO	2
PEDAGOGIA	FEMININO	7
	MASCULINO	1
QUÍMICA	MASCULINO	1
SOCIOLOGIA	FEMININO	1
MATEMÁTICA	FEMININO	4

O quadro acima mostra o numero de mulheres maior que o numero de homens que foram selecionados para assumir a função de professores militares do Colégio Tenente Rêgo Barros, talvez pelo fato de na carreira de magistério professor /pedagogo o número de mulheres ainda ser maior que o dos homens.

Desse modo, as mulheres buscam fazer parte cada vez mais no meio militar, realizando atividades diversas sem se colocar como frágeis e incapazes, porém, ainda numa área temporária e vista como secundária por muitos dos homens que estavam no poder na Força Aérea Brasileira.

No relato da “Cotonete –tenente”⁷¹ n° 01 militar entrevistada é possível perceber a sua experiência na “missão militar”, conforme fragmento citado abaixo:

(...) Eu passei por um processo seletivo da Marinha, primeira turma de professores e fiquei na Marinha quatro anos, processo seletivo, teve prova, entrevista, tudo isso, fui professora no CIABA (Centro de Instrução Almirante Brás de Aguiar), forma oficiais da Marinha Mercante e lá é também um trabalho misto tinha uns professores militares que foi a nossa turma e tinha os professores na maioria civis, mas lá era uma escola militar mesmo na época, ela continua sendo até hoje[...] fiquei lá durante quatro anos, trabalhei em diversos cargos administrativos, exerci cargo de chefia administrativa, trabalhei na execução financeira, fui encarregada da Divisão de Finanças, fui encarregada da Divisão de Conforto, eu fechei meu ciclo de quatro anos sendo encarregada do Municíamento, a gente alimentava em torno de 700 pessoas que tinha todo dia no quartel, foi essa minha experiência na Marinha. Depois fiz um concurso pra Seduc (Secretaria de Educação) e fiquei lá pra traz, também queria fazer o mestrado só que o militarismo... principalmente lá que é militar mesmo , que na época eu até brincava com vocês que o Rêgo Barros nunca foi militarismo, achavam até que eu estava fazendo graça com vocês, mas não era é porque lá era uma escola militar mesmo, eu sai de lá para estudar, mas fiquei grávida de gêmeos ai não pude fazer o mestrado porque minha gravidez era de alto risco, aí depois desse período ... os gêmeos estavam com um ano e quatro meses ai eu fiz o processo seletivo da Aeronáutica, já entrei como 1° tenente porque a Marinha já tinha me dado o posto e uma vez 1° tenente você não pode ser rebaixado. E também fiz o mestrado e passei, fiz todo o processo que se faz ao entrar e quando começou eu tive muita dificuldade de conciliar,

⁷¹ 1° tenente da turma do quadro QOCON /EIT EAT 2/2011, entrou como 1° tenente por ter servido a Marinha por 5 anos e ter ingressado na FAB para completar seus 8 anos de serviço militar. Chamada por mim nesta pesquisa como Cotonete-Tenente, por ter sido oficial na Marinha e ter passado pelo estágio como Aluna na FAB.

porque o militarismo... apesar de lá ser muito mais leve, no sentido que lá eu só ministrava aula, lá não peguei cargo administrativo, então eu só dava aula mesmo no Rêgo Barros, então começou as aulas do mestrado e começou a conflitar muito e eu tinha os meus gêmeos, então muita coisa ao mesmo tempo e com um ano e seis meses eu adoeci porque quem aguenta né? Ninguém aguenta. Eu adoeci, tive uma esofagite muito séria e eu me afastei fiquei um mês de licença aí quando eu retornei pedi baixa porque eu tinha que fazer uma opção, porque vida é feita de opções e como eu já tinha uma experiência na Marinha de tudo que eu fiz ninguém lembra, (...)

(1º “Cotonete-tenente” nº 01, entrevista em 07/02/2022)

A “cotonete-tenente”, considerada a 01 da turma EAT EIT 2/2011 temporária por ter servido a Marinha, relata suas experiências de trabalho no meio militar, primeiro na Marinha ministrando aulas e assumindo cargos importantes e depois na Força Aérea Brasileira também como professora, percebe-se que seu desempenho foi bom de si para a Força sendo capaz de desenvolver seu trabalho de forma igual ao do homem, porém como ainda para as mulheres sua jornada de trabalho não terminava no quartel adoeceu e teve que pedir para sair.

A entrevistada “cotonete”-tenente nº 01 EAT EIT 2/2011, justifica sua escolha pela Marinha Mercante e posteriormente a Força Aérea Brasileira, relata sua experiência e os motivos que a levaram buscar trabalhar em Instituições Militares. Como podemos perceber no fragmento de sua entrevista:

A escola que eu trabalhava era de pequeno porte e escola de pequeno porte passa por problemas financeiros e na época eu estava com problema muito sério, meu esposo, e a minha filha mais velha tinha nascido, então eu passei por uma situação financeira muito difícil mesmo, e quando eu tive oportunidade de conhecer uma dentista e ela tinha me contado da experiência dela na Marinha e na verdade ela foi um anjo na minha vida naquela ocasião, então, ela me falou do processo seletivo, porque naquela época a internet não era como hoje, então era muito difícil, aí ela me falou me disse tudo como era, faltava praticamente um dia para encerrar as inscrições e eu preparei tudo e levei, e quando levei já tinha encerrado, mas Deus foi tão bom que foi prorrogado o prazo daí eu levei acabou que prorrogaram e eu entrei. Pra ti falar a verdade eu era muito menina perto da idade que eu tenho hoje, eu fui uma pessoa muito oportunista no bom sentido da palavra, aproveitar a oportunidade, então foi uma oportunidade que eu via dinheiro, e quando eu entrei na Marinha a minha vida mudou do zero para o cem, a minha renda sei lá multiplicou umas dez vezes, então eu pude ajudar na minha casa meu marido estava desempregado, eu fiquei suprindo essa necessidade até ele poder... até ele passar em um concurso que foi o que aconteceu ele é administrador e em 2006 ele passou e deu uma estabilizada, então meu interesse na época era...claro tinha a questão da minha carreira também, mas era tudo muito obscuro ali, no militarismo é uma caixa preta, e também uma coisa que eu descobri no militarismo tanto na FAB quanto na Marinha é que a cada mudança de comando muda, de repente um comando te coloca em uma trilha e muda tudo, depois entra outro comando daí te coloca em outro trilha, as coisas acontecem de forma inesperadas, muitas vezes sem você querer, você não tem oportunidade de querer escolher, você não tem querência no militarismo, manda quem pode obedece quem tem juízo literalmente. Então na Marinha foi essa situação, quando eu me escrevi na Aeronáutica, já era uma outra época já tinha internet e eu também estava passando por uma situação difícil, muito difícil, mãe de três filhos, o salário do meu marido não supria a necessidade, gêmeos e uma menina de 9 anos e tanto que eu não parei e eu vi na FAB, na verdade eu vi uma máscara de oxigênio vivia uma situação muito apertada ali, então me escrevi, passei, novamente dei uma respirada, mas depois com um tempo a gente começa a perceber que ...a experiência da FAB foi uma experiência boa, porque eu consegui ver os dois lados cada Força Armadas, as pessoas até

brincavam comigo “agora só falta o Exército”, e eu disse “eu fui burra porque era pra eu ter começado pelo Exército porque talvez eu fosse militar de verdade lá porque era a única Força Armada que tinha concurso pra mim”, então eu não fiz o Exército, fiz pra Marinha e FAB. Então minha experiência na FAB foi assim... eu me realizei no sentido... porque na Marinha eu fui só pra dar aula e lá é nível superior eles preparam oficiais para exercer a Marinha Mercante e lá na FAB não, lá é uma escola mesmo de nível fundamental e médio e foi aonde eu realmente desenvolvi minha habilidade nesse sentido, então eu fazia o que eu gostava, a minha experiência enquanto militar lá foi muito pequena, porque eu dizia que era só o uniforme ali, que ali não tinha o militarismo, também talvez na questão por ser a zero 01 eles mandavam cargos, serviços para os mais modernos, muitas coisas é com os mais modernos, experiência diferente da Marinha, na FAB era a mais antiga, e na Marinha eu não era mais antiga, na minha época entraram quatro professores, mas a turma era de 25 militares entre médicos, dentistas, farmacêuticos eram muitos eles fazia de uma vez só e eu não fui a mais antiga fiquei ali pelo meio, já entrei como primeiro tenente, porque uma vez primeiro tenente não pode ser rebaixado, então eu não podia ser rebaixada nem que eu fosse a última da turma de vocês. Então a experiência da FAB foi de muitas aulas, serviços pouquíssimos, na Marinha eu cheguei a dar serviço um por um todos os finais de semana e quase todos os natais e quase todos os anos novos que tiveram e a FAB não, eu digo que a FAB era minha mãe e a Marinha era minha madrastra, então eu na FAB dei dois serviços durante um ano e seis meses não peguei cargo administrativo, não marchei eu até gostava muito disso, gostava mesmo, mas não tive oportunidade porque eram sempre os mais modernos que ficavam né? E fiz muitos amigos eu acho que foi isso que valeu apena, a minha experiência na FAB foi essa.

(“Cotonete”-tenente nº 01 EAT EIT 2/2011, entrevista em 07/02/2022)⁷²

Uma das questões que contribuíram para que essas mulheres buscassem cada vez adentrar ao meio militar estava relacionado com as condições econômicas e sociais. Perceberam na profissão militar uma oportunidade, tanto de seguir carreira quanto de ganhar dinheiro temporariamente como citado no relato da tenente 01 da turma do quadro QOCON /EIT EAT 2/2011 que serviu por cinco anos na Marinha e depois um ano e seis meses na Força Aérea Brasileira para que pudesse suprir suas necessidades econômicas no momento em que passava por dificuldades financeira.

Teve uma experiência boa na FAB, apesar de observar algumas divergências entre militares temporários dessa turma, diferente da experiência que teve na Marinha que tirando o lado financeiro não foi tão bom assim, por vários motivos, entre eles a questão de tirar muito serviços, ter assumido responsabilidade muito grande, o deslumbramento de ser oficial e assumir cargos de confiança, mesmo sabendo que “estava ali, mas não era dali”, frase da mesma, e também por momentos difíceis e discriminatórios pelo fato de ser mulher, que requeriam dela atitude forte, já na FAB algumas situações corriqueiras.

Na Marinha eu deslumbrei porque eu assumi cargo de extrema confiança, então como encarregada da Divisão de Finanças só assina cheque eu e o Comandante, eu e o Intendente e quando o Intendente saía eu assumia a intendência que é o cargo só de capitão-tenente e eu era na época segundo tenente e eu assumi esse cargo, quando eu fui encarregada do município só assinava cheque eu e o Comandante e assim eu tinha muitos subordinados ali era necessário eu ser uma pessoa de punho forte eu tinha que ter autoridade pra poder

72 A entrevistada aparece no texto como Cotonete-Tenente é citada nas fontes como estagiária 01 em anexo.

lhe dar com tantos homens já que eu era uma mulher eu só trabalhava com homens praticamente, então eu cheguei a puxar uma tropa com 200 homens, por exemplo, eu puxei, uma mulher puxou uma tropa com duzentos homens, que eram meus subordinados, então o que aconteceu ... a gente começa a perceber a diferença entre ser autoritária e ter autoritarismo, aí eu comecei a perceber que era melhor eu ganhar amigos e ter autoridade do que usar o autoritarismo, isso já aprendi já estava na minha reta final meu de Marinha, quando eu entrei na FAB eu já entrei totalmente descolada disso. E eu vi muitos de vocês depois de algum tempo empinar o nariz e eu comentava “pra que isso”, principalmente o povo da Pedagogia, porque assumiam cargo de chefia , então como eu já tinha passado por essa experiência eu sabia que isso era algo natural, então eu não criei problema com ninguém porque eu já tinha tido a experiência eu sabia que aquilo ali era o exercício do cargo e que muitas vezes as pessoas confundem isso, então eu levei isso na maciota como diz o povo, era lamentável algumas posturas, de algumas coisas , mas isso não me atingia muito porque eu era a mais antiga, então tinham que me obedecer rs, tinham que ter um certo cuidado , porque existia essa postura hierárquica lá dentro, mas eu ouvia de muitos colegas que eram mais modernos que choravam, que se sentiam humilhados, que se sentiam muitos submissos, submetidos , essas coisas todas, aí eu dizia olha isso vai passar faz o teu trabalho, faz um bom trabalho, um bom trabalho todo mundo reconhece. (“Cotonete”-tenente 01 EAT EIT 2/2011, entrevista em 07/02/2022)⁷³

A Força Armadas é um local em que as instituições abriram espaços para as mulheres exercerem uma profissão, e a FAB serviu como local de oportunidade para várias mulheres, de acordo com a estagiária nº 02, que confirma uma busca por trabalho com um melhor salário e a FAB concedeu essa chance de entrar e seguir na carreira militar temporária, conforme relato abaixo:

Com as exigências do curso, a família na maioria das vezes achava-se de lado, pois os alunos militares tinham que se dedicar no período específico de cada curso para que pudesse se adaptar a profissão. Desse modo, a estagiária 02 nos afirmou que teve dificuldades para finalizar o curso, “(...) Foi difícil, pois, minha filha tinha quatro meses e eu não pude amamenta-la normalmente. Pensei em desistir, mas precisava do trabalho, pois tinha entregado o meu e o salario era bom.” (Estagiária 02, em 07 de julho de 2017).

O relato da estagiaria 02 mostra que esse espaço que a FAB concedeu as mulheres foi importante para seu desenvolvimento enquanto pessoa, mas encontrou dificuldades durante a formação que ocorreu em um período de 50 dias, foi necessário continuar e terminar o curso por questões financeiras, além de ter entregado o trabalho anterior o salário compensava.

Essa atuação da mulher como militar na caserna e no espaço escolar como professor/militar, muita das vezes esbarrou em dificuldades que eram impostas por pessoas tanto do sexo masculino como do sexo feminino, tanto militar quanto civil, pessoas que usavam do poder que tinham no momento para impor, humilhar, acusar, caluniar e até perseguir de forma sutil.

Situações que muitas vezes deixaram dor e vazio, experiências diversas, momentos delicados aconteceram, e foi preciso ter foco, superar a cada dificuldade. Minha mãe adoeceu,

73 Idem.

passou por vários especialistas, ficou 22 dias internado no Hospital Militar e depois liberaram ela, procurei outros médicos, pneumologista que disse estar com água na pleura encaminhou ela a internação, conseguiu um leito no Hospital Barros Barreto final de abril de 2013 até seu falecimento em 30 de maio de 2013.

O período que ela internou eu ia todos os dias do trabalho e ficava até 20h quando alguém chegava para me substituir, ia pra casa chegava 22h, 23 h e dormia para acordar 5h para ir para a escola, mal via o meu filho que ficava com a babá quando meu esposo chegava em casa ele assumia pegava meu filho e vinha ao hospital me buscar, todos os dias era isso. E eu cheio de tarefas, missões militares, aulas na escola meu horário era cheio, fora sala de aula tinham as sindicância, concursos, oficial de dia, escalas, tudo que se possa imaginar eu estava escalada, nesse momento sim eu pensei em desistir porque eu precisava passar mais tempo com a minha mãe, mas eu não tinha condições financeiras, se eu sáísse não teria como cuidar dela, medicações, pessoas para cuidar, eu precisava desse trabalho, então foi um tempo difícil.

Houve um dia que eu estava no hospital tinha acabado de colocar os pés no hospital e falar com a minha mãe era a base de morfina sentia muitas dores, precisava fazer uns exames ainda, nesse dia um oficial superior chefe me ligou, fizeram um fuxico para ele, uma dessas missões eu era fiscal de contrato da reprografia do quartel do I COMAR e tinha a fiscal de contrato da reprografia da escola que era uma professora civil, eu sempre me organizava e conseguia ter tonner para o quartel não podia faltar, e essa professora que era responsável creio que não era organizada quanto a falta de material, porque isso sempre acontecia de faltar tonner na escola só que eram chefias diferentes e ela era civil, e aí ela foi pedir para o meu adjunto que era um civil e ele disse que o que tinha era para suprir a necessidade do quartel, ela foi com o meu chefe militar por trás, porque na escola tinha Direção Civil e Supervisão Militar que supervisionava os militares na escola, aí ela fez fofoca com meu nome para o supervisor militar que ligou para o Oficial superior responsável pelos fiscais de contrato que me ligou imediatamente e eu disse que estava com minha mãe muito mal no hospital eu tinha acabado de chegar e nesse momento não tinha ninguém para ficar com ela e eu não estava mais na escola porque já tinha terminado meu horário, daí ele disse que eu tinha tantos minutos para me apresentar no quartel, tive que voltar chorando, falei para minha mãe eu estou indo resolver esse problema mas eu volto antes da troca a senhora vai ter que ficar sozinha, ai eu fui com a assistente social expliquei que teria que me ausentar e deixar minha mãe só e que iria me apresentar no quartel ao meu superior e voltaria antes das seis, e na portaria expliquei que voltaria, e eu voltei chorando não entendendo tamanha frieza e crueldade de uma pessoa inventar mentira a respeito de outra e sabendo que minha mãe estava internada.

Fui a escola peguei minha pasta com toda a documentação que eu entrava em contato com a empresa que era de Fortaleza, e fui lá com o oficial superior cheguei lá perguntei o que era? Ele me pediu para mostrar os documentos, joguei tudo em cima da mesa aí ele ah tá! Aí eu falei “não está faltando tonner no quartel está faltando tonner na escola porque essa pessoa que eu sei quem é que veio falar de mim não faz o serviço dela, eu não vou dar o tonner porque a prioridade é o quartel porque sou fiscal do quartel e não da escola então se faltou lá eu não tenho nada haver com isso, agora se faltar aqui aí sim posso ser punida e não pelo serviço do outro que não tem compromisso e não se organiza, eu não posso pegar o meu tonner daqui mandar para lá e quando faltar aqui ai o Comandante me pune”, aí que ele foi entender o que estava acontecendo, aí ele disse “vou te dizer quem foi que falou”, daí eu disse “nem precisa dizer eu sei que foi a professora”, aí eu falei para ele de novo “olha eu estou aqui minha mãe está com câncer e eu todos os dias quando saio do trabalho vou ficar com ela no hospital, porque já pagamos uma pessoa para ficar de manhã e a noite são parentes”, e fiquei muito triste e disse para ele que eu estava muito triste com isso e fiquei pensando tamanha falta de humanidade, tamanha crueldade dessa professora e se eu não tivesse em mãos tudo documentado, organizado, em dias e sem faltar o tonner no quartel tinha sido punida.

Outra situação vivenciada por mim que me marcou profundamente foi quando após a morte da minha mãe soube que estava grávida do meu segundo filho o Samuel Pedro, dois meses depois fiquei muito feliz, estava de férias no mês de julho, ao retornar ao quartel no primeiro dia de serviço soube que estava escalada para Oficial de Dia, escalada em uma Comissão de Seleção temporária, era Fiscal de Contrato e ministrando aula na escola.

Ao tomar conhecimento fui até o escalante um oficial da reserva que trabalhava no quartel nessa Sessão de SPM e informei da gravidez para que fosse retirada da escala de oficial de dia, colocasse outro oficial na escala, porque além das aulas eu estava em uma comissão de uma seleção para oficiais temporários que era o dia todo e entrava pela noite, sendo que eu ainda tinha outras missões como Fiscal de Contrato, então solicitei por esse motivo a troca, fora que quando éramos de Comissão de Seleção tínhamos direito a sair de escala, então ele perguntou se eu já havia feito a letra “G” da inspeção de saúde para gravidez no Hospital militar, era para eu fazer e depois viesse falar com ele, e que eu fosse tirar o serviço, sendo que eu já tinha feito exame e já tinha o resultado e apresentei a ele, então tirei serviço de 24h, armado, colete, fazendo ronda, entre outros, sai no outro dia 7h30 da manhã, fui para escola me sentindo mal, informei meu estado de saúde ao meu superior e fui ao Hospital militar na urgência fui atendida, medicada e fiquei em observação depois retornei com atestado para apresentar e só fui liberada no fim da tarde pelo chefe da Comissão para ir pra casa, no outro dia estava no Hospital com a letra “G” , dias depois da inspeção de saúde

retornei com a dispensa pela junta Médica de serviço armado, porém ainda me deixaram na Comissão, Fiscal de Contrato e sala de aula.

Das três atividades a que mais sugava era a Comissão porque eu saía de casa as 6h para ministrar aula, ia para a Comissão no quartel e não tinha hora pra sair eu ficava muito cansada, teve dias de sair 22h do quartel. E todo mês tinha que participar com outros oficiais da prestação de contas no COMAR , esse dia era um desconforto, demorava, era um por um para apresentar e eu tinha receio pois se errasse não éramos bem tratados pelo comando, enfim foi uma experiência desgastante nesse sentido, apesar de ganhar conhecimento, mas como era feito o processo que não foi legal.

E um dia solicitei sair de Fiscal de Contrato, pois não estava me sentindo bem e iria entrar de licença na outra semana, eu já tinha até a aspirante que iria me substituir e o oficial responsável pelos Fiscais de Contrato não me tirou e disse que eu tinha que apresentar a ultima prestação de contas antes de sair de licença maternidade e eu tive que ir apresentar, isso foi uma quinta feira antes do carnaval, no domingo procurei a urgência do Hospital Militar novamente me atenderam, mas não me deram medicação só para o ouvido pois estava com dor de ouvido, não verificaram o bebê, voltei para casa, na segunda a noite piorou a dor no ouvido , procurei a urgência de um hospital particular do plano que pagava também não verificaram o bebê por ser dor no ouvido o sintoma ai mandaram para casa, a dor amenizou ainda nessa semana na quinta feira pós carnaval fui a uma consulta ao Hospital militar e descobri que meu filho havia morrido dentro da barriga, fui encaminhada a um outro hospital particular pelo meu plano extra que eu pagava porque lá não tinha como realizar uma ultrassonografia e o medicou informou que a criança tinha vindo a óbito por infarto isquêmico, entrei de licença, mas inicialmente o oficial só queria me dar 15 dias, meus esposo conversou com ele que disse que eu tinha direito a apenas 15 dias, alegando não ter criança viva, então a licença era para mãe cuidar da criança e como não tinha, daí meu esposo explicou que pela Lei maior eu tinha direito a licença maternidade os 180 dias, mas ele autorizou apenas 120 dias, e acabei aceitando porque fiquei com medo de não ser renovado o contrato uma vez que o processo de renovação passava pela mão desse oficial para avaliação e era repassado ao comando para assinar.

Desse modo, o serviço militar para as mulheres são possíveis, mas exigem mais desses sujeitos femininos que para além da caserna ainda tem o terceiro turno, quarto turno sei lá quantos turnos, para comandar, organizar, cuidar etc. Talvez para os homens esse serviço exija, mas de uma forma amena em relação ao da mulher que tem que enfrentar ainda o preconceito e se desdobrar em todos os campos para poder conduzir sua profissão, família, estudos, problemas, entre outros.

No caso dos oficiais temporários femininos além de enfrentar um preconceito pelo fato de ser mulher ainda enfrentam a discriminação pelo motivo de ser temporários, claro que não é generalizado, mas esse rechaço aparece em alguns momentos, em determinadas situações, por parte dos militares de carreira, tanto masculino quanto feminino.

Apesar do discurso de aceitação da mulher na profissão militar, a figura feminina ainda sofre discriminação por parte de alguns homens que questionam a presença delas na caserna em determinados locais, cursos, e serviços, não é algo direto, claro e objetivo, mas algo que é sutil e talvez dificulte que o gênero feminino mostre sua capacidade de realizar certas atividades. Conforme relato abaixo:

Eu acho que tem um preconceito declarado, explícito com relação a presença das mulheres nas Forças Armadas, qualquer pessoa que você conversar lá dentro você vai perceber isso, o que é assim...fundamentado no machismo, em uma misoginia irracional, porque cara se for ver qualquer atividade que tem lá ou é cobrada nos quadros lá que eu não lembro mais os quadros sei lá desde a pedagogia...vou pegar os quadros de carreira desde a aviação, a infantaria eu acho...eu tenho certeza é o único quadro que não tem nenhuma mulher pra infantaria oficial, na Aviação já tem, e na Intendência também tem, na aviação e na intendência qualquer tarefa que o profissional for fazer a mulher tem formação e ela poderia fazer então não tem razão para que não se queira a s mulheres nas Forças Armadas. Eu lembro de um episódio que eu vivenciei com uma oficial superior [grifo meu] em uma inspeção que nós fizemos lá na Base que o BINFAE, toda formação do soldado saiu do Comar e foi para a o BINFAE era feito tudo lá as teóricas, as práticas e as físicas todas eram lá, e eu lembro que a gente foi fazer uma inspeção lá e os sargentos, os sargentos começaram com uma conversa já no SERENS antes da gente ir que eu achei muito estranho eu fiquei olhando pra ver qual seria a reação da oficial superior ela não falou nada, eles falaram assim “ah ...a vocês tem que ir lá porque a gente não pode mais nem mandar o cara pagar uma flexão, não sei se tu lembra ? mas quando eu fui do Rego Barros trabalhar com ela no COMAR ela tinha uma restrição muito grande em relação a isso não deixar pagar, não chamar palavrão pra não ofender diretamente as pessoas, não fazer nenhuma punição que fosse individual as punições tinham que ser coletivas, vários briefing de coordenação de cursos ela insistia nisso, e aí o cara saiu com essa, daí quando a gente chegou lá ele falou assim “é tava faltando aqui o pessoal da pedagogia para cuidar de nenê porque aqui os soldados estão virando nenê não pode pagar, não pode fazer aquilo, aquilo outro...Só que eles falaram em um tom muito agressivo apesar de não gritarem, eu como pedagogo naquele momento me senti ofendido, a oficial [grifo nosso] não falou nada e aí o que que eu fiz? Eu me vali da hierarquia ali naquele momento que eram todos sargentos e tinha acho que um cabo se não me engano, não um era suboficial e os outros eram sargentos terceiro sargento, primeiro sargentos variados ali, umas cinco pessoas, aí me vali da hierarquia aí disse “bicho perai deixa eu ver se eu entendi direito? O que que tu está falando para a oficial superior (grifo nosso)? A oficial (grifo nosso) é pedagoga, tu sabia que ela é pedagoga?”, “ Sabia”, “então quer dizer que tu tá achando que o trabalho dela é cuidar de nenê ?”, “Por acaso tu é nenê ?” então eu meti essa, entendeu? “Fui pra cima do cara e tal” , porque evidentemente eles não estavam falando pra mim, eles estavam falando aquilo pra ela, e ela não respondeu, incrivelmente ela não respondeu, e ela ...tu sabe como ela é, pra ela não responder uma parada dessas, e ela não respondeu, e aí eu meti essa pra cima dos caras, porque eu me ofendi por ser pedagogo, mas evidentemente eles não estavam falando isso pela pedagogia, mas eles estavam falando isso pelo fato de ser mulher e pedagoga, não sei se eles sabiam que eu era pedagogo, não sei , mas em fim, eles ficaram calados, de início tentaram retrucar, falei mais alguma coisa em cima, fui mais ríspido, falei mais alto e aí a conversa continuou foram reclamar de algumas coisas lá do curso, estrutura do curso, essas coisas que podia fazer o que não podia fazer, eu lembro que depois entrou em uma discussão mesmo técnica, por que não fazer ? por que fazer? Aí eles pararam com a gracinha porque pra mim estava muito no sentido de gracinha mesmo, fazendo gracejo porque ela é mulher, se fosse um coronel não iam falar daquele jeito, e assim muito

diretamente estavam falando com ela, que era comandante sabe? Ela foi andando e eles falando aquele bando de besteira. Quando a gente chegou lá no setor foi que eu comecei a falar, então isso foi uma atitude pra mim explicitamente machista, não foi nem de preconceito com a pedagogia, pra mim ela foi machista, estavam falando daquele jeito com ela porque ela era mulher, ela ouviu eu falar essas coisas mas nem pra mim ela falou nada depois, ela nem falou “ ah você não deveria ter falado isso”, sabe ele nem me recriminou nem me elogiou, nada , continuou como se eu não tivesse falado cara.

E as vezes eu acho assim...que tinha uma cobrança sobre as mulheres...assim do ponto de vista sobre a atuação das mulheres elas conseguem fazer qualquer coisa que um homem faz lá dentro. Então, não vejo razão minimamente fundamentada de segmentação, “não isso é coisa de mulher” “isso é coisa de homem”.

(Cotonete 18”, entrevista em 01/07/2022)⁷⁴

Para o “cotonete” nº 18 as mulheres são capazes de desenvolver qualquer atividade e menciona uma situação que presenciou de preconceito e discriminação de sujeitos do sexo masculino que ocorreu durante uma atividade militar em que ele precisou intervir.

Apesar de ainda existir situações desse tipo por parte de alguns homens, nota-se que a presença feminina no serviço militar vem se destacando de forma igual a dos homens, para além de uma questão de gênero.

Segundo Joan Scott (ROMÃO, 2023,p.42) o gênero possibilita significar as relações de poder, onde se permite resgatar a participação das mulheres de forma ativa na história, tendo a consciência que as relações são sempre generificadas, é preciso se perguntar onde estão mulheres e homens na diversas instituições.

74 Citada nas fontes de pesquisa como Estagiário de nº 18.

CAPÍTULO 3: “NA SALA DE AULA É OUTRA HISTÓRIA”: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS SOCIAIS SOBRE O ENSINO NO CTRB.

Neste capítulo, irei apresentar como ocorreu o processo de adaptação dos professores militares e civis com experiências do ensino e aprendizagem das disciplinas no geral, inclusive a de história em um colégio com características militar /assistencial da Força Aérea Brasileira – FAB, entre os anos de 2011 e 2019, a partir das memórias dos sujeitos sociais que participaram desse processo de construção histórica.

Esse recorte já foi explicado nos capítulos anteriores, e apresenta à época da entrada e atuação da primeira turma das diversas áreas do magistério, convocada e treinada militarmente para servir como docentes no ensino fundamental e médio no Colégio Tenente Rêgo Barros (CTRB). Uma instituição de ensino criada pela FAB desde os anos de 1942, voltada para a relação de ensino-aprendizagem dos filhos dos militares e civis. Foi a primeira vez na história que professores estavam sendo contratados para ministrarem aula e ao mesmo tempo eram Oficiais militares que tiravam serviço de Oficial de Dia no I COMAR.

A problemática deste capítulo perpassa pela discussão da atuação e relação entre professores civis concursados e professores militares do quadro de temporários nas Forças Armadas, como a FAB, no contexto do século XXI, pós-redemocratização e consolidação das instituições do Estado democrático, a partir das memórias dos diversos sujeitos, no qual indaga-se: como ocorreu esse ensino? Como se dava essa relação entre professor (a) e aluno(a)? e como ocorria a relação entre Professor militar e professor civil concursado ? e também as memórias do pós FAB, isto é, como vivem atualmente alguns “professores/militares”?

Sabe-se que a aula de diversas disciplinas, especificamente, a aula de história possibilita a construção do saber histórico, já que o docente é um pesquisador e produtor de conhecimento juntamente com os discentes. Esse pensamento quanto a construção do conhecimento na área de história pode ser pensado para as outras áreas, assim como a relação entre professores no âmbito desse processo de militarização das atividades nesta Unidade de Ensino assistencialista.

As fontes levantadas preliminarmente para essa investida são as entrevistas com os professores (as) civis, os professores (as) /oficiais militares convocados das diversas áreas do magistério que atuaram no período de oito anos no ensino fundamental e médio do CTRB e antigos Alunos da referida instituição de ensino.

Outras fontes são destacadas como a Lei de Diretrizes e Bases –LDB, 9394/96, que significou transformações no ensino de História, Matemática, Ciências e Língua Portuguesa, dentre outras. Essa visão pedagógica perpassa pelo saber dos profissionais das áreas que faziam a transposição didática do saber comum para o saber científico e vice-versa através das discussões no âmbito escolar e o conflito com a doutrina militar presente no CTRB, principalmente na relação dos professores civis e militares.

Essa discussão nos remete a questões trabalhadas por Foucault (1983 p. 125) que destaca os efeitos das relações de poderes em Instituições como as militares, que durante o século XVIII descrevia o papel do soldado e sua idealização como “corpo-dócil”. Pois, Este “é antes de tudo alguém que se reconhece de longe”, para o autor toda a ideia de soldado define a relação de poder baseada na hierarquia e disciplina, “seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia”, no século XVIII, assim como podemos perceber nos discursos homogêneos de identidade que respaldam o poder interno na formação do “soldado” no início século XXI, temos uma padronização pautada em valores que buscam a “fabricação” dos soldados. A vida do cidadão passa a ser guiada então por uma ideia de ordem legal, a chamada estrutura jurídica e também por uma cultura homogênea que justifica as relações de poderes que manipula, modela, treina, obedece, responde, uma espécie de “automatismo de hábitos” que se prolonga e inibe os questionamentos.

Quanto a ideia de poder Foucault (1979, p, 182) destaca que é necessário observar não somente as estruturas maiores que obviamente tem um respaldo jurídico e possuem legitimidade. Para ele é interessante seguir um caminho que seja possível compreender os poderes constituídos na sua forma menor, as relações de poderes para além de normas e estruturas hierárquicas visíveis. “trata-se, ao contrário de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde se torna capilar; captar o poder em suas formas e instituições mais regionais e locais.”

Essa ideia de Foucault (1979) pode ser percebida nas relações entre Professores civis e suas hierarquias acadêmicas em relação aos professores-Oficiais militares temporários. Assim como em relação aos Oficiais e praças militares de carreira. Essa discussão feita pelo autor sobre a relação de poder é interessante neste capítulo devido podermos perceber como as microrelações ocorriam no cotidiano do trabalho dos Oficiais temporários no espaço do CTRB.

Essa ideia de relações de poderes, também perpassa pela discussão de Bourdieu (1989) e o simbolismo das relações internas a partir da entrada dos Oficiais temporários e o serviço de ministrar aula no CTRB ao longo deste trabalho.

A ideia do capítulo perpassa pela escolha entre a doutrina militar e as formas de trabalho pedagógico em sala de aula com crianças e adolescentes, que demonstram o poder instituído e suas pequenas extremidades. Um exemplo, e a escolha de algumas das correntes historiográficas da história, por exemplo, que são preteridas em sala de aula em nome de uma “história” contada a partir da discussão de identidade institucional militar, que valoriza o “conservadorismo” em detrimento ao ensino e aprendizagem democráticos. Essa escolha também é destacada em outras disciplinas com suas peculiaridades e dinâmicas em sala de aula relatadas pelos profissionais de ensino de outras áreas. Assim como um processo de “idealização” destacada nos relatos dos professores/militares.

3.1 “Na sala de aula é outra história”.

Ao longo da pesquisa sobre a formação dos professores como militares, inevitavelmente, surge da necessidade de compreender as questões sociais, culturais e pedagógicas das experiências específicas dos professores (as) civis e militares sobre o Ensino e aprendizagem, nas salas de aula do CTRB, escola assistencial no âmbito legal, porém, uma unidade de ensino que sofre um processo de “militarização” no contexto dos anos de 2016 em diante.

O termo assistencial para o CTRB tem uma construção histórica, uma explicação legal e “vive na memória” de alguns entrevistados, pois, destaca instituições que são criadas com objetivo de assistir no campo educacional, inicialmente aos filhos de militares em transferência, como relata a professora civil de nº07:

(...) Infelizmente quando Brasília decide dar essa outra formatação ao colégio e ficou até meio confuso porque as pessoas acharam que o Rêgo Barros virou escola militar, e não, ela não é militar e não vai ser se não mudarem a lei ela é ensino regular, escola de ensino regular que é subordinada a uma administração militar ponto. É isso, se ela não ficasse sob a gestão militar da FAB ela seria uma escola comum, ela seria uma escola literalmente pública ligada, por exemplo ao Estado, como se criou essa categoria assistencial para justificar a permanência dessas escolas sob o comando Força é que nós temos então o Rego Barros, a escola do Maranhão Caminho das Estrelas e no Rio de Janeiro o Newton Braga então a Força só tem essas três escolas e pelo que eu percebo toda a legislação que existe inclusive essa de 2011 Lei de Ensino na Aeronáutica na verdade o Rego Barros é uma migalha dentro do ensino da Aeronáutica por que? Não ela, mas as três escolas, porque na verdade o ensino real da Aeronáutica é a Academia é o ITA, EPCAR e a AFA. Então na verdade quando a legislação é criada e nos abarca, não é uma legislação para as escolas assistenciais, a legislação toda é do ensino superior da FAB, aí cria-se um artígozinho ou um parágrafo na lei aí joga assistencial. Se criou o termo assistencial para dizer assim, “vai se público o ensino, porém o militar vai contribuir, o militar vai colaborar e é por isso que nós pagamos.”. Então o assistencial é no sentido de dizer assim “eu FAB vou dar assistência aos dependentes dos meus militares”. E aí claro como a lei foi criada para atender aos filhos de militares que estavam em

transito, em transferência, claro o primeiro objetivo é atender aos filhos de militares em transito aí por derivação é que entram os filhos dos civis, os filhos das outras Forças, os filhos no caso do de carreira, dos que não estão em transito, e por tabela se estendeu a essa categoria que não existia os temporários, então é assim é tudo por extensão, mas o que justifica a existência desse tipo de escola, colégio é a transferência desse militar, e que no passado eu acredito que era algo que acontecia com maior recorrência militar transferido, de um tempo para cá não sei, foi diminuindo.(...)

(Professora Civil de nº 07, entrevista em 04/02/2023)

Conforme a memória da professora civil, essas escolas são criadas com o intuito de ajudar assistir aos filhos de militares que são transferidos ao longo de sua carreira militar e que depois essa lei vai agregando os filhos de civis funcionários da FAB e posteriormente filhos de militares de outras Forças como Exército, Marinha, e Militares Estaduais como a Polícia Militar e Bombeiro e também militares de quadros temporários internos, como é o caso do quadro QOCON da especialidade de magistério/pedagogia.

Seguindo as ideias de E.P. Thompson (1987, p. 30), é importante compreendermos as experiências dos sujeitos nas relações sociais, como “eis a paisagem espiritual interior da dissidência do homem pobre – dos alfaiates, curtidores, saboeiros, cervejeiros, tecelões e tintureiros”. No caso dos militares/professores temporários com formação superior obtida em universidades públicas e privadas, é interessante refletirmos à respeito da inserção de variados sujeitos em um colégio de controle militar para exercerem o magistério, após Estágio de Adaptação Técnica, no período pós formação dos candidatos a aspirantes à oficial temporário que atuaram no ensino fundamental e médio do CTRB no período de 2011 a 2019. E também dos professores civis que atuam na mesma Unidade de Ensino Assistencial desde os anos de 1990.

A experiência das mulheres e homens que adentraram nos colégios das Forças Armadas, na transição do século XX para o século XXI, principalmente, no caso específico da Força Aérea Brasileira, nos leva a necessidade de entender a mentalidade e formas de atuação dos grupos sociais no âmbito do cotidiano dessas instituições e nas aulas, em especial a de história no Ensino básico. Cabe enfatizar que as instituições militares tem uma função estratégica no sentido da construção dos grupos que buscam a estabilização de um poder e essa relação entra em rota de colisão com as ideias sobre consciência histórica, que visa trabalhar uma construção de uma narrativa histórica em sala de aula que valorize a compreensão das complexidades do século XXI, conforme afirma Barca (2007, p. 116 -117):

“(...) Uma aula de História que contribua para a mobilização de identidades na construção de uma consciência histórica adequada às complexidades da sociedade

neste início de século, e no contexto de uma sociedade que se deseja aberta e dialogante, tem de refletir opções conscientes nas áreas atrás identificadas. (...)”

Este confronto de ideias e a busca por um poder a partir de um padrão militar é destacada nas memórias de alguns entrevistados, conforme afirma a professora Civil de nº 28, aposentada depois de atuar por 30 anos, que relembra o início dos anos de 1990, à época na Escola Tenente Rêgo Barros sobre as aulas de história e geografia:

(...) era um certo impacto, choque, foi em 94, em 93 como eu te falei, entrei pela porta dos fundos, entrei à noite pelo Estado e aí depois eu fui convidada para trabalhar lá na escola à tarde né?! Era outro nível em relação à escolas que eu já tinha trabalhado, principalmente por que no Rêgo Barros existe uma característica que é trabalhar em conjunto, então por exemplo, e é hoje em dia se tem uma sala que é a área de Ciências Humanas, aquela sala, uma parte dela, era a sala dos professores e uma das mesas era para a área de estudos sociais, que era chamado assim, que era professores de história e geografia e só né?! existia uma professora formada em ciências sociais, uma senhorinha, ela dava aula de história até a 8ª série, que naquela época quem era formado em Ciências Sociais poderia dar aula de História e Geografia até a 8ª série, mas os outros eram graduados em história e Geografia. Então a gente trabalhava juntos, tipo, grameávamos juntos prova, material, a gente conversava junto, e eu me lembro que naquele ano eu trabalhei com a professora x na 8ª série, a nossas provas tinham quinze páginas(...)

(Professora Civil de nº 28, entrevista em 16/06/2022)

A referida professora Civil de nº 28 chega a destacar que nesse início dos anos 1990 tinha mais liberdade para trabalhar, que no contexto do ano de 2016, o que mostra um processo histórico contraditório, pois, apenas dois anos após a Constituição de 1988, a mesma enfatiza que em 2016, a marca era o controle em detrimento a liberdade, conforme relato abaixo:

(...) a gente tinha muito mais liberdade na época já dos diretores eleitos, a gente se sentia mais confortável para trabalhar, para por as nossas planos, foi a época que o Rêgo Barros bombou, as feiras culturais, as exposições, as atividades fora da escola que gente fazia com os meninos e as meninas de levar para vários eventos e tudo mais, conhecer vários lugares, na realidade desde a época da Professora x, o 3º ia para Tucuruí para conhecer a hidrelétrica (...)

(Professora Civil de nº 28, entrevista em 16/06/2022)

Essa fala da professora Civil nº 28 ressalta as contradições do contexto atual e o momento que a mesma adentrara na FAB, o confronto entre liberdade dos anos pós-constituição Federal de 1988 x controle nos anos de 2016. Dois momentos diferentes, mas que conforme REIS (2014, p. 171-172) é possível de ser entendido como parte de um processo histórico do Brasil que mesmo nas afirmações democráticas é preciso olhar e compreender a

“ditadura ou ditaduras” como “elos de uma mesma corrente” em que “tanto uma como a outra, foram instauradas, quase sem um tiro e deixaram de existir suave e pacificamente.” Segundo o autor, a relação entre autoritarismo e democracia estão muito próximas, numa relação de passado e presente no seu sentido dialético, já que busca moldar um futuro. Assim, a fala da entrevistada apresenta os recuos para um maior “controle” da atuação de professores no CTRB que não são frutos do acaso, mas vivências que apresentam o que REIS (2014) chama de “tentações autoritárias” que estão sempre à espreita quando crises políticas, econômicas e sociais aparecem e ameaçam determinada ordem no país.

Assim, a partir dessas discussões entre o mundo “civil e militar”, próprio da chegada dos professores/oficiais militares convocados é possível entender a complexidade da relação ensino-aprendizagem nas salas de aula do CRTB, seus embates e mediações com a cultura militar da FAB, que aparecia entre os professores civis e militares, mas que se ampliava nos assuntos de história, que não mais se limitavam a época que a Professora a chamava de “liberdade”, já que a chegada dos professores militares que buscavam atuar nas suas diferentes áreas do magistério junto aos alunos do Ensino Fundamental e Médio do CTRB estava dentro de um processo de militarização do ensino e aprendizagem na escola, que por lei é assistencial em um contexto de mudança conflituosa. Conforme é possível perceber na fala da entrevistada abaixo, a chamada Professora Civil de nº 28:

(...) agora essa é outra escola, eu trabalhei em três escolas diferentes, filosoficamente falando, em momentos diferentes, eu peguei ainda aquele pessoal tecnicista dos anos 70 e 80, peguei o da onda democrática, e essa direção que entrou antes mesmo do Bolsonaro assumir o governo, parece que foi assim, quando os astro se encaixam, essa direção militar com ascensão do bolsonarismo e do conservadorismo e tal, então e da eficiência, não sei mais o quê, ta pode ser que a escola esteja funcionando como um relóginho, não tem mais discussões, não tem mais atraso de projetos, por que a gente parou para discutir e aí a gente acabou discutindo outras coisas, discutir mais amanhã e tudo mais, só que nesse processos de discussão que demorava e a gente até reclamava por que a gente não consegue decidir um negocio, tem que ficar falando, todo mundo quer a palavra, mas isso era bom por que a gente tava construindo conhecimento, sei lá construindo um monte de coisa e hoje em dia não dá, a gente tem que aceitar e pá e cá e isso caba refletindo no ensino, não temos mais o ensino crítico ali na escola, não tem mais espaço para a crítica, não tem espaço(...)
(Professora nº 28, entrevista em 16/06/2022)

Assim é possível compreender os embates desse processo de militarização da Escola assistencial da FAB a partir das experiências de sujeitos que vivenciavam o ensino de história, por exemplo, e que afetou toda uma experiência democrática da gestão escolar construída nos anos de 1990, no atual contexto do século XXI. Essas resistências reacionárias são frutos de um debate próprio do sistema criado no pós-constituição federal de 1988 que é percebido nos

argumentos de Reis (2014, p. 167) que “não adianta quebrar o espelho retrovisor. E olhar, inocente e candidamente, para o futuro. A ditadura –ou as ditaduras- não está apenas ‘lá’, no passado, mas ‘aqui’, condicionando o presente e, por seu intermédio moldando o futuro.”

Alguns professores civis estão no Colégio Tenente Rêgo Barros, desde o ano de 1992, vivenciaram mudanças na antiga Escola Tenente Rêgo Barros e que hoje conforme o PORTARIA Nº 105/GC3, de 28 de janeiro de 2020, no seu Art. 1º, modifica a nomenclatura da Escola (ETRB) que passa a ser escrita como Colégio Tenente Rêgo Barros (CTRB). A própria alteração da nomenclatura da Escola coincide com o aumento dos chamados discursos “conservadores” na verdade se amplia com a mudança de governo federal na saída dos professores militares em 2019 e ascensão do executivo nacional (2019-2022). Dessa forma, esse recorte histórico está dentro de um processo de mudança que “coincide” com um processo de chegada e atuação dos professores militares.

É possível destacarmos três momentos importantes: O primeiro, voltado às experiências vivenciadas pelos sujeitos dentro e fora de sala de aula na condição de professores civis e concursados. O segundo, as experiências dos sujeitos enquanto professores militares dentro e fora de sala de aula. E por ultimo, como era aplicado esse ensino, aos alunos do ensino fundamental II e Ensino Médio. Este o que mais interessa para nosso terceiro capítulo, pois, a partir de 2016, ocorre um aumento de uma ideologia conservadora no campo político e que atinge diretamente as experiências de ensino-aprendizagem no CTRB.

Essas vivências se relacionam com mudanças do contexto histórico a partir das memórias dos sujeitos envolvidos que destacam um momento tecnicista que envolve uma influencia direta de uma visão dos militares à da ditadura militar, depois as experiências pós-consolidação do regime democrático a partir da Nova república e por fim um momento conservador que “coincide” com a ascensão do atual presidente Bolsonaro e sua visão de escola militar e educação de maneira geral.

Estes momentos distintos possivelmente levam a situações de convivências e experiências sociais que também podem ser influenciadas pelos diferentes tipos vínculos entre os oficiais, as carreiras e as expectativas criadas na e pela caserna, em especial no Colégio Tenente Rêgo Barros, onde também há professores civis, ou seja, que não precisaram ingressar na vida militar para atuarem na mesma instituição de ensino e que possuíam vivencias na escola que valorizava um viés de aprendizagem democrática e viram a mesma funcionar como um “reloginho”, mas não ter essa dinâmica democrática, mas uma valorização do conservadorismo como ordem do dia.

No campo historiográfico, cabe destacar o entendimento do conceito de ensino e aprendizagem de história, geografia, língua portuguesa, dentre outras, que pelo viés crítico busca construir valores democráticos e entram em conflito com os valores vigentes na escola. O CTRB ao destacar o “conservadorismo” do século XXI escolhe um embate fantasioso, na hora de selecionar os temas para serem discutidos com os alunos, é como se ocorresse uma espécie de amnésia sobre temas como “ditadura militar”, revolução bolchevique de 1917, escravidão africana ou revolução cubana.

O relato da professora civil de nº 05 apresenta parte dos conflitos de valores diferentes ocorridos no âmbito do CTRB:

(...) Eu entrei na escola com um formato e sai com outro, embora eu tenha assistido dois momentos que representaram pra mim uma expressão de cerceamento de liberdade de expressão do professor de história, uma foi muito antes da escola sem partido, na época da professora x em uma feira cultural na época feira da cultura, não me lembro, que a professora y que hoje está aposentada pela Escola de Aplicação, ela fez uma equipe sobre o Regime Militar, eu era nova ainda na escola aí ela quando ela foi fazer apresentação a professora x proibiu que ela fizesse, e ela teve que fazer reservado, essa equipe não pode expor ela foi tirada, fez em reserva, reservadamente e a professora y fez um protesto como sempre nós fizemos ali naquela área onde a gente sempre faz, fizemos uma moção e tudo mas ficou por ali mesmo, não houve nenhum desdobramento para a equipe para equipe e pra escola. O que eu lembro que depois disso e por conta desse cerceamento eu acho que foi uma das coisas que contribuiu para a professora y, professora z para elas fazerem concurso público para a Escola de Aplicação da Federal que é o NPI, então eu acredito que na experiência delas elas se sentiram cerceadas eu não. Eu assisti esse cerceamento e assisti um mais recente foi a última Feira da Cultura que eu coordenei inclusive nos 9º anos que foi em 2017, foi a última vez que teve Feira da Cultura na escola, com a supervisão do oficial X, (grifo nosso) tinha as meninas que eram tenentes coordenadoras pedagógicas, mas o oficial superior x era uma espécie de diretor desse departamento, eu não lembro mais das nomenclaturas e o meu.. eu que fui autora do projeto, inclusive bonito, nós fomos oito professores que assinamos esse projeto que foi aquela proposta que fez o “O breve século XX” que você apresentou sobre a “A mulher na FAB” baseado no autor Hobsbawm “O breve século XX”, fiz o projeto e apresentei e todos os professores do 9º ano coordenamos os grupos de Física a Educação Física foi lindo! E foi muito legal porque por exemplo as professoras de Português a parte delas era só corrigir os textos, foi uma experiência belíssima merecia ter sido publicada essa experiência, e aí o oficial superior (grifo nosso) entrou em uma das salas que eu estava coordenando que era sobre mulheres no período da Ditadura e elas falaram das mulheres que foram perseguidas e tinha uma aluna que agora eu não lembro o nome dela e ele entrou na minha ausência e constrangeu, fez um constrangimento para a aluna para uma equipe, só que esses alunos do Rêgo Barros são muito bons de debate, aí a aluna falou disse “não professor...” ele disse “porque que não está fulano de tal?”, parece que ele disse assim “por que vocês não colocaram Santos Dumont? Duque de Caxias?”, mais ou menos assim, aí a aluna disse “primeiro como o senhor viu é o “breve século XX”, caberia? caberia, mas como o senhor vê o nosso tema é mulheres, então não caberia nem o Duque de Caxias nem o Santos Dumont e o nosso tempo, corte temporal é a década de 1970, então nós escolhemos essas mulheres para falar delas e do papel delas no breve século XX”, aí ele saiu e isso não sei se ele falou pra vocês, mas foi objeto de reunião de pais, eu estava nessa reunião de final de ano e ele falou que não iria ter mais Feira da Cultura já era final de ano para 2018, porque ele achava que Feira da Cultura era só misancenani para dar ponto, ele não usou esse termo eu que estou usando, valia 3 pontos a feira e meteu o sarrafo e deu entender

para os pais que os professores não ensinavam tipo assim, o aluno fazia qualquer coisa e mandavam, que era uma bagunça e eu estava do lado do professor w que disse “eu vou falar” daí eu disse “não fala porque tu ainda vai ficar na escola ainda tem muito tempo pra ficar aqui, eu vou falar porque ano que vem eu vou me aposentar”, aí eu pedi a palavra e tú sabes e tú me conheces eu fui lá pedi licença me apresentei para os pais, disse que eu era professora que eu já estava mais de 20 nos na escola que eu não concordava com todo respeito a ele e a autoridade que ele representava aí eu abri o verbo disse “primeiro nós professores não damos ponto na prova quem é aqui pais de alunos do 9º ano?” Aí os pais de alunos levantaram, “pois é os senhores estão lembrados da reunião que eu convoquei com todos os pais do 9º ano para apresentar nosso projeto aí expliquei tudo, e falei “os senhores sabem que a nota não foi dada, não foi dado ponto, teve apresentação de projeto, todas as prévias, só foram apresentar depois que eles estavam afiadados, com os textos todos revisados pelas professoras da Língua Portuguesa e nas suas especificações, o trabalho foi todo interdisciplinar do 9º ano foi uma despedida minha da escola. E nessa mesma reunião ele tinha dito, ele não insinuou ele falou que nós professores civis não trabalhávamos, só os professores militares, porque nós professores civis tínhamos férias de 45 dias, sendo 30 em julho e 15 em dezembro e que por isso ele não poderia contar conosco para fazer determinadas coisas, Aí eu aproveitei e falei “outra coisa quero dizer aos senhores que as nossas férias de 45 dias não é porque a gente não quer trabalhar porque é uma conquista da legislação na lei 8.112 e nós trabalhamos sim porque até ... aí eu falei porque até 2011 quando não havia professor militar nessa escola essa escola sempre foi primeiro lugar no Norte e sempre fomos nós professores civis. E tu sabes que a escola caiu pra 10º, 20º lugar, aí pronto eu já ia embora daí eu pedi desculpa por estar falando aquilo, mas eu não poderia sair de lá porque eu me senti ofendida eu achava uma ofensa ele ter feito aquilo em público insinuando que a gente não queria ensinar os alunos e estava dando ponto para os alunos e eu agradei a oportunidade e me sentei. Ele não falou nada não pediu mais a palavra e o oficial superior levantou e disse ‘a professora é uma professora antiga na casa’, lembro bem o que ele disse “ela já vai se aposentar e é isso”, aí eu disse “fulano ele está me chamando de velha”.

Eu nunca fui cerceada eu sempre fiz meu trabalho com muita clareza na escola, tudo, aquele projeto do selo, que era um projeto quase positivista até os projetos que eu fiz, nesse dia foi muito engraçado, quando a Revolução em 2017 fez 100 anos da Revolução Russa né? E foi também os quinhentos anos da Reforma, te lembra que eu fiz uma programação da Reforma Protestante? que teve seminário, mas eu também fiz o programa do centenário da Revolução, só que menina nesse dia calhou...e todo mundo participou, ... todo mundo elogiou, foi lindo o trabalho, um trabalho para comemorar, nesse dia sabe quem chegou? O Brigadeiro junto com o Brigadeiro lá do DEPENS na hora que a gente estava apresentando e eu vi pela expressão facial do Brigadeiro e olha que ele dizia para todo mundo que ele gostava de mim e me admirava, eu vi que a expressão facial dele foi tipo assim: “que coisa, uma escola militar fazendo um trabalho de comemoração dos 100 anos da Revolução Russa”. Mas ninguém impediu e eu nunca deixei de apresentar e tu sabe disso que a gente tinha que apresentar nossos planos de trabalho e ninguém nunca disse corta isso, ninguém nunca cortou nada, nunca.

Uma filosofia de educação completamente diferente daquela que foi trazida digamos pela geração de gestores militares eu acho que isso aí impactou muito no cotidiano escolar e na vida dos professores (...)

(Professora Civil nº 05, entrevista em 08/12/2022)

Outro Professor Civil de nº 04 relata sobre as diversas formas de interferência ocorridas na forma de ensinar em sala de aula ou em atividades e avaliações.

(...) Da minha entrada de 2005 até 2016 eu não senti dificuldade nenhuma eu sentia certa autonomia e certa liberdade, até 2016 a direção era escolhida por voto, havia uma eleição e 2016 essa eleição acabou os militares passaram a tomar conta da

escola e aí sim a escola passou a ter outro direcionamento, uma burocracia maior no andamento das coisas sabe? Por exemplo, em 2017, 2018 nós fomos chamados atenção em relação a uma apresentação na Feira da Ciência coisa que nunca tinha acontecido, então de 2016 até 2019 antes da pandemia eu senti uma certa observação maior dentro daquilo que a gente estava fazendo, apesar que dentro de sala de aula eu nunca tive nenhum tipo de problema de cerceamento de conteúdo...2016 os militares tomam a direção e começam a fazer uma série de mudanças que antes tinham a nossa participação e agora não vão ter mais, por exemplo a avaliação, mudança de avaliação agora para trimestral, e agente achou isso muito complicado a gente já falou isso lá mais a informação é de que vem ordens da DIRENS, Diretoria de Ensino de Brasília, o que a gente percebe que são muitas provas e pouco tempo para o professor trabalhar de forma mais autônoma e os alunos estão fazendo prova o tempo todo tu vê um certo desgaste dos alunos, agora voltamos presencial e a gente tem percebido isso.

Na Feira da cultura não foi só em um trabalho foram em vários trabalhos que foram chamados atenção, alegação foi que poderia ter utilizado outros temas como a dos heróis nacionais e não a Revolução Russa e não a ideia comunista ou socialista. Teve uns alunos lá que apresentaram um trabalho sobre nazismo, a mesma coisa como se o holocausto não fosse interessante ser colocado para os alunos, sem detalhar muito, o que a gente soube que foi direcionado mais para os alunos que estavam apresentando os trabalhos não diretamente aos professores.

Em 2019 a gente trabalhou o tema Ditadura Militar e chamamos dois palestrantes para fazer uma palestra lá, sobre Ditadura Militar no Estado do Pará, preparamos material, e aí simplesmente foi negado, depois chamaram a gente e disseram que não era o momento político ideal, mas que depois poderia ser pensado e barraram a entrada do colega, mas o nosso material que a gente produziu ele rodou a gente não aceitou, a gente produziu um boletim de questões com mais de 130 questões do Enem para os alunos do terceiro ano, todos os tipos de questões, Ditadura militar, escravidão, questão de gênero e aí eles queriam ... “ah essas questões aqui”, aí a gente negativo, eu e a professora (grifo nosso) que éramos professores, agora esse ano eu não sei como é que está, queriam que a gente trocasse o nome de Ditadura militar, daí a gente bateu o pé e disse que não que o livro tratava desse nome porque foi uma ditadura militar, nos reunimos com o Diretor e dissemos a palestra vocês são os administradores tudo bem, mas o material a gente vai ser rodado e foi rodado distribuído para os alunos, foi 2019 último ano. Eu não sei esse ano como os meninos estão trabalhando o livro didático parece que está lá regimes totalitários, uma coisa assim, aí como eu não sou mais representante nem coordenador de área. Eu mostrei bibliografias renomadas que tratam como Ditadura Militar (...)

(Professor civil nº 04, entrevista 21/09/22)

Sobre esses conflitos entre o “conservadorismo” e o “democrático” que foram destacados pelos professores de nº 05 e de nº 04, gera certa interferência militar no ensino, muitas vezes de forma indireta como no caso de questionamentos por parte da Direção e outras com proibições de que o profissional possa dar continuidade ao seu trabalho de forma mais democrática. Percebe-se também que esse questionamento em relação a determinados assuntos não é recente, ocorre antes da chegada dessa turma de professores militares no colégio em 2012 e da vinda dos oficiais superiores para o colégio a partir de 2016. Tais questões podem estar relacionadas com o contexto político que vivenciamos no Brasil nos anos de 2011 a 2019, e que ainda vivemos na atualidade.

Nesse período, segundo Carmem Waldow (2014, p.13), o governo de Dilma Rousseff, primeira mulher a assumir a presidência do Brasil, numa tendência ao equilíbrio e à

continuidade, sem rupturas, com apenas transformações dentro da ordem. Seu governo provocou mudanças democratizantes consideráveis, conforme Tavares (202, p. 67) emergem novos sujeitos que ganharam voz e vez na cena pública nacional [...] Essa nova geração que se beneficiou das políticas públicas desenvolvidas entre 2003 e 2015, trazem novas perguntas, questionamentos, bem como respostas para as contradições e dilemas da sociedade brasileira.

É nesse contexto de crise política em que o país se encontra que o ensino nas escolas assistenciais da Força Aérea Brasileira passa por mudanças singelas, no ensino básico fundamental e médio.

A Escola Tenente Rêgo Barros a partir de 2012 recebeu esses militares temporários para atuar como professores por um tempo de 8 anos em diversas disciplinas, de acordo com a Lei nº 12.464, de 4 de agosto de 2011, que dispõe sobre o ensino da Aeronáutica, capítulo IV, Art 33, § 2º , trata do corpo docente e do pessoal do ensino, que diz: “Poderão também ser contratados, de acordo com lei específica, serviços educacionais para as atividades complementares de ensino”. (www.planalto.gov.br)

A chegada desses profissionais influenciou nas transformações que aconteceram no espaço escolar em relação a forma de ensino contribuindo para o sentimento arredo de alguns professores civis em relação a esses profissionais. Conforme destaca a Professora civil 07 nos relatos a seguir:

Na nossa cabeça quando nós chegamos lá também, todos os professores eram civis, como todos eram civis e nós estávamos no território da FAB e sem uniforme logicamente, sem a farda, então naquele momento pra mim não havia uma ideia de pertencimento, eu não me sentia pertencente a Força no sentido militarizado. A nossa gestão era uma pessoa civil que era indicada pelo Brigadeiro do COMAR, como eu cheguei em uma transição meses depois quem assumiu foi um professor civil eleito, então nesse momento de 2005 para 2006 havia uma eleição para diretor da escola, então aquela indicação do Brigadeiro passou a não mais existir.

Quando eu entrei todos os professores eram civis, os professores temporários militares só entraram a partir de 2012, que foi em 2011 que saiu a Lei modificando o ensino na Aeronáutica, então eu vivi de 2005 a 2011, entre cinco , seis anos eu vivi um período que era nós civis, havia militar que era de carreira que trabalhava vestido de civil, se não nos disséssemos que a pessoa era sargento nós não saberíamos, então os graduados desde quando eu entrei já havia porém com roupa de civil, então a relação ali aparentemente era tranquila porque exatamente não havia uma demarcação, uma diferenciação entre professores, todos nós éramos professores e fazíamos parte do corpo docente, o corpo docente era único, e nesse mesmo período nós entrávamos as 07:00 e saíamos as 13:00 todos de forma igual, exceto aquele que precisava voltar a tarde para cumprir o expediente didático, e aí ele tinha claro a contra partida , vinha duas tardes e podia e era ele que negociava a sua jornada e podia não vir aquelas duas manhãs. Então nós cumpríamos 6h e tranquilo a escola sempre funcionou normalmente, quando foi que a jornada mudou? Quando em 2016 houve uma resolução em Brasília e alterou a gestão da escola e aí passou a ser militares mesmos gerindo a escola, não podia ter mais uma direção civil, e aí veio com essa nova moldura digamos essa afetação nos horários que passou a ser modificado, e essa modificação de horário pra mim afetou principalmente esse

encontro que os professores passaram a não ter mais, esses encontros acabaram, as reuniões acabaram, até 2022 a reunião de professores acabaram. Quando tinha já era bem esporadicamente porque as demandas militares faziam com que nós não tivéssemos os horários respeitados, exemplo quarta-feira a tarde precisávamos reunir mas os tenentes tinham missão, ou seja o grupo em si mesmo começou a ficar bem fragmentado. Assim, antes de mudar nossa jornada que foi entre 2016 e 2018 o processo, houve resistência, houve luta, houve debate com os civis, eu participei de maneira muito ávida rs...desses debates, bom mas antes de 2016, ainda em 2012 os professores militares entraram você foi uma que entrou, e aí claro já começou haver uma diferença, mas não foi uma diferença abissal, vocês claro se adaptaram a nós e nós nos adaptamos a vocês, no sentido de regime mesmo, tanto é que eu acredito que tu lembra desse período do cumprimento do expediente de 7h às 13h, porém o professor militar também saía às 13? Bom, mas se saíam inicialmente e logo depois muda esse horário e vocês sentem, já em 2018 nós sentimos. Então perceber essa mudança em relação ao professor militar por exemplo, foi algo que já começou a desmontar aquela visão positiva que eu tinha da escola, porque se quando eu entro o impacto é justamente a chance do encontro, trabalhar, ter a chance do encontro, compartilhar as experiências, as informações, as tensões, as crises, com essa mudança começou a não haver mais essa possibilidade, porque nós viramos assim cumpridores de horário e não mais professores que poderiam conversar sobre o que estava acontecendo na sua sala de aula, com seu aluno, saber que aquele aluno precisaria de um reforço, de um olhar diferenciado, então, começou haver mesmo uma espécie assim de agora o professor é uma espécie de um operário, vai dar a aula dele, só cumprir o expediente, não importa o que o expediente iria significar para ele, se era o expediente no sentido de ter valor ou apenas uma hora no relógio. Então, acho que houve assim uma resignificação do que é estar na escola, estar na escola passou a ser uma mera obrigação, não é atoa que muitos professores revelavam isso, “eu venho para escola...” isso professor civil né? “eu venho para escola cumprir o meu dever porque é o meu emprego, mas eu não tenho mais vontade de vir para a escola”. Porque houve um período ... essas mudanças elas foram bem traumatizantes. E assim, “ah porque o trabalhador tem que se adaptar as possibilidades de mudanças”, perfeito, mas assim a mudança ela precisa ocorrer para melhorar a relação e o funcionamento, se a mudança ocorre para dificultar e para gerar um mal estar emocional e até físico em professores, alunos e pais, então a mudança não faz sentido. É uma mudança às avessas, é você no lugar de progredir você vai...eu não digo nem você vai retroagir porque eu não lembro da escola ter um momento assim tão digamos assim reacionário, eu acho que não foi mudança, foi pegar um caminho, porque pra mim mudança é no sentido de transformação tem que ser algo positivo e não algo que leva você para um caminho em que o trabalho se torna digamos não só opressor mais até mesmo degradante, então acho que a palavra foi essa.

(Professora civil nº 07, entrevista em 04/02 / 2023)

Na fala da professora civil 07 é possível perceber que essas mudanças acontecem a partir da chegada dessa turma de professores militares temporários do ano de 2012, quando adentram a escola, contribuindo para a construção de um novo saber e ocasionando futuramente certo desconforto para alguns professores civis.

Para uma construção do saber histórico, segundo Silva (2021, pp. 32 e 33) existe uma área de fronteira entre história escolar e a história, entre cultura escolar e cultura histórica que influencia na exclusão de certos temas do ambiente de ensino e aprendizagem. O objetivo do autor em entender essa área de fronteira é compreender para além das disputas hegemônicas em torno de campos disciplinares que buscam manter ou subverter as relações hierárquicas do

saber histórico construído em sala de aula, mas criar pontos de intersecção que produzam um sistema discursivo capaz de problematizar conceitos-chaves para a compreensão do ensino de história.

Esse processo de escolha de temas da história apresenta para além de uma exclusão de uma visão sobre a história a partir dos alunos que constantemente são ignorados pelos professores de história ao privilegiarem a sua narrativa e dos seus recursos didáticos sobre o passado por meio de atividades de memorização. (SILVA, p. 33) Essa análise do autor nos apresenta uma maior complexidade quando se pensa na escola da FAB em Belém do Pará que tem seu viés assistencial, quando cuida de uma comunidade escolar formada na maioria por filhos de militares desde 1942 e no atual contexto além de ignorar a visão dos alunos sobre os seus próprios conceitos de história, temos as determinações ou proibições de determinadas temáticas históricas.

Segundo Carvalho (2021), as aulas de História são sempre elaboradas no tempo presente, entendido não como recorte temporal específico, mas no sentido de que as interações e os significados conferidos ao passado devem ser compreendidos a partir de sua relação com o tempo vivido por professores e discentes na prática cotidiana em sala de aula. Esse processo na discussão da escolha de temas da história que seguem uma política de ensino voltada a defesa das instituições militares prejudica a construção desse conhecimento histórico fruto das narrativas usadas de aula que já eram hegemônicas por parte dos docentes, e que pioram quando ocorre um controle e maior vigilância sobre temáticas sensíveis aos gestores de escolas militares ou em processo de militarização.

Além do caso específico dos oficiais temporários do Quadro de Convocados que atuaram na área do Magistério no período de 2011 a 2019, e as suas especificidades profissionais, com idades bem mais elevadas em relação aos sujeitos sociais que faziam parte do recrutamento militar anual, os professores quando eram civis tiveram várias experiências profissionais de magistério e adentraram na FAB para ministrarem aulas para filhos de militares e ao mesmo tempo atuarem como oficiais de dia do I COMAR, no início de 2011. Especificamente temos os professores/oficiais da área de história que atuaram com diversos temas em sala de aula e que com o decorrer do tempo deveriam “ignorar” certos assuntos em favor de outros que seguiam uma linha de mudança conservadora que avança com as discussões sobre o sistema político atual.

Cabe notar que nos deparamos com duas argumentações, as dos professores que disseram ter ignorado alguns temas, ou abordado de forma superficial durante suas aulas, além dos professores de história, os professores de outras disciplinas, civis e militares. E a dos

professores que disseram ter abordado diversos temas em suas disciplinas, e que não sofreram nenhuma interferência no modo de trabalhar em sala ficando livre para trabalhar o que quiser. De acordo com as fontes abaixo citadas, como foi o caso da oficial temporária de nº 04, que disse não ter sofrido nenhuma interferência em sua área, conforme relato a seguir:

Não tive dificuldade nenhuma porque já tinha um livro, nós tínhamos liberdade para trabalhar, era até mais fácil de trabalhar do que em escola particular, ninguém batia na minha porta para interromper a minha aula, eles tinham muito respeito, as tenentes que eram coordenadoras, e tinham os livros, eu focava nas unidades era tranquilo de ministrar aulas.

(Oficial temporária nº 04, entrevista em 11/02/2022)

A oficial temporária de nº 06 também afirmou não ter sofrido questionamentos da chefia militar quanto sua forma de trabalho em relação as suas aulas, contudo havia interferência da chefe civil de sua área com cobranças sobre o modo de fazer as provas

Quando se tratava de sala de aula sempre foi como eu sempre fiz não mudava muita coisa, claro havia uma certa disciplina, havia umas certas regras a ser cumpridas, mas eu ensinei francês como eu sempre ensinei, sempre me preocupei que os alunos realmente conseguisse aprender a compreender, aprendesse a falar, a ler e a escrever, então na hora de eu dar aula eu dava aula como eu sempre dei, 80 % da aula em francês para que meus alunos se acostumassem falar o francês para que não fosse só aquela língua estrangeira que a gente aprende na escola, esse preconceito que a gente tem, que a gente nunca aprende falar francês na escola, então eu sempre fiz com que eles falassem, aprendessem falar o mínimo de francês. Eu acho que os resultados eram muitos bons de uma forma geral, então não muda se eu estava em uma escola militar ou não, quando se trata de dar aula eu era igual. Nunca houve nenhuma interferência eu sempre trabalhei a minha maneira, eu sempre tive total liberdade de ensinar como eu gostava de ensinar. O que havia eram interferências da nossa chefe civil da área que queria que certas coisas fossem respeitadas que eu considerava desnecessária porque aquilo não influenciava, haviam muitas exigências desnecessárias na minha opinião, mas nunca houve interferência com a minha maneira de trabalhar eu sempre fui respeitada nesse ponto por ela e por todos, sempre respeitavam o que eu sabia, a minha experiência, eu era bem ouvida , a única interferência é que essa minha chefe delegava pra gente o modo de fazer as provas, de fazer as avaliações e eu acho que cada professor tem que preparar as suas avaliações somativas de acordo com o andamento das suas turmas, porque só o professor sabe como os alunos estão se saindo, o momento certo de como aplicar teste, provas então tinha essa exigência que não era militar ela era civil, e eu como sou especialista em avaliação eu não concordava com essa conduta, porque eu sabia...eu tinha uma forma diferente de trabalhar, mas não houve nenhuma interferência militar, eu sempre dei aula como eu gostava de dar, e alias eles reconheceram o nosso trabalho das línguas estrangeiras, então eu não tenho nada a reclamar de interferência militar em minha sala de aula sempre foi eu e meus alunos e tudo deu muito certo.

(Oficial temporária nº 06, entrevista em 14/02/2022)

Para a oficial temporária de nº 10 essa interferência nunca aconteceu com ela, porém não achava de bom tom falar de certos temas dentro de uma instituição militar sendo preciso reestruturar sua conduta enquanto professora da disciplina de filosofia, conforme relato a seguir:

Você passa por uma processo que você vai ser um professor só que dentro de uma esfera militar, então, eu como professora de Filosofia e assim o currículo de filosofia no Brasil tem esse histórico, digamos assim do passado ela era uma disciplina subversiva pela sua natureza questionadora, pela sua natureza especulativa, em alguns momentos tem essa questão da emancipação da consciência e tudo mais, eu via que isso precisaria ser reconfigurado de certa maneira dentro da instituição, e eu tinha essa preocupação desde cedo, não que ...nunca ninguém, ninguém mesmo, eu nunca sofri nenhum assédio de nenhum superior, de nenhum de meus pares nem dos professores, “ah você é professora de filosofia, você não pode isso, não pode aquilo, nunca, nunca aconteceu eu sempre fui muito respeitada, dentro da minha área da minha formação, mas eu pessoalmente eu precisava digamos assim reformatar a minha conduta enquanto professora de filosofia dentro da instituição, entender que dentro de uma instituição militar algumas coisas não são digamos assim, não devem ser comentadas, não são de...como é que eu posso dizer? Por uma questão de etiqueta, não como repressão, eu pelo menos nunca senti, mas por questão de etiqueta, algumas falas não devem ser ditas, mas isso são coisas que eu fui observando e criando o meu repertório, não que eu tenha sofrido alguma repreensão. Algum superior tenha dado alguma orientação, nada disso.
(Oficial temporário nº 10, entrevista em 15/03/2022)

Assim também o oficial temporário de nº 14 relatou não ter sofrido interferências militar nem de pais nos assuntos que ministrava em sala com os alunos, conforme relato a seguir:

Eu tinha total liberdade em sala de aula, não podia tratar mal o aluno, expor o aluno, não tive problema com os pais, na escola tratava meus alunos com respeito e eles me devolviam com respeito, em ciências era tranquilo, nunca fui questionado.
(Oficial temporário nº14, entrevista em 24/06/2022)

De acordo com as entrevistas citadas anteriormente pelos professores civis de nº 04,05, 07 e 28, é perceptível que de forma direta ou indireta, esses profissionais tiveram contato com essa interferência militar e civil sobre o que ministrar em sala de aula, eventos e feiras culturais. Entretanto, nem todos os professores sofreram interferências em suas aulas e tinham liberdade de trabalhar sua disciplina com os alunos, porém, esses professores que foram citados aqui a maioria são de disciplinas que não influenciam muito nas discussões políticas e sociais, com exceção de Filosofia que é a disciplina responsável pela criação de conceitos, aborda temas como a existência, a mente humana, o saber, a verdade, os valores morais, a linguagem, etc.

Posso dizer que durante esses 8 anos de experiências não tive problema em relação a assuntos abordados em sala de aula, apesar de ser professora de uma disciplina que estuda as mudanças e permanências ocorridas na sociedade, investigando o que os homens fizeram, pensaram e sentiram, pois eu evitava me aprofundar em assuntos que pudessem fomentar polemicas ou se falasse não me aprofundava, sempre tive essa preocupação, pois em 2015 fui chamada por um oficial superior para saber se tinha sido eu que ministrei em sala de aula

sobre incesto e se esse tema poderia ser ministrado para o 6º ano, daí expliquei que não fui eu e que era normal esse tema ser explicado para os alunos, pois ocorria na Antiguidade Clássica e que poderia ter sido abordado por professor (a) de outra disciplina. Então, baseado nisso evitava assuntos que pudessem causar polemias.

Sobre a entrada de oficiais temporários no quadro QOCON magistério/pedagogia, existem algumas especulações, o motivo para contratação desses professores para se tornarem oficiais temporários são diversos, não se pode afirmar, porém, em um período em que o país passa por mudanças na política e na economia, e a Força Aérea Brasileira passa por reestruturação.

Desse modo, surgem diversas teorias sobre essa seleção por alguns professores civis, militares temporários e oficiais da ativa, entre elas a redução de gastos do governo atingindo a FAB devido o período de reestruturação; a questão de não ter posto na Força Aérea Brasileira para professor devido a quantidade de vagas que seria necessário criar e o contexto histórico em que o país vivenciava. Como é relatado abaixo por esses entrevistados:

Essa questão, não sei se responder é decisão de alto comando, mas sobre a questão de carreira, o militar temporário...acho que da para eu explicar mais ou menos, o que acontece o militar de carreira vai até um posto superior e tem que ter cargo pra ele, então por exemplo, se tivesse um profissional do ensino se pudesse chegar a coronel ia ser um só, porque no máximo ele ia poder ser Diretor do Rêgo Barros, ou Diretor do Colégio Newton Braga, pode ser que a Força Aérea tenha...já tem um quadro de apoio com algumas especialidades que eram de temporários, esse quadro é novo, acho que são primeiro tenente, que tem alguns que vão chegar até coronel, que é o quadro de advogados, que é de psicólogos já vi algumas pessoas ingressarem, mas como falei são poucas pessoas, poucos militares, porque o cargo que ele vai assumir vai ser um só na Força Aérea inteira, dois no máximo, e pode ser como tem esses colégios aí que precisam ter Diretores né? Pode ser que a Força Aérea um dia possa fazer um quadro de carreira do magistério para assumir esses cargos aí, mas vai ser restrito. Então é assim, no nível dos professores a Força Aérea precisa de número de muita gente, para dar aulas nas escolas administradas, por exemplo, lá na escola de Comum de Estado Maior, escola de aperfeiçoamento, tem professor fardado militar, professor que dá aula para os oficiais alunos, então, a questão do oficial temporário é quantidade pra poder suprir ali as necessidades, e os de carreira é pra atingir um certo cargo quando chega em um determinado posto, agora porque a Força Aérea não tem isso aí não consigo te explicar)

(Oficial de nº 01, entrevista em 10/02/22)

Outro motivo é redução de despesas, destacado pela oficial militar de nº 04, também de carreira temporária de outro quadro, foi instrutora da turma do quadro QOCON magistério/pedagogia.

Existe uma política muito grande até agora, que diminui cada vez mais o efetivo das Forças Armadas, inclusive até sargento agora é temporário serviço único da Força, diminuir despesas, não poder ter um contingente tão grande de acordo com as novas

legislações, então há ..é algo maior entendeu? Acredito que não é a Força em sim, até no meu caso existia uma época lá no DEPENS que queria que efetivasse, que tivesse de carreira, existia uma corrente dentro do Departamento de Educação, antes mesmo do meu concurso, existia também outra corrente de diminuir gastos, contenção de despesas, diminuir pessoal, não pode ter tanta gente na Força então. (oficial temporária de nº 04, quadro QCOA⁷⁵, entrevista em 04/08/2022)

Para alguns professores civis não foi por esses motivos acima citados que criaram a seleção do quadro de magistério/pedagogia, para a professora de nº 07 relata que é possível especular, mas não afirmar, conforme o destacado a seguir:

Eu acredito que nós não teremos como dizer com certeza, porque até em 2016 eu pensava uma coisa, quais os motivos para nova Lei de 2011, para depois na mudança que impactou a mudança na gestão da escola eu pensava de uma forma, hoje depois de tudo que aconteceu eu ver as Forças Armadas totalmente desacreditada e inevitavelmente entre a política partidária no meio dessa psineuma, hoje se tu me perguntares qual motivo eu vou ficar até perdida vai ser uma retrospectiva tão longa que o que alguém disser hoje eu que não sou estudiosa da área vou apenas fazer uma especulação, parece que não da nem para ter opinião por conta dessa turbulência toda que a gente ainda está vivenciando, avaliar o momento que ainda está rodando no próprio processo vai ser uma mera especulação, acho que não tem como avaliar, porque eu posso dizer assim se em 2011 saiu essa lei autorizando que a Força no caso a FAB, permitindo a FAB de agir da forma que ela entendesse que esta educação, que é uma educação pequena, porque são três escolinhas no Brasil não é nada no Brasil certo?, mas foi um poder muito grande nas Academias, para formação desses militares, então posso dizer assim será em 2010, isso não é 2011 tá, se a lei canta em 2011 ela foi pensada em 2009, 2010, não existe lei bora fazer agora e acabou, até porque isso é negociação no Congresso, então se essa lei já está sendo gestada antes de 2011, volta para o tempo em 2010;2009.2008, o que tu tem politicamente no Brasil entre 2006 a 2010? Quem é que vai assumir , ou concorrer e ganhar as eleições ? É o partido de esquerda ou dito de esquerda, então eu posso te dizer que esse partido de esquerda estava sendo bem visto, com a chance de se manter no poder nada impede que nos bastidores militares envolvidos com os políticos possam ter agido de maneira legal para assim na cabeça deles promoverem naqueles quadros das Academias, agora pensa isso em todas as academias das três Forças, mas na FAB , colocar...eu não estou nem pensando nem na educação básica estou pensando nas Academias mesmo, permitir ou diminuir essa participação do regime civil, mesmo que esse professor civil fosse de direita não interessa, mas eu estou falando de regime civil mesmo, então talvez formar um quadro para formar militares por militares, porque se antes eram civis formando militares e isso gerou algo que na cabeça deles algo que era “perigo” para o país , um país que só existe na cabeça deles, talvez colocar militar para formar militar e com isso passar a ter um certo controle médio prazo, então isto eu estou entre 2008 e 2009, e aí vai rolar a barganha , vai , sobe , desce, tem que implantar uma lei que é pra ser legal a coisa e aí canta em 2011 essa autorização que é um poder muito grande viu, quando a lei de ensino da Aeronáutica permite que eu possa ter mais militares que civis ou até mesmo extinguisse os civis ela está militarizando o estudo. To falando lá das Academias, agora olha para o Rêgo Barros, Newton Braga e Caminho das Estrelas é efeito dominó, se lá no superior já vão ser militares formando militares no básico também. Militares vão formar agora não militares, agora vão formar os alunos, e ai bate com depois de 2019 com as escolas cívico-militares que no ensino regular não poderiam ser apenas militares. Então qual era a

75 Quadro Complementar de Oficiais da Aeronáutica

perspectiva desse governo que no futuro ganharia ? uma perspectiva totalmente militarizada, militarizar o ensino básico que é uma coisa extremamente absurda. Então militarizar o ensino superior onde estou lhe dando com adultos ok, menos ruim, no primeiro momento, mas eles não poderiam fazer isso...acompanhando essa linha de raciocínio, eles não poderiam fazer isso em 2019 e 2020, militarizar todas as escolas do Brasil com crianças e adolescentes, mas houve na concretude a lei ou portaria das escolas cívicas militares, escolas que abriram em vários estados que hoje eu posso dizer estados que disseram amém pra tudo que esse governo faria como fez, não é a toa que os estados que tiveram em frente aos seus quartéis maior número de pessoas por muito tempo Goiás, Brasília, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, se tu fores fazer uma pesquisa talvez todos esses estados tenham também abraçado o programa da Escola Cívica militar...Voltar ao passado para entender o trajeto de elaboração dessa lei, porque nenhuma lei brota, houve muito jogo, muita negociação, uma lei para ser aprovada precisa de pessoas simpáticas no congresso no Senado, não é atoa que se tem a bancada “BBB, Bíblia, Boi e Bala”, que dizem por aí, Religiosos, Agronegócios e esses Militares envolvidos nesse projeto. E ainda se criou também a bancada militar no Congresso, de 2015 que são militares aposentados ou não, da ativa ou não nem sei te dizer que foram que assumiram, que foram eleitos, então não dá pra dissociar a política no sentido mesmo partidário da política como um pensamento de organização de uma sociedade e um dos segmentos que vai receber maior impacto é a educação. Será então que eles fizeram para diminuir despesas das Forças ? Empregando a galera que está na reserva? Onde já se viu pensar em economia se eu vou te dar um contrato se tu já é da reserva? Onde isso é economia? Estou pensando ainda nos militares de carreira, que já estavam na reserva e foram chamados, o Rêgo Barros é um exemplo, sendo que tem militar da ativa que pode ir pra lá.[...] A escola é escola e não quartel, ter militares gestores e 40 professores militares, mas professores se justifica, porque se não tiver professor não terá aula, mas qual a justificativa de se ter vários militares gestores? Uma escola precisa de professores e não de gestores, então assim economia certamente não foi, porque eu lembro do Rêgo Barros com uma pedagoga comandando 10 turmas hoje você tem ... agora falando de pedagogo temporário, eu não sei o que tá movendo, mas pode ser a mentalidade de quartel mesmo, agora vc tem várias pessoas entrando, vou falar de pedagogo mesmo porque não vai dar aula, não vai pra sala de aula e eles estão assumindo coisas que literalmente não fazem sentido para uma escola que há 15 anos tinha uma pedagoga ou duas e elas conseguiam gerenciar a escola toda e havia resultado no ENEM e hoje de um tempo pra cá tu tem toda uma estrutura ali de salinha, sala sala sala, seção seção seção, é a seção do ventilador, da lâmpada, eu não posso pegar a cadeira quebrada porque não é da minha seção, são tantas seções que o trabalho ficou totalmente perdido, é a chamada diluição do trabalho que leva a um caos total. Porque a escola é uma dinâmica diária e tudo é interligado, eu tô falando escola pra não dizer outros setores, hospital, etc. Então na prática se eu pensar que essa reconfiguração foi pra economia, não foi, foi pra qualquer coisa que eu não sei o que é, mas a história vai mostrar tá, mas pra economizar não foi.

E onde vem o professor civil ? Essa lei de 2011 dá esse poder para a FAB no sentido da educação, “fazer o que ela quiser”, que no caso foi militarizar o ensino Superior principalmente, e depois o básico na medida do possível, automaticamente qual é o efeito disso? Se eu posso contratar militares, pra que é que eu vou fazer concurso público? O efeito dominó é esse. Essa lei, praticamente, ela não diz isso, mas é o efeito, ela praticamente estingue concurso público pra efetivo, ela não proíbe tá, até porque tem a lei 8112 que é maior e geral que essa lei interna da FAB, mas o efeito dessa lei interna é isso não mais professor efetivo. Na minha leitura tá? Então mesmo que hoje o comandante da FAB saiba que existe professor efetivo, mas ele não vai ter como algo que já é corriqueiro, porque a quanto tempo não está previsto professor efetivo pra nós ? desde 2010, tá vendo como bate ? a última seleção nossa foi de 2009 pra 2010...assim, pode ser que haja, não estou falando que não vai haver, mas se o responsável da DIRENS não tiver uma percepção que é importante ter o civil e pode ser que ele não tenha isso rs...porque os civis reclamam, porque os civis por justamente serem civis tem a liberdade, a diferença é essa, vida civil é liberdade, vida militar é hierarquia e disciplina, então se você não entende isso...o princípio da

vida civil é liberdade e o princípio da vida militar hierarquia e disciplina são opostos na essência agora como vai ser na prática? Tudo depende da percepção de quem está na DIRENS, mas pode haver reclamação, pode haver uma luta? Pode, porque eu entendo que o governo atual pode ser simpático a luta, mas por que não houve essa luta no governo anterior? Porque nós já sabíamos a resposta. Então eu acredito que haverá seleção pra civil ainda, mas talvez com resistência, com manifestação, com cutucada, com bate papo (grifo nosso), mas assim simplesmente brotando não vai, porque talvez a própria FAB já tenha concluído que é ótimo ser assim apenas cumpra-se e o civil vai ficar saindo normal se aposentando.

(Professora civil nº 07, entrevista em 04/02/2023)

De acordo com a especulação da professora civil de nº 07, pode ser que essa seleção do quadro de magistério/pedagogia tenha sido criado em 2011 para que se possa manter certa hegemonia no ensino na FAB, que perpassa pelo nível superior até o ensino básico. Como forma de controle dos jovens e adolescentes.

Para a professora civil de nº 07, a entrada desses militares temporários no Colégio Tenente Rêgo Barros foi importante:

Foi importante porque todo corpo docente que trabalha ali em conjunto ele precisa claro em algum momento está se deparando com algumas realidades, então quando vocês entram eu pessoalmente achei normal, tranquilo, do ponto de vista político eu pensei “isto que está acontecendo, automaticamente ...e aí detalhe quando vocês entraram eu não conhecia a lei de 2011, era muito assim “vai ter concurso pra civil?”, aí a resposta foi “não porque a FAB vai convocar professores militares”, daí ok, quando vocês entram a gente se conhece tudo bem, no decorrer dessa relação foi que a gente foi verificar que existia uma previsão legal, essa previsão legal para todos os efeitos, naquele momento em 2010, 11 e 12, ela iria servir para algo paliativo, vocês entraram, iriam cumprir oito anos e sair e não entraria mais ninguém a minha percepção era essa, porque no decorrer desses oito anos na minha cabeça também poderia acontecer concurso para efetivo, e quando vocês saíssem vocês poderiam ou não fazer o concurso, então no primeiro momento eu não vi como algo danoso, do ponto de vista mesmo da educação ter o professor temporário, então na minha análise vocês chegaram para nos ajudar mesmo, por que? porque havia carga horária, porque havia demandas didáticas, porque vocês iriam nos auxiliar no didático, então em nenhum momento eu achei esquisito vocês entrarem e cumprirem a nossa jornada, legal! Porque havia ali a paridade, no caso concreto, então achei positivo nesse contexto, que seria algo paliativo naquele momento para ocupar o lugar daquele professor que saiu, faleceu ou se aposentou e que naquele momento o estado, a União não poderia fazer o concurso para efetivo, então naquele momento a entrada de vocês foi boa foi positivo.

(Professora civil nº 07, entrevista em 04/02/2023)

Apesar da importância da entrada desses professores militares temporários na FAB conforme citado pela professora acima, a relação entre civis e militares foi uma relação de conflitos e adaptação, segundo a professora civil nº 07:

Logo de cara foi uma relação de adaptação, claro, a gente teve que se conhecer, mas aí quando a gente foi percebendo que a vida de vocês no contexto didático, pedagógico era semelhante ao nosso, então foi tranquilo. Quando foi que começou

haver o conflito, as estranhezas, vocês entraram em 2012, então durante quatro anos foi um período de tranquilidade, normal, amizade, normal. Já quando assumiu a gestão militar em 2016, que aí começou haver para vocês mais atribuições, mais cobranças, mais rigidez. E aí não houve como não impactar na relação conosco.

Então a partir de 2016 é que começam haver essas distinções que colocam em cheque...em cheque não em evidencia essa...em evidencia a diferenciação entre os dois regimes, aí fica inevitável nas relações humanas não haver a demonstração de insatisfação, de sobrecarga...assim agora vou falar especificamente na nossa equipe...na nossa área, então ficava parecendo, ficou evidente nas práticas do dia a dia, do cotidiano, nos afazeres que nós civis eramos privilegiados porque cumríamos uma jornada x ponto e os professores militares se sentiam claro sobrecarregados e por tabela se sentindo explorados não achavam justo e uma hora ou outra chegavam a demonstrar pra nós essa insatisfação ou essa inquietação, tanto é que chegou um momento em que o representante da equipe já não podia ser o professor civil, essa é uma questão civil. Logo no início todas as equipes tinha seu representante, normalmente esse representante era eleito né? Nós votávamos nos colegas, inclusive o nome era coordenador de área, com a gestão militar e nesse primeiro momento eles começaram a perceber que haveria choque e houve mesmo, então eles foram aos poucos implantando a ideia de que o coordenador de área precisava ser militar, e foi daí que o negócio foi desandando, Então essa questão aí impactou na nossa relação com a gestão porque nós íamos lá falávamos que não estava correto, mas não havia jeito porque o colega militar mesmo não querendo ser coordenador era obrigado, isso já foi 2018,2019.

Já com a Pandemia que serviu pra muitas coisas, assim coisas para tragédia né, mas lá no Rêgo Barros acabou tendo até um efeito positivo, porque esse distanciamento físico o corpo docente civil com a própria gestão militar, com o afastamento da gestão militar, desse domínio todo, essa loucura toda, acabou como valendo como um suspiro, uma respiração mais profunda, serviu para aliviar as tensões aí quando a gente volta o diretor já estava diferente, pra melhor, então essa pandemia serviu como férias nesse sentido aí, de reavaliar a nossa posição mesmo. Então aí... houve conflito sim com base nessas situações nessas normas que foram impostas pela gestão e claro vocês considerando o princípio basilar da hierarquia e disciplina claro vocês tiveram que cumprir e aí a todo momento nós estávamos com faíscas, foi desgastante sim o ano de 20..., principalmente 17 e 18, foram anos bem pesados pra gente, já o 19 já estava naquela fase do apagamento da chama, mas 17 e 18 foram anos cruéis bem cruéis, inclusive o nosso coordenador ...ele não aguentava mais participar das reuniões com a gestão militar que eram discursos, falas bem autoritários, aí ele não aguentava mais ele entregou o cargo e disse assume... daí eu disse “mais eu nem posso”, nesse período eu estava com a licença parcial para o doutorado, então eu cumpria só x horas na escola, “mais aí se não for tu vai ser quem?” a outra professora estava afastada, a outra era um pouco idosa, a outra já fazia tratamento de depressão, de civil que eu estou falando, então não tinha, saindo dali só tinham as militares, mas aí a lei ainda não existia para os militares então dissemos para a militar “tu queres?”, ela disse “nem pensar”, daí o professor (grifo nosso) disse “só pode ser tu porque eu não aguento mais”, eu fui, muita ...horível, o embate era tão intenso que a pessoa lá, oficial (grifo nosso) que era bastante autoritária, chegou e falou com o professor (grifo nosso), e disse “professor volta” (grifo nosso), (risos), propôs aí o professor disse “o senhor está me propondo golpe?” (risos) aí ele “não professor não dá com a sua colega não tem como” (risos) daí o professor (grifo nosso) disse “tudo que ela fala eu assino em baixo porque é a mesma coisa que eu penso, só que ela como chegou agora ela tá falando mais que eu, mas eu penso da mesma forma, exatamente como ela”, aí ele teve que me engolir, aí olha só terminou o ano o que aconteceu? em 2018 todos militares, entendeu? Assim a possibilidade para concurso é mínima, antes era zero ano passado, hoje é assim ela começa a ficar entre mínima e média.

(Professora civil nº 07, entrevista em 04/02/2023)

Como citado pela professora de nº 07, essa relação entre militares e civis na escola apresentou momentos de grandes tensões, discussões, discordâncias de ideias, pois os valores

defendidos e objetivos acabaram destoando do que inicialmente foi proposto em relação ao ensino prestado aos dependentes de militares e civis.

Essas tensões provocadas por pressões, também atingiam a relação entre militares temporários e de carreira, corroboravam para um aumento de carga de serviços para os tenentes temporários conforme a fala da professora civil de nº 07

(...) Depois que mudou o sistema ... eu não percebia que vocês tinham tantos danos eu achava que as colegas faziam seu trabalho tranquilamente, a gente sempre conversava, a gente se ajudava muito, então sempre houve diálogo e muito apoio, se elas tinham alguma questão a gente orientava e tranquilo, sempre normal, mesmo que algumas tivessem uma demanda extra, mas assim era uma carga que dava para suportar, seria bom que não tivesse a carga militar, com certeza, mas assim como tinha que ter, eu acho que vocês ainda julgavam uma carga suportável, agora assim, hoje, vou falar em 2022, em 2022 a carga é insuportável, porque se vocês até 2019 tiveram... porque presta atenção, se vocês tinham uma carga suportável, depois foi ficando insuportável com a mudança da gestão etc e tal, foi ficando insuportável, depois que vocês saem e entram os novos, meu amigo a carga não ficou insuportável, ficou triplamente insuportável, hoje ser professor tenente temporário na escola é terrível. E do ponto de vista da qualificação e da experiência, vocês tinham já um repertório, então o que houve ali de troca, de apoio foi o normal, básico, você chega ali em um local novo, você tem que ter o apoio de quem está lá justamente saber como andar e como pisar tranquilamente. Porque hoje vou te contar eu acho que quando o aspirante entra, ele já quer desistir, ele é aspirante ele já quer cair fora e nem sempre esse repertório é o suficiente a gente tem ajudado bastante estou falando pela minha disciplina (grifo nossa), temos colaborado bastante, porque essa pessoa civil que cai de paraquedas, ela certamente passa mal, então ela fica muito afetada emocionalmente, e hoje você tem um mundo de picuinha geral, se na tua época tinha, que certamente tinha, tu não tem noção agora, que agora não pode nem comer no intervalo, e alguém ver já vão falar “a fulana só vive comendo”, é uma picuinha entre militares de gestão, de coordenação e professores militar, é surreal. (...)

(Professora civil nº 07, entrevista em 04/02/2023)

A professora de nº 07, afirmou que essa carga de trabalho afeta a prática do ensino pelos professores militares temporários que assumiam diversas atividades além da sala de aula, das atividades militares que realizavam, também tinham toda uma cobrança do que poderiam ou não fazer dentro e fora de sala.

De acordo com os alunos essa relação entre civil e militar foi importante e acontecia de forma diferenciada. Segundo a ex-aluna do CTRB, na qual nomeiei de ex-aluna 02, é possível perceber que:

Eu acredito que ela foi boa, positiva, como a senhora falou a respeito...naqueles meados de 2008 realmente a maioria dali era civil, até quando eu fui lá pra frente 6ª série mais ou menos toda aquela área ali do ensino fundamental I era dirigida por professores civis. Acredito que tenha sido muito importante quando os militares chegaram ali pra dirigir, pra conduzir, a forma eu acredito assim, mesmo que seja a mesma, mas a aula eu acredito que foi um pouco diferenciada, o regimento né? porque... um pouco diferenciada o civil do militar apesar de todos serem professores mais o contexto em si em geral era diferente. Eu acredito que pela disciplina, pela ordem que era dada se fosse pra fazer algo, tudo no regimento, tudo em uma ordem,

por exemplo, era mais exigido de um professor militar do que de um professor civil. Exigiam mais o empenho e o esforço dos alunos.

Eu senti um pouco de dificuldade no início, quando peguei os professores militares já no fundamental II, eu sempre senti um pouco de dificuldade, claro em algumas matérias.

Dentro da sala de aula era uma coisa e fora era totalmente diferente, era assim o carinho, a atenção, e também eles tinham essa preocupação, tipo eu faltei, qual foi o conteúdo? eles tinham esse acolhimento do aluno também, apesar desse regimento em sala de aula, das atividades, mas fora, nos corredores, nos intervalos eles tinham esse acolhimento com os alunos também eu via dessa forma., em geral , tanto os militares quanto os civis. Então, com a entrada desses militares, dos coronéis assumindo a Direção da escola, eu senti um pouco, porque como eu falei, a forma em geral era mais cobrada, era mais exigida, contribuiu para o crescimento de cada um , acredito que nessa idade de 14, 15 anos é importante essa disciplina cobrada dos militares , então de alguma forma foi importante.

E em relação aos conteúdos, tinha certa restrição com alguns conteúdos que não se tinha uma total liberdade de abordar em geral.

(Ex-aluna 02 do CTRB, entrevista em 06/03/2023)

Em seguida a ex-aluna 01 destaca:

Eu já tive contato com vocês quando eu entrei no 6º ano, quando você foi minha professora de história, conheci também o pessoal da área de biológicas que também tinha professores militares, matemática também, Língua Portuguesa em Humanas também fui aluna de quase todos os militares e médio tive contato com praticamente todos também. Assim, uma relação muito boa , mas que as vezes sei lá , não era tão confortável quanto dos civis.

Assim...o regimento tipo tinham que ser mais duros, o que a farda exigia sabe? Sempre tinha isso em sala de aula. Tinha essa diferença, pelo menos eu sentia.

O tratamento era “show de bola”, porém, acho que era mais impressão mesmo sabe? Para quem pegou as duas fases de Rêgo Barros uma civil e outra militar totalmente diferente uma da outra.

Na entrada de vocês não senti muita diferença eu já estava no 6º ano eu tinha 11 anos e estava acostumada com isso, senti mais diferença quando entrou à direção militar em 2016, aí eu vi todas as mudanças da escola, aí eu fui percebendo todas as etapas que foram incrementadas na escola. E as resistências que alguns de vocês encontraram pra provar muitas coisas.

O cotidiano da escola ficou mais...não digo rígido, mas toda semana tinha hora cívica estávamos lá no pátio cantando o hino, na pedagogia coisa de uniforme tinha que estar tudo certinho, horário, assiduidade no caso, respeito, tem que ter respeito, mas parece que com os professores militares tinha que ter mais, eu sentia isso pelo menos.

E sobre a forma de ensinar todos ensinavam direitinho, porém tinham aqueles assuntos, tipo Revolução Russa, ideias mais de esquerda digamos assim, e os professores militares tinham mais resistência devido ao viés ideológico digamos assim, das Forças Armadas serem mais conservadoras e tudo mais, aí eles tinham mais dificuldades pra passar.

Também mudanças nas avaliações que antes eram bem divididos e depois mudou, a questão da feira de cultura teve uns anos que não teve mais.

As vezes eu via que tinha certo conflito e alguns conseguiam ministra suas aulas, outro já ficavam meio...com medo de serem punidos.

A questão de interferência com minha turma não teve que eu lembre, mas eu cheguei a presenciar e ouvi também boatos que justamente por um assunto por esse viés mais da esquerda, que foi até lá no pátio da escola assim era um grupo de meninos que estavam apresentando a sobre a Revolução Russa, e um dos Oficiais Superiores (grifo nosso) ficou meio chateado com o que viu dos trabalhos que

estavam sendo apresentados eu acho que foi mais pela ideologia mesmo, não foi pela defesa do trabalho, mas pelo assunto.

Já a questão do ensino isso refletiu no ENEM, o terceiro ano você já não faz a revisão de todo o conteúdo no Rego Barros eu vi que na escola eu não fui preparada para fazer o ENEM, eu fui preparada para passar no terceiro ano e isso deveria melhorar, estudar mais as habilidades e competências isso iria ajudar muito no desempenho. Porque é bem seco e bem conteudista.

(Ex-aluna 01 do CTRB, entrevista em 02/03/2023)

De acordo com as ex-alunas civis de nº 01 e 02, a entrada desses professores contribuíram, para as mudanças no cotidiano da escola e nas relações de ensino e aprendizagem em algumas disciplinas não sendo permitido abordar certos assuntos em sala, certo distanciamento em sala em relação ao contato entre professores militares e alunos, entre professores militares e professores civis.

Desse modo, essas mudanças geraram certos conflitos e desconforto entre alunos e professores militares, professores civis e professores militares, professores civis e a Direção militar. Pois, essa nova direção do colégio que era militar, trouxe novas regras, *habitus* e costumes para a comunidade escolar que aos poucos foram se adaptando as mudanças.

3.2. As memórias dos velhos “eternentes e o ensino no CTRB⁷⁶”

No dia 31 de outubro de 2011, a Força Aérea Brasileira em Belém do Pará recebeu novos alunos/estagiários, no Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª classe Convocados – QOCON, para assumir as vagas de professor/pedagogia em um quantitativo de 35 professores, 26 pertenciam ao sexo feminino. Desse total de alunos teve a desistência de uma estagiaria, contabilizando 34 estagiários ao final.

Cada um trouxe na bagagem uma história de vida que pode ter influenciado em sua formação militar e nos tempos de quartel.

A “Cotonete” de nº 22, formada em língua estrangeira e psicologia, morou um tempo fora do estado e ao retornar a Belém se inscreveu no processo seletivo da Força Aérea para preencher vaga de Língua estrangeira em inglês

Desde o ensino médio e fundamental quando eu pegava ônibus que eu passava na frente do Rego Barros era algo que sempre me chamava atenção que eu admirava desde sempre, mas era algo que nunca me passou pela cabeça, eu já estava estudando, e nunca recebi incentivo do meu pai e nem da minha mãe e o único vínculo que eu tinha militar era o meu tio que era do exército e morava na Bahia, então era muito longe muito distante, mas eu sempre tive aquela coisa com o Regos Barros com a Força não sei porque, mas era algo que me chamava muito atenção.

⁷⁶ “Eternentes”, eternamente tenentes, fala de uma militar temporária durante a entrevista, sobre como eram chamados os militares temporários pelos militares de carreira.

Então eu fui morar fora, estudei, me formei, meu currículo foi construído todo lá fora e aí minha família toda veio pra Belém daí eu voltei, quando voltei eu vi nas redes sociais essa convocação da Força Aérea daí eu fiquei pensando ‘será?’ ‘porque eu sou tão pequena’, ‘eu sou baixinha’, então eu comecei a criar empecilhos, mas eu fui participei de todo aquele processo que só tu sabes e fui selecionada.
 (“Cotonete” nº 22, entrevista em 06/10/2022)

A saída desses profissionais da FAB pode gerar uma série de sentimentos, reconhecimento ou não no mercado de trabalho, e certo esquecimento por parte da Instituição de forma geral. Como pode-se observar na fala da “cotonete”- tenente nº 01 que foi da Marinha antes da FAB:

E hoje eu sou completamente esquecida, ninguém lembra mais da tenente, que a tenente construiu a cozinha da Marinha do CIABA que virou referencia, então foi muito desgaste, foi uma coisa muito severa com meu corpo e com a minha mente essa experiência fez eu perceber que não valia a pena eu ficar na Aeronáutica, porque eu iria sair sem nada de novo e também ser esquecida, porque na verdade nós não somos nós estamos, foi uma frase que eu aprendi lá e comigo mesma em meus momentos sozinha com reflexões com Deus vamos dizer assim. Então eu pedi baixa e depois que eu pedi baixa foi que eu me dediquei 100% no mestrado, eu entrei no mestrado em 2012 e consegui defender em 2014, mesmo período que fui chamada na Seduc e daí em diante fiquei trabalhando na Seduc e quando foi em 2017 faço parte do grupo de pesquisa de didática da matemática e em 2017 eu entrei no doutorado, em 2019 eu entrei como professora substituta da universidade, fiquei por dois anos, tinha passado também na Semec, mas não fiquei lá e defendi o doutorado em 30 de dezembro de 2020. Atualmente estou na Seduc e sou professora colaboradora da Universidade. Trabalho com o Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional e também sou credenciada pela Graduação de lá, Faculdade de Matemática, mas é voluntário. E quero trabalhar com formação de professores, sou doutora em matemática com formação de professores, eu quero dar aula nas Universidades, particulares e quem sabe na Universidade Federal do Pará.
 (“Cotonete”- tenente nº 01, entrevista em 07/02/2022)

Assim percebe-se que esses militares vivenciaram um processo de dominação que se concretizava nas relações de poder juridicamente aceitas como as hierarquias e a disciplina própria da caserna. E para além dessa questão havia a imposição de verdades que ultrapassavam os limites da sala de aula no sentido de construção de um conhecimento científico pautado nos valores e princípios militares, isto é, o papel de cada Oficial Temporário era de restabelecer uma ordem “perdida” nos anos de 1990 quando adentraram professores civis e o conhecimento se baseava no viés democrático mesmo com rituais cívicos-militares.

Nesse momento, o espaço da produção do conhecimento não era substituído por doutrina militar, já que os militares entendiam que o regime escolar se baseava na Lei de Diretrizes e Bases da Educação para o ensino básico, que começou a mudar com a entrada de professores militares temporários e se acirrou no ano de 2019, quando os primeiros

professores temporários militares foram substituídos por uma nova turma e os professores civis começaram a aposentar ou pedir para sair do CTRB.

Desse modo, suas histórias e memórias sobre um tempo em que se vivenciou a partir dessas discussões entre o mundo “civil e militar”, próprio da chegada desses professores/oficiais militares convocados, que participaram da construção de um ensino militar nas salas de aula, causando embates e mediações entre a cultura militar da FAB, e a cultura civil que aparecia entre os professores civis e militares, e que se ampliava em alguns assuntos.

O que acontece com esses militares que trabalham por oito anos ao sair da Força Aérea Brasileira? O que acontece depois que são devolvidos a sociedade e ao mercado de trabalho com uma carteira, uma identificação, com um status que para alguns consideram não gera bônus nenhum. Esse sistema deu certo? Como estão hoje esses professores militares temporários?

De acordo com a fala desses sujeitos suas experiências na Força Aérea Brasileira foram muitas e significativas. Algumas trazem lembranças boas outras ruins, porém todas foram importantes para esse período de trabalho que foi realizado pelos professores civis que se tornaram militar. Como se percebe na fala da militar

Hoje estou com 44 anos, anos maravilhosos, faria tudo de novo e se eu soubesse que existia a Força Aérea Brasileira desse jeito eu teria estudado a vida inteira pra entrar na Academia e ser de carreira. Se eu soubesse, se a gente tivesse essa instrução, mas...meu pai foi militar mais nunca ...chegou a cabo e já pediu baixa, mas nunca me estigou.

Eu parei em 2018, sai um ano antes da turma, e voltei hoje...como já te disse estou trabalhando totalmente diferente, tentando aplicar na prática algumas coisas to iniciando piscicultura agora, crio um pouco de gado, trabalho com reflorestamento, assim... tudo já da família encaminhado, mas tentando fazer umas adaptações umas melhorias, e um pouco de mercado financeiro.

(Cotonete nº 14, entrevista em 24/06/2022)

Para o “Cotonete” nº 14 essa experiência de passar por uma vida militar foi muito boa e se pudesse ficaria como militar de carreira, e faria tudo novamente para fazer parte da FAB. Trabalha hoje nas terras da família e não pretende trabalhar como professor por enquanto;

A militar “Cotonete” nº 07, entrevista em (06/03/2022) relata sua trajetória em diversos colégios depois da experiência da Força Aérea Brasileira como professora militar temporária “Hoje eu sou diretora escolar no colégio Physics na cidade de Macapá”. E continua afirmando suas experiências no pós FAB/CTRB, conforme relato abaixo:

No Rio de Janeiro estava integrando escola recém comprada, eu era responsável pela implantação administração e pedagógicas aos sistemas da Rede. E a adequação a cultura administrativa da Rede. E fui responsável pela entrega de uma unidade nova. Construí uma escola nova.

Agora aqui em Santos sou diretora de uma escola da Rede com 840 alunos.
 (“Cotonete” nº 07, entrevista em 23/06/2023)

Essa experiência contribuiu no crescimento profissional e enriqueceu seu currículo em sua área de formação permitindo ter novos aprendizados que a levaram a oportunidades de trabalho em empresas fora de sua cidade natal.

A “Cotonete” nº 04 aproveitou os anos de FAB para cursar Direito um curso que ao sair da Força Aérea Brasileira ajudou ela a ingressar em uma nova profissão, “Estou trabalhando como perita grafotécnica hoje em dia, sou mestre em criminologia, terminei o mestrado agora no Tribunal de Justiça da Paraíba, sou casada, e sou mãe pet rs(…)”(nº 04, entrevista em 11/02/2022).

Em seguida, a mesma fala de sua ida a Portugal em busca de aperfeiçoamento profissional conforme relato abaixo:

Eu moro aqui em Águeda em Aveiro em Portugal, estava trabalhando em uma empresa aqui só que eu resolvi estudar, aí eu consegui uma bolsa de estudo no IFP é o Centro de formação para pessoas que querem se aperfeiçoar ou que estão desempregas ou que tem emprego e querem se aperfeiçoar, aí como eu sai do emprego eu recebo bolsa transporte, bolsa alimentação, a bolsa do curso, então, estou fazendo esse curso de Técnico em Comércio Internacional.

(“Cotonete” nº 04, entrevista em 04/04/2023)

Esses oito anos na carreira militar foram considerados agradáveis e importantes por alguns professores militares, uns por ter se identificado com a vida militar, conforme relato a seguir:

Eu gostei muito do período que eu passei na FAB, como militar eu gostei muito, mesmo sendo punido, acho que foi um dos melhores períodos da minha vida, como militar, ainda falo para os meus alunos...A vida militar é só pra quem gosta de ser militar, e eu gostava de ser militar, sempre gostei, então eu adorei essa fase como militar, foi a melhor experiência que eu tive.

(“Cotonete” nº 21, entrevista em 05/10/2022)

Outros professores destacam o trabalho na FAB como um “sonho de vida” que foi realizado, como podemos perceber no relato a seguir:

Na verdade ser militar sempre foi um sonho, eu busquei fazer a prova da Marinha, eu não tive a permissão dos meus pais , nem a autorização porque minha mãe queria que eu cursasse o nível superior, ela achava que ser militar não era a carreira para uma mulher e aí eu busquei fazer pedagogia. A minha experiência era muito diversa, passei pela área da educação, fui professora, fui auxiliar de classe, atuei na área de serviço social, fui diretora, coordenadora de projetos sociais, coordenadora de

projetos pedagógicos e lá no Rêgo Barros fui convidada pela minha experiência para coordenar como tu lembra o ensino médio, aí engravei no meu retorno eu acabei indo para o 6º ano que dava muito trabalho, aquele perfil mais mandona para organizar aí coordenei o 6º e o 7º ano. Teve o momento da eleição e eu disse que eu queria voltar para a sala de aula porque eu já estava me preparando para sair a Aeronáutica, e eu não sabia se quando eu saísse eu teria cargo de gestão.

Quando eu fui para os anos iniciais a coordenadora me chamou para eu ajudar na coordenação eu fui. Depois teve um problema como tenente do 3º ano e eu fui substituir ele. Depois fui para o 4º ano até a chegada da gestão militar e fui cogitada para ir para a DE que era a menina dos olhos da escola, E com a saída da tenente 01 da turma eu fui convidada para substituir e ser secretário do Diretor de Ensino (grifo nosso), teve toda uma polemica porque mais moderna, mas a tenente e a oficial superior disseram que eu tinha perfil e eu assumi.

Quando sai da Força fui contratada no colégio Paulista eu passei de setembro a dezembro no Paulista, aí o Gentil me chamou e eu assumo no Gentil dia 04 de janeiro de 2020 eu estava no Gentil sendo contratada como Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio, depois fui para o La Salle para ser orientadora educacional e hoje eu estou no Instituto Catarina Labouré atuando na área de Educação Especial. Durante esse tempo eu busquei uma nova formação nessa área.

(“Cotonete” nº 25, entrevista em 09/02/2023)

Outros ingressaram na FAB por questões financeiras, pois, viram a oportunidade de trabalho e com objetivos pessoais a serem alcançados, conforme relato a seguir da “cotonete” nº 10:

Eu desconhecia todo esse universo das Forças Armadas no Brasil, a Marinha no mar, Exército na terra e a Força Aérea no ar, era só o que eu manjava, nada mais além disso, foi um amigo meu que tomou conhecimento pelo jornal impresso uma notinha daí ele foi assim ‘Vai lá o que custa?’, aí eu fiquei pensando porque na época da Ditadura Militar a disciplina de Filosofia foi retirada dos currículos, assim..então eu tinha digamos assim esse sentimento de estranhamento com a questão militar, mas era uma possibilidade de trabalho, eu encarei dessa forma, fui lá li o edital vi tudo como era pra eu fazer me inscrevi, fui selecionada e entrei.

Eu lembro que na época eu ainda estava na escola de aplicação contratada e aí foi muito curioso a fala da diretora na época ela disse ‘nossa você está indo para a nossa concorrente’, foi interessante essa fala porque na época tinha essa Escola de Aplicação da UFPA e a Escola Tenente Rêgo Barros escolas federais.

(“Cotonete” nº 10, entrevista em 15/03/2023)

Para mim foi gratificante porque na época eu tinha um filho tinha mais ou menos um ano e seria benéfico pra ele, eu poder dar uma vida melhor pra ele já que eu iria começar a ganhar melhor.[,,]

Atualmente eu não estou trabalhando em escola eu estou em um projeto com a minha família

(“Cotonete” nº 23, entrevista em 07/10/2022)

Outros candidatos se inscreveram para além da questão financeira, também pela questão de ter *status social*, pois, a Escola Tenente Rêgo Barros (ETRB) era uma escola de renome dentro e fora do Estado do Pará, como podemos perceber no relato a seguir:

Quando me escrevi na seleção eu não tinha noção das atribuições militares, me escrevi sabendo que era uma questão da licenciatura, dentro do curso foi que eu fui

descobrir mais sobre a questão militar, então eu escolhi primeiramente pela questão da profissão de professor, a vida militar veio com o conhecimento que a gente ia desenvolver lá dentro. O que me chamou atenção era ser professora em uma escola renomada que era a Escola Tenente Rêgo Barros.
(“Cotonete” nº 24, entrevista em 02/02/2023)

Essa memória individual e coletiva em relação ao processo de formação, adaptação e atuação na Força Aérea Brasileira dos “Eternentes”, nos apresenta as contradições de um serviço militar com um processo de conservadorismo perceptível nas relações em sala de aula quando os professores iam trabalhar determinadas temáticas, como as da disciplina de história ao mesmo tempo se tinha um “ar democrático” ao afirmarem que não havia intromissão direta da direção do CTRB nas aulas.

Por fim, é preciso problematizar a nostalgia desses “professores/militares da reserva quanto as suas memórias de atividade em sala de aula, pois, podem ser confundidas com um processo “homogêneo e democrático”, porém, são idealizações de cada entrevistado que fortalece um ensino conteudista e um processo de controle das atividades de ensino que combinou com os anos de avanço da escola sem partido e depois do projeto federal de escolas cívicos-militares no Brasil, com algumas experiências no Estado do Pará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação nos permitiu pensar nas experiências diversas dos sujeitos que provocam e convidam o pesquisador a aceitar os desafios da investida no campo das diretrizes teóricas do Ensino e aprendizagem em escolas controladas pelo sistema militar. Nesse sentido, a história do tempo presente possibilita o entendimento do contexto histórico através das experiências de profissionais do magistério, formados militarmente como Oficiais temporários para atuarem no ambiente de ensino controlado pela Força Aérea Brasileira, em Belém do Pará, na segunda década do século XXI.

Alguns estudiosos apresentam interesse nesse campo enquanto objeto de análise importante para pesquisas, iniciativas de projetos acadêmicos e sociais que incluem a compreensão do debate sobre o Ensino e aprendizagem da disciplina de História nas escolas no tempo presente. No caso das instituições militares são estudos que possibilitariam a reflexão sobre homens e mulheres num local de construção social ligada a conceitos como doutrina militar, hierarquia e disciplina, experiências dos sujeitos.

Nas últimas décadas a historiografia sobre ensino de história no Brasil tem sofrido um alargamento considerável uma vez que alguns historiadores mostraram interesse nesse campo enquanto objeto de análise. O Ensino segundo Francivaldo Nunes perpassa pela reflexão de termos como o Ensino de História que é uma via para a compreensão da realidade, neste sentido, cabe ao professor de história apontar direções ou dar perspectivas para que os educandos das escolas do campo possam desenvolver sua identidade (NUNES, 2018, p.204-210). Dessa forma, assim como o ensino de História é importante para as escolas no campo, é também importante para o colégio Tenente Rêgo Barros, para que seja possível o aluno de uma escola com características militar desenvolver seu raciocínio e sua identidade. Pois, o espaço da sala de aula é um espaço democrático, dá voz aqueles que historicamente foram impedidos de falar, foram excluídos e viveram como meros expectadores, não se sentindo como sujeitos históricos (NUNES, 2018, p.204-210)

Seguindo essa relação de trajetória histórica e social o Ensino de História em colégios militares ou controlados pelo sistema de ensino militar nos possibilita pensar na construção da formação desse ensino em sala de aula de um colégio com “estudos tradicionais e conteudistas” e sua relação com a categoria tempo presente, no sentido do debate entre doutrina militar e ensino científico. Esta vista por Roger Chartier (2009, p. 67-68) como uma possibilidade de apresentação a partir de uma perspectiva de diversas temporalidades que são

construções sociais que asseguram o poder de uns sobre outros e levam a desesperança ao longo da história para determinados grupos sociais e políticos. Tal análise apresenta o estudo do tempo presente como uma responsabilidade do historiador para com seus contemporâneos no sentido da representatividade social das diversas interpretações de contextos históricos cujas fontes interagem e influenciam na vida de pessoas na contemporaneidade, pois, o presente é “herança e ruptura”, “invenção e inércia”.

Assim falar de Ensino e Aprendizagem no contexto da segunda década do século XXI, na capital paraense, perpassa pelo entendimento do conceito de história do tempo presente e as diversas perspectivas dos sujeitos no âmbito social, político e cultural que se cruzam e levam o historiador a trabalhar com análises históricas que são balizadas pela ética no entendimento de instituições militares federais como a Força Aérea Brasileira e sua relação com a sociedade. Obviamente, a construção de um saber científico, no âmbito escolar controlado por militares aumenta a possibilidade de conflito entre os diversos sujeitos e suas relações de poder.

Ao longo da pesquisa e análise das fontes foi possível refletir sobre o âmbito da formação militar e o entendimento de peculiaridades, que vão apresentar instituições com valores e princípios que levam a conflitos, mediações e resistências por parte de homens e mulheres no processo de construção do “ethos militar”, este com uma ideia de pertencimento a uma estrutura hierárquica e disciplinar que se diferencia do mundo civil.

O ser militar aparece como um dos principais atributos de identidade cultural que é próprio de uma “instituição totalizante”, segundo alguns teóricos, já que, não está isolada da sociedade e/ou considerada total por outros teóricos, no sentido de sua imposição de valores e princípios que criam consequências na relação de ensino e aprendizagem para alunos civis do ensino básico.

Quanto às experiências sociais dos professores no processo de adaptação a vida militar, foi possível perceber a doutrina trabalhada durante a formação de oficiais temporários, como forma de identidade. Entretanto, esta identidade militar pode ser observada a partir de contradições e não somente por um discurso homogêneo. No sentido de que durante a formação estes Oficiais e também professores estavam no patamar de homogeneidade proposto pela Instituição e pós-formados foram tratados como militares que estavam abaixo dos militares de carreira, fator que gerou ambiguidades de sentimentos e identificação, pois, seriam militares para ministrarem aula, atuarem como Oficiais de Dia ao I COMAR e ao mesmo tempo eram tratados com certa falta de prestígio, por não serem de carreira. Essa situação provocou em alguns militares a sensação de que estavam buscando

sobreviver ao venderem sua força de trabalho, quando assumiram a função militar temporária e por isso, não se sentiam militares, apesar da formação doutrinária, durante o início do recrutamento no ano de 2011.

A experiência entre militares temporários para atuarem como professores em diversas áreas do magistério e os militares de carreira que atuavam em outras funções na FAB criou uma relação de ambiguidade quanto a doutrina militar e sua construção de identidade para os Oficiais temporários. E além dessa contradição interna, apresentou uma relação inicialmente conflituosa com os professores concursados civis, pois, os Oficiais militares temporários, apesar de serem militares também eram professores criando uma “dupla identidade”. Fator importante para a compreensão dos conflitos e relações de poderes tanto com militares de carreira, quanto com professores civis.

Essa dinâmica apresenta uma peculiaridade importante para estudos futuros de uma categoria militar que “não se encaixa” nos discursos institucionais e ao mesmo tempo fortalece uma doutrina militar no âmbito do ensino e aprendizagem no Ensino Básico que se tornou “pedra angular” em escolas que não possuíam objetivo de formar através de uma doutrina militar, como o CTRB, principalmente a partir da concretização da democracia e fortalecimento de um discurso social.

Por fim, a partir dessas experiências, é importante ressaltar que a memória de professores civis, como professores militares, nos faz refletir sobre o ensino básico a partir de um regime escolar militar que é permitido por lei, porém, não deve ser para todas as escolas e crianças. No caso do CTRB, dentre os vários depoimentos é perceptível os recuos reacionários durante a relação entre os diversos sujeitos na referida escola, o que nos leva a pensar no processo de construção ao longo dos anos sobre a ideia de escola sem partido e na solidificação do projeto federal das escolas cívicos-militares e o seu discurso de democracia. Estas ideologias devem ser problematizadas e podem ser visualizadas a partir das experiências dos “Eternentes” da FAB, pois, é possível perceber a contraditória idealização das atividades laborais do ensino por parte desses ex professores/militares do CTRB na atualidade, fato importante para não confundirmos discurso democrático a partir de idealizações e nostalgias com democracia no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS

ADÃO, Maria Cecília Oliveira; MATHIAS, Suzeley Kalil. Mulheres e vida militar. IN: Cadernos Adenauer XIV, nº 3, 2013.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Prefácio. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar ? Belo Horizonte: editora da UFMG, 2010.

BASSANESI, Carla. Revista Feminina e o Ideal de Felicidade Conjugal (1994). IN: Cadernos Pagu Trajetória e Sentimentos, 199 .p.14.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de autoanálise. São Paulo: Cia das letras, 2005.

_____. O poder simbólico. Coleção memória e sociedade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

CARPINÉRO, M. V. T. CERASOLI, J. F. A cidade como história. In: História: Questões & Debates, Curitiba, n 50, p.61-101, jan/jun-2019, editora UFPR.

CASTRO, Celso. O espírito militar: um antropólogo na caserna. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.; 2004.

_____. Em campo com os militares. In: CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero. Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisa de campo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, P. 24-27.

_____. Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.; 1995.

_____, et l. da história militar à “nova” história militar.in: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KLAAY, Hendrik. (org.) Nova História Militar Brasileira. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 24.

CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 67-68.

FERNANDES, Heloísa. Os militares como categoria social. São Paulo: Global, 1979.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: editora Graal, 1979.

GADAMER, Hans-georg. FRUCHON, Pierre. O problema da consciência histórica. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 19.

GOFFMAN, Irving. Características das Instituições totais. In: ETZIONI, Amitai. Organizações complexas: estudo das organizações em face dos problemas sociais. São Paulo: Atlas, 1973. p.p. 303-331.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 4ª edição, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 5ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MAGALHÃES GAUDÊNCIO, Sandra Letícia. “Ethos Militar e Gênero”. In: Atividade de inteligência e segurança pública [livro eletrônico]: debates e perspectivas /organização: Roberto Magno Reis Netto, Wando Dias Miranda, João Francisco Garcia Reis. Belém-PA, 2021, p.248.

MATON, Karl. Habitus. P. 73-94. In: BOURDIEU, Pierre. Conceitos fundamentais. Pétropolis: RJ; Ed. Vozes, 2018. P.73 e p.74.

MAUPEOU, Samuel Carvalheira. A saga dos pitangueiros nas terras da Companhia. Retalhos e fragmentos da memória. (Pernambuco, 1986). História Oral. V.23, n 02, 2019.

MENEZES, Marilda Aparecida de. Cover, Maciel. Movimentos espontâneos: a resistência dos trabalhadores migrantes nos canaviais. Cadernos CRH. Salvador. V.29. n.76, 2016.p.133-148.

NUNES, Francivaldo Alves. Espaços rurais amazônicos, registros históricos e a prática de professor de História. NUNES, Francivaldo Alves & KETTLE, Wesley. In: Desafios do ensino de história e prática docente. Pará de Minas, MG: Virtual Books Editora, Publicação 2018.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru. SP: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. Dossiê. Rev. Mosaico, v.1.n.1, p.3-12, jan/jun, 2008.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. In: Estudos Históricos: Teoria e História, nº 10, 1992, pp.200-212.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projetos História, São Paulo: 15 abr 1997.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.

RICCEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento/ Paul Ricœur- tradução: Alain François [et al.].- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROMÃO, Carla de Oliveira. E não sou eu uma mulher? Sobre ser mulher negra. In: Temporalidades – Revista de História, ISSN1984-6150, Edição 38, v.14, n.2 (Set. 2022/Jan. 2023).

SARLO, Beatriz. Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação/ Beatriz Sarlo; tradução Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina – 1 ed.reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. (Ensaio Latino-americano: 2)

SILVA, Cristina Rodrigues da. Gênero, Hierarquia e Forças Armadas: um estudo etnográfico acerca da presença de mulheres nos quartéis. Monografia. UFSCar, 2006.

SILVA JUNIOR; Cícero Pereira da; PARENTE, Temis Gomes. De estrada líquida à jazida energética: os sentidos do rio Tocantins na memória oral dos ribeirinhos. Tempo e Argumento. Florianópolis, v 11, n.28, p.156-180, set/dez. 2019.

SILVA, Wainesten Camargo da. Et al. Mulheres nas Forças Armadas: desenvolvimento histórico – jurídico da participação feminina na Defesa Nacional. In: RODRIGUES, Fernando da Silva; ARIAS NETO, José Miguel. (Org) História Militar: entre o debate local e o nacional. Jundiaí: Paco Editorial, 2018, p. 137.

SINGER, Paulo. O processo econômico. p. 229-231. *In*: REIS, Daniel Aarão. (coordenação). Modernização, ditadura e democracia. 1964-2010. 1ª edição, (coleção história do Brasil-nação: 1808-2010, 5) Rio de Janeiro: editora Objetiva, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol 20, nº 2, jul/dez, 1995, pp.71-99.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar ?* Belo Horizonte: editora da UFMG, 2010.

STEARNS, Peter N. *História das relações de gênero* (tradução Mirna Pinsky), São Paulo: Contexto, 2007.

TAKAHASHI, Emília Emi. A Formação Militar sob o enfoque de relações de gênero: uma experiência. *In*: *Revista Cadernos de Gênero e Tecnologia*.v.1, n.3, 2005.

THOMPSON, Alistair. *Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. Projeto Historia v 15, jul/dez. Ética e História Oral. São Paulo, 1997.

THOMPSON, Edwrd. P. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TRINDADE, Alyne Alves. *As herdeiras de Maria Quitéria: 20 anos da presença da mulher no Exército*. *Revista do Clube Militar*. ANO LXXXV, nº 44, fev/mar/abril. Rio de Janeiro. p.8, 2012.

WALDOW, Carmem. “As Políticas Educacionais do Governo Dilma. A formação para o trabalho e a questão do Pronatec: Reflexões iniciais”. *XANPED SUL*, Florianópolis, p.13, outubro de 2014.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS:

CASA MILITAR DA GOVERNADORIA. *Casa Militar, 100 anos. 1917/2017: um século de história servindo à sociedade e protegendo pessoas*. Belém: Governo do Estado do Pará, 2017.

CANSAÇÃO, Elsa. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FARIAS, Willian Gaia. *O alvorecer da república no Pará (1886-1897)*. 1ª edição. Belém: Açáí, 2008.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HALL, Stuart. “Cultura Popular e identidade: Notas sobre a desconstrução do “popular””. In: Da Diáspora: Identidade e mediações culturais/Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende...[et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, pp.245-264.

KEEGAN, John. Uma história da Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MAGNOLI, Demétrio. No espelho da Guerra. In: MAGNOLI, Demétrio. (org) História das Guerras. São Paulo: Contexto, 2006.

MARRECA, Orvácio Deolindo da Cunha. Histórico da Polícia Militar do Pará: desde do seu início (1820) até 31 de dezembro de 1839. Belém: Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré, 1940.

MUSUMESCI, Soares Bárbara; MUSUMESCI Leonarda. Mulheres Policiais: a presença feminina na Polícia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2005.

NOGUEIRA, Shirley Maria Silva. A estrutura militar no Grão-Pará setecentista. In: BEZERRA, José Maia; GUZMÁN, Décio de Alencar. (org) Terra Matura: historiografia e história social na Amazônia. Belém: Paka-tatu, 2002.

LISTA DE FONTES DE PESQUISA

1 - Periódicos

Notaer, ANO XXXIX, nº 3, março, 2016.

2 - Revistas

BENTO, Claudio Moreira. Gírias de cadetes utilizada na AMAN e o livro vida de cadete do Cel João Bosco Camurça. Revista do Clube Militar, 2005, p.2. Significado: Companheiro num exercício.

3 - Arquivo Pessoal. 1º Tenente Suzete. História da Escola Tenente Rêgo Barros (1941-2006).

4 - Documentos

EAT EIT 2/2011 Recrutamento e mobilização de pessoal da Força Aérea Brasileira. p. 22.
DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 1980. Lei 6.807 de julho de 1980. Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM). 1980.

_____, 1981. Lei 6.2924, de 29 de junho de 1981 que trata da Criação do Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica, CFRA- QFO e QFG, saindo como 2º Tenente, 3º sargento e Cabos. 1981.

_____, 1989. Lei nº 7.831, de 2 de outubro de 1989. Trata sobre a entrada da criação de quadros no Exército para mulheres. 1989.

RCA 34-2. Regulamento Interno dos Serviços da Aeronáutica (RISAER), 2005,p. 17.

RMA 29-1. Regimento Militar da Aeronáutica. (RDAER), 22 set 1975.

5 - Normas e legislações

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10636015/artigo-42-da-constituicao-federal-de-1988>.

Pesquisado no dia 14/09/21.

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10673887/artigo-142-da-constituicao-federal-de-1988>.

Pesquisado no dia 14/09/21.

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11683223/artigo-83-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Pesquisado no dia 14/09/21.

Nova Lei de Ensino regulamenta requisitos para ingresso na FAB.

[.https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/8079/Nova-Lei-de-Ensino-regulamenta-requisitos-para-ingresso-na-FAB](https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/8079/Nova-Lei-de-Ensino-regulamenta-requisitos-para-ingresso-na-FAB). Publicado no dia 12/08/2011.

Aviso de Convocação para a Seleção de Profissionais de Nível Superior da Área de Ensino(Magistério e Pedagogia) Voluntários à Prestação do Serviço Militar Temporário, no ano de 2011.Ministério da Defesa, Comando da Aeronáutica, Comando-Geral do Pessoal.

6 – Entrevistas e memórias utilizadas :

6.1 - Memória e experiência da autora que participou do processo seletivo, Estágio de Adaptação e por ter servido a Força Aérea Brasileira pelo período de 8 anos, atuando como militar e professora do Colégio Tenente Rêgo Barros. Atualmente com 45 anos.

6.2 - Entrevistas:

6.2.1 – Militares:

A – Militares temporários: Alunos/ “Cotonete”/Estagiários:

Estagiária 01 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Matemática . (07/02/2022), 46 anos.

Estagiária 02 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Pedagogia. (08/02/2022) , idade

Estagiária 03 – 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de matemática. (10/02/2022), 43 anos.

Estagiária 04 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Língua Espanhola. (11/02/2022), 48 anos.

Estagiária 05 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Língua Francesa. (14/02/2022) , 43 anos.

Estagiária 06 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Francês. (14/02/2022), 40 anos.

Estagiária 07 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Pedagogia. (06/03/2022), 42 anos.

Estagiária 08 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Língua Portuguesa. (06/03/2022) , 47 anos.

Estagiário 09 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Música. (13/03/2022), 41 anos.

Estagiária 10 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Filosofia. (15/03/2022), 42 anos.

Estagiário 11 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Filosofia. (07/04/2022) , 44 anos.

Estagiário 13 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Educação Física. (20/05/2022)

Estagiário 14 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Biologia. (24/06/2022), 44 anos.

Estagiária 18 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Pedagogia. (08/02/2022) , 42 anos.

Estagiária 19 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Matemática. (02/07/2022), 46 anos.

Estagiário 21 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Física. (05/10/2022), 39 anos.

Estagiária 22 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Língua Inglesa. (06/10/2022), 42 anos.

Estagiário 23 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Química. (07/10/2022),

Estagiária 24 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Língua Portuguesa. (02/02/2023), 41 anos.

Estagiária 25 - 1º Tenente QOCON FAB. Pertencente à especialidade de Pedagogia. (09/02/2023), 46 anos.

B – Militares / Oficiais de Carreira

Oficial 01 – Entrevista em 10/02/2022 - 44 anos

Oficial 02 – Entrevista em 10/02/2022 - 42 anos

Oficial 03 – Entrevista em 11/02/2022 - 38 anos

C – Militares / Graduados de carreira entrevistados no ano de 2017.

Graduada SUB OFICIAL 01, entrevista em 13/06/2017, 50 anos – Hoje está com 56 anos.

Graduada SUB OFICIAL 02, entrevista em 13/06/2017, 46 anos – Hoje está com 52 anos.

6.1.2 - Professores (as) Civis:

1 - Professor civil nº 04, entrevista em 21/09/22

2 - Professora Civil nº 05 , entrevista em 08/12 /2022.

3 - Professora civil nº 07, entrevista em 04/02/2023.

4 - professora civil nº 28, que entrou em 1993 no CTRB. Ano de 2022.

6.1.3 – Ex alunas CTRB:

1- Ex aluna nº 01, entrevista em 02/03/2023, 21 anos.

2- Ex aluna nº 02, entrevista em 06/03/2023, 22 anos.

7 - Documentos Oficiais:

A - Relação nominal dos candidatos convocados para a Concentração Inicial para a Inspeção de saúde (INSPSAU) e para o Exame de Aptidão Psicológica (EAP).

B – Histórico escolar com lista de disciplinas que foram trabalhadas durante o Estágio de Adaptação.

C - Relação nominal dos candidatos convocados para a Concentração Final.

8 - Sites

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-6854-25-maio-2009-588392-publicacaooriginal-112888-pe.html>. Pesquisado no dia 14/09/2021.

https://cidadeverde.com/noticias/editor/assets/img52/ensino_19_julho_2011.pdf

<https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/8079/Nova-Lei-de-Ensino-regulamenta-requisitos-para-ingresso-na-FAB>. Publicado no dia 12/08/2011.

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10636015/artigo-42-da-constituicao-federal-de-1988>.

Pesquisado no dia 14/09/21.

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10673887/artigo-142-da-constituicao-federal-de-1988>.

Pesquisado no dia 14/09/21.

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11683223/artigo-83-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Pesquisado no dia 14/09/21.

Nova Lei de Ensino regulamenta requisitos para ingresso na FAB.

[.https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/8079/Nova-Lei-de-Ensino-regulamenta-requisitos-para-ingresso-na-FAB](https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/8079/Nova-Lei-de-Ensino-regulamenta-requisitos-para-ingresso-na-FAB). Publicado no dia 12/08/2011.

Aviso de Convocação para a Seleção de Profissionais de Nível Superior da Área de Ensino(Magistério e Pedagogia) Voluntários à Prestação do Serviço Militar Temporário, no ano de 2011.Ministério da Defesa, Comando da Aeronáutica, Comando-Geral do Pessoal.

Site:https://cidadeverde.com/noticias/editor/assets/img52/ensino_19_julho_2011.pdf

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-6854-25-maio-2009-588392-publicacaooriginal-112888-pe.html>. Pesquisado no dia 14/09/2021.

<https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/8079/Nova-Lei-de-Ensino-regulamenta-requisitos-para-ingresso-na-FAB>. Publicado no dia 12/08/2011.

Site:https://cidadeverde.com/noticias/editor/assets/img52/ensino_19_julho_2011.pdf

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-6854-25-maio-2009-588392-publicacaooriginal-112888-pe.html>. Pesquisado no dia 14/09/2021.

<https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/8079/Nova-Lei-de-Ensino-regulamenta-requisitos-para-ingresso-na-FAB>. Publicado no dia 12/08/2011

www.brasil.gov.br

www.fab.com.br

ANEXOS

Alunos (as) do QOCON EAT/EIT 2/2011 em deslocamento para o almoço no rancho⁷⁷



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Início das atividades de instruções pela manhã no espaço do quartel sob o comando do tenente responsável pela turma.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

⁷⁷ Local onde os alunos (as) faziam suas refeições.

Instrução com a turma EAT EIT 2/2011 no pátio do quartel.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Treinamento em equipe durante as instruções



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Treinamento em equipe durante as instruções



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Orientação ministrada pelo instrutor responsável pela turma



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Instrução de Ordem Unida da turma EAT EIT 2/2011



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Momento de descontração da turma



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Instrução de atividades de Campanha no auditório com instrutor militar responsável pela disciplina



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Instrução de Ordem Unida com o instrutor militar responsável pela disciplina e pela turma EAT EIT 2/2011



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Professores militares temporários, da disciplina de história, homenageando a Oficial superior instrutora responsável pelo curso EAT EIT 2/2011



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Instrução militar de treinamento Físico



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Instrução militar da disciplina de Atividades de Campanha



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Instrução militar da disciplina de Atividades de Campanha



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Treinamento militar da disciplina de Atividades de Campanha: marcha até o Comando Geral I COMAR.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Chegada dos alunos (as) oficiais temporários do quadro QOCON ao I COMAR



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Chegada dos alunos (as) oficiais temporários do quadro QOCON ao I COMAR



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Chegada dos alunos (as) oficiais temporários do quadro QOCON ao I COMAR: Banho de água um ritual de chegada.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Foto Oficial da finalização do Exercício de Campanha



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Formatura de conclusão de curso



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Porta Bandeira na formatura da turma EAT EIT 2/2011



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participa

Formatura de conclusão de curso



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Formatura de conclusão de curso



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Formatura de conclusão de curso



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Formatura de despedida da turma QOCON 2011 de Professores/Pedagogia no pátio do colégio Tenente Rêgo Barros.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Homenagem aos tenentes R2 pela sua colaboração à Força Aérea Brasileira durante os 8 anos de serviço militar prestado.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Homenagem na Formatura de encerramento dos oito anos de serviços prestados pelos professores R2 a Aeronáutica



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante

Homenagem na Formatura de encerramento dos oito anos de serviços prestados pelos professores R2 a Aeronáutica



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora participante